



# Anais

V Seminário Internacional América Latina e Caribe

V SIALAT ABYA YALA

Sociodiversidade,  
pensamento crítico e utopias

Edna Castro  
Eunápio do Carmo  
(Orgs.)





## **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ – UFPA**

Reitor: Emmanuel Zagury Tourinho

Vice-Reitor: Gilmar Pereira da Silva

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Maria Iracilda da Cunha Sampaio

## **NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS – NAEA**

Diretor Geral: Armin Mathis

Diretora Adjunta: Mirleide Chaar Bahia

## **EDITORA**

Editor-Chefe: Silvio José de Lima Figueiredo

Divisão de Editoração: Aurilene Ferreira Martins

Albano Rita Gomes

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

Presidente - Prof. Dr. Armin Mathis – Universidade Federal do Pará

Vice-Presidente - Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia – Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Ana Paula Vidal Bastos – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Alberto Mejías Rodriguez – Universidad de La Habana, Cuba

Prof. Dr. Germán Alfonso Palacio Castañeda – Universidad Nacional de Colombia, Letícia

Prof. Dr. Julien Meyer – Université Grenoble Alpes, CNRS, GIPSA-lab, France

Prof. Dr. Josep Pont Vidal – Universidade Federal do Pará

Profa. Dra. Maria Manuel Rocha Teixeira Baptista – Universidade de Aveiro, Portugal

Prof. Dr. Miguel Piñedo-Vasquez – Columbia University – New York, EUA

Prof. Dr. Ronaldo de Lima Araújo – Universidade Federal do Pará

Coordenação de Comunicação e Difusão Científica

Armin Mathis

Capa

Marcio Novelino

Diagramação

Ione Sena



# Anais

V Seminário Internacional América Latina e Caribe

V SIALAT ABYA YALA

**Sociodiversidade,  
pensamento crítico e utopias**

**Edna Castro  
Eunápio do Carmo**  
(Orgs.)

**Pré V SIALAT**  
18 a 20 • out/2023

**V SIALAT**  
24 a 26 • abr/2024

Belém • 2024



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca do NAEA/UFPA-Belém-PA**

---

S471a Seminário Internacional América Latina e Caribe (5.: 2023-2024: Belém, PA).  
Anais [recurso eletrônico] / 5º Seminário Internacional América Latina e Caribe; Edna Maria Ramos de Castro, Eunápio Carmo (Orgs.). — Belém: NAEA, 2024.  
1 recurso online (2519 p.)

Textos em português e espanhol  
Tema: Sociodiversidade, pensamento crítico e utopias  
Modo de acesso:  
ISBN 978-85-7143-232-1  
Exibir detalhes

1. Geopolítica - América Latina. 2. Caribe. 3. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 4. Utopias. I. Castro, Edna Maria Ramos de. II. Carmo, Eunápio, orgs. III. Título.

---

CDD 22. ed. – 320.12098

Elaborado por Ruthane Saraiva da Silva – CRB-2/1128

© Direitos Reservados à Editora Naea  
Av. Augusto Corrêa, nº 1 - Campus Universitário do Guamá, CEP: 66.075-750  
Belém, Pará, Brasil  
(91) 3201-7231 | naeaeditora@gmail.com

## Comissão Científica

Adélia Malevich Ribeiro – UFES  
Agustin Lao Montes – Universidade de Massachusetts, Amherst – USA  
Ana Manoela Primo dos Santos Soares Karipuna – PPGSA/UFPA  
Ana Maria Araújo – Universidad de la República/UDELAR – Uruguay  
Ana Rivoir – Universidad de la República/UEDELAR – Uruguay  
Andréa Bittencourt Pires Chaves – PPGSA/UFPA  
Andrea Zhoury – GESTA/PPGA/UFMG  
Andrès Felipe Ortiz Gordillo – Universidade Colômbia – Colômbia  
Assunção José Pureza Amaral – UFPA/Campus Castanhal  
Bruno Malheiros – UNIFESSP  
Carlos Freire da Silva – PPGSA/UFPA  
Carlos Potiara Castro – PPGSA/UFPA  
Claudio Fabian Szlafsztein – NAEA/UFPA  
Dalva Motta – CPATU/EMBRAPA  
Daniela Ribeiro de Oliveira – PPGSA/UFPA  
Diego Andrès Parra Suarez – Universidad de Cuenca – Equador  
Edila Arnaud Moura – IFCH/UFPA  
Edna Ramos de Castro – GETTAM/NAEA/UFPA  
Eduardo Gudynas – CEAS – Uruguay  
Elis de Araújo Miranda – UFF/RJ  
Elton Luis da Silva Júnior – UFPA  
Ernesto Renan Freitas Pinto – UFAM  
Eugênia Cabral – PPGCP/UFPA  
Eunápio do Carmo – GETTAM/NAEA  
Felipe Milanez Pereira – UFBA  
Fernando Michelotti – UNIFESSPA  
Gilberto de Souza Marques – PPGE/UFPA  
Guilherme Guerreiro Neto – NAEA/UFPA  
Gutemberg Armando Diniz Guerra – INEAF/UFPA  
Hector Atilio Poggiese – FALCSO – Argentina  
Helena Zagury Tourinho – PPDMU/UNAMA  
Jane Beltrão – PPGA/IFCH  
Janete Rodrigues Botelho – PPGSA/UFPA  
Jondison Rodrigues – GETTAM/NAEA  
José Raimundo Trindade – ICSA/UFPA  
José Vicente Tavares dos Santos – UFRGS  
Juliano Ximenes (PPGAU/UFPA  
Larissa Carreira – GETTAM/NAEA  
Leila da Costa Ferreira – IFCH/UNICAMP  
Luis Fernando Novoa Garzon – UNIR  
Luzia Miranda Álvares – GEPEM/UFPA  
Manoel Pereira de Andrade – NEAz/CEAM/UNB  
Marcel Theodoor Hazeu – ICSA/UFPA  
Marcela Vecchione Gonçalves – NAEA/UFPA  
Marcos Colón – State University Florida  
Maria Amoras – PPGSS/UFPA  
Maria Antônia Nascimento – ICSA/UFPA  
Maria Dolores Lima da Silva – PPGCP/UFPA  
Maria Goretti Tavares – PPGGEO/UFPA  
Michel de Melo Lima – PPDMU/UNAMA  
Nirvia Ravena – NAEA/UFPA  
Olga Castreghini de Freitas – UFPR – UNAMA  
Patrícia da Silva Santos – PPGSA/UFPA



Paulo Henrique Martins – UFPE  
Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto – PPGSA/IUFPA  
Rosane Alvino Steinbrenner – PPGCOM/UFPA  
Rosane Brito – IFCH – GETTAM/NAEA  
Roselene Portela (PPGSS/ICSA/UFPA)  
Sabrina Nascimento – GETTAM/NAEA  
Saint Clair Trindade – NAEA/UFPA  
Sandra Helena Cruz (PPGSS/ICSA/UFPA)  
Sara Alonso – Universidade Ramon lul-Barcelona, Espanha  
Silvio Figueiredo – NAEA/UFPA  
Simaia das Mercês – NAEA/UFPA  
Simy Corrêa – (FASE/Fundo Dema; ABJD; GETTAM)  
Sirlei Aparecida Silveira – SOPIC/UFMT  
Thales Maximiliano Ravena Cañete – PPGDSTU/NAEA  
Uriens Maximiliano Ravena Cañete – GEPREV  
Voyner Ravena Cañete – PPGSA/IFCH  
Welson de Souza Cardoso – ICSA – GETTAM/NAEA

### **Comissão Organizadora**

Edna Castro – GETTAM/NAEA – Coordenadora  
Eunápio do Carmo – GETTAM/NAEA  
Larissa Carreira – GETTAM/NAEA  
Suely Rodrigues Alves – GETTAM/NAEA  
Marcos Colón – State University Florida  
Ireneide Silva – MPEG – GETTAM/NAEA  
Maria da Paz Corrêa Saavedra – NAEA/UFPA  
Jondison Rodrigues – GETTAM/NAEA  
Jader Gama – GETTAM/NAEA  
Marcel Hazeu – ICSA/UFPA  
Welson de Souza Cardoso – ICSA – GETTAM/NAEA  
Sabrina Nascimento – GETTAM/NAEA  
Pedro Loureiro de Bragança – UNAMA – GETTAM/NAEA  
Guilherme Guerreiro Neto – NAEA/UFPA  
Rosane Brito – IFCH – GETTAM/NAEA  
Simy Corrêa – (FASE/Fundo Dema; ABJD; GETTAM)  
Cassia Karimi Vieira Cativo – GETTAM/NAEA  
Camilla Souza Barbosa – GETTAM/NAEA  
Raiane Siqueira Mendes – GETTAM/NAEA  
Jamyle Cristine Abreu Aires – GETTAM/NAEA  
Evelyn Neves – FACS/IFCH/UFPA  
Alessandro Sobral Farias – PPGSA/IFCH/UFPA  
Denny Júnior Cabral Ferreira – PPGSA/IFCH/UFPA  
Antônio Luis Parlandin dos Santos – PPGSA/IFCH/UFPA

### **Comissão Organizadora de Sessões de Pôsteres**

Cassia Karimi Vieira Cativo – GETTAM/NAEA  
Camilla Souza Barbosa – GETTAM/NAEA  
Raiane Siqueira Mendes – GETTAM/NAEA  
Alessandro Sobral Farias – PPGSA/IFCH/UFPA  
Denny Júnior Cabral Ferreira – PPGSA/IFCH/UFPA  
Antônio Luis Parlandin dos Santos – PPGSA/IFCH/UFPA  
Pedro Loureiro de Bragança – UNAMA – GETTAM/NAEA  
Jader Gama – GETTAM/NAEA  
Jamyle Cristine Abreu Aires – GETTAM/NAEA

### **Comissão de Apoio**

Evelyn Neves de Souza – Secretaria – NAEA/UFPA  
Manuela Almeida André – Mídia – NAEA/UFPA  
Ione Sena – Design e Gráfica  
Paulo Mesquita – Informática – NAEA/UFPA  
Paulo Vinicius – Informática – NAEA/UFPA  
Alan Souza da Silva – PPGDSTU/NAEA





# Sumário

## **Introdução**

### **1 Programação**

- 1.1 Programa do Pré 5º Sialat
- 1.2 Programa completo do 5º Sialat

### **2 Grupos de Trabalho**

**GT 01 - Democracia e conjuntura política na América Latina**

**GT 02A e 02B - Desenvolvimento, desigualdade social e cidades latinoamericanas**

**GT 03 - Pensamento social, utopias e epistemologias na América Latina e no Caribe**

**GT 04 - Democracia e conjuntura política na América Latina**

**GT 05- Modelo neoextrativista, megaprojetos e economia de commodities na América Latina e Caribe**

**GT 06 – Agriculturas familiares, cultura e ancestralidade, commons e o bem viver na América Latina e no Caribe**

**GT 07 – Emergências climáticas, ecologia política e desenvolvimento sustentável**

**GT 08 – Racismos, colonialismos, patriarcado e diásporas na história presente da América Latina e do Caribe**

### **3 Sessões de Pôsteres**

**Sessão de Poster 01 – Cidades**

**Sessão de Poster 02 – Racismos, colonialismos e diásporas na história da América Latina e do Caribe**

**Sessão de Poster 03 – Democracia e lutas por justiça social e ambiental**

**Sessão de Poster 04 – Neoextrativismo e agricultura familiar**



## Introdução

Estamos plenamente satisfeitos com os resultados alcançados na edição do V Seminário Internacional América Latina e Caribe, políticas e conflitos contemporâneos – V SIALAT ABYA AYLA, que ocorreu em Belém, promovido pelo Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/ NAEA, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, conjuntamente com o Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia/ PPGSA, ambos da Universidade Federal do Pará.

O incentivo recebido da Associação Latinoamericana de Sociologia/ALAS foi importante ao considerar o V SIALAT como um evento Pré-ALAS, prestígio reconhecido pela presença de seu Vice-presidente, de vários ex-presidentes da ALAS e de membros da direção de diversas associações nacionais das ciências sociais da América Latina e do Caribe. Igualmente relevante foi o apoio recebido e a parceria do Grupo de Trabalho de Ecologia Política e do Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais/CLACSO. Compartilhamos os momentos de intenso debate com nossos colegas de várias universidades e institutos de pesquisa do Brasil e de outros países, entre eles o Uruguai, a Argentina, a Colômbia, os Estados Unidos, a Espanha, o México, a Venezuela, o Equador, o Panamá, a Bolívia, o Peru e Porto Rico.

Destacamos em especial a excelente parceria com a State University of Florida, cuja Revista AmazôniaLatitude tornou-se um eixo importante de difusão dos debates sobre esse universo panamazônico-latinoamericano, estando previstos inúmeros desdobramentos temáticos, de incursões na crítica política, e de podscash com atores em situações críticas de violência e conflitos em territórios amazônicos ameaçados por empreendimentos neoextrativistas, do agonegocio à mineração e à infraestrutura. Igualmente cabe ressaltar a parceria, a participação e a articulação ensejada com lideranças de movimentos sociais de vários países ali presentes.

O V SIALAT ocorreu nos dias 24, 25 e 26 de abril de 2024, com uma programação composta de duas conferências, oito mesas redondas, uma oficina, três minicursos, reuniu oito Grupos de Trabalho e apresentações de Pôsteres e teve duas sessões especiais de lançamento de livros e uma de relato de experiências de resistências e re-existências. A

programação pode ser consultada nos Anais que ora vem à público, no qual se encontram os trabalhos completos apresentados nos GTs e os resumos de Pôsteres. As conferências e as mesas redondas podem ser visualizadas no Canal NAEA/UFPA, do Youtube. Nestes Anais pode também ser encontrada a memória da programação do evento preparatório do V SIALAT que ocorreu nos dias 18 e 19 de outubro de 2023, no auditório do NAEA, na modalidade presencial.



Foram retornadas as atividades presenciais depois dos impasses dolorosos da crise sanitária com a pandemia da Covid-19 que nos atingiu a todos no planeta. À crise sanitária soma-se outras crises contemporâneas de caráter político com desdobramentos terríveis nos países da América Latina e do Caribe agravando, ainda mais, os problemas estruturais da violência, da exclusão e da desigualdade social, do racismo, da colonialidade e da degradação ambiental impondo novos desafios às sociedades do presente. Da Patagônia à Amazônia, dos Andes ao cerrado, a cegueira da economia e da política agridem de forma definitiva a natureza com seus processos causadores do aquecimento global, de emissão de carbono e de intensificação de eventos extremos que ocorrem de forma simultânea em demais continentes. Estamos diante de decisões importantes pois decisivas para manter a vida no planeta e a preservação da humanidade, apesar da acumulação e da concentração de terras e riquezas permanecem como obsessão maior da modernidade.

Este evento pretendeu contribuir com essa linha de entendimento, de descolonização do conhecimento e mostrar quão nocivo é o negacionismo da realidade contemporânea. Razão do seminário ter direcionado parte de sua programação para os fundamentos do pensamento crítico, para a releitura histórica e à contrapelo dos processos e das diásporas afroamericanas e das formas estruturais do colonialismo e do racismo. Um giro epistemológico a partir da diversidade de culturas e de saberes. Um apelo a impensar como um exercício de imaginação crítica que possa apontar caminhos de esperança e de reencantamento do mundo, e de utopias. Procuramos fomentar novas questões e estudos no contexto da diversidade do pensamento e das práticas sociais insurgentes, e dos levantes, no afã de contribuir com o tema central do seminário que foi *Sociodiversidade, pensamento crítico e utopias*. Assim, um pensar público da ciência enquanto proposta epistemológica, existencial e política.

Edna Castro  
V SIALAT ABYA YALA



# Programação

V Seminário Internacional América Latina e Caribe

V SIALAT ABYA YALA

Sociodiversidade, pensamento crítico e utopias



**5º SIALAT**



**SEMINÁRIO  
INTERNACIONAL  
AMÉRICA  
LATINA  
e CARIBE**

**20  
23**  
Belém,  
Pará,  
Brasil

## Programa Pré V SIALAT

**Pré V SIALAT**

**18 a 20 • out/2023**

Auditório do NAEA  
Campus da UFPA - Belém

## Dia 18/10/2023 (quarta-feira)

### 09h - Sessão de Abertura do V SIALAT

*Armin Mathis* - Diretor Geral do NAEA

*Edna Castro* - Coordenadora Geral do GETTAM e do V SIALAT

*Edila Moura* - Diretora do IFCH

*Thales Cañete* - Coordenador do PPGDSTU/NAEA

*Telma Amaral* - Vice-coordenadora do PPGSA/IFCH

### 10:00 às 12:00h

#### MR 01: Pensamento Crítico e Utopias a partir da América Latina e Caribe

**Mediadora:** *Edna Castro* - GETTAM/NAEA/UFPA

**Expositores/as:** *José Vicente Tavares dos Santos* - UFRGS (Brasil)

*Ana Maria Araújo* - Universidad de la República - UDELAR (Uruguay)

*Sara Alonso* - Facultad de Comunicación - Universidad Ramón Llull (Barcelona, Espanha)

*Edna Castro* - GETTAM/NAEA/UFPA (Brasil)

### 14:00h às 16h

#### MR 02: Re-existência e resistência em territórios múltiplos no Brasil e Equador

**Mediadora:** *Voyner Cañete* - PPGSA/UFPA (Brasil)

**Expositores:** *Guilherme Guerreiro Neto* - GETTAM/FACOM-UFPA (Brasil)

*Marcel Theodor Hazeu* - GESTERRA/GETTAM/UFPA (Brasil)

*Diego Andres Parra Suarez* - PPGSA/UFPA (Equador)

### 16:00h às 18:00h

#### MR 03: Epistemologias e crítica política à mercantilização dos corpos-territórios

**Mediadora:** *Simmy Correa* GETTAM e FASE (Brasil)

**Expositores/as:** *Gilberto Marques* - ICSA/UFPA (Brasil)

*Júlio César Luna* - Universidad Nacional de Rosario (Argentina)

*Cassia Karimi Vieira Cativo* - GETTAM//NAEA-UFPA (Brasil)

*Raiana Siqueira Mendes* - GETTAM/NAEA-UFPA (Brasil)

## Dia 19/10/2023 - (quinta-feira)

### 09:30h às 12:00h

#### MR 04: Emergências territoriais e movimentos Indígenas na América Latina

**Mediador:** *Eunápio do Carmo* - FACSS-UFPA-Breves/GETT (Brasil)

**Expositores/as:** *Jane Beltrão* - UFPA - ABA (Brasil)

*Andres Felipe Ortiz Gordillo* - PPGSA/GETTAM (Colômbia)

*Almires Martins Machado* - Guarani-Terena, Professor Visitante no PPGD/ICJ (Brasil)

*Gahela Tseneg Cari Contreras* - RRII de Nuevo Perú, Liderança Indígena da FENMUCARINAP (Perú)

**14:00h às 16:00h**

**MR 05: Desenvolvimento e extrativismos na Pan-Amazônia: perspectiva da Ecologia Política**

**Mediador:** Thales Cañete - PPGDSTU/NAEA (Brasil)

**Expositores/as:** Eunápio do Carmo - FACSS-UFPA-Breves/GETTAM (Brasil)

*Rosane de Seixas Bruto Araújo* - GETTAM/NAEA/UFPA (Brasil)

*Larissa Carreira* - GETTAM/NAEA/UFPA (Brasil)

*Domingos Antonio Feitosa Ribeiro* - GETTAM/ NAEA/UFPA (Brasil)

*Pedro Loureiro de Bragança* - MPE/GETTAM/NAEA/UFPA (Brasil)

**16:00h às 18:00h**

**MR 06: Colonialismo de dados, conflitos sociais e os espaços urbanos**

**Mediaador:** Welson de Sousa Cardoso - ICSA/UFPA (Brasil)

**Expositores/as:**

*Jader Gama* - GETTAM/ NAEA/UFPA (Brasil)

*Jondison Rodrigues* - PPGEIO/UFPA (Brasil)

*Camilla Barbosa* - GETTAM/ NAEA/UFPA (Brasil)

*Iraneide Silva* - MPEG-GETTAM/NAEA/UFPA (Brasil)

*Jamyle Cristine Abreu Aires* - GETTAM/ NAEA/UFPA (Brasil)

**Dia 20/10/2023 - (sexta-feira)**

**10:00h - Conferência de Encerramento**

**Tema:** Contrapontos diaspóricos: cartografias políticas de nossa Afroamérica em Caribe

*Prof. Agustín Laó-Montes* - Universidade de Massachussets, Amherst (Porto Rico)

**Debate:** Aberto ao público presencial e virtual.



# 5º SIALAT



SEMINÁRIO  
INTERNACIONAL  
AMÉRICA  
LATINA  
e CARIBE

20  
24

Belém,  
Pará,  
Brasil

Programa do V SIALAT

24 a 26 abr/2024

## Dia 24/04/2024 (quarta-feira)

08h30 às 18h30 - Credenciamento

Local: Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

### 09h00

#### Sessão de Abertura do V SIALAT

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

*Prof. Dr. Emmanuel Zagury Tourinho* - Magnífico Reitor da UFPA

*Prof. Dr. Jesus M. Diaz Segura* - Vice-presidente da ALAS e Presidente do XXXIV Congresso da ALAS

*Prof. Dr. Armin Mathis* - Diretor Geral do NAEA

*Profa. Dra. Edna Castro* - Coordenadora do V SIALAT e Presidenta da Sociedade Brasileira de Sociologia - SBS.

*Profa. Dra. Edila Moura* - Diretora Geral do IFCH

*Prof. Dr. José Vicente T. dos Santos* - Professor da UFRGS e ex-Presidente da ALAS (Brasil)

*Prof. Dr. Eunábio do Carno* - Representante da Comissão Organizadora do V Sialat

### 10h00 às 12h30

#### MR 01 – Pensamento latino-americano: rupturas para uma sociologia crítica cosmopolita

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderadora:** *Edna Castro* – Professora da UFPA e Presidenta da SBS (Brasil).

#### Expositoras/es:

*José Vicente Tavares dos Santos* – Professor da UFRGS. Ex-Presidente da ALAS (Brasil).

*Ana Rivoir* – Professora da UDELAR. Ex-Presidente da ALAS (Uruguay).

*Bruno Bringel* – Professor do IESP/UERJ. Diretor da ALAS (Brasil)

*Jesús M. Díaz Segura* – Professor da Universidad de Santo Domingos, Vice-presidente da ALAS (República Dominicana)

*Adélia Miglievich Ribeiro* – Professora da UFES. Diretora da SBS (Brasil)

### 14h00 às 16h00

#### MR 02 - Democracia e conjuntura política na América Latina

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderadora:** *Edila Moura* - Professora da UFPA e Diretora do IFCH (Brasil)

#### Expositoras/es:

*Luis Fernando Novoa* - Professor da UNIR (Brasil)

*Philip Martin Fearnside* - Pesquisador do INPA (Brasil)

*José Vicente Tavares dos Santos* – Professor da UFRGS. Ex-Presidente da ALAS (Brasil).

### 16h00 às 18h30

#### Sessão Especial: Outros possíveis

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Pré-lançamento do livro Utopias Amazônicas** - *Lúcio Flávio Pinto* e *Marcos Colón* (orgs).

**Homenagem** a *Lúcio Flávio Pinto*

**Participação especial** de *Nilson Chaves*

**Coordenação:** *Marcos Colón* (Florida State University)

### **Participantes:**

*Bruno Malheiro* - Unifesspa; *Edna Castro* - UFPA; *Edyr Augusto* - autor; *Fernando Michelotti* - Unifesspa; *Flávia Marinha Lisbôa* - Unifesspa; *Ivânia Neves* - UFPA; *João de Jesus Paes Loureiro* - UFPA; *José Ángel Quintero Weir* - Universidade de Zulia (Venezuela); *José Ribamar Bessa Freire* - UERJ; *Lúcio Flávio Pinto* - autor; *Marianne Schmink* - University of Florida; *Paulo Vieira* - UFPA-Altamira; *Philip Fearnside* - Inpa; *Suzanna Hetch* - U. Califórnia Los Angeles; *Saint-Claire Cordeiro da Trindade Jr.* - UFPA; *Violeta Refkalefsky Loureiro* - UFPA

### **18h15 - Coffee break - Centro de Eventos Benedito Nunes**

### **18h30 - Conferência de Abertura do V SIALAT**

**Conferencista:** *Agustin Laó-Montes* - Professor de Massachusetts Amherst

**Título:** **Díasporas y decolonialidad en América Latina y Caribe**

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderador:** *Silvio Lima Figueiredo* - Professor do NAEA/UFPA (Brasil)

### **20h00**

Lançamento de livros e autógrafo dos/as autores/as

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

## **Grupos de Trabalho**

### **14h00 às 18h00**

**Local:** Salas do NAEA e do ICSA

## **Oficina**

### **14h00 às 18h00**

**Título:** **Metodologias de Planejamento Participativo e Gestão Associada**

**Ministrantes:** *Héctor Poggiese* - Professor do FLACSO/CLACSO (Argentina) e *Elis Miranda* - Professora da UFF (Brasil)

**Local:** Sala 17 no NAEA

## **Sessões de Pôsteres**

### **14h00 às 18h00**

**Local:** Salas Hp-05/Hp-06 do ICSA

## **Dia 25/04/2024 (quinta-feira)**

### **08h30 às 10h30**

**MR 03 – Territórios expropriados, violação de Direitos Humanos e estratégias jurídicas de garantias fundamentais: o conflito entre empresas da cadeia do dendê e Comunidades na Amazônia Paraense.**

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderador:** *José Helder Benatti* – Professor Titular da UFPA (Brasil)

**Expositoras/es:**

*Paulo Sérgio Weyl* – Professor da UFPA. Presidente do WFK-DH (Brasil)

*Aianny Monteiro* – Assessora do MPPA (Brasil)

*Manoel Andrade* – Professor da UnB e coordenador do NEAz (Brasil)

*Elielson Pereira da Silva* – Professor da UFRA (Brasil)

### 10h30 às 12h30

#### MR 04 – Urgências climáticas, agentes presentes no debate pré-COP 30 e perspectivas em conflito

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderadora:** *Nirvia Ravena* – Professora da NAEA/UFPA (Brasil)

**Expositoras/os:**

*Leila Ferreira* – Professora da UNICAMP, ex-presidente da ANPPAS (Brasil)

*Nils Edvin Asp Neto* – Professor Titular da UFPA (Brasil)

*Marcela Vecchione* – Professora do NAEA/UFPA (Brasil)

*Felipe Milanêz* – Professor da UFBA, atua no GT-CLACSO (Brasil)

### 12h00 às 13h30 - Auditório do NAEA

#### Relato de Resistências

Conversa com militantes, autoras e autores do livro *Vidas em confluência: cotidiano e luta em comunidades tradicionais de Abaetetuba e Barcarena* - Anazilda Gonçalves, Daniela Araújo, Dilmara Araújo, Euniceia Rodrigues, Lourdes Nery, Luciene Pinheiro, Mário do Espírito Santo, William Costa

Moderador: *Guilherme Guerreiro Neto* (GETTAM/NAEA e FACOM/UFPA)

### 14h00 às 16h00

#### MR 05 – Geopolítica, conflitos sociais e questões do desenvolvimento na América Latina: a agenda pública e sociológica em debate

**Local:** Auditório do NAEA

**Moderador:** *Miguel Serna* – Professor da UDELAR e Ex Presidente do Colegio de Sociólogos del Uruguay, (Uruguay).

**Expositores/as:**

*Francisco Reyes* – Directiva Associação Colombiana de Sociología (Colômbia).

*Marina Abrego* – Presidenta Associação de Sociólogos Graduados da Universidade de Panamá (Panamá).

*Edna Castro* – Professora da UFPA. Presidenta da SBS (Brasil).

*Eduardo Arroyo* – Presidente Colégio de Sociólogos do Peru (Peru).

### 16h30 às 18h30

#### MR 06 – Sociedades en movimiento y defensa de la vida en Abya Yala. Experiencias altercomunicativas

**Local:** Auditório do NAEA

**Moderador:** *Andrés Felipe Ortiz Gordillo*. Doutor pelo PPGSA, UFPA (Colômbia)

**Expositores/as:**

*Gabriela Condori Laura*, Red de la Diversidad (Bolivia)

*Mónica Montalvo*, doutoranda em Desenvolvimento Rural. La Sandía Digital (México)

*Vilma Angelica Chuy, Mujer indígena.* Consejo del Pueblo Maya CPO (Guatemala)  
*Diana Isabel Villalba Yate.* Resguardo Indígena San Antonio de Calarma (Colombia)  
*Andrés Tapia* – Sacha, ex-dirigente de Comunicación de la Confeniae (Ecuador)

### 18h15 - Coffee break - Sala de Convivência do NAEA

### 18h30 - Conferência

**Título:** *Filosofar desde el agua. Hacertopia añuu para un otro mundo.*

**Conferencista:** *José Angel Quintero Weir* – Professor da Universidad Autónoma Indígena de Zulía, membro do povo Añuu (Venezuela)

**Local:** Auditório do NAEA

**Moderadora:** *Sirlei Silveira* - Professora da UFMT (Brasil)

## Grupos de Trabalho

### 14h00 às 18h00

**Sessões de Grupos de Trabalho (GTs 01 a 08)**

**Locais:** Salas do NAEA e do ICESA - Setor Profissional

## Dia 26/04/2024 (sexta-feira)

### 08h30 às 10h30

**MR 7– Racismo, racialização e pensamento decolonial na América Latina e Caribe**

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderador:** *Eunápio do Carmo* – Professor da UFPA no Campus de Breves (Brasil)

**Expositores/as:**

*Zelia Amador* – Professora Emérita da UFPA. Coord. da Casa África-Brasil (Brasil)

*Agustín Lao-Montes* – Professor na Universidade de Massachusetts (Colômbia).

*Flávia Silva dos Santos* – Quilombola, doutoranda da UFPA e Advogada da MULUNGU (Brasil).

*Sara Alonso* – Professora do Máster da Blanquerna/Universidade Ramon Llull (Barcecola)

### 10h30 às 12h30

**MR 08 – Pensamento indígena, territórios e rupturas epistemológicas face às narrativas coloniais**

**Local:** Centro de Eventos Benedito Nunes - Campus da UFPA

**Moderador:** Marcos Colón – Professor da State University Florida (EEUU)

**Expositores/as:**

*José Angel Quintero Weir* – Professor da Universidad Autónoma Indígena de Zulía, membro do povo Añuu (Venezuela)

*Jane Beltrão* – Professora Emérita da Pará, ex-Vice diretora da ABA (Brasil).

*Bruno Malheiro* – Professor da UNIFESSPA. (Brasil)

## Grupos de Trabalho

### 14h00 às 18h00

**Locais:** Salas do NAEA e do ICESA - Setor Profissional

## Oficina

**14h00 às 18h00**

**Título: Metodologias de Planejamento Participativo e Gestão Associada**

**Ministrantes:** *Héctor Poggiere* - Professor do FLACSO/CLACSO (Argentina) e *Elis Miranda* - Professora da UFF (Brasil)

**Local:** Sala 17 do NAEA - Setor Profissional

## Sessões de Pôsteres

**14h00 às 18h00**

**Local:** Salas do ICSAI - Hp-05/Hp-06

## GRUPOS DE TRABALHO

**GT 01 – Democracia e conjuntura política na América Latina**

**Coordenadoras/es** - *Nirvia Ravena* (NAEA/UFPA), *Eugênia Cabral* (PPGCP/UFPA), *Maria Dolores Lima da Silva* (PPGCP/UFPA), *Marcela Vecchione Gonçalves* (NAEA/UFPA), *Bruno Malheiro* (UNIFESSP), *Tânia Guimarães* (PPGSA/IFCH).

**Local:** Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), sala 12.

**GT 02A e 02B -Desenvolvimento, desigualdade social e cidades latinoamericanas**

**Coordenadoras/es** - *Simaia das Mercês* (NAEA/UFPA), *Welson Cardoso* (ICSA/UFPA), *Olga Castreghini de Freitas* (UFPR e UNAMA), *Helena Zagury Tourinho* (UNAMA), *Carlos Freire* (PPGSA/IFCH/UFPA), *Maria Goretti Tavares* (PPGGEO/IFCH), *Michel de Melo Lima* (UNAMA), *Juliano Ximenes* (PPGAU/UFPA), *Sandra Helena Ribeiro Cruz* (PPGSS/ICSA/UFPA), *Andrea Pires Chaves* (PPGSA/UFPA), *Bruno Soeiro* (ICJ/UFPA).

**Locais:** Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), sala lp-02 e sala lp-04.

**GT 03 – Pensamento social, utopias e epistemologias na América Latina e no Caribe**

**Coordenadoras/es** - *Edna Castro* (NAEA/UFPA), *Sirlei Silveira* (UFMT), *Adélia Maria Miglievich Ribeiro* (UFES), *Saint Clair Trindade* (NAEA/UFPA), *Marcos Colón* (Florida State University), *Sara Alonso* (Univ. de Barcelona), *Agustin Lao-Monte* (Univ. de Massachussets, Amherst, USA).

**Local:** Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), sala 13.

**GT 04 – Movimentos sociais e étnico-territoriais e levantes na América Latina e no Caribe**

**Coordenadoras/es** - *Simy Correa* (FASE/GETTAM), *Marcel Hazeu* (ICSA/UFPA), *Hector Atilio Poggiere* (FLACSO - Argentina), *Maria Antônia Nascimento* (ICSA/UFPA), *Elis de Araújo Miranda* (UFF/RJ), *Guilherme Guerreiro* (FACOM/ UFPA).

**Local:** Instituto de Ciências Sociais Aplicadas(ICSA), sala lp-07

**GT 05 – Modelo neoxtrativista, megaprojetos e economia de *commodities* na América Latina e Caribe**

**Coordenadoras/es** - *Eunápio do Carmo* (NAEA/UFPA), *Jondison Rodrigues* (NAEA), *Felipe Milanez* (UFBA), *Rosane Brito* (NAEA/UFPA), *José Raimundo Trindade* (ICSA/UFPA), *Luiz Novoa* (UNIR).

**Local:** Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), sala lp-05.

**GT 06 – Agriculturas familiares, cultura e ancestralidade, commons e o bem viver na América Latina e no Caribe**

**Coordenadoras/es** - *Dalva Mota* (Embrapa), *Sabrina Nascimento* (NAEA/UFPA), *Manoel Pereira de Andrade* (NEA/CEAM/UNB), *Andrés Felipe Ortiz Gordillo* (PPGSA/Universidade Colômbia), *Uriens Maximiliano Ravena Cañete* (GEPREV).

**Local:** Instituto de Ciências Sociais Aplicadas (ICSA), sala Ip-06.

**GT 07 – Emergências climáticas, ecologia política e desenvolvimento sustentável**

**Coordenadoras/es** - *Voyner Ravena Cañete* (PPGSA/IFCH), *Leila da Costa Ferreira* (IFCH/UNICAMP), *Silvio Figueiredo* (NAEA/UFPA), *Carlos Potiara Castro* (PPGSA/UFPA), *Larissa Carreira* (GETTAM/NAEA), *Claudio Fabian Szlafsztein* (NAEA/UFPA).

**Local:** Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), sala 15.

**GT 08 – Racismos, colonialismos, patriarcado e diásporas na história presente da América Latina e do Caribe**

**Coordenadoras/es** - *Luzia Miranda Álvares* (GPEM/UFPA), *Patrícia da Silva Santos* (PPGSA/UFPA), *Rodrigo Corrêa Diniz Peixoto* (PPGSA/UFPA), *Jane Beltrão* (PPGA/IFCH), *Daniela Ribeiro de Oliveira* (PPGSA/UFPA), *Ana Manoela Soares Karipuna* (PPGSA/UFPA), *Elton Luis da Silva Júnior* (UFPA), *Hellen Regina Martins Rocha* (PPGSA/UFPA), *Janete Rodrigues Botelho* (PPGSA/UFPA), *Maria Amoras* (PPGSS/UFPA), *Ignácio Gabriel San Martin* (PPGSA/UFPA).

**Local:** Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), mini-auditório.

## MINICURSOS

**MC 01 – LETRAMENTO RACIAL NA AMAZÔNIA**

Data: 25 e 26 de abril de 2024 - Horário: 08h30 às 10h30

Local - Auditório do NAEA

Professora: *Jacqueline Tatiane da Silva Guimarães* – Campus Universitário do Marajó (CUMB/UFPA).

**MC 02 – GÊNERO, PODER E VIOLÊNCIA: FUNDAMENTOS DAS EPISTEMOLOGIAS FEMINISTAS**

Data: 25 e 26 de abril de 2024 - Horário: 10h30 às 12h30

Local - Auditório do NAEA

Professora e Professor: *Maria Luzia Miranda Álvares* (GPEM/UFPA) e *Nilson Almeida de Souza Filho* (UFPA).

**MC 03 – ROTEIROS GEO-TURÍSTICOS – FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS: COMO CONSTRUIR E IMPLEMENTAR?**

Data: 25 e 26 de abril de 2024 - Horário: 10h30 às 12h30

Local: Miniauditório do NAEA

Professoras e professor: *Maria Goretti da Costa Tavares* (UFPA), *Ana Paula Neves Lins* (PPGDS/MPEG), *Jonathan Rodrigues Nunes* (PPGTH/UNIVALI) e *Magaly Caldas Barros* (PPGEO/UFPA).



# Grupos de Trabalhos

V Seminário Internacional América Latina e Caribe

V SIALAT ABYA YALA

Sociodiversidade, pensamento crítico e utopias



## GT 01

### Democracia e conjuntura política na América Latina

#### Coordenadoras/es

Nírvia Ravena (NAEA/UFPA) • Eugênia Cabral (PPGCP/UFPA) • Maria Dolores Lima da Silva (PPGCP/UFPA) • Marcela Vecchione Gonçalves (NAEA/UFPA) • Bruno Malheiro (UNIFESSP) • Tânia Guimarães (PPGSA/IFCH)

**Ementa:** O GT Democracia e conjuntura política na América Latina tem como objetivo reunir trabalhos na perspectiva crítica ao desenvolvimento e às ações do Estado através de suas políticas, e os conflitos gerados. Estudos sobre conjunturas políticas em diferentes países, o crescimento de organizações de direita, de milícias e de fundamentalismos. Contempla estudos de caso e análises comparativas entre movimentos políticos anteriores e na história do presente, em diferentes conformações. Trabalhos que buscam compreender as crescentes tensões entre movimentos sociais e o Estado, entre sociedade e as novas regulações do mercado mundial sobre os estados. Contempla ainda as análises sobre as tensões e os conflitos territoriais que têm levado a instabilidade de populações crescentes na região, à migrações e diásporas relacionadas à conjuntura política no contexto geopolítico mundial impondo limites à democracia no Brasil e demais países da América Latina.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**“IREMOS À BATALHA CONTRA AS DEMOCRACIAS DO OCIDENTE”:  
A REPETIÇÃO DA HISTÓRIA E AS ESTRATÉGIAS DA EXTREMA DIREITA ATUAL<sup>1</sup>**

Darcon Sousa (UFCG)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa a ascensão da extrema direita no século XXI, sob o pressuposto de que o principal objetivo desse espectro político consiste em desconstruir a democracia ocidental, num contexto em que as contradições do capitalismo favorecem a emergência de ideologias fascistas derrotadas na primeira metade do século passado. Neste sentido, identificamos algumas das principais estratégias manejadas pela extrema direita, quais sejam: 1) A eliminação do debate público racional, 2) o desmonte das instituições do Estado democrático de direito e 3) a incitação à aversão ao social. Trata-se de um estudo qualitativo quanto à abordagem, do tipo descritivo, e bibliográfico em relação ao procedimento técnico. Como resultado do diálogo teórico, inferimos que as lutas sociais, sobretudo na América Latina, precisam incorporar a defesa da democracia como tarefa prioritária, ainda que essa democracia, diversa em formatos e conteúdos, seja substancialmente limitada para o alcance de transformações estruturais. Todavia, nas brechas da democracia liberal, as reivindicações e pressões da sociedade organizada podem avançar em direitos e em maior participação na arena política. Diferentemente do século passado, quando o socialismo se constituía em oposição concreta ao fascismo e às sociedades liberais, os setores progressistas hoje não têm um modelo à esquerda que possa ser alternativo à hegemonia neoliberal. A derrocada do socialismo histórico impôs a necessidade de se defender a democracia e radicalizar a sua prática. Ademais, as grandes nações que antagonizam com o bloco econômico liberal (China, Rússia) incorporaram o modelo de exploração capitalista, com o agravante de reduzirem as liberdades democráticas.

**Palavras-chave:** Fascismo, Extrema Direita, Política Antidemocrática, Democracia

## INTRODUÇÃO

O relatório do Latinobarômetro (2023) aponta que 48% dos latino-americanos apoiam a democracia. É o menor percentual desde 1995, quando a pesquisa começou a ser realizada e o apoio à democracia chegou a alcançar 65%, em 1997 e 1998, vindo a declinar desde então. Múltiplos fatores explicam esse quadro, com destaque para as crises econômicas que acentuam desigualdades e afetam negativamente os níveis de emprego, ainda que, em períodos de recuperação econômica, não tenha havido um crescimento proporcional do apoio à democracia. A baixa qualidade das elites, os personalismos, a corrupção e o desempenho dos governos também impactam os níveis de apoio à democracia.

Para além do contexto latino-americano, o declive do número de cidadãos que defende o regime democrático se expressa na Europa e na América do Norte. Líderes e partidos autoritários alcançam popularidade crescente e, mesmo perdendo eleições eventualmente, conservam as massas

<sup>1</sup> Trecho de discurso de Benito Mussolini, líder fascista da Itália, em “Vozes da Segunda Guerra”, documentário Netflix. Direção: Rob Coldstream, 2023.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande, darcon.sousa@professor.ufcg.edu.br

sob sua esfera de influência e continuam interferindo na agenda política. Dentro desse quadro, ganha realce o extremismo de direita, face confessa da incompatibilidade do capitalismo com a democracia. O projeto de destruir a democracia, conduzido pela extrema direita do século XXI, repete o ideário nazifascista que levou o mundo à segunda guerra mundial na primeira metade do século passado.

A derrocada do nazifascismo criou as condições para o avanço da democracia no ocidente. Direitos e conquistas foram consolidados, principalmente no continente europeu. Por outro lado, a existência do modelo socialista, liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, conteve o ímpeto do extremismo de direita, ante a concorrência político-ideológica representada pelo socialismo real. Todavia, de 1989 (ano da queda do muro de Berlim e do conseqüente desabamento do modelo soviético) para hoje, a democracia encolheu e as alternativas à utopia igualitária desidrataram-se. Consolida-se a hegemonia capitalista sob a lógica neoliberal, cujos efeitos deterioram a vida social, o meio ambiente e a cultura política. As crises econômicas se sucedem e as desigualdades sociais se acentuam. Os conflitos migratórios, o iminente colapso ambiental e o esgotamento da democracia liberal palmilharam o caminho para o retorno do extremismo de direita.

Nesse contexto, a extrema direita retoma seu intento de destruir a democracia, lançando mão de três estratégias principais: 1) A eliminação do debate público racional, 2) O desmonte das instituições do Estado democrático de direito e 3) A incitação à aversão ao social. Sendo assim, neste estudo, buscamos descrever cada uma dessas estratégias nas seções que se seguem, a partir de uma pesquisa bibliográfica, não exaustiva, que busca explicar os movimentos de extrema direita no espaço da disputa política em face do seu objetivo de desdemocratizar as sociedades ocidentais.

### **A eliminação do debate público racional**

Na primeira metade do século XIX, quando Marx (2011) relatou as facetas do processo que levou Luís Bonaparte a derrotar a democracia liberal francesa e a estabelecer seu domínio autoritário, percebe-se como o comprometimento crescente com a democracia conspira contra os interesses das classes dominantes. Os direitos civis, a igualdade, a liberdade de imprensa e de reunião, o sufrágio universal, a dinâmica do parlamento e a participação popular passaram a ameaçar o poder da burguesia, que havia derrotado o feudalismo levantando essas bandeiras para suplantar a velha ordem. Todavia, a democracia burguesa volta-se contra a própria dominação da classe que a conduz, e é Luís Bonaparte quem encarna a tarefa de aniquilar a democracia para que as contradições entre as forças de produção e as relações de produção fossem controladas. Nesta direção, em relação ao processo democrático, cabe destacar que Marx (2011) menciona o debate público como espaço de racionalidade por meio do qual a opinião pública é formada e as decisões da maioria são articuladas e ecoadas no parlamento. Para destruir a democracia, os bonapartistas, além de eliminar as

instituições da democracia, precisaram inserir a irracionalidade, a consciência falsa e a indiferença entre o que é falso e verdadeiro, como forma de assegurar a dominação burguesa sem a obstrução representada pelos valores e compromissos da democracia liberal.

Pouco mais de cem anos depois da revolução de Luís Bonaparte, é Benito Mussolini, líder fascista italiano, quem reproduz o ódio à democracia liberal: “Iremos à batalha contra as democracias do ocidente”. A segunda guerra mundial foi o desfecho trágico do projeto nazifascista, impulsionado por forças diversas, dentre as quais uma construção discursiva baseada também na irracionalidade. Segundo Albright (2018), Hitler e Mussolini nutriam ódio e ressentimento, e disso resultou uma doutrina de raiva e medo, cuja máquina de comunicação era movida a apelos emocionais que usavam música solene, retórica incendiária, estética corporal e outros métodos para despertar o fervor dos séquitos e impedi-los de discernir os fatos. Kakutani (2018, p.8) lembrou que “dois dos regimes mais abomináveis da história da humanidade chegaram ao poder no século XX, e ambos se estabeleceram com base na violação e no esfacelamento da verdade.” Referia-se ao comunismo e ao nazifascismo. Para florescer e “quebrar os ossos dos democratas”, conforme pretendia Mussolini, Albright (2018, p.31), o fascismo precisava aniquilar a racionalidade do debate público.

Mas, “[...] por que, a esta altura do século XXI, voltamos a falar de fascismo?”, perguntou Albright (2018, p.11). A resposta está nas verossimilhanças entre aquele regime do século passado e a emergência das forças de extrema direita dos dias atuais. A despeito das controvérsias sobre a comparação entre esses dois fenômenos políticos, no caso particular da comunicação política, os objetivos são os mesmos. A expansão do espectro da extrema direita é catapultada pela estratégia de turvar o debate público por meio de uma sofisticada rede de desinformação e de notícias falsas, amplificada pelas novas tecnologias digitais.

Na análise que fez da ascensão de Donald Trump nos Estados Unidos, Kakutani (2018), lembrou que os regimes totalitários do século XX se valeram do cinismo, do cansaço e do medo das pessoas para impor uma realidade em que não se podia distinguir o falso do verdadeiro. Atualmente, a ameaça à verdade é alavancada por *fake news* produzidas em escala industrial. As bolhas informacionais impedem o compartilhamento da realidade e indivíduos são cativos da manipulação política amparada no descaso pelos fatos, na corrosão da linguagem e na substituição da razão pela emoção. O declínio da verdade, como realça Kakutani, (2018, p.8), não se restringe às notícias falsas, mas:

[...] também existe a ciência falsa (produzida por negacionistas das mudanças climáticas e anti-vaxxers, os ativistas do movimento antivacina) a história falsa (promovida por revisionistas do Holocausto e supremacistas brancos), os perfis falsos de norte-americanos no Facebook (criados por *trolls* russos) e os seguidores e “*likes*” falsos nas redes sociais (gerados por *bots*).

As novas tecnologias digitais têm sido intensamente utilizadas pelas forças políticas de extrema direita para empoeirar a esfera do debate público, na qual a busca pela verdade, por meio de discussões racionais, é indispensável ao regime democrático. A produção massiva de *fake news*, de desinformação e de teorias da conspiração, visam obscurecer as razões da argumentação democrática - demonizando seus símbolos e conteúdos – e difundir valores relacionados a uma nova ordem social, idealizada pela extrema direita. Os arquitetos da comunicação política desse segmento ideológico buscam transformar fatos em narrativas e relativizar evidências, o que é essencial para uma construção discursiva que reforça o projeto de desmonte da democracia e de hegemonia do neoliberalismo.

D’Ancona (2018) utiliza o conceito de pós-verdade para explicar o tipo de comunicação política em curso. Esse autor identifica o ano de 2016 como propulsor da guerra contra os fatos, caracterizando uma etapa da atual era. A verdade desmorona, enquanto emoções e crenças ocupam o lugar dos fatos objetivos. As novas comunicações informacionais desempenham um papel decisivo. Sites conspirativos e mídias digitais desdenham dos veículos tradicionais, tendo-os como representantes de uma elite liberal que sustenta a ordem globalista. Especialistas em qualquer tema precisam ser desacreditados pelos porta-vozes da pós-verdade.

Uma indústria poderosa de desinformação, propaganda enganosa e falsa ciência empenhou-se em rebaixar a verdade. Organizações de fachada buscam difundir mentiras e questionar consensos científicos para gerar confusão. Negacionistas a serviço de interesses de grupos atuam para conservar o *status quo*, impregnando os debates de ideologia, muitas vezes aproveitando-se de oportunidades fornecidas por mídias tradicionais que colocam em confronto posições falsamente equivalentes. A *internet* é o espaço digital tecnologicamente disruptivo, por onde trafega a pós-verdade interessada em cativar a atenção, criando bolhas de usuários com afinidades ideológicas, onde eles são indiferentes à distinção entre verdade e mentira, ao mesmo tempo em que fornecem seus dados para os que manipulam os algoritmos e os colocam à disposição da fábrica de notícias falsas. (D’Ancona, 2018).

Nessa engrenagem, D’Ancona (2018) afirmou que a culpa não está em um único sociopata político. No episódio da saída do Reino Unido da União Europeia, o Brexit, a campanha dos favoráveis à saída disseminou crenças sobre inimigos reais e imaginários, com foco principalmente nos imigrantes, agindo de forma perniciosa. Privilegiou-se a emoção no lugar da razão, as soluções simples em vez da honestidade complexa. Na Polônia, o partido nacionalista Lei e Justiça espalhou mentiras sobre homossexuais, refugiados, doenças e comunistas. A mentira virou regra e obteve como respostas a indiferença e a conivência. No caso da eleição de Trump, suas falhas de caráter eram conhecidas, sua fúria, impaciência e hábito de transferir responsabilidades. Mas suas narrativas

ganharam notoriedade, manipulando sentimentos e ressentimentos. No cenário de digitalização, a emoção vem em primeiro lugar e a verdade está indo embora.

Na avaliação de Empoli (2019), a *internet* alterou o comportamento dos cidadãos, tornando-os mais impacientes em relação à necessidade de mudanças e estabelecendo novos padrões de relações entre as pessoas e delas com a sociedade. As plataformas informacionais se encarregaram de gerar a incerteza e a carência constantes, alimentando hiatos entre a vida virtual e a real, do que resultam frustrações. Neste sentido, as teorias da conspiração oferecem explicações confortáveis, ao mesmo tempo em que mobiliza a raiva e o ressentimento. Conectados e seduzidos por emoções fortes e indignação, os indivíduos participam de bolhas de consenso ou se armam contra outros. Por outro lado, a produção de *fake news* se transformou num negócio lucrativo, ainda mais para quem explora conteúdos radicais. As redes sociais são intensamente usadas por movimentos extremistas e de direita, dos quais emergiram novos políticos que conquistaram engajamento considerável, estimulando ódio político que se transferiu do ambiente virtual para o real.

Como destaca Empoli (2019), a despeito das aparências, ideólogos, especialistas em comunicação e cientistas de dados trabalham orientados por uma lógica sórdida, criando e recriando um ambiente de permanente tensão que domina as atenções. Antes de qualquer coisa, pretendem “quebrar os códigos das esquerdas e do politicamente correto.” Operando nas redes sociais, onde não há intermediação, os populistas perseguem curtidas e engajamento, não importando se o conteúdo que compartilham seja algo real, bastando apenas que seja capaz de catalisar medos. As emoções negativas devem ser canalizadas contra elites que supostamente são contra o povo. A desinibição propiciada pela *internet* favorece o envolvimento de pessoas, tornando-as ativas num teatro em que imagens valem mais do que ideias e textos, e a narrativa mais do que a veracidade dos fatos. No espaço digital, integrantes das redes populistas adequam notícias às suas visões de mundo e constroem realidades que respondem aos anseios dos seguidores. As mentiras tornam-se eficazes ao serem encaixadas em narrativas condizentes com as aspirações dos eleitores. Os fatos objetivos, as demonstrações de dados e a correção de informações não produzem efeitos quando os eleitores estão convencidos de que aquilo que vem da política tradicional não corresponde à realidade.

O argumento radical precisa ganhar força e conta com a passividade da maioria. As novas (des)informações radicais recebem mais apoio quando coincidem com as convicções de quem se conecta com elas. Quanto mais pessoas as aceitam, menor é a resistência aquilo que antes se considerava improvável, podendo alcançar grandes massas a partir de pequenos grupos que, na *internet*, multiplicam as “cascatas cognitivas” por meio de sites, blogs e páginas de *facebook*. Nesse processo, são os extremistas que têm obtido vantagem, procurando a desintegração incendiária. A

questão em destaque, colocada por Empoli (2019, p.119), é se será possível governar sociedades instabilizadas por muito tempo. Como escreveu: “Hoje, a ideia de uma esfera pública na qual todos são expostos às mesmas informações, como era antes com a leitura de jornais e o ritual do noticiário televisivo, praticamente não existe mais.” O deslocamento da política para as redes sociais implica em consequências cada vez mais imprevisíveis e irracionais. A instabilidade, a subjetividade e a coexistência de verdades contraditórias são as marcas da nova dinâmica política impulsionada na *internet*. A segmentação do público e o direcionamento de conteúdos destinados a reforçar crenças e valores individuais dificulta o entendimento coletivo. Dentro de bolhas, os indivíduos ouvem apenas o que circula dentro delas e consideram fatos os enxergados nelas.

Diferente disso, a democracia é o lugar comum em meio às diferenças e distâncias. Cidadãos podem reunir-se politicamente e deliberar sobre a correção das desigualdades e a alavancagem da justiça social que, mais do que uma convicção ideológica, funciona como antídoto para as exclusões e estratificações das ordens capitalistas. Por isso, a demarcação do espaço social assegura a realização do bem comum e acrescenta dimensões às identidades dos indivíduos, famílias, produtores, consumidores e investidores (BROWN,2020).

Sendo assim, a desestabilização de uma esfera pública de debate racional torna a democracia insustentável. Não se trata apenas de um ambiente discursivo democrático propício às disputas eleitorais, nas quais a comunicação sempre foi fator determinante. A própria governabilidade dos governos se vulnerabiliza. A medição da avaliação popular, feita por tradicionais institutos de pesquisa, reflete a guerra de informação das plataformas digitais, onde a verdade é segmentada e a realidade comum não é compartilhada. Sem regulação estatal adequada na maioria das sociedades democráticas, o tipo de conteúdo digital vinculado à extrema direita, difuso e anônimo, é funcional ao objetivo de desarticular a democracia e abrir caminho para o autoritarismo em vários formatos e intensidade, mas com a mesma estratégia de comunicação que visa, assim como no passado, corroer a consciência democrática.

### **O desmonte das instituições do Estado democrático de direito**

A corrosão da consciência democrática facilita o esvaziamento das instituições do Estado democrático e a desarticulação da provisão pública que opera por meio de políticas e órgãos criados como resultado das demandas sociais, muitas delas transformadas em direitos adquiridos. Para a extrema direita, destruir os pilares das instituições representativas da democracia ou sequestrar suas estruturas é crucial para o seu projeto. A educação pública, o sistema de saúde, a cultura, a proteção do meio ambiente, dentre outras, são vistas como áreas portadoras de uma visão de mundo baseada

no conhecimento e no secularismo, contrária a diversos valores que se aglutinam em torno do extremismo de direita conservador, instrumentais ao avanço do neoliberalismo.

O extremismo de direita rechaça a razão democrática e suas instituições, representativas de um projeto de sociedade incompatível com a lógica neoliberal. O conhecimento especializado e a *expertise* de organizações públicas em lidar com problemas complexos são constantemente atacados pelos movimentos extremistas. Nessas organizações, cortes orçamentários, indicação de pessoas sem qualificação e sabotagem aos seus próprios objetivos são práticas dos governos de extrema direita para anular o papel que elas desempenham nas sociedades democráticas. Nos termos de D’Ancona (2018, p.19):

Estamos em uma nova fase do combate político e intelectual, em que ortodoxias e instituições democráticas estão sendo abaladas em suas bases por uma onda de populismo ameaçador. A racionalidade está ameaçada pela emoção; a diversidade, pelo nativismo; a liberdade, por um movimento rumo à autocracia. Mais do que nunca, a prática da política é percebida como um jogo de soma zero, em vez de uma disputa entre ideias. A ciência é tratada com suspeição e, às vezes, franco desprezo.

Kakutani (2018) contou como Donald Trump atacava rotineiramente as instituições democráticas e as normas vigentes. A imprensa, o sistema de justiça e eleitoral, os funcionários públicos e a estrutura responsável pelo funcionamento do governo, constavam na lista dos alvos do presidente norte-americano. Em qualquer campo – política internacional, segurança nacional, economia ou educação -, a autoridade dos especialistas era hostilizada. Vale a pena transcrever parte do relato dessa autora (p.39) e verificar a semelhança com o comportamento de outros líderes de extrema direita, conectados entre si pela mesma mentoria ideológica:

A preferência do governo Trump por lealdade e afinidade ideológica em detrimento da *expertise* está bem clara. Juízes sem qualificações e diretores de órgãos foram indicados com base em nepotismo, conexões políticas ou por estarem comprometidos com o enfraquecimento de agências que pudessem atrapalhar os planos desregulatórios de Trump para beneficiar a indústria de combustíveis fósseis e os grandes doadores corporativos. Rick Perry, que ficou famoso por querer abolir o Departamento de Energia, foi nomeado para comandá-lo, ordenando cortes nos programas relacionados a fontes renováveis de energia e o novo diretor da EPA (*Environmental Protection Agency, Agência de Proteção Ambiental*), Scott Pruitt, que processou repetidas vezes a EPA ao longo dos anos, começou rapidamente a dismantelar e travancar a legislação criada para proteger o meio ambiente.

A experiência do governo de extrema direita de Jair Bolsonaro no Brasil reproduzia estas práticas. O ministério da Educação, da Cultura, do Meio ambiente, da Saúde, órgãos de proteção aos indígenas de defesa dos direitos das minorias, de pesquisa e outros, foram ocupados por pessoas sem trajetória de atuação no setor ou conhecimento dos temas relacionados às áreas. Nas universidades

públicas, Bolsonaro adotou o procedimento de nomear os últimos colocados dentre os votados pela comunidade. A sabotagem às instituições de governança social, principalmente, era explícita. Na expressão de Starling *et al*, (2022, p.11), Jair Bolsonaro criava um “stress institucional” permanente em seu projeto de rebaixar a democracia e as nomeações para órgãos públicos e ministérios de pessoas sem relevância, refugos de várias classes sociais, era instrumental à planejada demolição do governo. Esses autores lembram a frase dita por Bolsonaro antes de assumir a Presidência: “Nós temos que desconstruir muita coisa”, e acrescentam:

Fomentar crises é o complemento necessário ao seu propósito de corroer, de dentro para fora, as instituições democráticas e as unidades vitais da máquina pública. Sem estrondo, os órgãos são erodidos um a um: ou pela ação de figuras medíocres alçadas à chefia e a cargos administrativos estratégicos, ou por cooptação. As nomeações do governo atendem a um propósito: indicar inimigos das próprias instituições para seu comando, visando contribuir para a desconstrução mais ampla do Estado. (Starling *et al*, 2022, p.11)

Neste sentido, a utopia neoliberal, de acordo com Brown (2020), sempre foi a de um Estado orientado para propiciar uma ordem global de capitais livres e de nações organizadas pelo mercado e pela moralidade tradicional. De fora ficariam racionalistas, planejadores, redistribucionistas e igualitaristas em geral. A democracia ficaria afastada da ideia de soberania popular, limitando-se ao voto para assegurar a transferência pacífica de poder. Democracias e plutocracias não serviriam à garantia dos domínios do mercado e da moral. Uma tecnocracia autoritária conformava o projeto neoliberal. No entanto, apenas o rebaixamento da democracia se concretizou. A antidemocracia está gerando uma vida política em que os Estados são dominados por interesses econômicos e o populismo de direita reacendeu a raiva, o rancor e o ressentimento.

Levitsky e Ziblatt (2018, p.89), indagaram: “Como autoritários eleitos destroem as instituições democráticas cujo dever é restringi-los?”. Por vezes, respondem esses autores, as investidas contra as instituições ocorrem de forma lenta e imperceptível, simultaneamente a uma aparente normalidade. Pode acontecer que iniciativas governamentais surjam com “verniz de legalidade” ou até sob o argumento de aperfeiçoar a qualidade da democracia. No que concerne às instituições neutras, como o sistema judiciário, elas podem representar uma ameaça ou uma oportunidade para potenciais autoritários.

Se elas permanecem independentes, têm a capacidade de denunciar e punir abusos governamentais. Este é o trabalho do árbitro, impedir fraudes. Não obstante, se controladas por sectários, essas instituições podem servir aos objetivos do aspirante a ditador, protegendo o governo de investigações e processos criminais que possam levar ao seu afastamento do poder. O presidente pode infringir a lei, ameaçar direitos civis e até violar a Constituição sem ter que se preocupar com a possibilidade de tais abusos serem investigados ou censurados. Com tribunais

cooptados mediante alteração de sua composição e autoridades policiais rendidas, os governos podem agir com impunidade. (Levitsky e Ziblatt, 2018, p.90)

No Brasil, sob o governo Bolsonaro, as táticas para destruir a democracia, mencionadas por esses autores, foram por demais evidenciadas. Protegido por um Procurador Geral que tinha a responsabilidade de denunciar os crimes da Presidência da República, Jair Bolsonaro coordenou uma campanha de hostilidade ao Supremo Tribunal Federal com o objetivo de intimidá-lo e de deslegitimá-lo, enquanto levantava suspeitas contra o sistema eleitoral eletrônico, propondo a volta da votação impressa, comportamentos que ganharam apoio nas redes sociais controladas pela extrema direita. Tal cenário, sabe-se agora pelo conjunto de indícios e provas, visava criar o ambiente propício a um golpe de Estado, instituído por decreto, o qual, malgrado, expressou sua face violenta em 08 de janeiro de 2023, por meio do ataque de milhares de bolsonaristas aos prédios dos três poderes na capital, Brasília, como última tentativa de desestabilizar a ordem democrática.

Segundo registrou Starling *et al* (2022), além de Brasil, Hungria, Turquia, Rússia, Venezuela, Polônia, Índia, Estados Unidos, Filipinas e Ucrânia, são países onde os governantes, embora eleitos, conduziram involuções democráticas alinhadas com o ideário da extrema direita. Como afirmam:

A novidade, hoje, é a ação de desmanche da democracia praticada por governantes eleitos, mas que caminham firmes em direção ao autoritarismo. Em vez de comandarem uma mudança abrupta em que o regime democrático será demolido de maneira inconfundível como no passado, com um golpe de Estado, eles avançam de modo sistemático numa corrosão por dentro do sistema. Utilizam atos e ações com efeito cumulativo para degradar a ordem política, destruir os mecanismos de representação, minar o sistema judicial e a mídia, erodir as instituições, uma a uma, até o colapso final. Isso não ocorre em um país só; pode-se dizer que o fenômeno é global e está moendo a democracia em vários pontos do planeta. (Starling *et al*, 2022, p.6)

As forças antidemocráticas ascendem ao lado do neoliberalismo e reforçam sua dominação. Por isso, apregoa-se o desmonte do Estado de bem-estar e o afrouxamento do controle político sobre os mercados, fragilizando, inclusive, a representatividade sindical dos trabalhadores. Culturalmente, os cidadãos assimilam valores antidemocráticos difundidos pelo pensamento neoliberal, aprendem a rechaçar a política e tornam-se receptivos ao autoritarismo de direita. Os poderes econômicos passam a vigiar e a submeter a política para que dela não resulte um Estado redistributivo e não favoreça um ambiente de participação e de partilha de poder com os cidadãos, de modo a direcionar os governos para o bem comum ou a qualquer noção de interesse público. O Estado neoliberal deve ser forte para limitar a democracia e recusar as demandas das massas, oriundas dos consensos gerados numa arena plural. As consequências da omissão desse Estado antidemocrático atingem mais diretamente os trabalhadores e os pobres, os quais precisam de um Estado social e, “a menos que sejam enganados,

condicionados ou efetivamente marginalizados, [...] vão sempre combater os mercados, como injustos em sua distribuição de oportunidades e recompensas.” (BROWN, 2020, p.78).

Além disso, o ataque à democracia inclui a demonização de seus símbolos e dos seus discursos. A deliberação de desmontar os espaços do debate esclarecido e de destruir as instituições democráticas precisa ser amparada no constante combate aos atores e organizações sociais vinculadas à causa da justiça social. Estigmas, preconceitos e desinformações são direcionados contra esses alvos, despertando ódios que, em qualquer circunstância, visa deslegitimá-los e reduzir o capital político que possuem. Sobre isso, avançamos na secção seguinte.

### **A incitação à aversão ao social**

Durante os quatro anos do governo de Jair Bolsonaro no Brasil, e mesmo depois de sua derrota para Luís Inácio Lula da Silva, os partidos fiéis ao ideário do ex-presidente se empenharam em construir narrativas e em lançar mão de prerrogativas parlamentares para esfumar a reputação de movimentos sociais. Os fatos mais notórios em relação a isso foram as Comissões Parlamentares de Inquérito instaladas para criminalizar o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra e as Organizações Não Governamentais. No primeiro caso, trata-se de um dos maiores movimentos sociais da América Latina na luta pela reforma agrária. No segundo, incluem-se organizações que atuam nas mais diversas áreas sociais, mobilizando populações e aplicando conhecimentos especializados para atenuar os problemas.

A estratégia dos partidos de extrema direita é sempre a de criar narrativas descoladas da realidade para atribuir crimes e ilegalidades aos movimentos sociais, amplificando preconceitos e ódios via redes sociais, espaço controlado pela comunicação política radical. Sem lograr êxito por meio dos mecanismos legais no parlamento, em função de falta de provas e de evidente falseamento dos fatos, aos políticos de extrema direita interessa produzir conteúdos recortados para difundir nas bolhas digitais e consolidar as crenças dos apoiadores presos ao que circulam nessas bolhas. O exercício perverso de instigar raiva contra o social e de deslocar pessoas da realidade é praticado diuturnamente pelas forças políticas de extrema direita.

Nesta direção, as consequências discursivas do ataque neoliberal à justiça social reforçam ideias que reduzem o conceito de sociedade, quando não o desconhecem, à ideia de indivíduos e famílias regidas pelo mercado e pela moral. Tornam-se invisíveis hierarquias, exclusões e violências. Desaparecem as subjetividades em torno das condições de classe, gênero e raça. Instalam-se guerras culturais que têm como alvos os que desafiam o conservadorismo neoliberal. Igualdade e inclusão passam a ser vistas como tiranias do politicamente correto. A razão liberal priva direitos, culpabiliza os pobres por sua condição, despreza as explicações que denunciam as forças sociais historicamente perpetuadores de dominações e elege o social como inimigo da liberdade (Brown, 2020).

Starling, (2022, p.75), lembra o maniqueísmo bolsonarista que estabeleceu um confronto entre bem e mal. Nessa guerra, quaisquer indivíduos que não partilhem as crenças do reacionarismo são vistos como inimigos, os quais podem ser: “a professora, o ateu, o procurador que vela pelos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais, a jornalista, o antirracista, o advogado criminalista, a vereadora, a feminista, o estudante, a médica, a ministra do STF, o artista, o ambientalista, o cientista, a comunidade lgbtqi+ inteira”. Contra eles e contra as instituições democráticas, o reacionarismo usa continuamente a violência e a intimidação como forma de se impor na sociedade.

Segundo Brown, (2020), o ressentimento é outro fator a mover ataques dos autoritários, os quais sentem-se ameaçados pelos valores democráticos e desenvolvem subjetividades contrárias a eles. O ressentimento puro impulsiona ataques contra supostos culpados (feministas, multiculturalistas, globalistas), desferidos por aqueles cujos afetos são mobilizados para vinganças que têm o objetivo de revogar conquistas democráticas. Em consonância com isso, os ressentidos arrogam-se possuidores de direitos históricos. No contexto dos Estados Unidos, os brancos reivindicam sua supremacia de volta. Nas palavras de Brown (2020, p. 220), pensam eles: “Se os homens brancos não podem ser donos da democracia, então não haverá democracia nenhuma”.

Ainda sobre o contexto norte-americano, Stanley (2018), registra que, apesar do êxito de movimentos sociais progressistas no trabalho de suscitar empatia, a política fascista tem como alvo os refugiados, o feminismo, os sindicatos trabalhistas, as minorias raciais, religiosas e sexuais. Todos os grupos sociais que não se enquadram na “identidade nacional branca” são vistos como inimigos. A retórica fascista divide os cidadãos e não considera que (p.89): “um Estado democrático saudável é governado por leis que tratam todos os cidadãos de forma igual e justa, apoiados por laços de respeito mútuo entre as pessoas”.

Contrário a isso, o discurso da extrema direita estimula o ódio a tudo que possa representar grupos minoritários ou justiça social. No Brasil, esse ódio dirigiu-se a figuras públicas como o padre católico Júlio Lancellotti, conhecido por suas obras sociais em favor de moradores de rua em São Paulo. Vereadores bolsonaristas já abriam uma Comissão Parlamentar de Inquérito para atacar o religioso e levantar suspeitas sobre seu trabalho. Mas não só os vivos são objetos da agressividade dos seguidores de Jair Bolsonaro. Incitados por discursos do seu líder, eles também vilipendiam a memória de Mariele Franco, política e militante assassinada em função do seu ativismo social. Personalidade mundialmente respeitada, o falecido educador Paulo Freire, referência na área, é continuamente objeto de ataques, sem que os agressores apresentem qualquer justificativa para tal. O que importa para eles é destruir a reputação de vivos e mortos que estejam identificados com o social e com a conquista de direitos.

Os direitos, conforme Starling (2022), informam que o poder se move do soberano para os cidadãos. O reacionarismo sobrevivente pretende demolí-los porque são eles os alicerces dos Estado de bem-estar. Direitos sociais demandam políticas públicas e essa dinâmica é inerente ao processo democrático, cujo objetivo é atenuar as desigualdades e melhorar as condições de vida dos que mais precisam. Para o reacionarismo, políticas sociais incentivam a mendicância, a vadiagem e a indigência e é dessa forma que elas precisam ser vistas pela sociedade.

Para tanto, o reacionarismo de Bolsonaro investe na proleferação de palavras e imagens que estimulem a ojeriza ao social. As redes sociais fornecem os meios para que a linguagem tosca e agressiva dos extremistas de direita viralize, gotejando preconceitos e medos a partir de recortes de fatos, de desinformação e de *fake News*, sempre na direção de demonizar o social. O fluxo intenso de mensagens carregadas de emoções negativas, gerido por uma sofisticada rede de robôs, não permite aos cidadãos comuns o tempo e os mecanismos para ordenar seus processos cognitivos e elaborar seus julgamentos com base num raciocínio esclarecido. O sacerdote, o ambientalista, o sindicalista, o professor e outros, se transformam rapidamente em comunistas, esquerdopatas, doutrinadores, aparelhados, abortistas e inimigos da família e do bem.

Noutra direção, deve-se limitar o poder legislativo - impedindo-o de criar políticas de interesse público -, desacreditar o discurso de justiça social e proteger a esfera pessoal. Se alcançados esses objetivos, a moralidade tradicional (representada, sobretudo, pela religião) e o mercado assumem a primazia na sociedade, em detrimento das reformas democráticas. Os códigos morais e as regras de mercado, evoluídos, devem suplantar “formulações não orgânicas do bem” e substituir a democracia. As pretensões de justiça oriundas do Estado e inspiradas em projetos racionais para a sociedade, precisam ser desqualificadas. (Brown, 2020).

Uma máquina de destruição de reputações e de causas progressistas é acionada. O bolsonarismo, afirmou Bignotto, (2022, p.134), quando o relacionou ao fascismo no que concerne papel ideológico, possui um aspecto importante que é “a montagem de um aparelho de propaganda e combate ideológico que está entre seus instrumentos de poder mais eficazes.” Esse autor frisa ser necessário observar as forças e as etapas que formam o fascismo para definir tal regime como tal. Mas, como as forças políticas democráticas estavam sob ataques constantes, durante o governo Bolsonaro, tudo podia acontecer com a democracia brasileira.

Não aconteceu o pior. Jair Bolsonaro não se reelegera. Entretanto, dentro ou fora do poder, o bolsonarismo persegue sua sanha: desmobilizar, atacar, estigmatizar e obstruir esforços, símbolos e personagens ligados à justiça social. Derrotado nas urnas, prestes a ser condenado e preso, inconstante, mesmo depois da avalanche de depoimentos nos inquéritos que confirmam ter sido ele, o arquiteto

da tentativa de golpe no Brasil, Jair Bolsonaro percorre cidades usando o mesmo recurso linguístico, dirigido aos mesmos alvos: “Nessas eleições municipais, nós vamos extirpar essa esquerdalha sem vergonha e corrupta que ainda tem no meu Brasil”, (Folha de São Paulo, 16/03/2024). O projeto reacionário e protofascista do bolsonarismo procura de todas as formas e em qualquer espaço – no parlamento, nas redes sociais, nas ruas -, desidratar o espírito empático da sociedade, porque sem ele a democracia não subsistirá.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A destruição da democracia, em sua versão liberal, era parte essencial dos regimes e fascistas que no século passado levaram o mundo à segunda guerra. O discurso nazifascista era assumidamente antidemocrático e fazia disso parte da sua retórica totalitária. No século XXI, a despeito de, talvez, não ser possível estabelecer equivalências completas com o passado, o extremismo de direita assume as feições fascistas de muitas formas, principalmente na tentativa de destruir o que restou das democracias ocidentais. Só que hoje, por dentro delas, às vezes, em nome da própria democracia.

Como se pode imaginar, na arena que define a luta ideológica, a da comunicação política, o desafio dos novos fascismos deveria ser difícil. Mas as tecnologias da informação otimizaram o processo de disfunção cognitiva e de manejo das emoções negativas, indispensável aos projetos totalitários, os quais, irrigados pelo dinheiro do poder econômico, conquistaram vantagem em suas estratégias políticas baseadas na destruição da democracia, muito mais factíveis do que as opostas.

Seja para radicalizar a dominação neoliberal ou retornar a passados míticos, uma confluência de interesses e crenças ressurgiu para ameaçar as democracias. Desde a responsabilização religiosa do pecador, passando pela aposta no egoísmo do liberalismo até a atomização dos indivíduos sob a lógica capitalista, tudo converge para o acionamento do moinho fascista que tenta esmagar a ideia de democracia. Incompleta, insuficiente, dinâmica por natureza, ela é de construção complexa e suas demandas são contínuas. Apesar disso, é simples perceber o quanto ela pode fazer falta, basta observar o moinho girar e perceber as consequências que está produzindo em termos de destruição de direitos, violência, mortes, degradação ambiental e esmagamento da consciência democrática.

Neste cenário, concluímos que as lutas sociais, sobretudo na América Latina, precisam incorporar a defesa da democracia como tarefa prioritária, ainda que essa democracia, diversa em formatos e conteúdos, seja substancialmente limitada para o alcance de transformações estruturais. Todavia, nas brechas da democracia liberal, as reivindicações e pressões da sociedade organizada podem avançar em direitos e em maior participação na arena política. Diferentemente do século passado, quando o socialismo se constituía em oposição concreta ao fascismo e às sociedades liberais, os setores progressistas hoje não têm um modelo à esquerda que possa ser alternativo à

hegemonia neoliberal. A derrocada do socialismo histórico impôs a necessidade de se defender a democracia e radicalizar a sua prática. Ademais, as grandes nações (China e Rússia) que antagonizam com o bloco econômico liberal, incorporaram o modelo de exploração capitalista, com o agravante de asfixiarem as liberdades democráticas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRIGHT, Madeleine. **Fascismo, um alerta**. São Paulo: Planeta, 2018.

BIGNOTTO, N.. Bolsonaro e o bolsonarismo entre o populismo e o fascismo (pp.121-195). In.: STARLING, H.M.; LAGO, M.; BIGNOTTO, N.. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. São Paulo: Faro Editorial, 2018.

EMPOLI, Da Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LATINOBARÔMETRO – INFORME 2023. **La Recesión Democrática de América Latina**. Disponível em: <<https://www.latinobarometro.org/lat.jsp?Idioma=724>> Acesso em: 02/02/2024.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D.. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MARX, Karl. **O dezoito de Brumário de Luís Bonabarte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

STARLING, H.M.; LAGO, M.; BIGNOTTO, N.. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STARLING, H.M. Brasil, país do passado (pp.72-120). In.: STARLING, H.M.; LAGO, M.; BIGNOTTO, N.. **Linguagem da destruição: a democracia brasileira em crise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. São Paulo: L&PM Editores, 2018



## GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**A contribuição do pensamento crítico de Florestan Fernandes ao debate da crise da democracia na atualidade brasileira.**Sérgio Roberto Moraes Corrêa (UEPA)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente texto toma como campo de interesse investigativo o pensamento crítico de Florestan Fernandes para o debate da crise da democracia brasileira na atualidade (2016-2022). Para fins de delimitação desse texto, levantou-se a seguinte questão: “Ao se posicionar o pensamento crítico de Florestan Fernandes, a partir da noção de “Sul Global”, que contribuições é possível identificar em seu legado tanto para o debate da democracia na atualidade brasileira, como para o revigoramento do pensamento social crítico? Esse artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento concluída recentemente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, por meio do projeto de pesquisa Procad-Amazônia.

**Palavras-chaves:** Pensamento Crítico de Florestan Fernandes. Crise da Democracia. Realidade Brasileira.

**INTRODUÇÃO**

Sé é bem verdade que a crise da democracia na sociedade contemporânea não é uma exclusividade da sociedade brasileira e que ela expressa múltiplas dimensões e escalas, haja vista o avanço global de movimentos e governos de extrema direita, que demarcam uma onda conservadora e reacionária; é, também, verdade que a realidade brasileira é marcada por toda uma especificidade complexa, histórica e conjuntural, que exige, como já alertava Florestan Fernandes (2020), um esforço interpretativo crítico, a partir “*dos de baixo*”, que considere essa dinâmica particular de capitalismo dependente e periférico, seus processos sociais, políticos, econômicos e culturais e seus conflitos de interesse de classe e grupos sociais internos, para além dos interesses entre Estados-Nações.

Nesses termos, torna-se relevante investigar, a partir do Sul Global<sup>2</sup>, a crise brasileira da democracia, buscando fazer emergir interpretações críticas outras e dar-lhes visibilidade numa perspectiva de “ecologia de saberes” do mundo e, por conseguinte, identificar suas contribuições para o revigoramento, diversidade e ampliação desse escopo crítico de conhecimento.

---

<sup>1</sup> Departamento de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, Brasil. sergio.correa@uepa.br.

<sup>2</sup> Para Boaventura Santos, é preciso “Aprender que existe um Sul, aprender a ir para o Sul e aprender com o Sul” e, mais recentemente, “como é que se conhece a partir das perspectivas do Sul?” (2010; 2019). Assim, o autor usa a expressão *Sul* não no sentido geográfico estritamente, mas sim do ponto de vista *epistêmico*, metafórico, a fim de designar o “sofrimento humano” produzido e provocado pelos sistemas dominantes capitalista, colonialista e (hetero)patriarcal, o qual está no Norte e está no Sul da geopolítica global, demarcando uma política de conhecimento desigual associada dialeticamente com o modelo de sociedade hegemônica neoliberal. Adverte, ainda, o referido autor que é preciso diferenciar o *Sul Imperial* (das classes e grupos dominantes) do *Sul anti-imperial* (das classes e grupos subalternos).

Assim, ao ajustarmos as nossas lentes de análises a partir da chave interpretativa do Sul Global, em particular da realidade brasileira (e latino-americana), que outras possibilidades de interpretação podemos identificar no campo do pensamento social crítico brasileiro em relação aos avanços, limites e desafios da democracia na sociedade brasileira na atualidade? É nesse campo de interesse investigativo maior que a presente proposta se insere, tomando como foco central o pensamento crítico de Florestan Fernandes para o debate da democracia na atualidade (2016-2022).

Para fins de delimitação desse texto, levantou-se a seguinte questão: “Ao se posicionar o pensamento crítico de Florestan Fernandes, a partir da noção de “Sul Global”, que contribuições é possível identificar em seu legado tanto para o debate da democracia na atualidade brasileira, como para o revigoramento do pensamento social crítico? Esse artigo é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento concluída recentemente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

### **CRISE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA NA ATUALIDADE: REVISITANDO FLORESTAN**

De início, cabe destacar que, se por um lado, o tema da *democracia*<sup>3</sup> ocupa um lugar clássico no debate da teoria social latino-americana, em particular no pensamento social brasileiro, por outro, entretanto, não é consenso que no Brasil, bem como em outras nacionalidades da região, se tenha constituído uma democracia plena como bem já chamou atenção Florestan Fernandes<sup>4</sup>.

No caso do Brasil, como alerta Fernandes (2020a; 2020b), tanto a República como a Democracia foram erguidas, histórica e hegemonicamente, de forma restrita e privatista, *de cima para baixo*, num diapasão bastante desafinado entre as duas e com os grupos sociais historicamente subalternizados, às avessas, forjando um tecido social e institucional marcado por *privilégios*, (re) produzindo dominação e opressão social, étnico-racial e patriarcal, conformando, por conseguinte, múltiplas formas articuladas de opressão, desigualdade e exclusão social, o que imprime toda uma particularidade para se enfrentar e debater esse tema no país dada sua formação histórica marcada por um capitalismo dependente e periférico, uma modernização-colonialista. Contudo, como ainda nos adverte o referido autor (1986), é importante não negligenciar e secundarizar toda uma história de luta que emerge *de baixo*, das *margens*, para tencionar essa restrita e raquítica república e

---

<sup>3</sup> O sentido de democracia é concebido aqui como um regime, um fenômeno histórico e social inconcluso e inacabado. Por isso, denominar-se, também, de *democratização*. Processo, que implica correlação de poder e conflito de interesses, que precisa ser considerado em cada momento histórico e sociedade, sua especificidade, sua formação histórica e sua relação mundial (SANTOS; AVRITZER, 2003; SANTOS; MENDES, 2018; TILLY, 2013).

<sup>4</sup> Para outras leituras sobre esse dilema da democracia brasileira, consultar: Sérgio B. de Holanda (1995), Florestan Fernandes (2020), Murilo de Carvalho (2016), Marilena Chauí (2001); Boaventura Santos; Leonardo Avritzer (2003).

democracia no horizonte de alargamento, expansão e vigor de cidadania e direitos, como por exemplo a Constituição de 1988.

Na atualidade da sociedade brasileira, estamos vivendo uma crise de múltiplas dimensões e um grave *retrocesso democrático e civilizatório*<sup>5</sup> com implicações e inflexões profundas para diversos campos da ciência e da pesquisa, em particular para as humanidades, e para diversos setores da sociedade, como a saúde, a educação, a cultura, o meio ambiente etc., agravando e esgarçando, profundamente, as relações institucionais e condições de vida na sociedade, em particular da classe trabalhadora, dos povos originários e comunidades tradicionais e camponesas, da população negra e LGBTQIA+, das mulheres etc. (CPT, 2018; 2019; 2020; Anistia Internacional, 2020; 2020/2021).

É bem verdade que a crise brasileira já dava seus sinais na transição do primeiro para o segundo mandato da presidente Dilma Rousseff<sup>6</sup>. Ela vai tentar avançar no projeto Lulista, radicalizando em dois “ensaios”: *desenvolvimentista* e *republicano* (SINGER, 2018). Contudo, como assinala Singer, seu governo, em face das medidas e políticas adotadas, vai contrariar diversos setores da classe burguesa, em particular a fração rentista, e, como resposta, o governo Dilma vai, também, sofrer diversas retaliações das frações dessa classe burguesa e, assim, suas fissuras vão começar a se transformar em grandes rachaduras, fazendo desmoronar essas relações (*alianças de pés de barro*), trazendo à baila uma crise, que vai está já em gestação com os movimentos e protestos de junho que tomaram conta do país, passando a ser hegemonizados por setores conservadores e reacionários (GOHN, 2017; SINGER; VENTURI, 2019).

No final do primeiro e início do segundo governo de Dilma Rousseff, a *guinada neoliberal* já era flagrante e se expressou no avanço da agenda de ajuste fiscal, cortando e reduzindo os investimentos em programas, políticas sociais, colocando em risco as tímidas, mas relevantes conquistas sociais e trabalhistas da década anterior<sup>7</sup>. No entanto, é, também, verdade que essa crise vai se agudizar sobretudo com o *impeachment* da referida presidente<sup>8</sup> em agosto de 2016, e com o recrudescimento hegemônico da racionalidade neoliberal, aprofundando, sem precedentes, a

---

<sup>5</sup> É preciso compreender esse quadro mais particular na relação com o avanço da extrema direita no mundo e com a conquista de eleições por vias democráticas desses setores e o desmonte da democracia por eles. Sobre isso, consultar: Levitsky e Ziblatt (2018), Manuel Castells (2018); Boaventura Santos (2016); Adam Przeworski (2020), e Giuliano Da Empoli (2021).

<sup>6</sup> Um desses sinais da crise da democracia brasileira pode ser ilustrado com a não aceitação do resultado eleitoral de 2014 pelo candidato Aécio Neves (PSDB), forjando um evidente flagrante contra as normas democráticas (SINGER, 2018; AVRITZER, 2019), expressando as profundas contradições e fragilidades dessa “democracia de baixa intensidade” (SANTOS, 2007, 2016).

<sup>7</sup> Conforme argumentei em outro momento (CORRÊA, 2014), entendo que, mesmo durante a Era Lulista e sua Agenda Neodesenvolvimentista, não se rompeu estruturalmente com a agenda neoliberal, mas se reduziu a sua ênfase e influência na orientação da agenda política do Estado com base numa tensa e contraditória conciliação de classes.

<sup>8</sup> Esse processo de *impeachment* da presidente Dilma foi conduzido de forma bastante controversa e tendenciosa. Sobre esse tema, consultar Jesse Souza (2016); Wanderley dos Santos (2017); Leonardo Avritzer (2019); André Singer (2018, 2019).

reorientação e *inflexão* da agenda política do Estado com o governo de Michel Temer, que passou a implementar uma série de Reformas (ou melhor *Contrareformas*), que provocaram um “novo/velho” cenário de desmonte de direitos individuais e coletivos na sociedade brasileira (SINGER, 2018), intensificando sua condição de *autocracia burguesa* e de *capitalismo dependente* (FERNANDES, 2009, 2020)<sup>9</sup> como marca da modernização colonialista, à custa do sacrifício da democracia e da república brasileiras<sup>10</sup>.

No tocante a esse processo de *impeachment* da presidente Dilma, o mesmo pode ser lido sob uma nova chave interpretativa de *golpe*, que usa das contradições e ambiguidades das constituições democráticas liberais para golpear o próprio regime e a ordem institucional legal por *dentro* dela, sem rupturas drásticas e quarteladas. Sob diferentes ângulos e perspectivas teóricas, esse novo fenômeno vem sendo debatido em nível internacional<sup>11</sup> e, especificamente, no Brasil<sup>12</sup>. O conceito de contrarrevolução de Florestan é muito atual para chamar atenção da atuação da classe dominante brasileira na atualidade para breçar e reprimir toda e qualquer experiência de ampliação de direitos e de democratização da sociedade.

Em relação às (contra)reformas do governo Temer, a trabalhista (Lei 13.467) representou uma importante vitória da racionalidade de mercado e uma profunda derrota para a classe trabalhadora, quer do ponto de vista econômico e social, quer do ponto de vista político e subjetivo. A precarização das condições de trabalho, com essa reforma, se intensifica e expande-se sem precedentes, retrocedendo a momentos anteriores da Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) (VERAS DE OLIVEIRA et al., 2019; POCHMANN, 2018).

A Proposta de Emenda Constitucional (PEC) 241 (na Câmara), que se transformou em PEC 55 (no Senado), conhecida, difundida e defendida pela grande mídia como “Teto dos gastos públicos”, foi aprovada no dia 13 de dezembro de 2016, estabelecendo um **teto de gastos públicos** para o país, que passou a vigorar em 2017. Como a PEC propõe mudanças na Constituição e dependendo do projeto de país a que ela está vinculada, ela pode produzir mudanças importantes no sentido de

---

<sup>9</sup> Sobre esses conceitos, ver Florestan Fernandes (2009, 2020). No atual contexto, esse autor vem sendo bastante revisitado por chamar atenção para a especificidade de nossa burguesia e de nosso capitalismo, que anda de mãos dadas com o colonialismo e com o racismo, conformando um desenvolvimento heterônomo, uma democracia restrita, de base autocrática.

<sup>10</sup> Para uma leitura dos dilemas e desafios atuais da democracia brasileiras, consultar Alonso et al (2019).

<sup>11</sup> Sobre esse debate, consultar Levitsky e Ziblatt (2018), Castells (2018); Santos (2016); Santos; Mendes (2018); Przeworski (2020). Para não reforçar e reproduzir uma *geopolítica desigual de conhecimento* (MIGNOLO, 2005) e as *linhas abissais* (SANTOS, 2010), é importante ressaltar que esse debate internacional guarda toda uma especificidade de pontos de vista, e não linear e universal, mas sim pluriversal (SANTOS, 2019).

<sup>12</sup> Consultar sobre esse debate: Souza (2016); Santos (2016); Guilherme dos Santos (2017); Avritzer (2019); Singer (2019); Chauí (2019). Para não reproduzir essa *geopolítica desigual do conhecimento*, é relevante, também, não situar o pensamento brasileiro num *provincianismo*. É preciso fomentar uma *desprovincialização* (COSTA, 2006) e *ecologia de saberes* (SANTOS, 2006, 2010).

democratização da sociedade e do Estado, garantindo e alargando direitos e cidadania, mas pode, também, seguir um caminho contrário. E foi justamente esse o caminho antidemocrático da racionalidade neoliberal escolhido e imposto pelo governo Temer, por meio dessas PECs: um movimento de desmonte e de *direitização* da Constituição Brasileira de 1988, impondo o congelamento dos investimentos públicos na saúde e na educação por vinte anos, gerando impactos desastrosos a curto, médio e longo prazos sem precedentes para o povo brasileiro, em particular para as classes e grupos sociais subalternizados, que dependem dos serviços públicos.

Essa é mais uma concreta política antidemocrática, que, de um lado, expressa a subordinação ao mercado e possibilita e incentiva a ampliação da dinâmica de acumulação de capital via apropriação privatista do *dinheiro público* (OLIVEIRA, 1998)<sup>13</sup>, mas, também, de outro lado, leva à produção e reprodução da exclusão social, que aprofunda e agudiza ainda mais a desigualdade na sociedade brasileira, em especial na saúde e educação.

Se sem a crise sanitária atual já era visível o tamanho do erro histórico que o Estado brasileiro estava cometendo, combatendo um relevante projeto e política pública como o Sistema Único de Saúde (SUS), com a emergência da pandemia, não é difícil dimensionar que tal medida contribuiu, decisivamente, para criar um terreno propício de vulnerabilidade às milhares de morte no país, em particular das classes e grupos sociais subalternizados.

No tocante à educação pública, essa medida apresenta impactos negativos estruturantes, que atingem desde a educação básica ao ensino superior<sup>14</sup>. Essa medida impôs grandes obstáculos para implementação e concretização das políticas públicas definidas no Plano Nacional de Educação (PNE) (2014), que está assentado na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (2021), comprometendo, por conseguinte, a garantia de direitos fundamentais aí estabelecidos. Ademais, o impacto na pesquisa, na ciência e na inovação apresentou outro grave problema, posto que com a redução de investimento nas universidades públicas e em pesquisa, tanto a formação e ampliação de pesquisadores (as) no país ficou comprometida, como propriamente as pesquisas e inovações científico-tecnológicas, para enfrentar os problemas estruturantes do país e orientar e balizar os caminhos das políticas públicas para um projeto de Nação democrático.

Isso expressa, como lembra Florestan (2020a, 2020b), o quanto a sociedade e educação brasileiras têm estruturantes desafios para construir uma democracia social, haja vista que essa democratização não pode prescindir tanto da distribuição socioeconômica quanto do

---

<sup>13</sup> Francisco de Oliveira (1998), nos anos 90 e início dos 2000, ao fazer uma crítica ao neoliberalismo, já desnudava uma lógica de acumulação específica no Brasil, deixando uma relevante contribuição ao debate atual.

<sup>14</sup> Ainda no “governo ‘interino’” de Michel Temer, Marcelino (2016) já assinalava o descaminho do financiamento da educação brasileira.

reconhecimento da diversidade. Para Florestan, não existe democracia com desigualdade social e racial. A contribuição da sociologia crítica de Florestan sobre esse quadro histórico é muito importante e atual para interpretar os impactos danosos desse modelo hegemônico neoliberal nessas políticas públicas, posto que sua análise não fica presa na relação estrutural do capital, de *classes* – economia política – , mas articular a outras dimensões e dinâmicas de dominação e opressão, de *processos de subjetivação*, considerando a especificidade de cada realidade, sociedade, seu tipo de capitalismo dependente e periférico, como o brasileiro, que não está dissociado de sua relação com o colonialismo, racismo e patriarcado, evidenciando sua dupla face indissociável e dialética moderno-colonial<sup>15</sup>.

Por isso, que construir uma sociedade democrática implica não só o enfretamento e superação do sistema capitalista, mas, também, do colonialismo e do patriarcado, sistemas de dominação e opressão que operam articuladamente na realidade latino-americana/brasileira, o que conforma sua particularidade e precisa ser tratada analiticamente em sua interpretação crítica. Entendo que essa é uma importante chave de releitura do pensamento freireano, para revigorar sua imaginação social e educacional crítica e criativa (CORRÊA, 2021).

Portanto, além do dramático quadro de desemprego e precarização das condições de trabalho e de pobreza e desigualdade socioeconômica, que se acirram como resultados dessas reformas, é preciso identificar, também, nesses processos traumáticos da sociedade e, em particular da educação, o racismo estrutural e institucional bem como o machismo, o patriarcado, a homofobia, a fim de colocar num outro patamar e perspectiva o debate da democracia, isto é, das excluídas e dos excluídos, das oprimidas e dos oprimidos. Nesses termos, *o projeto de modernização* do governo Temer é a expressão concreta da reprodução e intensificação desses sistemas de dominação e opressão, dessa modernização colonial.

É no horizonte de continuidade mais aguda de crise da democracia e de civilização, que é entendido o governo de Jair Bolsonaro. A emergência dessa *personalidade autoritária* (ADORNO, 2019), do movimento que lhe dá sustentação e de seu governo não podem ser compreendidos sem o reconhecimento da formação histórica da sociedade brasileira, marcada pelo autoritarismo ainda tão vivo em nossas instituições e relações sociais (FERNANDES, 2020), bem como sem esses novos condicionantes do tempo presente, que ajudam a entender a emergência dessa onda populista autoritária de extrema direita no mundo (DA EMPOLI, 2021; ), em particular no Brasil como o movimento bolsonarista (ALONSO, 2019).

---

<sup>15</sup> Numa linhagem de marxismo aberto e renovado na América Latina, destaco algumas contribuições a esse debate: Jose Carlos Mariategui, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro e Paulo Freire. Destaco, também, a contribuição do pensamento decolonial e das epistemologias do Sul na renovação desse debate e na releitura desses autores.

Em 2018, Jair Messias Bolsonaro (atualmente, filiado ao Partido Liberal - PL, mas foi eleito pelo Partido Social Liberal - PSL), representante do campo político de extrema direita, é eleito presidente do Brasil. A racionalidade neoliberal assume outros contornos com o avanço de toda uma onda ultra conservadora e reacionária no mundo, que impôs, com vigoroso teor e trabalho político-ideológico religioso e de mercado, um aprofundamento dessas (contra)reformas, com marcante traço obscurantista e autoritário, desmontando e esvaziando as instituições e as políticas públicas anteriores, além de todo um trabalho ideológico de criminalização de povos, movimentos e organizações sociais que se colocam num campo de oposição a esse governo (CPT, 2019, 2020), marcando um profundo retrocesso dos direitos humanos no país (Anistia Internacional, 2020; 2020/2021).

Durante a campanha presidencial<sup>16</sup>, Jair Bolsonaro, em discurso, por meio de vídeo, para seus seguidores na avenida paulista, deu o recado para os seus opositores, afirmando uma postura típica de uma personalidade autoritária, um ditador: “Essa turma, se quiser ficar aqui, vai ter que se colocar sob a lei de todos nós. Ou vão para fora ou vão para a cadeia”. Defendeu, ainda, fazer “uma limpeza nunca vista na história desse Brasil. Vamos varrer do mapa esses bandidos vermelhos do Brasil”<sup>17</sup>. Ainda durante a campanha presidencial, o documento do Plano de Governo (2018) do referido candidato já apontava para um forte combate e perseguição ideológica ao pensamento crítico, em especial de esquerda marxista. Nesse documento, a perseguição e o combate ao pensamento do educador Paulo Freire é explícita, assim como às organizações e movimentos sociais que se situem nesse espectro político-ideológico. Além disso, a defesa da iniciativa privada e de valores tradicionais, com forte toque fundamentalista, marcam bem essa plataforma de poder emergente populista de extrema direita.

Isso demonstra objetivamente um “homem público” pelo avesso<sup>18</sup>, que chega à presidência da república de um país, que não aceita oposição, que não aceita o contraditório\crítica, que não aceita o pensar diferente, por isso, ele defende a perseguição de seus opositores, o que só é possível num regime autoritário. Sobre esse grande risco trilhado pelo país, o sociólogo Gabriel Cohn (2018) sustenta e adverte que “temos uma temática explosiva, pronta a causar sérios problemas se não for

---

<sup>16</sup> Tanto a tese do “golpe parlamentar” contra a presidente Dilma (PT), bem como da ilegalidade do julgamento e prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do impedimento de sua participação na eleição presidencial de 2018 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ganharam mais robustez com o fenômeno da “Vaza Jato”. Em fevereiro de 2021, a segunda turma do Supremo Tribunal Federal (STF) anulou as condenações do ex-presidente Lula e reconheceu a parcialidade do juiz Sérgio Moro no julgamento e condenação do referido presidente, o que possibilitou a Lula recuperar seus direitos políticos. Em 2022, Lula foi eleito presidente do Brasil pela 3ª vez numa disputa muito acirrada com o Bolsonaro. Nessa eleição, Moro foi eleito para o senado federal. Na atualidade, ele está sendo julgado e pode perder seu mandato.

<sup>17</sup> Ver reportagem na Revista Fórum (2018).

<sup>18</sup> O fenômeno político e psicossocial Bolsonaro pode ser lido sob diferentes interpretações. Uma delas é da “personalidade autoritária” de Adorno (2019).

neutralizada em tempo”. Com a ajuda de Florestan (1986) ao fazer à crítica a “nova república”, chamando atenção para o não acerto de contas com a ditadura, Bolsonaro é um típico exemplo de um país que não resolveu seus problemas históricos. Ao contrário, estão muito presentes e seus fantasmas reaparecem para mostra o quanto do nosso passado está em nosso presente e obstaculizando nossos avanços futuros.

Nessa trilha antidemocrática, o presidente Bolsonaro, ainda no início de seu governo para comemorar os seus 100 dias, assina um Decreto (9.759), que já ansiava por desmontar e esvaziar o papel da sociedade civil no controle social do Estado. Com esse Decreto, ele objetivava diminuir de 700 para 50 o número de Conselhos previstos pela Política Nacional de Participação Social (PNPS) e pelo Sistema Nacional de Participação Social (SNPS).

De acordo com esse Decreto, além desses Conselhos, também, entraram nessa mira tirânica os comitês, as comissões, grupos, juntas, equipes, mesas, fóruns e salas e outras formas, que tinham um caráter de colegiado para viabilizar o controle social, a transparência, o debate e fiscalização de políticas públicas e relação entre sociedade civil e poder público, contudo, estes foram desmontados e desfigurados de sentido e o pouco que restou foi instrumentalizado para atender ao interesse privatista do atual governo, dando, assim, um passo decisivo em direção a um projeto autoritário. Em pesquisa do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP), evidencia-se, após dois anos do referido Decreto, que o governo Bolsonaro, em larga medida, desmontou e esvaziou essa estrutura de participação popular. Conforme o CEBRAP, a pesquisa mostra que naquele momento, “75% dos comitês e conselhos nacionais mais importantes estão esvaziados ou foram extintos”<sup>19</sup>.

No tocante à política educacional do Ministério da Educação (MEC), o governo Bolsonaro revela um grande retrocesso e muita incompetência, regredindo em conquistas e avançando na crise e precarização da educação brasileira, em particular a pública, aprofundando o abismo da desigualdade no sistema educacional. Durante a gestão Bolsonaro, passaram cinco Ministros pela pasta do MEC. O primeiro a assumir foi Ricardo Vélez, que ficou na pasta por três meses, até abril de 2019, e tinha o interesse, em coerência com a agenda do governo Bolsonaro, de mudar os livros didáticos para “revisar” (diga-se: distorcer e negar) a maneira como o golpe militar de 1964 no país e a ditadura são tratados historicamente. Ele defendia que a universidade era um espaço para uma “elite intelectual”, e não para todos. O segundo foi Abraham Weintraub. Ele compunha o núcleo ideológico mais fiel ao presidente e foi um marco de autoritarismo e incompetência na gestão da educação, destruindo conquistas e produzindo retrocesso. Com base num discurso moralista e raivoso, longe do que exige um cargo de ministro, ele implantou uma política de retenção de recursos (30%) para as

---

<sup>19</sup> Ver reportagem no Jornal Nacional (2021).

universidades públicas e puniu com severos cortes os cursos de filosofia e sociologia para deslocar esse recurso àqueles cursos/áreas supostamente mais “produtivos” aos olhos de seus contribuintes. O terceiro foi Carlos Alberto Decotelli, que não chegou nem a tomar posse, posto que foram constatadas informações falsas em seu *lattes*, como doutorado e pós-doutorado, o que gerou mais um desgaste para o governo e para o referido professor. O quarto a assumir a pasta foi Milton Ribeiro, pastor presbiteriano, professor e ex-reitor da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ele assumiu no contexto da pandemia e, como marca desse governo, assumiu fazendo declarações polêmicas, afirmando que assumiu um “cargo espiritual” e defende a universidade como um espaço social restrito a uma elite. Ele foi afastado do cargo por denúncia de corrupção, em que foi apontado fortes indícios de favorecimento de liberação de verba do governo federal a prefeituras ligadas a pastores evangélicos. O último ministro do MEC nessa gestão Bolsonaro foi Victor Godoy Veiga. Em abril de 2022, ele foi oficializado como novo ministro, contudo, sua experiência profissional nunca esteve ligada ao campo da educação. (ABRUCIO, 2021; MATOS, 2022).

Cabe ressaltar que o *território da educação* já se apresentava como um dos mais mirados pela artilharia desse governo tendo em vista seu projeto de poder autoritário. Nesse caso, as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas, em particular os cursos e programas de pós-graduação em ciências humanas/sociais, eram as mais visadas. Nessa trilha do governo Bolsonaro para o Estado, a educação e a sociedade brasileiros, um programa assumiu a baliza e a dianteira, chamado atenção: o *Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares* (Pecim). Ainda que essa não seja a única iniciativa de militarização da instituição escolar no país, contudo, esse programa federal chama atenção pela sua origem, concepção e particularidade, sua forma e conteúdo, idealizado e proposto por um governo populista de extrema direita e defensor contumaz da ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), a qual, para Bolsonaro, representou uma “revolução” em defesa da democracia e “libertação” do risco socialista/comunista na sociedade brasileira.

Esse programa foi desenvolvido pelo Ministério da Educação com o apoio do Ministério da Defesa e foi implementado em colaboração com os Estados, os Municípios e o Distrito Federal” (BRASIL, 2019). O Pecim buscou se pautar no discurso e ideário da melhoria da gestão educacional, didático-pedagógica e administrativa “baseada nos padrões de ensino adotados pelos colégios militares do Comando do Exército, das polícias militares e dos corpos de bombeiros militares” (Art. 2º, II).

Ao fazer uma avaliação da política de educação dos dois primeiros anos do governo Bolsonaro, o *Observatório da Democracia*<sup>20</sup> destaca em seu Relatório da Educação que “uma das poucas atuações do MEC” em 2019 se reduziu e restringiu ao citado programa acima. Em seu relatório, o Observatório identifica um evidente processo de “‘militarização’ das estruturas do Estado” brasileiro, o que se liga a sua orientação político-ideológica conservadora e retrograda, expondo um grande retrocesso na política educacional e grave problema para educação básica.<sup>21</sup>

Esse foi um dos programas que seguiram o repertório de sua base de apoio bolsonarista, que defende a intervenção militar, a liberalização e o armamento da população civil; o combate à violência com aumento da punição e maior rigor das leis (redução da maior idade penal e pena de morte); a defesa da manutenção da ordem pela disciplina, hierarquia e moral (coaçoão e controle dos corpos); a defesa dos valores tradicionais, como família tradicional (branca, heterossexual e cristã, a obediência ao patriarca e à autoridade, sobretudo masculina); a defesa da propriedade privada, e o combate vigilante ao pensamento marxista, em especial do educador Paulo Freire, concebido com “doutrinador” e “perigoso” para esse modelo de educação e sociedade (PROGRAMA DE GOVERNO DE JAIR BOLSONARO, 2018). Esse combate incluí, sobretudo, o uso sistemático das redes sociais para disseminar *fake news* (notícias falsas) e ódio, medo e terror.

Nesses termos, esse programa das escolas cívico-militares do governo federal pode ser inscrito no contexto, não só de militarização do Estado, mas, também, da sociedade brasileira em seu conjunto se tomarmos o conceito de *Estado ampliado* de Antonio Gramsci (2011), segundo o qual, a *sociedade política* (aparelhos coercitivos, que operam a *dominação* com predominância da força) e *sociedade civil* (aparelhos privados de hegemonia, que operam a construção da *hegemonia* pelo consenso, *ideologia*) relacionam-se dialeticamente, a fim de (a depender da direção das classes e grupos sociais dominantes e hegemônicos na sociedade), conservar a ordem social vigente ou transformá-la.

No caso do atual cenário brasileiro, esse programa das escolas cívico-militares é direcionado por setores conservadores e reacionários das classes e grupos dominantes, para reprodução, imposição e expansão de seus interesses materiais e simbólico-culturais, o qual busca tanto conservar alguns ideais da ordem social hegemônica, como a propriedade privada, o livre mercado e o trabalho (*precarizado*), como, também, regredir, “restaurar” ideais obscurantistas do passado, como

---

<sup>20</sup> O *Observatório da Democracia* constitui-se num grupo formado por fundações partidárias, predominantemente de esquerda, que busca acompanhar diversos temas nacionais, como democracia, educação, produzindo e divulgando relatórios sobre os mesmos, a fim de orientar e influenciar na formulação de políticas públicas e de projeto de país. Sobre isso, consultar o portal desse grupo.

<sup>21</sup> Ver reportagem *Relatório Observatório da Democracia: Políticas públicas para educação 2019-2020* (2021). O presente relatório toma como base de referência para construir seu ponto de vista, além dos documentos oficiais do MEC, os Relatórios (Anuais de Acompanhamento do Educação Já) de 2019 e 2020, coordenados pelo *Todos pela Educação*.

a moral religiosa cristã, a família tradicional, a disciplina e hierarquia militar como únicas e legítimas para reestabelecer um ideal de ordem na sociedade e educação brasileiras.

É, também, digno de destaque que a sociedade brasileira expressa relevantes possibilidades e marcas de democratização, advindas de lutas históricas de diversos setores e grupos sociais, em particular dos povos, das classes e grupos sociais subalternos e excluídos, que ajudaram a construir e alargar um sentido material e simbólico dos direitos e da cidadania no Brasil (CARVALHO, 2016). Nesses termos, a sociedade brasileira, em particular os temas da democracia e da educação pública, é eivada e (re)inventada historicamente por contradições e conflitos sociais, que evidenciam estruturas, processos e dinâmicas sociais, políticos, econômicos, culturais, territoriais e ambientais de continuidades e descontinuidades. Sob essa chave de interpretação, é possível ler mais um capítulo da história do país, em especial de sua democracia e educação pública, que se encontram encurraladas e asfixiadas pela atual cruzada fundamentalista-autoritária, que faz o país retroceder e caminhar ao encontro do obscurantismo, mas, que também, enfrenta resistências e lutas de diversos setores da sociedade, mesmo que ainda, em larga medida, na defensiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, se o desafio da democratização do país implica continuar enfrentando o problema estrutural das relações desiguais entre classes sociais, outros desafios (junto com esse: gênero/sexual, étnico-racial, ambiental) são postos à prova para, de fato, inventarmos uma sociedade e educação democráticas na sua radicalidade. A luta, portanto, por esse processo de democratização passa pela redistribuição da riqueza de bens materiais e simbólico-culturais, mas, também, passa necessariamente pelo reconhecimento dos direitos, das diferenças, das subjetividades e do conhecimento de se autorepresentar, que possam emergir *a partir de dentro e de baixo, das margens do Sul*. Isso mostra contribuições da sociologia crítica de Florestan para compreensão da crise da democracia brasileira na atualidade, mas também limites para dar conta de outras dimensões estruturantes.

## **REFERÊNCIAS**

- ADORNO, Theodor. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- AGUIAR, Márcia A. da S. Reformas conservadoras e a “nova educação”: orientações hegemônicas no MEC e no CNE. *Educ. Soc.*, Campinas, v.40, 2019.
- ALONSO, Ângela. A comunidade moral bolsonarista. In: ALONSO, Ângela; et al. (Orgs). *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALONSO, Ângela; et al. (Orgs). *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Anistia Internacional. *Informes 2020/21: O estado de direitos humanos no mundo*. Disponível em: <<https://www.amnesty.org/download/Documents/POL1032022021BRAZILIAN%20PORTUGUESE.PDF>>. 2021. Acesso em 20 de abril/2021.

Anistia Internacional. Relatório: *Direitos humanos nas Américas: retrospectiva 2019*. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2020/03/02/relatorio-aponta-que-2019-foi-ano-de-retrocessos-para-os-direitos-humanos-no-brasil/>>. Acesso em 10 de Janeiro/2021.

ARAÚJO, Ronaldo. A reforma do ensino médio do Governo Temer, a educação básica mínima e o cerco ao futuro dos jovens pobres. *Revista HOLOS*, Ano 34, Vol. 08, 2018.

AVRITZER, Leonardo. *O pêndulo da democracia*. São Paulo: Todavia, 2019.

BRASIL. Balanço MEC 2019. Portal do MEC. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/images/Balanco-MEC-2019.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro/2021.

CARVALHO, José M. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

CASTELLS, Manuel. *Ruptura: a crise da democracia liberal*. Rio de Janeiro: Zará, 2018.

Centro de Referência em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/reportagens/o-impacto-do-teto-de-gastos-sobre-as-politicas-de-educacao/>>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: uma nova forma de totalitarismo. *A terra é redonda*. P. 1.; 2019. Disponível em <<https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>>. Acesso em 06 de outubro de 2020.

Comissão Pastoral da Terra. *Conflitos no Campo – Brasil 2018*. Goiânia: CPT Nacional, 2018.

Comissão Pastoral da Terra. *Conflitos no Campo – Brasil 2019*. Goiânia: CPT Nacional, 2019.

Comissão Pastoral da Terra. *Conflitos no Campo – Brasil 2020*. Goiânia: CPT Nacional, 2020.

COHN, Gabriel. A nova cara do presidencialismo. *Le Monde Diplomatique* (Brasil). Novembro, 2018. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/a-nova-cara-do-presidencialismo/?fbclid=IwAR3oqnNtyigOR6M8E-kiimGfbZ5ZuPoBLxRjboFujGUASeo5zxYxWfEEiqY>>. Acesso em 10 dezembro de 2018.

COSTA, Sérgio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Rev. bras. Ci. Soc.* 21 (60). Fev 2006.

DA EMPOLI, Giuliano. *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio, 2020.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. [Tradução: Mariana Echalar]. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2016 (Col. Estado de Sitio).

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. 4. ed. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. *A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. Curitiba: Kotter Editorial; São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

GOHN, Maria da G. *Manifestações e protestos no Brasil: correntes e contracorrentes na atualidade*. São Paulo: Cortez, 2017. (Coleção: Questões de nossa época).

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere, v.3: *Maquiavel: notas sobre o Estado e a política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Jornal Nacional. “75% dos comitês e concelhos nacionais mais importantes estão esvaziados ou foram extintos”, 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/10/25/pesquisa-mostra-que-75percent-dos-conselhos-e-comites-nacionais-foram-extintos-ou-esvaziados-no-governo-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em 10 de novembro de 2021.

LEVITSKY, Steven; ZIBLAT, Daniel. *Como as democracias morrem*. Rio de Janeiro: Zará, 2018.

- OLIVEIRA, Francisco de. Políticas do antivalor, e outras políticas. In. HADDAD, Fernando. (Org). *Desorganizando o consenso: nove entrevistas com intelectuais à esquerda*. Petropolis-Rj: Vozes, 1998.
- Proposta de plano de governo: “o caminho da prosperidade”, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/Bem%20Viver/Downloads/plano%20de%20governo%20bolsonaro.pdf>. Acesso em 20 de outubro de 2018.
- POCHMANN, Márcio. “O neoliberalismo do governo Temer trouxe a nova segregação social”. *Estudo da FGV Social*, 2018. Disponível em: <<https://portal.fgv.br/noticias/pobreza-e-desigualdade-aumentaram-ultimos-4-anos-brasil-revela-estudo>>. Acesso em: 20 de jun/2020.
- PRZEWORSKI, Adam. *Crise da democracia*. Rio de Janeiro: Zarár, 2020.
- Relatório Observatório da Democracia: Políticas públicas para educação 2019-2020. Disponível em: <<https://observatoriodademocracia.org.br/2021/04/09/as-politicas-publicas-para-a-educacao-2019-2020/>>. Acesso em 10 de março/2021.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O Fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2019.
- \_\_\_\_\_. *A difícil democracia: reinventar as esquerdas*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- SANTOS, Boaventura de S; MENDES, José M (Orgs). *Demodiversidade: imaginar outras possibilidades democráticas*. Belo Horizonte-MG: Autêntica Editora, 2018.
- SANTOS, Boaventura de S; MENEZES, Maria P. (Org). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, Boaventura de S; AVRITZER, Leonardo. Para ampliar o cânone democrático. In. SANTOS, Boaventura de S (Org). *Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. VI.
- SANTOS, Wanderley G. dos. *A democracia impedida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017.
- SINGER, André. *O lulismo em crise: o quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016)*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. v. 1. 389p.
- SINGER, André; VENTURI, Gustavo. Sismografia de um terremoto eleitoral. ALONSO, Ângela; et al. (Orgs). *Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SOUZA, Jesse. *A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: LeYa, 2016.
- TILLY, Charles. *Democracia*. Petropolis-RJ: Vozes, 2013.
- VERÁS DE OLIVEIRA, Roberto, et al. (Orgs). *Reforma trabalhista no Brasil: promessas e realidade*. Campinas-SP: Curt Nimuendajú, 2019.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**IMPACTOS POLÍTICOS DO GREAT LOCKDOWN NOS ESTADOS BRASILEIRO E MEXICANO**Marcus Ianoni<sup>1</sup> (PPGCP-UFF)

**Resumo:** A pesquisa investiga impactos políticos, no Brasil e México, do *Great Lockdown* ou *COVID-19 recession*, crise econômica internacional que ocorreu entre 2020 e 2022. Para operacionalizar a investigação, recorre-se a uma conceituação tridimensional do Estado, duas referentes às suas funções – ele é *regime político* e *aparato decisor* – e outra à sua estrutura, dada sua condição de *aparelho de dominação política alavancado em coalizões*. Argumenta-se que as crises internacionais tendem a reequacionar este conteúdo tridimensional do Estado. Formulam-se duas hipóteses. A primeira hipótese é que, dada a íntima conexão, na pandemia, entre a saúde pública e a economia, a COVID-19 enfraqueceu o governo Bolsonaro, a tal ponto de que, na sucessão presidencial de 2022, formou-se uma frente ampla democrática contra sua candidatura, fato distinto do que ocorreu em 2018, quando os empresários se uniram em seu apoio, no segundo turno, bem como sua votação na região Sudeste foi bem maior. Resultado: Lula venceu, ensejando a reversão da autocratização. A segunda hipótese refere-se ao México: antes da pandemia, AMLO organizou-se na coalizão *Juntos haremos historia*, reunindo forças de centro-esquerda e esquerda, cujo conteúdo programático é antineoliberal, da qual não participou o grande empresariado, que, pelo contrário, se opôs a ela; ademais, apesar do mal desempenho de AMLO na gestão da pandemia, sua política econômica e social antineoliberal teve impactos populares positivos no crescimento e na redistribuição; por fim, as evidências não permitem dizer que houve regressão democrática naquele país, cujas tendências autoritárias são endógenas ao sistema político, dificultando a consolidação da democracia.

**Palavras-chave:** Recessão da COVID-19, Estado, regimes políticos, coalizões, autocratização

**Introdução**

Vários fatores têm sido relacionados ao desencadeamento de mudanças qualitativas ou quantitativas no regime político. A mudança qualitativa implica a *substituição* de um tipo de regime para outro, enquanto a quantitativa diz respeito a alguma alteração *no regime existente*, tornando-o mais ou menos autoritário ou democrático. Entre os fatores que desencadeiam estas mudanças, estão, especialmente, as crises econômicas, as condições socioeconômicas (renda per capita, alfabetização e educação, nível de urbanização, qualidade e extensão dos meios de comunicação) e as condições socioestruturais (homogeneidade social, desigualdade baixa ou moderada, distribuição relativamente uniforme de poder entre grupos sociais e lealdades abrangentes ou clivagens transversais como fatores que facilitam a democracia, cultura política, instituições políticas, legados e/ou padrões políticos e econômicos internacionais e o ambiente mundial ou regional). Alguns autores criticam abordagens que buscam explicar as mudanças de regime focando demasiada ou exclusivamente em fatores estruturais. Tais críticas alegam que abordagens preponderantemente

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense. Email: marcusianoni@id.uff.br .

apoiadas nestes fatores desconsideram os processos reais que permitiriam compreender adequadamente as causas das mudanças em questão (Gasiorowskj, 1995; Dahl 1971; Lijphart 1977; Almond, 1980; Huntington, 1991).

Entre os fatores acima mencionados, as crises econômicas ocupam um lugar de destaque em diversos estudos sobre as causas das mudanças de regime (Gasiorowskj, 1995, p. 882; Berger and Spoerer, 2002, pp. 293-94; Dowd, 2003, pp. 126-27; Djuve and Knutsen, 2023). Evidências históricas revelam que crises econômicas induzem à configuração de situações e relações que ensejam tanto processos políticos democratizantes quanto autoritários, a depender de variáveis específicas de cada caso.

Estas abordagens inserem-se no que denominamos economia política dos regimes políticos. Porém, a análise ganha em profundidade se mobilizarmos o conceito de Estado. Na verdade, regime político é uma das três dimensões do conceito de Estado aqui formulado para operacionalizar o trabalho de pesquisa a ser exposto. As outras duas são as estruturas de coalizões simultaneamente sociopolíticas e político-institucionais às quais todo Estado está vinculado e as decisões políticas, sobretudo as que se referem à política econômica e às regras do jogo político (Ianoni, 2024).

Os três principais argumentos teóricos são os seguintes:

- Processos de democratização induzidos por crise econômica internacional dependem de respostas políticas que impliquem, relativamente ao contexto autocratizante imediatamente anterior, em coalizões ideologicamente democráticas, em decisões visando ampliar a inclusão econômica e social (pelo mercado e pelo Estado) e/ou que, pelo menos, mantenham as liberdades e direitos civis e políticos ou as expandam. O compromisso democrático dos atores opera contra a autocratização.
- Processos de autocratização induzidos por crise econômica internacional dependem ou a) de respostas políticas que impliquem, relativamente ao contexto imediatamente anterior, em coalizões ideologicamente autoritárias, em decisões que priorizem a eficiência de mercado e que restrinjam as liberdades e direitos civis, políticos e sociais; ou de respostas políticas que impliquem, relativamente ao contexto imediatamente anterior, em b) coalizões ideologicamente autoritárias, em decisões de políticas públicas econômica e socialmente includentes, ao menos relativamente, mas político-institucionalmente restritivas às liberdades civis e políticas.
- Processos neutros em termos de autocratização/democratização podem impactar tanto as coalizões de sustentação do Estado como as decisões políticas, mas não alteram qualitativa e/ou quantitativamente os componentes institucionais relacionados ao regime.

O objetivo deste trabalho é investigar, pelo método histórico-comparativo, complementado pelo *process tracing*, impactos políticos, em dois Estados nacionais latino-americanos com sistemas presidencialistas, Brasil e México, da crise econômica internacional denominada *Great Lockdown* ou *COVID-19 recession*, que ocorreu entre o primeiro quartil de 2020 e o primeiro quartil de 2022.

Dada a onda de *autocratização* observada desde a *Grande Recessão (2007-2008)*, período temporal em que se reduz o número de países em processos de democratização e em que, simultaneamente, a trajetória autoritária influencia várias ordens políticas nacionais, foca-se mais na dimensão do *regime político* do Estado, mas articulando-a às suas outras duas dimensões, a de *tomador de decisões* e à de *associação política alavancada em coalizões*.

Na pesquisa em política comparada, é necessário explicitar os critérios de seleção dos casos (Lijphart, 1971, pp. 689-691). Além de serem Estados latino-americanos, terem sistemas presidencialistas, serem federações com multipartidarismo, Brasil e México, no período selecionado, estavam sendo governados por presidentes – respectivamente, Jair Bolsonaro e Andrés Manuel López Obrador – que apresentaram mal desempenho na gestão da pandemia e, ademais, foram qualificados como autoritários, populistas ou neofascistas, além de nacionalistas. No caso do México, o presidente continua exercendo seu mandato, que expirará em julho de 2024. Segundo algumas fontes, López Obrador, sobretudo por se colocar como um presidente pós-neoliberal, estaria ameaçando a democracia no México, embora essa avaliação não seja incontroversa.<sup>2</sup> Por outro lado, há uma diferença importante do mexicano em relação a Bolsonaro. Obrador é considerado como de esquerda e antineoliberal, ao passo que o brasileiro escolheu como seu ministro da Economia um economista e empresário com visão ultraliberal.

O que nos interessa aqui é avaliar as mudanças qualitativas e/ou quantitativas nos regimes políticos induzidas pela crise da pandemia, seja para que lado do espectro ideológico possam ter ocorrido. Porém, dado o conceito de Estado acima mencionado, é imprescindível a análise do comportamento dos atores, por meio das ações das principais coalizões em jogo, incluindo as decisões tomadas e as não decisões (políticas públicas e regras institucionais).

Dadas as similares e distintas características de Brasil e México no período da pesquisa e a crítica ao desempenho de seus presidentes na pandemia da covid-19, que se desdobrou em uma recessão entre os primeiros quartis de 2020 e de 2022, a estratégia de comparação utilizada será o *método conjunto da semelhança e da diferença* (Perissinotto e Nunes, 2023, p. 20), formulado por John Stuart Mill. As semelhanças a serem observadas estão no mal desempenho na economia e no suposto deslocamento autoritário nos regimes políticos dos dois países, ponto a ser observado, sobretudo, nos

---

<sup>2</sup> Consultar <https://urxl.com/sGvih>, <https://1lnq.com/8MXvA>, <https://urxl.com/2CcMp> e (Ortega, 2022).

principais processos políticos ocorridos e nas decisões sobre regras político-institucionais, ao passo que, a princípio, as diferenças estão nas coalizões formadas e nas decisões-chave de política econômica, uma vez que o perfil ideológico dos dois presidentes examinados difere. Enquanto Bolsonaro se apoiou numa coalizão que vai da extrema-direita à centro-direita e implementou políticas ultraliberais, Obrador, que ainda está na presidência do México, se apoiou, desde antes da pandemia, na coalizão *Juntos haremos historia*, reunindo forças de centro-esquerda e esquerda.

Formulam-se duas hipóteses específicas, uma para cada país. A primeira é que, dada a íntima conexão, na pandemia, entre a gestão da saúde pública e o desempenho da economia, a crise da covid 19 impactou no Estado brasileiro enfraquecendo o governo Bolsonaro, a tal ponto de, na sucessão presidencial de 2022, enfraquecerem-se tanto a votação do candidato à reeleição na região mais rica do país, o Sudeste, quanto a *unidade empresarial* que o havia eleito no segundo turno das eleições de 2018. Estes enfraquecimentos são, simultaneamente, causa e efeito da *frente ampla*, de conteúdo democrático, que alavancou a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e permitiu a retomada do processo de fortalecimento da democracia. A segunda hipótese específica refere-se ao México: primeiramente, desde antes da pandemia, AMLO organizou-se na coalizão *Juntos haremos historia*, reunindo forças de centro-esquerda e esquerda, cujo conteúdo programático é antineoliberal, da qual não participou o grande empresariado, que, pelo contrário, se opôs a ela; em segundo lugar, apesar do mal desempenho de AMLO na gestão da pandemia, sua política econômica e social antineoliberal teve impactos populares positivos no crescimento e na redistribuição; em terceiro lugar, as evidências não permitem dizer que houve regressão democrática naquele país, cujas tendências autoritárias são endógenas ao sistema político, dificultando a consolidação da democracia.

Quadro 1

**QUADRO COMPARATIVO A SER INVESTIGADO E HIPÓTESES**

ESTADOS NACIONAIS	COALIZÕES (COMPOSIÇÃO E DINÂMICA)	PRINCIPAIS DECISÕES SOBRE POLÍTICA ECONÔMICA E SOBRE REGRAS DECISÓRIAS	EFEITOS SOBRE O REGIME POLÍTICO
BRASIL	Extrema-direita e direita, com apoio do empresariado	Neoliberais	Transitou de um processo de regressão democrática para o reforço da democracia
MÉXICO	Centro-esquerda, com apoio de movimentos populares	Social-democratas	Não houve efeito sobre o regime, mas nas políticas públicas

É preciso ainda mencionar brevemente o que foi a *COVID-recession* ou *Great Lockdown*. O FMI a avalia como a pior recessão desde a Grande Depressão. Os primeiros casos dessa doença surgiram em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. Rapidamente, no primeiro quartil de 2020, a recessão

já estava em curso. Enquanto o crescimento global em 2019 foi de 2.6%, o de 2020 caiu para -3.1%. Nesse mesmo período, a taxa de desemprego global subiu 17.8%, passando de 5.6% para 6.6%.<sup>3</sup> A contaminação pelo vírus impactou na oferta de mão de obra, o medo do contágio afastou as pessoas dos mercados, houve demissões, queda da renda e do mercado de ações, redução da mobilidade (devido às quarentenas e ao distanciamento social), paralisação de vários setores da economia, aumento do custo do crédito e redução de sua oferta, crise global no setor de energia (2021-2022), interrupções em cadeias de abastecimento, queda na produtividade etc (International Monetary Fund, 2020).

Seguem duas seções, uma sobre o Brasil, outra sobre o México, e uma conclusão.

### **BRASIL: DA DESDEMOCRATIZAÇÃO À RETOMADA DA DEMOCRATIZAÇÃO**

A deposição de Dilma Rousseff, em 2016, foi um marco na história do regime democrático ancorado na Constituição de 1988. A euforia com a Assembleia Constituinte e com a Constituição Cidadã diminuiu desde a promulgação da Carta Magna até os primeiros anos da década de 1990, período em que, devido à dificuldade de se superar o problema da hiperinflação, as forças defensoras da primeira geração de reformas neoliberais focavam na suposta ingovernabilidade do sistema político brasileiro, tema que, após o Plano Real, não desapareceu da agenda da centro-direita – que então se estruturou politicamente, no que diz respeito ao Congresso Nacional, em torno da coalizão PSDB-PFL-PTB –, mas perdeu importância relativa. O entusiasmo com o regime democrático ressurgiu desde a eleição, em 2002, e posse, em 2003, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Pela primeira vez, o Partido dos Trabalhadores, uma agremiação que transita da centro-esquerda para a esquerda, encabeçava o governo federal e, a partir de então, passou a aprovar medidas progressistas em termos de ampliação da participação, dos direitos e da distribuição de renda, mas sem romper com a política macroeconômica de estrutura neoclássica. Neste contexto, influentes análises, presentes em trabalhos de diversos autores, sobretudo os intelectuais da ciência política, apreendiam, de diferentes ângulos, a democracia brasileira como consolidada, forte, uma verdadeira poliarquia. Porém, do governo de Michel Temer ao de Jair Bolsonaro, este otimismo democrático deu lugar ao pessimismo, que, por sua vez, só foi superado, retomando-se a esperança na democracia, a partir da eleição, em 2022, e posse, em 2023, pela terceira vez, do presidente Lula. Considero que o impacto da COVID-recessão no Brasil incidiu sobre variáveis peculiares da situação nacional, de modo a induzir à retomada da trajetória democrática então relativamente estancada no pós-2016, sobretudo, a partir das eleições de 2018.

---

<sup>3</sup> Consultar World Bank Open Data, em <https://data.worldbank.org/>.

A hipótese específica sobre o Brasil é que, dada a íntima conexão, na pandemia, entre a gestão da saúde pública e o desempenho da economia, a crise internacional da COVID-19 impactou no país debilitando o governo e a candidatura de Bolsonaro à reeleição, a tal ponto de que, no pleito eleitoral de 2022, sobretudo no segundo turno, ocorreram duas novidades correlacionadas: por um lado, o eleitorado do Sudeste (SE) votou bem mais na candidatura do PT do que havia feito em 2018, ainda que o incumbente tenha novamente vencido nesta principal região do país; por outro, enfraqueceu-se a *unidade empresarial* que havia apoiado o presidente em exercício quatro anos antes. Este duplo processo de relativo enfraquecimento do bolsonarismo ensejou a conformação da *frente ampla* democrática, que alavancou a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e permitiu a reversão da autocratização. O argumento é que, ao responder à crise, o governo autocratizante tomou decisões ineficientes e prejudiciais à saúde pública, à economia e à democracia, que estimularam, mediante as ações e interações de atores, o rearranjo ou recomposição das principais coalizões ampliadas (político-institucionais e sociopolíticas) que o apoiavam e que a ele se opunham, bem como a relação de forças entre elas. Nesta mudança, destacam-se o aumento da votação no candidato do PT em 2022, em comparação com a eleição presidencial anterior e o relativo definhamento da *frente empresarial* que, no segundo turno das eleições de 2018, havia respaldado a eleição de Bolsonaro, processo que abriu caminho para a formação da *frente ampla*, que alavancou a vitória de Lula e mudou a conjuntura, propiciando que o processo de reconstrução democrática ganhasse guarida institucional no executivo federal e alentasse membros de outras instituições do Estado, como alguns ministros do STF.

Para fins da contextualização do *process tracing* minimalista, considera-se que o Brasil estava passando por autocratização. Cabe agora mostrar que e como a crise incidiu no país, colocando o governo Bolsonaro perante o duplo desafio de responder à pandemia e à economia e que, devido ao desempenho controverso do mandatário-mor da República em relação a essas demandas-chave, insucesso que, inclusive, o levou a radicalizar em sua volição autoritária, o presidente enfraqueceu-se o suficiente, em termos de apoio de aliados-chave e de suporte eleitoral, para perder a eleição presidencial de 2022 para a candidatura que expressava o anseio por reconstrução democrática.

Identificar o impacto da *COVID-recession* no país, especialmente no Estado, para evidenciar sua influência na reversão da autocratização e retomada da democratização, passa por observar seus efeitos na economia (mercado), na sociedade civil (frações de classe e eleitorado) e nas instituições políticas (decisões e ações dos três poderes e partidos parlamentares), assim como o processo de interrelação destas esferas.

A pandemia agravou o quadro da economia brasileira, que já apresentava crescimento baixo e desemprego e informalidade altos, conforme mostra a Tabela 1. Note-se que, em 2021, a economia mundial cresceu 6.2% e a América Latina, 7%.

**Tabela 1: Indicadores econômicos no Brasil (2019-2022)**

	2019	2020	2021	2022
Variação % do PIB	1.25	11.9	4.6	3.0
Taxa média de desocupação (%)	11.9	13.5	13.2	9.3
taxa de informalidade (%)	41.1	37.7	40.1	39.6

Fonte IBGE

Quanto à relação do Estado com a economia, Bolsonaro vinha sendo respaldado por amplo apoio do empresariado. Nessa área-chave, ambas as partes compartilhavam semelhantes preferências ideológica e de políticas públicas. A convergência do *business* no sentido do liberalismo econômico, conformada desde as eleições de 2018, permaneceu forte durante todo o período do mandato presidencial. O que passou a perder força relativa, a partir de 2021, foi a unidade política em torno do presidente Bolsonaro, devido a dois fatores: a) a gestão da pandemia (e seu impacto econômico); b) o autoritarismo.

O primeiro caso de COVID-19 no Brasil foi registrado em 26 de fevereiro de 2020. Naquele ano, houve 202.209 mortes. No ano seguinte, elas subiram para 411.028. Somadas, foram mais de 613 mil.<sup>4</sup> Até meados de 2021, a gestão de Bolsonaro na saúde pública foi considerada péssima, nacional e internacionalmente (Sott et al., 2022; Vieira 2021). O presidente brasileiro foi visto como um dos maiores negacionistas do coronavírus do mundo. Ele se opôs ao isolamento e ao distanciamento sociais, ao uso de máscaras, à quarentena e atrasou o início da vacinação.<sup>5</sup> Em maio de 2020, 50% dos brasileiros avaliavam que o desempenho de Bolsonaro na pandemia era ruim ou péssimo, percepção que, em março de 2021, chegou a 54%; em maio de 2021, 58% dos eleitores avaliavam que o presidente não tinha capacidade de liderar o Brasil. Os números de contaminados e mortos só começaram a cair na medida que, a despeito da ineficiência do governo federal, o estado de São Paulo, em janeiro de 2021, passou a vacinar os cidadãos.<sup>6</sup>

A pandemia foi formalmente considerada uma calamidade pública, o que abriu caminho para gastos fiscais não previstos nas metas até então vigentes. Seu impacto social causou pressões “pela implementação de um programa emergencial de transferência de renda a trabalhadores informais e desempregados” e às famílias cadastradas nos programas sociais. Em abril de 2020, foi instituído “um auxílio emergencial no valor de R\$ 600,00, inicialmente, por três meses e, depois, prorrogado por mais dois meses”, que alcançou cerca de um terço da população. Nesse mesmo ano,

<sup>4</sup> Consultar [surl.li/skbss](http://surl.li/skbss) . Acesso: 30 mar 2024.

<sup>5</sup> Consultar [surl.li/skbss](http://surl.li/skbss) , [surl.li/skbvs](http://surl.li/skbvs) , [surl.li/skbxm](http://surl.li/skbxm) e [surl.li/scaou](http://surl.li/scaou) e [surl.li/skbxx](http://surl.li/skbxx) . Acesso: 30 mar 2024.

<sup>6</sup> Consultar [surl.li/scayi](http://surl.li/scayi) . [surl.li/scbpm](http://surl.li/scbpm) e [surl.li/scark](http://surl.li/scark) . Acesso: 30 mar 2024.

após o pagamento das cinco parcelas, foram aprovadas mais quatro parcelas de R\$ 300,00. Em março de 2021, reagindo à segunda onda do coronavírus, o Congresso Nacional aprovou um novo auxílio emergencial de quatro parcelas, desta vez de R\$ 250 (Paula et al., 2023, pp. 264 e 268). Com a aproximação do último ano de mandato e motivado a se candidatar à reeleição, Bolsonaro logrou aprovar no Congresso Nacional, em dezembro de 2021, o programa social Auxílio Brasil, que substituiu o Bolsa Família, famoso programa de transferência de renda criado em 2003, no primeiro mandato do presidente Lula. Em maio de 2022, o valor mínimo do benefício passou a ser de R\$ 400, tendo sido reajustado para R\$ 600, em julho. Porém, dada a situação fiscal, a garantia de pagamento era até dezembro de 2022.<sup>7</sup>

De abril a outubro de 2021, o Congresso Nacional instalou uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) “para apurar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da pandemia da Covid-19 no Brasil”. O relatório final aprovado sugeriu o indiciamento de Bolsonaro por nove crimes: prevaricação, charlatanismo, epidemia com resultado morte, infração a medidas sanitárias preventivas, emprego irregular de verba pública, incitação ao crime, falsificação de documentos particulares, crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo) crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos).<sup>8</sup>

Segundo Rennó et al. (2021), a gestão caótica e irresponsável da pandemia foi um dos fatores que impactou negativamente na ampla aliança que sustentou politicamente Bolsonaro até o início de 2020, abrangendo atores do mercado financeiro, da classe média e os conservadores morais. Nesse sentido, cabe mencionar que, em março de 2021, mais de 1500 economistas e empresários, inclusive quatro ex-presidentes do Banco Central, publicaram a “Carta Aberta à Sociedade Referente a Medidas de Combate à Pandemia: O País Exige Respeito; a Vida Necessita da Ciência e do Bom Governo”.<sup>9</sup> O documento dizia que o Brasil estava no epicentro mundial da Covid-19, que o contexto econômico e social era desolador, que a superação da crise, nas suas diversas dimensões, dependia, antes de tudo, da vacinação em massa, na qual o país, por negligência governamental, estava atrasado, causando significativos impactos negativos, entre outros, na arrecadação tributária e no PIB.

A ampla unidade da classe média alta em torno de Bolsonaro desapareceu em 2022, ano de eleições gerais, em comparação com o que ocorreu em 2018 (Cardoso, 2020; Nicolau, 2020; Avritzer et al., 2023).<sup>10</sup> De uma eleição a outra, o antipetismo diminuiu e o antibolsonarismo aumentou.<sup>11</sup> As

---

<sup>7</sup> Consultar [surl.li/scayo](https://surl.li/scayo) . Acesso: 30 mar 2024.

<sup>8</sup> Consultar [surl.li/scbei](https://surl.li/scbei), [surl.li/scbfv](https://surl.li/scbfv) e [surl.li/scbel](https://surl.li/scbel). Acesso: 30 mar 2024.

<sup>9</sup> Consultar [surl.li/scbtt](https://surl.li/scbtt). Acesso: 30 mar 2024.

<sup>10</sup> Consultar [surl.li/scbno](https://surl.li/scbno). Acesso: 30 mar 2024.

<sup>11</sup> Consultar [surl.li/scobh](https://surl.li/scobh) . Acesso: 30 mar 2024.

pesquisas eleitorais indicam que, no segundo turno do pleito presidencial de 2022, 40% dos eleitores com renda mensal de dez ou mais salários-mínimos votaram em Lula. Estes dados contribuem para evidenciar que, sobretudo na segunda metade do governo Bolsonaro, ocorreu um processo sociopolítico e político-institucional de rejeição relativa ao presidente da República, que explica a frente ampla opositora.

O setor empresarial, de onde provêm os ricos, também manifestou oposição ao chamado populismo de Bolsonaro, sobretudo desde a implementação do Auxílio Brasil, pelo seu impacto fiscal. Além disso, a carta acima mencionada e várias matérias publicadas na grande imprensa atestam a insatisfação de contingentes da classe média alta e dos ricos com a ineficiência da gestão governamental.<sup>12</sup>

Em 2021 e 2022, Bolsonaro foi radicalizando nas demonstrações de autoritarismo, processo que impactou negativamente em grupos sociais que o haviam apoiado em 2018.<sup>13</sup> Não se trata de uma rejeição do autoritarismo que expressa uma cultura política de valoração desinteressada da democracia. Do ponto de vista de alguns agentes-chave do mercado, por exemplo, que têm interesses arraigados em seus negócios, a autocratização, ao menos naquele contexto, representava instabilidade política para o *business*, assim como, do ponto de vista dos trabalhadores, o autoritarismo colocava em risco suas liberdades e direitos. Em setembro de 2021, já havia 143 pedidos de impeachment de Bolsonaro e, ao final de seu mandato, 153.<sup>14</sup>

Na esfera político-institucional, a *frente ampla*, formalmente registrada como *Coligação Brasil da Esperança*, reuniu sete partidos: PT, PCdoB, PV, PSOL, REDE, PSB, Solidariedade, Avante, Agir e PROS. A principal expressão partidária da formação da frente ampla foi o fato de o candidato a vice-presidente ter sido Geraldo Alckmin, quadro político do PSDB durante 33 anos, até sair dessa agremiação em dezembro de 2021. No ano seguinte, ele ingressou no PSB.<sup>15</sup> Desde as eleições de 1994, até as de 2014, a disputa presidencial concentrou-se na disputa entre candidatos do PSDB e do PT. A chapa Lula-Alckmin aproximou a referida coligação de economistas e empresários ligados ao setor financeiro, como Pedro Malan, Pécio Arida, Edmar Bacha e Armínio Fraga, entre outros.<sup>16</sup>

Em uma disputa acirradíssima, Lula derrotou Bolsonaro no segundo turno, quando, descartada a possibilidade de uma *terceira via*, a frente ampla se configurou na sua máxima dimensão

---

<sup>12</sup> Consultar [surl.li/scpdj](http://surl.li/scpdj), [surl.li/shqod](http://surl.li/shqod) e [surl.li/shqnc](http://surl.li/shqnc). Acesso em: 30 mar 2024.

<sup>13</sup> Consultar [surl.li/shsek](http://surl.li/shsek). Acesso em: 30 mar 2024.

<sup>14</sup> Consultar [surl.li/sifal](http://surl.li/sifal), [surl.li/shsgd](http://surl.li/shsgd), [surl.li/sifdm](http://surl.li/sifdm) e [surl.li/sifbh](http://surl.li/sifbh), [surl.li/sihfs](http://surl.li/sihfs), [surl.li/sihfj](http://surl.li/sihfj). Acesso em: 4 abr 2024.

<sup>15</sup> Consultar [surl.li/scswb](http://surl.li/scswb). Acesso: 30 mar 2024.

<sup>16</sup> Consultar [surl.li/scsvu](http://surl.li/scsvu). Acesso: 30 mar 2024.

eleitoral, atraindo, por exemplo, o apoio de 16 dos 32 partidos existentes, bem como a candidata derrotada pelo MDB, Simone Tebet e vários empresários que a haviam apoiado.<sup>17</sup>

Os resultados das eleições presidenciais de 2022, em comparação com os de 2018, expressam a mudança na conjuntura, que a frente ampla ajudou a induzir.<sup>18</sup> Lula venceu, ainda que com apenas 2,1 milhões de votos de vantagem. Recebeu 50,9% dos votos válidos, contra 49,1% de Bolsonaro. Dois dados são relevantes para evidenciar a frente ampla nos votos depositados nas urnas. Novamente, a região Nordeste (NE) votou em peso no candidato presidencial do PT: 69,7% dos votos em 2018 e 69,3% em 2022 (ou seja, uma redução mínima). Ou seja, no NE, a situação não se alterou de uma eleição para outra. Por outro lado, na região Sudeste (SE), a mais importante e povoada do país, enquanto a diferença a maior de Bolsonaro contra Fernando Haddad (PT), em 2018, foi de 30,8%, Lula logrou uma desvantagem bem menor, de 8,5%. No resultado das eleições na região SE, em 2022, em comparação com o ocorrido em 2018, situa-se a principal expressão eleitoral do processo político da frente ampla: o aumento dos votos de Lula, em relação aos de Haddad, e a perda relativa de votos de Bolsonaro. Ou seja, o antipetismo diminuiu.<sup>19</sup>

Para concluir o *process tracing* minimalista cabe evidenciar, por comparação, a mudança que ocorreu, entre 2018 e 2022, no posicionamento do empresariado em relação a Bolsonaro. Já foi dito que, em linhas gerais, a agenda de políticas públicas do empresariado, desde o governo Temer, vinha convergindo em torno do neoliberalismo, a começar pela austeridade fiscal, passando, entre outros, pelas reformas previdenciária e tributária, desburocratização e privatizações. Claro que o empresariado não é homogêneo, há distintos setores de atuação e portes de capital. Há quem demande alguma proteção e quem priorize o puro livre-comércio, mas prevalece entre eles a convergência, e não o conflito entre liberais e nacionalistas ou desenvolvimentistas.<sup>20</sup> Estas preferências não mudaram de 2018 para 2022. A maioria dos empresários prosseguiu apoiando Bolsonaro, mas, como afirmou Christopher Garman, diretor-executivo para as Américas do Eurasia Group, o apoio do empresariado foi muito mais forte em 2018 que em 2022. Associações empresariais que haviam dado apoio público a Bolsonaro em 2018 se declararam apartidárias em 2022. A Fiesp e a Febraban assinaram o manifesto acima mencionado. O chamado populismo fiscal de Bolsonaro também pesou negativamente, assim como a deterioração da imagem internacional do país durante a pandemia, o descaso em relação às políticas ambientais e seu autoritarismo.<sup>21</sup> Por fim, indícios relevantes da existência de um processo de frente ampla, na sua dimensão sociopolítica, são

---

<sup>17</sup> Consultar [surl.li/sctcu](http://surl.li/sctcu) . Acesso: 31 mar 2024.

<sup>18</sup> Consultar [surl.li/scthz](http://surl.li/scthz). Acesso: 31 mar 2024.

<sup>19</sup> Consultar [surl.li/sfriz](http://surl.li/sfriz) , [surl.li/sfrfh](http://surl.li/sfrfh) , [surl.li/sfrhj](http://surl.li/sfrhj) e [surl.li/sfrhy](http://surl.li/sfrhy) . Acesso: 2 abr 2024.

<sup>20</sup> Consultar [surl.li/sifjf](http://surl.li/sifjf) , [surl.li/sigav](http://surl.li/sigav) . [surl.li/sigbs](http://surl.li/sigbs) e [surl.li/sigcf](http://surl.li/sigcf) . Acesso: 5 abr 2024.

<sup>21</sup> Consultar [surl.li/sigfi](http://surl.li/sigfi) . Acesso: 5 abr 2024.

fornecidos pelas valências do Manchetômetro: em 2022, por um lado, as principais corporações jornalísticas do país, que compõem um oligopólio, foram mais críticas a Bolsonaro do que em 2018; por outro, elas foram menos críticas a Lula que ao candidato à reeleição.<sup>22</sup>

Concluindo, foi visto que a recessão da pandemia impactou no país e, em particular no Estado nacional, desafiando o governo Bolsonaro a implementar decisões e ações direcionadas a uma dupla face interrelacionada, que possui evidentes conexões com a situação social: a saúde pública e a economia. Seu desempenho foi insatisfatório, inclusive porque seu autoritarismo o levou a negar a pandemia, vista como um obstáculo à sua ideologia conservadora e aos seus objetivos políticos (Roque, 2021).<sup>23</sup> Em consequência, na comparação com as eleições de 2018, Bolsonaro perdeu relativo apoio, na disputa de 2022, dos eleitores da região SE e do empresariado, inclusive da mídia corporativa. Tal enfraquecimento se fez acompanhar pela formação da frente ampla. Os achados desta pesquisa vão ao encontro dos argumentos deste trabalho de que o compromisso democrático dos atores opera contra a autocratização e de que a mudança no regime induzida pelas crises internacionais evidencia o lastro que as instituições políticas e a competição política têm na economia política. Passo agora ao caso do México, no qual o presidente da República ainda está no exercício do cargo.

### **MÉXICO: ESPERANÇAS RENOVADAS E CAMINHOS INUSITADOS**

A eleição de Andrés Manuel López Obrador, mais conhecido por AMLO, em 2018, foi um marco na história política mexicana. Pela primeira vez, elegia-se um líder de centro-esquerda alheio ao espectro PRI (Partido de la Revolución Institucionalizada), de centro *catch-all*, e PAN (Partido de la Acción Nacional), de centro-direita neoliberal.

A hegemonia semiautoritária do PRI ao longo do século XX, a qual passou do desenvolvimentismo moderado do pós-guerra, chamado *desarrollo estabilizado*, ao neoliberalismo ostensivo a partir da década de 1980, mais especificamente desde o governo de Miguel de la Madrid (1982-1988) e continuado pelos governos do PAN desde Vicente Fox (2000-2006), moldou o México enquanto país urbano-industrial de renda média, porém clivado de grandes desigualdades sociais e regionais e forte dependência dos Estados Unidos (Hamnett, 2016).

O relativo sucesso da *modernização pelo alto*, inicialmente com políticas protecionistas de cunho industrialista e, depois, com políticas de abertura comercial e financeira, criaram relativa complexidade social, com numerosa classe média integrada a circuitos econômicos transnacionais,

---

<sup>22</sup> Consultar os gráficos em <https://manchetometro.com.br/>. Acesso: 5 abr 2024.

<sup>23</sup> Consultar também [surl.li/siszl](http://surl.li/siszl) . Acesso: 6 abr 2024.

sobretudo no âmbito do NAFTA (North American Free Trade Agreement). Porém, este processo de mudança foi incapaz de estabelecer uma sociedade igualitária e de proporcionar possibilidades de ascensão social à massa pauperizada e altamente informalizada, que participa da integração norte-americana de forma subalterna, em grande parte, até, como imigrante ilegal no vizinho anglo-saxão. A tensão entre o México das classes médias e altas qualificadas para a globalização comercial e financeira e o México dos pobres e marginais, que não participa dos ganhos pecuniários e simbólicos da globalização, perpassa o sistema político local, tornando as regras democráticas suscetíveis a estratégias populistas.

AMLO, que iniciou sua trajetória partidária no PRI, foi um dos fundadores do PRD (Partido de la Revolución Democrática), de 1989, agremiação de centro-esquerda que reunia os priistas descontentes com a guinada neoliberal do partido e outras plataformas populares. O PRD, liderado por Cuauhtémoc Cárdenas, filho do lendário presidente populista Lázaro Cárdenas (1934-1940), propunha resgatar os valores patrióticos e distributivistas do cardenismo, porém, com o tempo, o partido se acomodou às estruturas neoliberais vigentes no México, tornando-se, em muitos casos, indistinguível do PRI e do PAN.

AMLO, presidente do PRD entre 1996 e 1999, Chefe de Governo do Distrito Federal por esse partido de 2000 a 2005 e candidato a Presidente do México pela mesma agremiação, em 2006, era uma das suas principais lideranças. Em 2012, ele se transferiu para o recém-fundado MORENA (Movimiento de Regeneración Nacional), quando se tornou o presidente do seu Conselho Nacional. Este partido, nascido como movimento social em 2010-2011 e formalizado como partido político em 2012, abrangia desde nacionalistas populares até social-democratas, desde a "velha esquerda" cardenista até a "nova esquerda" pós-materialista, formando, assim, uma espécie de "frente ampla" progressista.<sup>24</sup>

A vitória eleitoral de AMLO em 2018, após duas derrotas contestadas – para Felipe Calderón, do PAN, em 2006, e para Enrique Peña Nieto, do PRI, em 2012 – trouxe esperança de renovação política e social. Ele se propôs a não ser um presidente como qualquer outro, mas um transformador da ordem vigente, que respeitaria as regras democráticas, mas as pressionaria, mobilizando coalizões partidárias e sociais, para comportarem mudanças estruturantes que rompessem com o paradigma neoliberal vigente desde a década de 1980.

Na campanha eleitoral de 2018, AMLO prometeu, se eleito, realizar em seu governo "La Cuarta Transformación", visando posicioná-lo, no conjunto da história mexicana, ao lado de processos reformadores consagrados: a Independência, de 1810 a 1821, que rompeu a ligação com o

---

<sup>24</sup> Consultar [surl.li/skcjp](http://surl.li/skcjp) . Acesso: 5 de abr 2024.

Império Espanhol (1ª Transformação), a Guerra de Reforma, de 1858 a 1861, que implicou mudanças laicistas e constitucionais (2ª Transformação) e a Revolução de 1910, que pôs fim ao "Porfiriato" (3ª Transformação). São comuns, na retórica obradoriana, a alusão a ícones do passado nacional, como Benito Juárez, líder da "2ª Transformação", Lázaro Cárdenas, que mais acentuou o caráter popular da "3ª Transformação", e López Mateos, presidente de 1958 a 1964, responsável pela nacionalização do setor elétrico.

Já no início do mandato, AMLO iniciou um conjunto de reformas que visavam alterar o modelo econômico e social mexicano, visando alargar as competências e funções regulatórias e planejadoras do Governo Central. Ele tentou aumentar a presença do Estado no setor elétrico, para reverter as privatizações ocorridas desde a década de 1990 e fortalecer o papel da estatal CFE (Comisión Federal de Electricidad). Não logrou muito êxito, porém, nacionalizou as reformas de lítio e concedeu ganho real de 20% ao salário mínimo.<sup>25</sup> Com o fito de transferir aos ministérios as funções das agências reguladoras, enviou projeto de lei visando reformar a administração pública.<sup>26</sup> Também criou o Banco del Bienestar, banco público voltado ao atendimento e bancarização dos setores sociais mais vulneráveis, assim como iniciou grandes projetos industriais e de infraestrutura, como o Trem Maya, na Península de Yucatán, uma das regiões mais pobres do país, a Refinaria Dos Bocas, a cargo da petroleira estatal Pemex, que retomou seu portfólio de investimentos após décadas de sucateamento, e o Aeroporto Internacional General Felipe Ángeles, a 50 km da capital e o terceiro maior do país.

Outro aspecto é a relação conflituosa de AMLO com a maior parte do grande empresariado nacional e estrangeiro. Ele costuma acusar os capitalistas de "máfia do poder", "saqueadores" e "minoría rapace". Mas ele vai além das palavras, ao buscar reverter privatizações, como no setor elétrico, ou endurecendo as regras de concessão, como no caso dos aeroportos.<sup>27</sup>

A boa relação com o magnata mexicano Carlos Slim, com quem mantém vínculos amistosos desde os tempos de governador da Cidade do México, indica que ele não possui qualquer veleidade disruptiva. AMLO conduz uma política fiscal e monetária moderadamente ortodoxa e mantém a autonomia do Banco Central. Sua retórica de ruptura com o neoliberalismo não encontra, pois, total correspondência com a realidade, ainda que as políticas públicas e reformas implementadas alterem a correlação de forças favoravelmente a uma futura revisão dos termos monetários e financeiros instituídos nas últimas décadas.

---

<sup>25</sup> Consultar [surl.li/slaif](http://surl.li/slaif) e [surl.li/slajc](http://surl.li/slajc). Acesso: 5 de abr 2024.

<sup>26</sup> Consultar <http://surl.li/slalj>, [surl.li/slalr](http://surl.li/slalr) e [surl.li/slalw](http://surl.li/slalw). Acesso: 5 de abr 2024.

<sup>27</sup> Consultar [surl.li/sjsosf](http://surl.li/sjsosf) e [surl.li/slant](http://surl.li/slant). Acesso: 5 abr 2024

O relativo isolamento entre as altas classes econômicas induziu o governo a redefinir os termos de coalizão vigentes até então, visando diluir a presença do grande capital e da tecnoburocracia corporativos. Nesse sentido, ele busca aproximar-se dos setores populares, estimulando sua participação e representação, e das Forças Armadas.

AMLO vem insistindo em uma reforma eleitoral, visando uma democracia de resultados (México, s/d). Nesse sentido, apresentou ambicioso projeto que tem, no seu cerne, a extinção do INE (Instituto Nacional Electoral) e sua substituição por novo órgão, o INEC (Instituto Nacional de Elecciones y Consultas), mais centralizado, com menos atribuições e mais permeável à ingerência governamental; a instituição de eleições diretas para o TEPJF (Tribunal Electoral del Poder Judicial de la Federación); a redução dos assentos na Câmara dos Deputados, de 500 para 300, e do Senado, de 128 para 64; a eliminação de cargos legislativos plurinominais; a redução de conselheiros eleitorais, de 11 para 7; e a redução para 30% da participação eleitoral necessária para tornar vinculatórios os resultados das consultas populares.<sup>28</sup>

Ao contrário das demais reformas, que contaram com amplo apoio popular e em relação às quais a oposição não conseguiu mobilizar uma narrativa contrária convincente, a reforma eleitoral foi altamente controversa e encontra forte resistência no Legislativo, inclusive na base política governamental. Até agora ela não foi votada, devido às intrincadas negociações para a sua viabilização: sendo uma emenda constitucional, requer composição com a oposição para lograr os votos necessários à sua aprovação no parlamento. O alerta para a alegada inclinação autoritária e populista do governo levou à realização de massivos protestos contrários, liderados pela Frente Cívica Nacional, organizada desde 2023.

Ao mesmo tempo, o governo estreita suas relações com as Forças Armadas. AMLO atribuiu aos militares diversas funções de segurança pública e econômicas, como o controle das principais obras públicas, o Trem Maya, a Refinaria Dos Bocas, o Aeroporto Internacional General Felipe Ángeles e as agências do Banco del Bienestar. Após décadas de isolamento político, as Forças Armadas mexicanas recobram seu protagonismo desenvolvimentista, tornando-se uma das principais bases institucionais de apoio do Governo AMLO.<sup>29</sup>

Neste cenário contraditório, entende-se a pressa do governo, desde seu início, para acelerar o crescimento econômico e proporcionar melhorias materiais à população mais pobre, sujeito central dos discursos do presidente. As melhorias econômicas e sociais galvanizariam o apoio popular e proporcionariam resultados mais favoráveis ao MORENA e partidos aliados nas eleições locais e

---

<sup>28</sup> Consultar [surl.li/slant](https://surl.li/slant) Acesso: 5 abr 2024

<sup>29</sup> Consultar [surl.li/slaom](https://surl.li/slaom) e [surl.li/slrpk](https://surl.li/slrpk) . Acesso: 5 abr 2024

legislativas, facilitando a eleição do sucessor de AMLO (lá, o mandato presidencial é de 6 anos, sem direito à reeleição).

Tendo alcançado o continente americano no primeiro trimestre de 2020, com pouco mais de um ano de governo, a pandemia da COVID-19 representou duro golpe para as pretensões de AMLO. Sua resistência em adotar medidas restritivas, como lockdowns, se deveu ao seu receio de não cumprir as metas de estímulo à economia e ao consumo, ainda mais em um país com elevada taxa de informalidade e que seguia refém de um viés monetário ortodoxo. Contudo, a economia mexicana não foi tão afetada. Houve recessão em 2019-2020, mas recuperação em 2021-2023 e o desemprego se manteve baixo.

A irreverência negacionista de AMLO no início da pandemia, contudo, logo foi substituída por uma abordagem mais cautelosa, uma vez que a gravidade da situação se impôs. Diferentemente do Brasil, em que o Presidente Jair Bolsonaro colidiu frontalmente com governadores, prefeitos e juízes quanto à aplicação de medidas restritivas, no México, AMLO ofereceu apoio aos demais governantes, de situação ou oposição, dentro de um pacto nacional pela vida e pela saúde. Tampouco ele obistou a compra de vacinas ou desestimulou a vacinação. Não obstante, ao longo de toda a pandemia, emitiu diversos sinais de inconformidade com as normas sanitárias estabelecidas pelo seu próprio governo. Recusou-se a usar máscaras faciais e convocou a população a exercer sua "liberdade" ao ar livre, além de ter assegurado a facultatividade da vacinação.

Em outras palavras, AMLO interpretou a pandemia como óbice ao seu programa desenvolvimentista e distributivista e tentou encaminhá-lo de todas as formas, mesmo com o risco de prejudicar o desempenho sanitário. As elevadas taxas de aprovação de AMLO, antes, durante e depois da pandemia, demonstram que, de modo geral, a população mexicana o isentou de responsabilidade pelos números relativamente altos de vítimas fatais da COVID-19 no país. O México foi o 5º país do mundo com mais mortes naquela pandemia, em um total de 231 países, após EUA, Brasil, Índia e Rússia.<sup>30</sup>

O aval de AMLO à candidatura de Claudia Sheinbaum para a candidatura nas eleições presidenciais de 2024 – governadora da Cidade do México pelo MORENA, responsável pela adoção criteriosa de medidas sanitárias convencionais durante a pandemia – indica que o curso errático do Governo Federal na crise sanitária não afetou as relações políticas dentro e fora do seu partido. Ela goza de amplo apoio partidário, representa a continuidade da atual coalizão governista e, até o momento, é a candidata favorita na disputa presidencial, o que expressa a popularidade de AMLO.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> <http://surl.li/sjsow> Acesso: 6 abr 2024

<sup>31</sup> Consultar [surl.li/slsyu](http://surl.li/slsyu) . Acesso: 7 abril 2024.

Na oposição, o PAN e o PRI aliaram-se para lançar uma candidatura unificada, a da senadora e empresária Xóchitl Gálvez, próxima do setor empresarial, relegado ao segundo plano nos últimos anos.

Ainda não está claro como serão as relações de um provável governo Sheinbaum com o empresariado e com os militares, uma vez que, durante sua gestão na capital, ela demonstrou, em relação a AMLO, maior abertura ao diálogo com o grande capital e viés mais progressista em questões ambientais e de gênero, centrais nas diretrizes ESG (Environment, Social and Governance).<sup>32</sup> Entretanto, pela sua filiação partidária e base eleitoral, ela representa o atual governo e dele herdará tanto a aprovação quanto a rejeição. Por outro lado, a candidatura de oposição representa o interesse de reabilitar os setores empresariais e tecnoburocráticos politicamente atenuados durante o governo AMLO.

Por fim, cabe avaliar a hipótese formulado sobre o México. Considero que, apesar do mal desempenho na pandemia, sua política econômica e social antineoliberal teve impactos populares positivos no crescimento e na redistribuição e que as evidências não permitem dizer que houve regressão democrática naquele país, cujas tendências autoritárias são endógenas ao sistema político, dificultando a consolidação da democracia. A gestão de AMLO acirrou o debate entre situação e oposição, não houve retrocesso nas liberdades políticas, o governo teve vitórias e derrotas no Legislativo e procurou ampliar a democracia direta.<sup>33</sup> Ao nível da opinião pública, tem havido crescimento do apoio ao autoritarismo, mas isso não se expressa nas instituições políticas. Por outro lado, AMLO procura se colocar como um líder forte contra a corrupção e a insegurança dos cidadãos. A opinião pública internacional e a oposição interna batem na tecla de que AMLO implementa um populismo antidemocrático, porém não encontrei evidências de desdemocratização neste país.

Enquanto no Brasil a crise internacional da COVID-10 ensejou a reversão da autocratização, no México, ela fortaleceu o projeto político do MORENA, cuja implementação tem alterado o perfil decisório das políticas públicas e a composição das coalizões governista e opositora, visando, em alguma medida, se contrapor ao ideário neoliberal, mas sem mudar promover desdemocratização.

---

<sup>32</sup> Consultar [surl.li/sjtitt](https://surl.li/sjtitt) Acesso: 6 abr 2024

<sup>33</sup> Consultar [surl.li/sltkt](https://surl.li/sltkt) . Acesso 8 abr 2024.

## Referências bibliográficas

- ALMOND, Gabriel A. (1980). "The Intellectual History of the Civic Culture Concept." In *The Civic Culture Revisited*, ed. Gabriel A. Almond and Sidney Verba. Boston: Little, Brown.
- ANJOS, Anna Beatriz et al. (2022) "Violência eleitoral: noite da votação teve pico de assassinatos". Agência Pública, 3 de novembro. Acesso: 4 mar 2024. Disponível em <https://apublica.org/2022/11/violencia-eleitoral-noite-da-votacao-teve-pico-de-assassinatos/>
- AVRITZER L. (2018) "O Pêndulo da Democracia no Brasil: Uma análise da crise 2013-2018". *Novos Estudos CEBRAP*, 37(2):273–89. Disponível em: <https://doi.org/10.25091/S01013300201800020006>
- AVRITZER, Leonardo; SANTANA, Eliara; BRAGATTO, Rachel Callai. (2023) *Eleições 2022 e a reconstrução da democracia no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, ePub
- BERGER, Helge; SPOERER, Mark (2001). "Economic Crises and the European Revolutions of 1848". *The Journal of Economic History*, Vol. 61, No. 2, pp. 293-326, Cambridge University Press.
- BRITO, A. S.; MENDES, C. H.; SALES, F. R.; AMARAL, M.C.S.; BARRETO, M.S. (2022). São Paulo. O caminho da autocracia - Estratégias atuais de erosão democrática. Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT). Disponível em: <https://laut.org.br/o-caminho-da-autocracia/>. Acesso: 23 mar 2023.
- CARDOSO, Adalberto (2020). *À beira do abismo. Uma sociologia política do bolsonarismo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Amazon.
- COLLIER, David. (2011) "Understanding Process Tracing". *PS: Political Science & Politics*, Volume 44, Issue 4, October 2011, pp. 823 - 830 DOI: <https://doi.org/10.1017/S1049096511001429>
- COTA, Isabella. (2024) "El sesgo de los grandes empresarios a favor de Claudia Sheinbaum". *El País*, 9 nov 2023. Acesso: 5 de abril de 2024
- DAHL, Robert A. 1971. *Polyarchy: Participation and Opposition*. New Haven: Yale University Press.
- DJUVE, Vilde Lunnan; KNUTSEN, Carl Henrik (2023) "Economic crisis and regime transitions from within". *Journal of Peace Research*
- FRIEDEN, Jeffrey A.; LAKE, David A.; NICHOLSON, Michael; RANGANATH, Aditya (2017). "Economic Crisis and Political Change in the United States, 1900 to the Present". Working Paper. Disponível em <https://scholar.harvard.edu/jfrieden/pages/working-papers-1>.
- GOPINATH, Gita (2020). "The Great Lockdown: Worst Economic Downturn Since the Great Depression". Disponível em: <https://www.imf.org/en/Blogs/Articles/2020/04/14/blog-weo-the-great-lockdown-worst-economic-downturn-since-the-great-depression>. Acesso: 14 fev 2024.
- HAMNETT, Brian R. (2016). *História Concisa do México*. São Paulo: Edipro.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1991). *The Third Wave: Democratization in the Late Twentieth Century*. Norman, University of Oklahoma Press.
- IANONI, M.(2024) "Três por Quatro: Impactos Políticos das Crises Econômicas Internacionais no Brasil, Estados Unidos e Alemanha". *Dados - Revista de Ciências Sociais*, 2024. No prelo.
- INTERNACIONAL MONETARY FUND. (2020), *World Economic Outlook: The Great Lockdown*. Washington, DC.
- LIJPHART, Arend. "Comparative Politics and the Comparative Method". *American Political Science Review*, Volume 65, Issue 3, September 1971, pp. 682 – 693. DOI: <https://doi.org/10.2307/1955513>
- Lijphart, Arend (1977). *Democracy in Plural Societies: A Comparative Exploration*. New Haven: Yale University Press.
- México – Gobierno de la República. (s/d). *Reforma Política Electoral*. Disponível em: [chrome-extension://efaidnbmninnkpcjpcgclclefindmkaj/https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/3080/E\\_XPLICACION\\_AMPLIADA\\_REFORMA\\_POLITICA\\_ELECTORAL.pdf](chrome-extension://efaidnbmninnkpcjpcgclclefindmkaj/https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/3080/E_XPLICACION_AMPLIADA_REFORMA_POLITICA_ELECTORAL.pdf).

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Monitor: policies for the recovery. Washington: FMI. (2020). Disponível em: <https://www.imf.org/en/Publications/FM/Issues/2020/09/30/october-2020-fiscal-monitor>. Acesso: 14 mar 2024.

NICOLAU, Jairo. (2020) *O Brasil dobrou à direita: uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018*. São Paulo: Zahar.

PAULA, Luiz Fernando de; VAZ, Camila; MACHADO, Pedro Lange Netto. A economia política da pandemia de Covid-19: o Brasil na encruzilhada entre o “velho normal” e as novas tendências internacionais. (2023) In FONTAINHA, F., and MILANI, C. R. S., eds. *Coletânea Covid-19 e agendas de pesquisa nas ciências sociais* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, ISBN: 978-85-7511-606-7. <https://doi.org/10.7476/9788575116067>.

PERISSINOTTO, Renato; NUNES, Wellington. (2023) *Introdução aos Métodos Qualitativos: Comparação Histórica, QCA e Process Tracing*. São Paulo: Edusp.

RENNÓ L, AVRITZER L, CARVALHO P.D. de. Entrenching right-wing populism under covid-19: denialism, social mobility, and government evaluation in Brazil. *Rev Bras Ciênc Polít* [Internet]. 2021;(36):e247120. Available from: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.36.247120>

RENTERIA, Cesar; Arellano-Gault, David. (2020) “How does a populist government interpret and face a health crisis? Evidence from the Mexican populist response to COVID-19”. *Brazilian Journal of Public Administration*, Rio de Janeiro 55(1): 180-196, Jan. - Feb..

STOTT, Michael; MURRAY, Christine. (2023) López Obrador militariza economia do México e converte Exército em aliado. *Financial Times*, publicado em Valor, 16 ago 2023. <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2023/08/16/lopez-obrador-militariza-economia-do-mexico-e-converte-exercito-em-aliado.ghtml> Acesso: 5 abr 2024.

Sott MK, Bender MS, da Silva Baum K. (2022) Covid-19 Outbreak in Brazil: Health, Social, Political, and Economic Implications. *International Journal of Health Services*. 52(4):442-454. doi:10.1177/00207314221122658

TILLY, Charles (2003). “Regimes and Contention”. *The Handbook of Political Sociology States, Civil Societies, and Globalization*, pp. 423 – 440. Cambridge University Press, DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511818059.023>.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**DAS JORNADAS DE JUNHO/2013 À ELEIÇÃO DA “FRENTE AMPLA” /2022: A CRISE DA  
DEMOCRACIA BRASILEIRA E AS TÁTICAS E ESTRATÉGIAS DOS PARTIDOS  
POLÍTICOS DE ESQUERDA**PAULO ROBERTO DE SENA JÚNIOR (UFPA)<sup>1</sup>JEAN FRANÇOIS YVES DELUCHEY (UFPA)<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa analisa as táticas e estratégias da esquerda e seus partidos políticos na arena democrática brasileira entre as “Jornadas de Junho” /2013 e as Eleições gerais em Outubro/2022. É desafiador escrever sobre as categorias Democracia e Partidos Políticos de esquerda nos âmbitos marxiano e marxistas, na atualidade, em virtude do processo de erosão dos direitos e liberdades democráticas em curso no mundo, especificamente no Brasil. Por diversas vezes e em países muito distintos, esse processo tem colocado em xeque não apenas as instituições democráticas existentes e a ideia de Democracia, mas afeta também os partidos de programas e tradição de esquerda, na capacidade de endereçar os problemas do mundo contemporâneo, e propor novas alternativas ao status quo. Nesse trabalho delinearemos sobre as características fundamentais da Democracia Liberal e os elementos que constituem sua crise de legitimidade no mundo contemporâneo e no Brasil, além de explicitar as táticas e estratégias dos Partidos Políticos de Esquerda no país, tomando como marco temporal o período das Jornadas de Junho/2013 à 3ª vitória de Luís Inácio Lula da Silva e a “Frente Ampla” encabeçada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ao executivo brasileiro em 2022. O referencial teórico metodológico que será utilizado nessa pesquisa se baseia na teoria marxiana de compreensão da realidade, tendo como parâmetro a divisão da sociedade em classes sociais em conflito e esmiuçando as categorias Democracia e Partidos Políticos de Esquerda, além de auxiliar na contextualização histórica das transformações políticas que ocorreram no período de Junho/2013 à Dezembro/2022.

**Palavras-chaves:** Democracia; Partidos Políticos de Esquerda; Táticas; Estratégias.

**INTRODUÇÃO**

É desafiador escrever sobre o papel dos partidos de esquerda e a esperança, que trazem (ou traziam), de que a mazelas estruturais da sociedade capitalista se “desmanchariam no ar”. O desafio já existia em outros momentos históricos, dada a amplitude das categorias *Democracia*, *Partidos Políticos de esquerda*, *táticas e estratégias* nos âmbitos marxiano e marxistas. Tal desafio se faz, todavia, ainda mais acentuado na atualidade, em virtude do processo de erosão dos direitos e liberdades democráticas em curso no mundo, especificamente no Brasil. Por diversas vezes e em países muito distintos, esse

---

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Sociais (Bacharelado/Licenciatura), com área de concentração em Ciência Política – (UFPA/IFCH), Mestre em Ciência Política, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Política-UFPA (PPGCP/UFPA) e Doutorando em Serviço Social pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social-UFPA (PPGSS/UFPA). E-mail: [paulosena\\_1986@yahoo.com.br](mailto:paulosena_1986@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Doutor em Ciência Política / Políticas Públicas pela Univ. da Sorbonne Nouvelle (Paris 3). Professor Associado da Universidade Federal do Pará (UFPA), docente da Faculdade de Serviço Social (FASS/ICSA), do PPG em Direito (PPGD-ICJ), e do PPG em Serviço Social (PPGSS-ICSA). Pós-Doutor em Filosofia e Sociologia pela Université Paris-Nanterre (Sophiapol), e em Direito pela PUC-Rio. Co-líder do grupo de pesquisa CNPq CESIP-MARGEAR (Grupo de Estudos sobre as Normalizações Violentas das Vidas na Amazônia). Pesquisador-membro do GENA (Grupo internacional de Estudos sobre Neoliberalismo e Alternativas; Sophiapol, Univ. Paris Nanterre), e tem experiência de pesquisa com o IPEA (Brasília), a fundação Gerda Henkel Stiftung (Dusseldorf/Alemanha) e o LE STUDIUM Loire Valley Institute for Advanced Studies (Tours/França). E-mail: [jfdeluchey@gmail.com](mailto:jfdeluchey@gmail.com)

processo tem colocado em xeque não apenas as instituições democráticas existentes e a ideia de Democracia, mas afeta também os partidos de programas e tradição de esquerda, na capacidade de endereçar os problemas do mundo contemporâneo, e propor novas alternativas ao *status quo*.

A escolha da investigação desta temática se faz necessária para que se vislumbre as possibilidades e as ações políticas da classe que vive do trabalho, pois uma estratégia revolucionária não pode prescindir do conhecimento da engenharia democrática e de sua forma política e organizativa, considerando que é necessário uma organização que se crie as condições para o desenvolvimento de uma proposta, programa ou alternativa de projeto ao capitalismo. E para essa árdua tarefa, é necessário tempo, pesquisa, conhecimento da totalidade e da particularidade, e ter em mente que esta este trabalho de pesquisa só terá seu sentido acadêmico e político, se for enriquecido com a prática social, das opiniões e sugestões dos atores sociais, pois uma sociedade alternativa ao capital deve ser construído democratizando o debate e as demandas com o proletariado, e não ser decretado de cima para baixo.

Nesse sentido, este artigo terá a insígnia de analisar os limites e possibilidades da esquerda e seus partidos na arena democrática brasileira entre Junho/2013 e Dezembro/2022, entre estar na oposição e administrar o executivo federal. Verificar os zig-zags das organizações de esquerda e as mudanças de percurso nos seus programas e ações políticas, nos auxiliará a entender a essência e a aparência de fenômenos, em meio ao avanço político quanti-qualitativo da extrema direita e do conservadorismo; a ascensão de um político carreirista, sem expressão parlamentar, que passa a ser o autêntico “representante das classes populares” a partir de soluções simplistas, reducionistas e negacionistas, explorando nuances crescente de sentimento antipetista e antiesquerda; a deterioração das relações institucionais entre os 3 (três) poderes da República, entre outros. Sentimento este que foi fortemente funcionalizado diante da conjuntura de crise econômica e de seus efeitos sociais.

#### **A “TORMENTA” QUE ABALA A DEMOCRACIA LIBERAL BRASILEIRA E OS PARTIDOS DE ESQUERDA NO “OLHO DO FURACÃO”: DAS JORNADAS DE JUNHO/2013 ÀO IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEF (PT)/2016**

Refletir sobre a democracia contemporânea como se ela fosse inerte as violações a que tem sido submetidas denuncia de pronto a insuficiência da análise. Ela ostenta uma quantidade de interrupções e impedimentos que carregam uma cicatriz profunda no rearranjo político do país, afetando principalmente as organizações de esquerda e os movimentos sociais. Os últimos quase 15 anos foram efervescentes, do ponto de vista da instabilidade econômica, política, social e institucional, assim como as respostas das organizações do espectro da esquerda, a partir de suas táticas, estratégias e agendas no contexto da luta de classes.

Dilma Rousseff (PT), embarcando na alta popularidade dos mandatados de Lula da Silva (2003-2006/2007-2010), foi eleita para um terceiro mandato consecutivo do Partido dos Trabalhadores, em meio as consequências da crise internacional de 2007-2008, a chamada “bolha imobiliária Norte-Americana”. Segundo Santos (2019), o contexto de soma de expansão da riqueza (período em todos os grupos sociais são beneficiados, ainda que alguns mais que os outros) estava em transição para um cenário de soma-estagnada (tendência de congelamento do perfil social de distribuição de riqueza) e de soma negativa (alguns grupos sociais reduziram o ritmo de apropriação da renda gerada).

Coggiola (2019) chama a atenção para os índices da crise econômica no Brasil e o aguçamento da luta de classes no período pré-Jornadas de Junho/2013, vindoura de uma junção entre contingenciamento no orçamento para áreas estratégicas, queda dos índices econômicos e manutenção da “cartilha” sobre a vigência do pagamento da Dívida Pública. O PIB (Produto Interno Bruto) reduziu de 4,5% em 2011, para 1% em 2012, principalmente devido a queda no setor de serviços, em particular da intermediação financeira, como consequência da redução das taxas de juros. O saldo comercial nesse mesmo período reduziu de U\$ 31,3 bilhões em novembro de 2011, para U\$ 23,9 bilhões em junho de 2012. *“O governo federal destinou dois terços dos recursos gastos em 2013 para pagamento de juros e amortizações da dívida: estavam previstos R\$ 900 bilhões para a dívida pública, 20% a mais do que os R\$ 753 bilhões gastos no ano precedente”*. (IBIDEM: 149).

Oswaldo Coggiola analisou também, as consequências da crise econômica para o mundo do trabalho e sua organização sindical e política. Entre 2012 e 2013, a quantidade de greves no Brasil atingiu um novo patamar, comparável ao final dos anos 1970 e início de 1980, segundo apontou o DIEESE. A greve do funcionalismo Federal em 2012 (encabeçada pelos sindicatos ANDES, FASUBRA e SINASEFE), que paralisou 58 das 59 universidades, promoveu massivas passeatas e jornadas de lutas em Brasília. Os auditores fiscais paralisaram por um reajuste salarial de 30%. Greves chegaram a paralisar o polo industrial de Manaus e o trabalho de servidores da Polícia Federal. Destaque também para o setor privado, onde os trabalhadores reagiram com paralisações e greves em setores de metalúrgicos (trabalhadores da General Motors no ABC Paulista e em São José dos Campos – SP), e na Eletrobrás (FURNAS, CHESF, ELETRONORTE, ELETROSUL e outras dez empresas), contestando os efeitos da Reforma Trabalhista “fatiada”, que já previa a “demissão voluntária” e a inserção do “banco de horas”<sup>3</sup>.

Os indicadores macro e microeconômicos estavam se deteriorando, assim como a popularidade de Dilma Rousseff, e deu mostras das entranhas do Regime democrático brasileiro, em

---

<sup>3</sup> IBIDEM: 149-159.

suas nuances sociais e políticas. A crise social foi explicitada a partir das mobilizações contra o aumento da tarifa dos transportes em São Paulo e no Rio de Janeiro, em 2013, e agregou posteriormente, reivindicações relacionadas aos serviços de saúde e educação, além de bandeiras anticorrupção e a denúncia da “farra” da gastança do dinheiro público para a preparação da Copa do Mundo de 2014 e da violenta ação policial contra as manifestações. Essas demandas da agenda social básica brasileira, juntamente com o aprofundamento das mobilizações, desferiram o início da maior crise política que a Nova República perpassa, ainda sem conclusão, e que afetou diretamente o funcionamento das instituições democráticas, ora com ênfase nas esferas representativas (Executivo e Legislativo), ora nas esferas não representativas (Judiciário e Forças Armadas). (BIONDI, 2021).

Nesse sentido, várias eram as organizações que tentavam hegemonizar as pautas das manifestações. Buzetto (2013) e Calil (2013) identificaram as organizações no espectro da esquerda, que estavam presentes desde o início: o Partido Comunista Revolucionário (PCR), o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o Partido da Causa Operária (PCO), o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU). Além destes também foi possível encontrar membros de tendências que atuam dentro do Partido dos Trabalhadores (PT), o Polo Comunista Luís Carlos Prestes e a Consulta Popular. No entanto, com a nacionalização das passeatas, o surgimento e avanço de bandeiras claramente de direita, “contra o PT”, “contra o comunismo”, defesa sumária da volta da ditadura militar, o rechaço a “bandeira vermelha” nos protestos e a sistemática criminalização dos movimentos sociais por parte da grande mídia, acuraram a esquerda em sua atuação, e ao arrefecer os protestos já em fins de junho, essas organizações não conseguiram lograr uma polarização com a ascendente direita “parida” das jornadas.

Entretanto, a tentativa de demonstrar força e organização foi tardia. No mês seguinte, em 11 de julho, houve uma convocação chamada de “Dia nacional de mobilização”, e foi controversa, pois envolveu Centrais sindicais de oposição ao Governo Federal (*CSP-Conlutas* e *Intersindical*), e Centrais governistas atreladas ao projeto petista (Central Única dos Trabalhadores – *CUT*; Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - *CTB*, vinculada ao PCdoB; e pelas centrais sindicais tradicionalmente associadas ao sindicalismo de conciliação de classes (*Força Sindical*, *União Geral dos Trabalhadores*, *Nova Central Sindical dos Trabalhadores*, *Central Geral dos Trabalhadores do Brasil* e *Central do Sindicatos Brasileiros*). Para Calil (2013), a participação de centrais sindicais governistas foi o *upgrade* para que a grande mídia explorasse e influenciasse a opinião pública, correlacionando o movimento com a defesa do governo petista, além de *stigmas* como a associação à práticas sindicais corruptas e ao clientelismo, acentuando a despolitização e confusão no seio da classe trabalhadora,

além de denúncias sobre a presença de “militantes” que foram pagos para participarem das manifestações.

Ainda em 2014, se avizinhava as eleições gerais, em que a presidenta Dilma Rousseff tentava a reeleição, em um contexto bem desfavorável com relação as outras três eleições anteriores, vencidas por Lula e por ela mesma. A direita avançava rapidamente, com uma rápida ideologização e politização da agenda nacional, usurpando as bandeiras anti-institucionais, antiparlamentares e mesmo antissistêmicas, passando a lhe atribuir um valor ultraconservador. (ANTUNES, 2022).

A esquerda encontrava-se “zozna” ainda, sob efeitos das Jornadas de Junho/2013, e se articulava entre os partidos políticos que atuavam na oposição petista, com pouca inserção parlamentar, mas ainda com enraizamento sindical (urbano e rural), na juventude e em movimentos populares. Chegado a hora do processo eleitoral de 2014, a presidenta Dilma Rousseff buscava a reeleição pelo Partido dos Trabalhadores (PT), polarizando pela 6ª vez a disputa com a candidatura do Partido da Socialdemocracia Brasileira (PSDB), o mineiro Aécio Neves. A esquerda estava fragmentada, não reeditando a “Frente de Esquerda/PSOL-PSTU-PCB” que alçou a 3ª colocação em 2006, quando a época foi encabeçada por Heloísa Helena (PSOL), que angariou mais de 6,5 milhões de votos, equivalente a 6,85% dos votos válidos. O Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) lançou a candidatura da ex-deputada federal Luciana Genro à presidência, visto que o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) registrou o metalúrgico José Maria de Almeida; enquanto que o Partido Comunista Brasileiro (PCB) disputou o pleito com o professor Mauro Iasi; e o Partido da Causa Operária (PCO), que estava representado por Rui Costa Pimenta, mas teve a candidatura indeferida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ao longo da campanha, sendo liberada *sub judice* até o fim do pleito.

A candidata do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) fez a sua campanha em eixos como economia, financiamento de campanha, questões de costumes (Legalizações do Aborto e da Descriminalização da Maconha) e a Dívida Pública Brasileira. Em entrevista ao Portal UOL, em conjunto com o programa “Poder e Política”, da Folha de São Paulo, em 22 de junho de 2014<sup>4</sup>, a ex-deputada enfatizou a importância do financiamento público paritário das campanhas, defendendo o fim de seu financiamento privado e ao não recebimento de doações de empresas multinacionais, bancos e empreiteiras. Além disso, defendeu a Descriminalização do aborto e da maconha, onde o Estado, a partir do Sistema Único de Saúde (SUS) acolha as gestantes, mediante a um programa de acompanhamento e tratamento seguro e gratuito, e que estimule um diálogo aberto e democrático

---

<sup>4</sup> “**Leia a transcrição da entrevista de Luciana Genro ao Uol e a Folha**”. Ver mais em <<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/24/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-luciana-genro-ao-uol-e-a-folha.htm>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.

com a população sobre métodos contraceptivos e planejamento familiar, além da proposta de auditoria da dívida, a exemplo do que ocorreu no Equador. Para Genro, a auditoria é necessária para que se possa destinar os recursos a população, “(...) preservando os interesses de pequenos poupadores, dos trabalhadores que têm seu dinheiro nos fundos de pensão, e buscando uma renegociação a partir dessa auditoria”. (IBIDEM, 2014).

Seguindo a análise da política eleitoral dos partidos de esquerda nas eleições gerais de 2014, José Maria de Almeida representou o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) pela quarta vez, com uma plataforma política que vislumbra a estatização do sistema do sistema financeiro, a suspensão do pagamento da dívida pública, o financiamento público das campanhas eleitorais e o programa da revolução socialista. Ao ser entrevistado pelo portal UOL, através do jornalista Guilherme Balza, em 01 de Agosto de 2014<sup>5</sup> “Zé Maria” afirmou que a moratória da Dívida Pública brasileira e a estatização do sistema financeiro tem o objetivo de inverter prioridades: o de financiar e direcionar políticas públicas para a construção de moradias, escolas, hospitais, a produção de alimentos, obras de infraestrutura e oferecer crédito barato à população. Todo esse arcabouço precisa estar vinculado ao término do que chama de “privilégio das grandes empresas”, findando subsídios fiscais das multinacionais, como as montadoras de veículos, com uma política progressiva de “redução da jornada de trabalho, garantiria salário e aposentadoria aos índices dos valores calculados pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE).

Ainda segundo o candidato do PSTU, o financiamento público de campanha tem que ser acompanhado pela isonomia dos espaços de debate em campanhas eleitorais. Segundo ele, é inadmissível que uma empresa de televisão como a Rede Globo, que tem uma concessão pública, oferece mais espaços de visualização jornalísticas a 2 ou 3 candidaturas mais bem posicionadas em pesquisas eleitorais. Além disso, mesmo sabendo que tem poucas chances de ganhar a eleição, a sua organização política participa do pleito eleitoral com o intuito de divulgar e debater o programa político socialista.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) lançou a candidatura à presidência da República, o professor da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Mauro Iasi, que apresentou uma agenda com eixos econômicos, políticos, a questão das agendas identitárias e a debate do programa socialista. Em entrevista ao site “O Viés”<sup>6</sup>, as vésperas do 1º turno do pleito, o

---

<sup>5</sup> Ver mais em **Zé Maria (PSTU) defende salário mínimo a políticos e estatização de bancos**. Disponível em <<<https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/08/01/ze-maria-pstu-defende-salario-minimo-a-politicos-e-estatizacao-de-bancos.htm>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.

<sup>6</sup> Ver mais em **Entrevista com Mauro Iasi**. Disponível em <<<https://www.revistaovies.com/2014/10/02/eleicoes-2014-entrevista-com-mauro-iasi-pcb/>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.

candidato do PCB centra suas propostas no que ele denomina de “poder popular”, que seria utilizar as ferramentas necessárias na luta de classes para o convencimento político e a mobilização permanente dos segmentos que compõe a classe que vive do trabalho, e que lutam por seus direitos: trabalhadores urbanos e rurais, da juventude, mulheres, negros, homossexuais, índios, entre outros, para om confronto contra a dominação capitalista e em defesa de uma sociedade alternativa, a sociedade socialista.

Ao final da campanha eleitoral, a candidata do Partido dos Trabalhadores, em um 2º turno acirradíssimo contra Aécio Neves (PSDB), foi reeleita para um segundo mandato, com uma diferença de um pouco mais de 3,5 milhões de votos (51,64% x 48,36%). As candidaturas menores, da esquerda, quantitativamente, angariaram quase 2 milhões de votos, com destaque para Luciana Genro (PSOL), que obteve 1,6 milhões de votos (1,55% dos votos válidos/4ª colocação). José Maria de Almeida (PSTU), foi o 8º colocado, obtendo 91.209 votos (0,09% dos votos válidos); Mauro Iasi (PCB), que finalizou o pleito na 10ª colocação, com 47.845 votos (0,05% dos votos válidos); e Rui Costa Pimenta (PCO), que mesmo com quase a totalidade da campanha eleitoral em viés de impugnação da chapa, obteve 12.324 (0,01% dos votos válidos).

Dilma Rousseff (PT) começa o seu governo, em 2015, sob o prisma da desconfiança em um ambiente polarizado, tanto da classe política que garante a governabilidade parlamentar, quanto dos movimentos sociais, que ainda reverberam a agenda das Jornadas de Junho/2013. Brás (2017), analisa o início do 4º mandato petista como uma “era já em crise”, efeitos estes construídos conscientemente pela classe dominante, que perpassavam desde problemas na coalizão no Congresso Nacional, e sofrendo a sangria das investigações da Polícia Federal na “Operação Lava-Jato”, os reverses no Supremo Tribunal Federal (STF) e a cristalização ideológica da mídia burguesa.

Com a crise econômica a passos largos, a governabilidade da coalizão cada vez mais fragilizada, o avanço das investigações da Operação Lava-Jato atingindo o “núcleo-duro” do Governo, a insatisfação era quase generalizada aos arredores de Brasília, que a possibilidade de abortar o mandato de Dilma Rousseff era real. Até que em 2 de dezembro de 2015, o ex-presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha (PMDB), acatou um pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, para abertura de um processo de crime de responsabilidade da presidência da República. Era o caminho para o *Impeachment*. Sua justificção: crime de responsabilidade pela prática das chamadas “pedaladas fiscais” e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso<sup>7</sup>. Foram 273 dias de um percurso institucional, que se

---

<sup>7</sup> “A acusação argumentou que os decretos autorizaram suplementação do orçamento em mais de R\$ 95 bilhões e contribuíram para o descumprimento da meta fiscal de 2015. Disseram que o governo sabia da irregularidade porque já havia pedido revisão da meta quando editou os decretos e que o Legislativo não tinha sido consultado, como deveria ter

encerrou em 31 de agosto de 2016, tendo como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma Rousseff.

O processo de impedimento do mandato petista que pôs fim a 13 anos seguidos de administração da máquina federal, foi contexto de debates, elaborações políticas e diferentes perspectivas de análises, conjunturas e ações no campo da esquerda. A tese de que houve um “Golpe” se tornou quase que unanimidade entre partidos, movimentos sociais, intelectuais e na academia. Lowy (2016) analisa o processo de *Impeachment* como “Golpe Parlamentar e/ou Institucional”, e até mesmo um “*Golpe de Estado*”, que trazia em si um movimento de reorganização da classe política para garantir a sua autossalvação, mediante a repercussão das investigações, acusações e julgamentos dos atos de corrupção, que tinham em alvos principais o PT e seus aliados, e citam determinantes econômicos, políticos e sobredeterminações jurídica para tal definição.

*Michael Lowy* avalia o impedimento da presidenta Dilma Rousseff como um movimento das classes dominantes e do capital financeiro na América Latina, pois o mesmo método foi utilizado em deposições presidenciais em Honduras e no Paraguai. O autor denomina esse processo no Brasil como um Golpe de Estado pseudolegal, “constitucional”, “institucional” e parlamentar, articulada por uma aliança de partidos de direita a partir da bancada de parlamentares chamada de “BBB”: da “Bala” (deputados ligados à Polícia Militar, aos esquadrões da morte e à milícias privadas), do “Boi” (grandes proprietários de terra, criadores de gado) e da “Bíblia” (neopentecostais integristas, homofóbicos e misóginos). Era um movimento, segundo o autor, da classe política fisiológica, puxado por deputados e senadores que estavam envolvidos em casos de corrupção, e como forma de “desviar” as atenções das investigações que estavam sofrendo pela Polícia Federal e o Ministério Público, atribuíram as irregularidades contábeis (“pedaladas fiscais”) para cobrir déficits nas contas públicas à presidenta, que já estava com sua popularidade em frangalhos desde o período *pré-impeachment*. Dilma Rousseff perdeu o cargo, mas manteve seus direitos políticos, enquanto que a direção da celeuma “golpista”, o deputado federal Eduardo Cunha (MDB – RJ), foi obrigado a renunciar, investigado e preso por corrupção, lavagem de dinheiro, evasão fiscal, etc.

Nesse sentido, quase todos os partidos políticos, organizações de esquerda e movimentos sociais realinharam as ações políticas em torno de, inicialmente, defender o mandato petista, e posteriormente, na tentativa de desgaste e derrubada do novo “Governo Temer (2016-2018)”. PT, PC do

---

sido feito antes da nova meta ser aprovada. Em relação às pedaladas, a acusação disse que não foram apenas atrasos operacionais porque o débito do Tesouro com os bancos públicos se acumulou por longo tempo e chegou a valores muito altos. Segundo os juristas, o acúmulo dos débitos serviu para fabricar superávit fiscal que não existia e para criar uma situação positiva das contas públicas que não era verdadeira. O objetivo das “pedaladas”, como afirmaram, teria sido, portanto, esconder a real situação fiscal do país”. Ver mais em **“Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil”**. Disponível em <<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>>. Acesso 25 Jan. 2024

B, PCB, PCO, a direção majoritária do PSOL, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a União Nacional dos Estudantes (UNE), Movimentos dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Intersindical, Central do Trabalhador e Trabalhadora Brasileira (CTB), União de Núcleos de Educação Popular para Negras/os e Classe Trabalhadora (UNEAFRO), intelectuais, artistas, entre outros, fundaram a “Frente Povo sem Medo”, norteando-se por três eixos: “(...) Enfrentamento às políticas de austeridade, enfrentamento ao conservadorismo e saídas para a crise com reformas populares e taxaço dos ricos”<sup>8</sup>.

Em contrapartida, intelectuais, artistas, alguns movimentos sociais e Partidos Políticos, como o PSTU e a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST – UIT)<sup>9</sup>, advogam que o *Impeachment* de Dilma Rousseff é parte do funcionamento da Democracia de classes da burguesia e seus agentes políticos, e expressa de forma distorcida a luta de classes, e não representa e não reflete a agenda da classe que vive do trabalho.

Biondi (2021) reconhece o forte elo entre a consumação do impedimento da presidenta petista e o impacto da Operação Lava-Jato. No palavratório lavajatista, o fim dos governos do PT era um evento de “libertação nacional”, o “fim do julgo do partido que seria o maior corrupto da vida política brasileira”. No entanto, contesta as conclusões de *Michael Lowy*, de que houve um “Golpe”, seja lá de qual tipo ele transparece (“Institucional”, “Parlamentar”, “de Estado”, etc), que tenha vilipendiado a democracia liberal e o Estado Democrático de Direito. A interrupção do mandato petista, em 2016, deve ser tratado como um determinante final da dinâmica e contradições da luta de classes, e não o ponto de partida para defesa de dogmas como “houve rupturas institucionais”, ou então “um golpe na presidenta eleita democraticamente”.

O golpismo, segue *Pablo Biondi*, é um termo aberto a adjetivações, mas o método marxista de análise do Estado e da democracia burguesa prescinde de uma análise do real, dos cenários econômicos, políticos e sociais, e não centralmente a imputação jurídica dos governante. A tese de Lowy, de que o *impeachment* era uma “aberração jurídica”, simplesmente por ser um ritual de corruptos julgando casos de corrupção, e por não ter precedente por que “pedaladas fiscais” sempre

---

<sup>8</sup> Ver mais em “**Frente Povo Sem Medo engrossa luta contra o retrocesso**”. Disponível em <<<https://www.cut.org.br/noticias/frente-povo-sem-medo-engrossa-luta-contra-o-retrocesso-8b8f>>>. Acesso 27 de Jan. 2024.

<sup>9</sup> A **Corrente Socialista dos Trabalhadores – Unidade Internacional dos Trabalhadores (CST – UIT)** foi uma das tendências fundadoras do *Partido Socialismo e Liberdade* (PSOL), em 2004, e após polêmicas e desacordos com a direção majoritária deste partido, rompem com a organização, devido a participação orgânica como base parlamentar no Governo Lula 3 (2022 – 2025), com a composição em ministérios e cargos de 1º e 2º escalões, e a consequente perda de sua independência política e de classe. “*Neste cenário estrutural – integração ao governo central, órgão da dominação de classe da burguesia – não há mais uma real luta interna. O PSOL selou, de forma irreversível, seu destino ao ingressar e apoiar o governo capitalista de Lula/Alckmin. Cristaliza-se na institucionalização, sem eixo na luta de classes, como partido dos gabinetes e assessorias. O PSOL está amarrado à lógica parlamentar, ao peso do monumental e milionário fundo partidário e a cabos eleitorais pagos. Nós sabemos que o atual PSOL seguirá elegendo mandatos, mas jamais voltará a cumprir o papel que cumpriu em sua fundação como uma ferramenta da esquerda independente.*” (**Por quê a CST rompe com o PSOL? In** <<<https://www.cstuit.com/home/2023/06/05/por-que-a-cst-rompe-com-o-psol/>>>). Acesso 28 Jan. 2024.

foram atos de governos passados, não passa de um proselitismo ético, como se houvesse julgamento de um governo burguês “honesto”, por um “bando de desonestos”. A compreensão da conjuntura da luta de classes não abarca a totalidade e nem suas particulares apenas pelo viés de pareceres jurídicos, e nem espera que os agente políticos se comportem como cidadãos movidos pela obediência à estrita legalidade da democracia liberal. Essa interpretação, inclusive, foi tomado como cartilha pela grande maioria dos partidos de esquerda, que tomaram lado de “um campo progressista” na luta de classes, com a vestimenta de que o polo petista da burguesia e do capital era o posicionamento sensato do proletariado. O mesmo fervor que tinham em “defender a democracia”, se arrefeceu na hora de denunciar a carestia provocada pelo “jeito petista de governar”, de aliança com a fração burguesa do capital nacional, e o caráter reacionário do sistema eleitoral e do poder judiciário.

O *Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU)* e a *Corrente Socialista dos Trabalhadores – Unidade Internacional dos Trabalhadores (CST – UIT)*<sup>10</sup> estiveram fora do “raio de influência” da maioria dos partidos de esquerda, que atribuíram o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) à uma “ação golpista”. Consideram que, assim como *Pablo Biondi*, os determinantes econômicos, políticos e sociais são as ferramentas do método marxista para análise de conjuntura, da correlação de forças entre as classes sociais e a política para a concretude do momento. Fatos como o aumento do número de greves desde 2013, contra a austeridade econômica imposta a vários setores da economia, a crise política desencadeada pelas investigações e prisões da Operação Lava-Jato, o fim das mínimas concessões mantidas pelos governos Lula e por Dilma no início de seu primeiro mandato, num contexto de crescimento econômico, a queda das taxas de lucro do agronegócio com a crise das *comodities*, a inflação galopante, a queda na criação dos empregos, o avanço das demissões e das taxas de desemprego, minaram a base social do governo, sem contar o “abandono” de uma fração de classe que apoiou o governo petista, deveriam expressar uma alternativa independente do proletariado, tanto do Governo quanto da oposição burguesa.

### **A PRISÃO DE LULA (PT) E O ASCENSO DO BOLSONARISMO: NO JOGO DE XADREZ, A EXTREMA-DIREITA DEU “XEQUE-MATE”**

Em 2018, já no último ano do Governo de Michel Temer (MDB), houveram drásticas mudanças no tabuleiro do jogo democrático, em vistas as eleições que ocorreriam em outubro do corrente ano. Num cenário em que a gestão emedebista, tendo já reposicionado os interesses do capital financeiro e a hegemonia da burguesia ultraneoliberal no país, aplicando os planos de

---

<sup>10</sup> Ainda como tendência interna do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

austeridade fiscal e social, para recompor as taxas de lucro e manter o superávit primário para ampliar o pagamento das dívidas externas e interna, foi impactado por um fato que iria nortear o pleito eleitoral que se avizinhava: a prisão do ex-presidente e virtual candidato à presidência Luís Inácio Lula da Silva (PT).

Em 07 de abril de 2018, Lula se entrega à Polícia Federal, depois de um grande ato político que lançava, desde já, a campanha “Lula Livre”, no entorno de seu berço político, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo – SP. A sentença condenatória foi definida pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), de 12 anos e 1 mês de prisão, com início em regime fechado, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. (...) Lula é acusado de receber o tríplice no litoral de SP como propina dissimulada da construtora OAS para favorecer a empresa em contratos com a Petrobras”<sup>11</sup>.

Sem entrar no mérito do conteúdo jurídico da decisão, o intuito será analisar o impacto deste fato político para os partidos de esquerda no pleito eleitoral de 2018, e quais as táticas utilizadas por eles a partir da retirada do ex-presidente do tabuleiro de xadrez da política no Brasil.

Em uma nota pública unificada e assinada por PT, PDT, PC do B e PSOL, os partidos afirmam que o ex-presidente petista foi vítima de perseguição política, e “(...) representa agressão à democracia brasileira e aos tratados internacionais de direitos humanos, os quais consagram, como fundamentos dos regimes democráticos, os princípios da soberania popular, da presunção da inocência e do devido processo legal”<sup>12</sup>. Ainda segundo o comunicado, mesmo que o poder judiciário tenha faltado com o rito processual do Estado Democrático de Direito, há uma demonstração de clara confiança nas instituições da democracia burguesa em reverter o caso, pois a resposta para a injusta cassação (segundo afirma a nota), do até então “líder nas pesquisas de intenção de votos”, é se ater e respeitar a democracia.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) lançou uma nota em seu *website*<sup>13</sup> e foi na mesma linha retórica do PT, PC do B, PSOL e PDT. Inicia repudiando a prisão do ex-presidente Lula, e acusou o poder judiciário de fazer um julgamento cheio de vícios, com manipulações e seletividade durante todo o processo, que teve o aval ideológico e proeminente dos grandes meios de comunicação, principalmente da Rede Globo, com o objetivo de retirá-lo da disputa eleitoral.

---

<sup>11</sup> Ver mais em “**Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro**”, disponível em <<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>>. Acesso 30 Jan. 2024.

<sup>12</sup> Ver mais em “**Partidos de esquerda divulgam nota de repúdio à prisão de Lula**”. Disponível em <<<https://pt.org.br/partidos-de-esquerda-divulgam-nota-de-repudio-a-prisao-de-lula/>>>. Acesso em 30 Jan. 2024.

<sup>13</sup> Ver mais em “**PCB repudia a prisão do ex-presidente LULA**”. Disponível em <<<https://pcb.org.br/portal2/19284>>>. Acesso 01 Fev. 2024.

Ainda segundo a nota, essa seletividade fica demonstrada “(..) pelo fato de que os principais corruptos, tanto no Executivo quanto no Legislativo, mesmo com vastas provas, continuam soltos e gozando de liberdade<sup>14</sup>”. O texto termina com o PCB chamando uma unidade de todas as forças democráticas, progressistas e revolucionárias, e resistirem contra o esvaziamento das liberdades democráticas, “(..) participar ativamente do enfrentamento, em conjunto com as organizações e movimentos populares, à escalada fascizante, ao avanço do conservadorismo e aos ataques contra a classe trabalhadora”<sup>15</sup>.

O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) lançou uma nota em seu *website*<sup>16</sup> e ressaltou o caráter da prisão de Lula, seu significado político e as consequências da ação do poder judiciário com relação a classe que vive do trabalho. Inicialmente, o informe afirma que a condenação do ex-presidente apenas em 1 (um) de seus 9 (nove) indiciamentos em andamento, é parte de sua escolha e do PT em sua estratégia de dirigir o Estado burguês brasileiro, e ao fazer coalisões com políticos (Sarney, Barbalho, Calheiros, Temer, Maluf, Collor, entre outros), que nada tem a ver com os trabalhadores e as classes populares do país, e se afundou em suas mesmas arapucas da corrupção.

Diferentemente da nota divulgada pelo próprio PT, PSOL, PC do B, PDT e PCB, não se trata de um aprofundamento do chamado “golpe”, ou de “um ataque a democracia”, ou uma “afronta ao Estado de Direito” ou “a justiça que está sendo seletiva”, e que culminou com o impedimento de Dilma Rousseff (PT) e agora a prisão do dirigente petista. A Justiça e o seu Estado de Direito são seletivos quando encarceraram “(..) 290 mil pessoas presas – na sua ampla maioria negros e pobres – sem que nunca tenham tido direito a qualquer julgamento, nem em segunda nem em primeira instância”<sup>17</sup>. Mas como o poder judiciário é um instrumento de hegemonia da classe dominante, não se vai afundo apenas na prisão de corruptos. É necessário também a prisão dos corruptores, das empresas e políticos financiadores, além da expropriação dos bens acumulados a partir da corrupção, de todos os envolvidos e indiciados. “A Justiça é seletiva sim, mas a saída é exigir a prisão dos demais corruptos, e não a impunidade geral”<sup>18</sup>.

A nota conclui com uma pergunta e o apontamento a estratégias diferentes dos partidos de esquerda que estão na “órbita do PT”: “Democracia e presunção de inocência são só para os políticos e empresários”<sup>19</sup>. E faz observações e questionamentos sobre o poder judiciário, que não deve ter a confiança do proletariado, pois como um poder instituído das classes dominantes burguesas, num

---

<sup>14</sup> *Idem* 13.

<sup>15</sup> *Ibidem* 14.

<sup>16</sup> Ver mais em “**NOTA DO PSTU: STF nega habeas corpus e prisão de Lula é decretada**”. Disponível em << <https://www.pstu.org.br/stf-nega-habeas-corpus-e-prisao-de-lula-e-decretada/>>>. Acesso em 30 Jan. 2024.

<sup>17</sup> *Idem* 16.

<sup>18</sup> *Ibidem* 17.

<sup>19</sup> *Ibid* 18.

país de salários miseráveis e com juízes ganhando 40, 50 vezes mais que um trabalhador comum, e que deixa livre e impunemente figuras como Jair Bolsonaro, que explicitamente louva os 21 anos de Ditadura Civil-Militar (1964-1985) e é a favor da retirada das liberdades democráticas, deve “acobertar” toda forma de exploração e opressão sempre com uma justificativa do Direito e/ou normativa. E, quem pode construir um outro judiciário, “(...) para acabar com toda impunidade e injustiça, derrotar todo autoritarismo contra o povo trabalhador e, inclusive, defender as liberdades democráticas que possam ser ameaçadas, é a mobilização dos trabalhadores”<sup>20</sup>, e o erguimento de uma sociedade socialista.

Os partidos de esquerda que estavam sobre a “rota de influência”, do Partido dos Trabalhadores (PT) e sua principal figura pública, Luís Inácio Lula da Silva, agora no cárcere, encarariam um contexto em que seu principal candidato estaria “fora de combate”, situação ratificada na decisão de 01 de setembro de 2018, pelo Plenário do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que indeferiu, por maioria de votos (6 a 1), o registro de candidatura do ex-presidente para disputar as eleições à Presidência da República em outubro, que declarou a sua inelegibilidade com base na Lei da Ficha Limpa<sup>21</sup>.

Nicolau (2020) verificou que, na esteira da campanha eleitoral, foi se fortalecendo a candidatura de um deputado federal carreirista, que teve sua atividade parlamentar, por duas décadas (1990-2010) discreta, tendo aprovado apenas um projeto de lei, sem presidir uma comissão ou sendo líder de partido ou bancada: Jair Bolsonaro. Se não fossem seus vários discursos espalhafatosos, seria mais um deputado a ser despercebido no cenário nacional. Mesmo sem ser campeão de votos em todos os processos eleitorais (com uma média de 100 mil votos por pleito eleitoral), priorizava a pauta da defesa dos interesses das corporações militares. Mas a partir da legislatura de 2011, Bolsonaro diversifica suas bravatas para abordar temas comportamentais na Câmara dos Deputados e nos meios de comunicação. Agora ele passa a centrar no que chama de

---

<sup>20</sup> *Ibid* 19.

<sup>21</sup> Em 01 de setembro de 2018, seguindo o voto do relator do Ministro do Superior Tribunal Federal (STF), Luís Roberto Barroso, o registro da candidatura de Lula foi declarada inelegível, como consequência de questionamentos no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por impugnações, notícias de inelegibilidade e ações de impugnação de mandato, num total de 17 processos. As demandas foram apresentadas pelo Ministério Público Eleitoral (MPE), por candidatos e partidos adversários, entidades e até eleitores. Todas essas contestações continham, essencialmente, o mesmo fundamento: Lula é inelegível em razão da incidência do artigo 1º, inciso I, alínea ‘e’, itens 1 e 6, da Lei Complementar nº 64/90 (com a redação dada pela Lei Complementar nº 135/2010, a Lei da Ficha Limpa), que dispõe que são inelegíveis aqueles que forem condenados, em decisão transitada em julgado ou proferida por órgão judicial colegiado, desde a condenação até o transcurso do prazo de oito anos após o cumprimento da pena, pelos crimes contra a economia popular, a fé pública, a administração pública e o patrimônio público (item 1) e de lavagem ou ocultação de bens, direitos e valores. Ver mais em “**TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República**”. Disponível em <<[81](https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica#:~:text=O%20relator%2C%20considerou%20necess%C3%A1rio,todos%20os%20recursos%20se%20esgotassem>>. Acesso 30 Jan. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

“defesa da família tradicional”, que ao seu ver, era constantemente “(...) ameaçada pelo casamento gay, pelo material escolar do governo do PT ‘que incentiva as crianças a serem homossexuais’ e até pela ‘lei menino Bernardo’, que pune castigos físicos e maus-tratos contra crianças, a qual para Bolsonaro, tiraria a autonomia dos pais”. (*IDEM*: 76). Era uma exposição consciente, tendo em vistas um eleitorado que a cada eleição estava se multiplicando, responsável pela votação que compôs uma bancada no parlamento: os evangélicos e conservadores.

No âmbito histórico e político, 2 (dois) eventos tiveram repercussão nos rumos da disputa. Cronologicamente, o primeiro, é o que o autor chama de “fora da curva”, mas aconteceu. O candidato Jair Bolsonaro (PSL) sofreu um atentado em Juiz de Fora – MG, conhecido como “a facada”, em 06 de setembro. O candidato passou quase o 1º turno todo convalescendo em um quarto de hospital, para depois seguir em sua casa. Nunca um candidato a presidente haveria sofrido tal ato de tamanha magnitude. E o segundo foi a alteração da composição de uma chapa em plena campanha, por motivos judiciais. Como dito anteriormente, o Partido dos Trabalhadores (PT) inscreveu a Coligação “O Povo Feliz de novo”, composto por PT, PC do B e PROS, encabeçada por Lula e o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad (PT). Com o indeferimento do ex-presidente pela Lei da Ficha Limpa, no dia 11 de setembro, 10 dias depois da decisão de “impedimento” traçada pelo TSE, Haddad passa a ser o “cabeça de chapa”, sendo a gaúcha Manuela D’Ávila (PC do B) como sua vice.

Retomando o trabalho de Nicolau (2020), o candidato do PT, ao ser oficializado o substituto de Lula, obteve uma ascensão meteórica nas pesquisas de opinião. Ele partiu de 5% para a faixa de 20% das preferências, segundo as pesquisas DATAFOLHA e IBOPE, se tornando um dos concorrentes mais fortes de ir para o segundo turno. Essa transferência de votos de Lula empolgou a direção do PT, que criava expectativas de uma virada ainda na 1ª etapa das eleições. Era “quase uma reviravolta”, pois com Lula no páreo, o ex-presidente sempre esteve à frente das pesquisas com uma margem de 30 a 35% da preferência dos eleitores. Com a entrada de Haddad no páreo, Jair Bolsonaro passa a frente no decorrer da campanha. Ele começa com uma margem de 20% das intenções, passa a ter mais de 30% na segunda metade de setembro, rompendo a barreira dos 40% ao final do mês. Havia a possibilidade, entre os coordenadores da campanha do PSL da possibilidade de vitória em 1º turno, o que não ocorreu. No “primeiro round” das eleições, Jair Bolsonaro saiu vencedor, tendo 42% dos votos totais (o equivalente a 46% dos votos válidos), enquanto que Haddad teve 27% dos votos totais (29% dos votos válidos).

No primeiro turno do processo eleitoral, os partidos de esquerda analisados até aqui, que se encontravam fora do espaço da máquina estatal (PSOL, PCB e PSTU) e com inserção nos movimentos sociais, sindicais, populares, juventude e do campo, inscreveram candidaturas com diferentes

perspectivas, ainda que fossem coadjuvantes, em um cenário polarizado entre a volta do petismo, na figura de Fernando Haddad (PT), e a alternativa conservadora antipetista, que se apresentava como “antissistema, temente a Deus e patriótica”, na figura de Jair Bolsonaro (PSL).

O PSOL e o PCB selaram uma aliança eleitoral no dia 21 de julho, em que Guilherme Boulos (Coordenador Nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto/MTST) foi escolhido o candidato ao executivo brasileiro, tendo Sônia Guajajara (Coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil/APIB) como vice. A chapa “Vamos sem medo de mudar o Brasil” também recebeu o apoio de movimentos sociais, como o próprio MTST, a APIB, além do grupo “Mídia Ninja” e a Intersindical.

Na plataforma política lançada no *website* do Tribunal Superior Eleitoral, a chapa PSOL – PCB se apresenta como uma alternativa “(...) de nação soberana, democrática, igualitária, revertendo o caos atual de aprofundamento das desigualdades sociais, do medo e da desesperança”<sup>22</sup>. Havia uma perspectiva antissistêmica, de enfrentamento ao *status quo* da classe dominante do país, que historicamente, construiu seus privilégios econômicos, sociais e políticos em detrimento da desigualdade social crônica e do empobrecimento da classe trabalhadora brasileira. Acrescenta ainda que o programa político da esquerda socialista deve ter como perspectivas centrais o arrebatamento ao capital financeiro, ao agronegócio, aos monopólios (inclusive dos grandes meios de comunicação), à dependência comercial, econômica e tecnológica, e que combata o conservadorismo e toda forma de agressão do Estado capitalista. Segundo a proposta, a fundamentação da plataforma da chapa deve ser transversal, e ter como eixos o meio ambiente, fazendo um balanço dos modelos predatórios de recursos naturais, florestas e comunidades tradicionais, assim como as demandas do mundo do trabalho, da seguridade social, da política de geração de empregos para a juventude e “(...) a centralidade na luta contra a desigualdade e por direitos, nas demandas de mulheres, negros e negras, LGBTI, pessoas com deficiência, indígenas e num outro modelo de desenvolvimento consistente e coerente com esta natureza programática”<sup>23</sup>.

O Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU) oficializou a operária Vera Lúcia como “cabeça de chapa” à presidência da República, tendo o ativista do Movimento Negro “Raça e Classe” Hertz Dias, ambos filiados ao partido. Em entrevista aos jornalistas Lucas Arraz e Ailma Teixeira, do *website* “Bahianoticias”, a candidata pretende fazer da sua campanha durante as eleições gerais como “um chamado a rebelião”, e que estende a sua candidatura a classe que vive do trabalho, tendo como eixos centrais “(...) a expropriação de empresas e latifúndios, assim como a entrega da

---

<sup>22</sup> Ver mais em “Programa da Coligação “VAMOS SEM MEDO DE MUDAR O BRASIL” – Guilherme Boulos e Sonia Guajajara. Ver mais em << [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000601016/proposta\\_1533565462424.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000601016/proposta_1533565462424.pdf)>>. Acesso 01 Fev. 2024.

<sup>23</sup> *Idem* 22.

tutela dessas propriedades aos trabalhadores, como parte das medidas que adotará para combater a concentração de renda no Brasil, caso seja eleita”<sup>24</sup>.

Tentando se consolidar como uma alternativa no espectro à esquerda, a candidata do PSTU afirma que, em meio ao contexto de mais uma crise econômica e política, do aprofundamento da desigualdade social, do desemprego e da carestia, a sua candidatura tem por objetivo aglutinar a luta da classe trabalhadora, debater a necessidade de uma revolução socialista e um país socialista, e apresentar um programa revolucionário e que represente o proletariado.

Já no segundo das eleições gerais de 2018, era consenso entre os marqueteiros petistas que Fernando Haddad deveria adotar uma nova estratégia neste segundo turno, mais voltada ao centro e distante do ex-presidente Lula. O candidato do PT, para atrair os eleitores indecisos e dos candidatos mais ao centro, tirou o termo Assembleia Constituinte, uma das polêmicas do primeiro turno, e eliminou menções à descriminalização das drogas e à reforma ou desmilitarização da polícia. Tratou logo de fazer acenos ao mercado, como manter a autonomia do Banco Central e ao agronegócio, e ainda alijou a ideia de mandato fixo para tribunais superiores. Essa é mais uma peça na busca de votos para tentar derrotar o adversário Jair Bolsonaro (PSL)<sup>25</sup>.

Para *Jairo Nicolau*, a campanha do candidato do PT não emplacava, e isso se deu na demora ou na negativa de apoios nos setores democráticos. Ele recebeu apoio crítico do PDT, sendo que o candidato do partido Ciro Gomes preferiu nem declarar voto, viajando inclusive para Paris na campanha do 2º turno. Fernando Henrique Cardoso e outras lideranças nacionais do PSDB não se manifestaram, ou declararam abertamente o voto em Jair Bolsonaro, como os governadores eleitos João Dória e Eduardo Leite, por São Paulo e Rio Grande do Sul, respectivamente. Marina Silva deu seu apoio somente 15 dias depois da votação do 1º turno. O PSOL manifestou o voto em Haddad e inclusive se juntou à campanha com o candidato Guilherme Boulos, o mesmo caminho tomou o PCB. Já o PSTU declarou voto crítico no PT, defendendo a preservação das liberdades democráticas, que corriam o risco de serem dissipadas num possível governo Bolsonaro. Registre-se ainda que circulavam nos bastidores da campanha de Haddad que nem a direção petista acreditava na virada, e torcia para que a derrota, pelo menos não fosse humilhante. (NICOLAU, 2020).

O autor ressalta ainda que houve a tentativa de dar um “último suspiro” em uma campanha de “vira voto”, cultivado nas redes sociais, e do “Ele Não”, por movimentos ligados as causas de gênero e LGBTQIA+, com diversas atividades de rua em diferentes cidades do país. Ao final da campanha,

---

<sup>24</sup> Entrevista “**Contra 'teoria do empoderamento', candidata do PSTU à Presidência defende revolução socialista no país**”. Ver mais em << <https://www.bahianoticias.com.br/entrevista/584-contra-teoria-do-empoderamento-candidata-do-pstu-a-presidencia-defende-revolucao-socialista-no-pais-30072018>>>. Acesso 30 Jan. 2024.

<sup>25</sup> *Idem* 24.

mesmo tendo Fernando Haddad tendo crescido mais que Bolsonaro, o candidato do PSL triunfou. O candidato petista passou de 27% para 41% dos votos totais, enquanto que Jair Bolsonaro foi de 42% para 50%. Em votos válidos, a vitória do ex-deputado foi de 55% a 45%. (IDEM, 2020).

### **A GUIA DE CONCLUSÃO: DIANTE DO AVANÇO DO BOLSONARISMO, É URGENTE RESGATAR A NECESSIDADE DA INDEPENDENCIA DE CLASSES**

As eleições gerais de 2018 foram um marco, na perspectiva institucional. Caracterizou-se por ser *disruptiva* (ABRANCHES, 2019; CORBELLINI e MOURA, 2019), pois encerrou um ciclo político que organizava o presidencialismo de coalizão brasileiro dos últimos vinte e cinco anos, movidos por uma disputa polarizada entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), realinhando a força dos partidos políticos em uma troca abrupta no poder governamental – no caso, da esquerda tradicional e parlamentar para a direita ultraconservadora.

A instabilidade atual na luta de classes brasileira, aprofundada pelo impeachment de Dilma Rousseff, e materializado de forma “caricata” nas eleições de 2018, resultou na aplicação de uma agenda ultraneoliberal, que garanta a soberania do agronegócio e da exploração de minérios, “(...) às custas da desregulamentação e do desmonte de mecanismos de proteção e demarcação de terras indígenas e quilombolas”, da “(...) centralidade recém-assumida da contrarreforma da Previdência, (...) colocando para andar o projeto do “Brasil, paraíso do capital fictício e da superexploração do trabalho sem direitos” (SANTOS, 2019).

Demier (2018) avalia o novo período aberto com a eleição de Bolsonaro, como um produto do avanço do autoritarismo e do conservadorismo, e como uma espécie de semibonapartismo reacionário, no qual vislumbra-se uma relativa autonomização do aparelho governamental em relação as próprias classes dominantes, preenchendo cargos estratégicos do alto escalão por militares e atores togados (como no caso do ex-juíz Sérgio Moro), assim como, por uma agenda econômica ultraneoliberal, localizado entre as diretrizes democráticas e a emergência de um regime político neofascista, mas atuando dentro dos marcos da democracia liberal-blindada.

Ao retornarmos Antunes (2022), fazendo um resgate histórico desses quase quatro anos de governo de ultradireita, o autor aponta que Jair Bolsonaro não foi a melhor opção das classes dominantes desse país e do capital internacional, mas sua candidatura se mostrou viável ao combinar a autocracia militarizada com uma política ultraneoliberal na economia. A perfeita combinação de “Defesa do Sistema Financeiro”.

Ainda segundo Ricardo Antunes, tempos mais obscuros ainda pairam sobre o Brasil, como reflexo da crise estrutural do capital. Afirmando que o Governo Bolsonaro foi “(...) a maior tragédia econômica, social e política do país em todo o período republicano”. (ANTUNES, 2022: 76). É o

contexto em que as classes dominantes brasileira perderam qualquer resquício de apego à engenharia democrática; assumiu abertamente sua face colonialista, escravista, entreguista e autoritária; aprofundou o desmonte da legislação social protetora do trabalho; arruinou a política de seguridade social, com a reforma da Previdência Pública em 2019, pelo qual os assalariados mais pobres foram excluídos de uma efetiva previdência pública, restando-lhe, no máximo, migalhas assistencialistas; adiciona-se nesse pacote a tentativa de destruição dos organismos de classe, da Justiça do Trabalho e da predominância do “acordado” sobre o “Legislado”; a sistemática destruição da natureza, com a liberação recorde de agrotóxicos e defensivos agrícolas, além da devastação da Amazônia pelo trabalho irregular e danoso do garimpo, da extração de minérios, da madeira, do agronegócio, das queimadas, etc; somando-se a isso, a decomposição econômica e social, com o aprofundamento da miséria (33 milhões abaixo da linha da pobreza) e quase 15 milhões de desempregados. (IBIDEM, 76-77).

Por todo esse cenário, ainda há alternativa programática e independente, oriundo das demandas da classe trabalhadora? Qual o programa a ser à apresentado, pela Esquerda socialista, à classe que vive do trabalho? As alianças que o, à época candidato, Luís Inácio Lula da Silva (PT), articulou em 2022 (a chamada “*Frente Ampla*”), seriam as mais consequentes para derrotar a extrema direita nas ruas e nas urnas? A reedição do chamado “pacto social”, da conciliação de classes, encampada na disputa eleitoral há 20 anos, inclusive, aglutinando adversários históricos e taxados de “golpistas”, como Geraldo Alckmin, Renan Calheiros, Gilberto Kassab, Rodrigo Maia, Tasso Jereissati, Jáder Barbalho, entre outros baluartes do falacioso “golpe parlamentar” de 2016, teriam condições de apresentar uma agenda que atribuísse direitos e o avanço da consciência da classe que vive do trabalho?

Engels, no *Prefácio de A luta de classes na França de 1848 a 1850*, já apontava as armadilhas da democracia burguesa ao movimento operário e suas organizações. É de extrema importância a luta por conquista de direitos democráticos transitórios (como o sufrágio universal e de livre organização), mas estipular o cunho de síntese da “plenitude política da classe trabalhadora” não deve ser estratégico, pois a engenharia institucional burguesa é “campo do inimigo” de classe, sendo sua sobrevivência inversamente proporcional a capacidade de mobilização do proletariado.

Prosseguindo com Engels, o movimento proletário pode, e deve, ter as suas organizações participando nos processos políticos legais, se apoiando nos trabalhadores, como na Espanha, Alemanha e França. Entretanto, as experiências da luta de classes nos ensinam 3 (três) lições: 1 – é preciso transformar o processo eleitoral e o acesso à tribuna parlamentar como uma ferramenta de denúncia da fraude classista (acordos espúrios, usurpação e destruição dos poucos direitos

instituídos, etc.) que é a democracia burguesa; 2 – A necessidade de usá-lo como instrumento de propaganda poderoso, para alcançar e conquistar a consciência da classe trabalhadora para o programa revolucionário e socialista; 3 – Assegurar que o jogo parlamentar é apenas tático, e não estratégico, pois as burguesias tentam assegurar, a partir da repressão de suas forças armadas, qualquer desproporção das conquistas dos trabalhadores na luta de classes<sup>26</sup>.

Mézsaros (2010: 157-165), reforça o caráter contemporâneo das análises de Engels, e afirma que, entre crises e contradições, o Estado do sistema do capital, é um constituinte material regulador e contingenciador da reprodução sociometabólica, sendo assim, admite momentos de “mais democracia” e “menos democracia”. A democracia constitucional é uma engenharia de classe e representa a multiplicidade dos interesses dos capitalistas, sob um comando político global, perpassando por períodos de concessões ao trabalho, através de medidas sociais e protetivas, até em períodos que coloca em xeque a própria existência da humanidade para permanecer no comando da reprodução social, minando as instituições com o ativo envolvimento em medidas autoritárias e legislativas, bem como provocando guerras insanas e sanguinárias, de invasão de territórios, para manter um patamar sustentável de acumulação de capital.

Nesse sentido, o autor reforça a importância do resgate da categoria Estado e a análise marxiana de sua constituição histórica, partindo do pressuposto de que é um equívoco pensar na dualidade Sociedade Civil x Estado Político, posto que a estrutura parlamentar é um mero assunto formal/legal, de legitimação política, “(...) uma vez que o capital detém realmente o controle de todos os aspectos vitais do metabolismo social (...) e da reprodução socioeconômica do capital, “(...) ainda que se suponha (...) a ‘igualdade democrática’ de todas as forças políticas que participam do processo legislativo”. (MEZSAROS, 2010: 36).

Empenhar algumas ortodoxias marxianas se faz de extrema urgência, para que se possa ganhar a consciência da classe que vive do trabalho, e unificar suas necessidades imediatas, a viabilidade do Socialismo e derrotar a ultradireita. Mézsaros (2011) e Antunes (2022) resgatam um princípio fundamental para a solidificação da esquerda socialista, que anda esquecido na prática política: a independência de classes. A rejeição a qualquer tipo de Conciliação, acordos com as classes dominantes, não é uma questão de sectarismo e “purismo ético, ideológico e noético”, e sim de princípio ontológico, histórico e dialético. As forças econômicas do capital e as forças sociais do trabalho são inconciliáveis. Vide o desastre stalinista com a política de “Frente Populares” que

---

<sup>26</sup> ENGELS, Friedrich. Prefácio *In* Marx, Karl. **As Lutas de Classes na França – De 1848 a 1850**. Tradução: Nélcio Scheneider. 1. Ed. São Paulo – SP: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels).

permeiam os Partidos Comunistas até o presente momento, e que, arruinou o projeto alternativo de sociometabolismo que a Revolução Russa de Outubro de 1917 inaugurou.

Portanto, na medida em que é preciso comungar fatores quantitativos e qualitativos, para contrapor de forma extraparlamentar, a elaboração de ações flexíveis que possam mediar as diferentes demandas da classe trabalhadora, ancoradas nas suas lutas e resistências a partir de seus sindicatos, partidos de classe e movimentos populares, em uma agenda que inclui pleno emprego; educação; saúde; o combate: ao machismo, a misoginia, o racismo, a LGBTQIA+fobia; o reconhecimento das culturas originárias e a proteção ao meio-ambiente, não como “produto de troca” para acordos, e sim pontos programáticos radicais, para avançar a consciência da classe trabalhadora e sua tarefa como sujeito social e político, debatendo a necessidade da superação da divisão social do trabalho e na construção de uma alternativa anticapitalista e sociometabólica emancipatória.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. Polarização radicalizada e ruptura eleitoral *In* ABRANCHES, Sérgio et al. **Democracia em risco?** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANTUNES, Ricardo. **Capitalismo Pandêmico**. 1. Ed. São Paulo – SP: Boitempo, 2022.

BIONDI, Pablo. **Operação Lava-Jato e Luta de Classes – Forma Jurídica, crise política e Democracia Liberal**. São Paulo – SP: Sunderman, 2021.

BRÁS, Marcelo. **O golpe nas ilusões democráticas e a ascensão do conservadorismo reacionário**. Revista Serviço Social e Sociedade, São Paulo, n. 128, p. 85-103, jan./abr. 2017. BIONDI, Pablo. **Operação Lava-Jato e Luta de Classes – Forma Jurídica, crise política e Democracia Liberal**. São Paulo – SP: Sunderman, 2021.

BUZETTO, Marcelo. **As mobilizações de junho de 2013 e os desafios na construção do poder popular**. Revista Lutas Sociais, São Paulo, vol.17 n.31, p.125-39, jul./dez. 2013.

CALIL, Gilberto. **Embates e disputas em torno das jornadas de junho**. Projeto História, São Paulo, n. 47, pp. 377-4 e 03, Ago. 2013

CORBELLINI, Juliano; MOURA, Maurício. **A Eleição Disruptiva – Por que Bolsonaro venceu**. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

COGGIOLA, Osvaldo. **De FHC a Bolsonaro – Elementos para uma História Econômico-política do Brasil (1979-2019)**. 1 ed. São Paulo: Liber Ars, 2019.

DEMIER, Felipe. Rumo a um semibonapartismo reacionário? Alguns poucos parágrafos de conjecturas *In* ARCARY, Valério; BENJAMIN, Cid; DEMIER, Felipe. **O ovo da serpente – A ameaça Neofascista no Brasil de Bolsonaro**. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

ENGELS, Friedrich. Prefácio *In* Marx, Karl. **As Lutas de Classes na França – De 1848 a 1850**. Tradução: Nélcio Scheneider. 1. Ed. São Paulo – SP: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels).

LOWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil *In* SINGER, André (*et al*). **Por que gritamos Golpe? Para entender o Impeachment e a crise política no Brasil**. 1ª Ed. São Paulo – SP: Boitempo, 2016.

MESZÁROS, István. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria de Transição**. Tradução: Paulo César Castanheira; Sérgio Lessa. 1 ed. Revista – São Paulo –SP: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. **Atualidade Histórica da Ofensiva Socialista**. São Paulo: Boitempo, 2010

NICOLAU, Jairo. **O Brasil dobrou a Direita – Uma radiografia da eleição de Bolsonaro em 2018**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Zahar, 2020.

SANTOS, J.S. O enfrentamento conservador da questão social e desafios para o Serviço Social no Brasil *In Serviço Social e Sociedade*, v. 136, p. 484-497, 2019.

#### **ENTREVISTAS E WEBSITES**

BIANCHINI, Lia. **Após dois anos do golpe, Temer deixa um Brasil destruído**. Disponível em <<<https://www.brasildefato.com.br/2018/12/28/apos-dois-anos-do-golpe-temer-deixa-um-brasil-destruido>>>. Acesso 25 Jan. 2024.

**Contra “teoria do empoderamento”, candidata do PSTU à Presidência defende revolução socialista no país**”. Disponível em << <https://www.bahianoticias.com.br/entrevista/584-contra-teoria-do-empoderamento-candidata-do-pstu-a-presidencia-defende-revolucao-socialista-no-pais-30072018>>>. Acesso 30 Jan. 2024.

**Entrevista com Mauro Iasi**. Disponível em <<<https://www.revistaovies.com/2014/10/02/eleicoes-2014-entrevista-com-mauro-iasi-pcb/>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.

**Fora Temer! Fora Todos! Fora Renan, Cunha, Serra, Aécio, Dilma e Lula!** Disponível em <<<https://www.cstuit.com/home/2016/05/19/fora-temer-fora-todos-fora-renan-cunha-serra-aecio-dilma-e-lula/>>>. Acesso 28 Jan. 2024.

**Frente Povo Sem Medo engrossa luta contra o retrocesso**. Disponível em <<<https://www.cut.org.br/noticias/frente-povo-sem-medo-engrossa-luta-contra-o-retrocesso-8b8f>>>. Acesso 27 de Jan. 2024.

**Haddad atualiza plano de governo e retira pontos polêmicos**”. Disponível em <<<https://www.gazetadopovo.com.br/politica/república/eleicoes-2018/haddad-atualiza-plano-de-governo-e-retira-pontos-polemicos-5l41ovn3e7w6nevkqcyup7g14/>>>. Acesso 01 Fev. 2024.

**Impeachment de Dilma Rousseff marca ano de 2016 no Congresso e no Brasil**. Disponível em <<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2016/12/28/impeachment-de-dilma-rousseff-marca-ano-de-2016-no-congresso-e-no-brasil>>>. Acesso 25 Jan. 2024.

**Leia a transcrição da entrevista de Luciana Genro ao Uol e a Folha**. Disponível em <<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2014/06/24/leia-a-transcricao-da-entrevista-de-luciana-genro-ao-uol-e-a-folha.htm>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.

**Lula se entrega à PF e é preso para cumprir pena por corrupção e lavagem de dinheiro**”. Disponível em <<<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/lula-se-entrega-a-pf-para-cumprir-pena-por-corrupcao-e-lavagem-de-dinheiro.ghtml>>>. Acesso 30 Jan. 2024.

**Nota do PSTU: STF nega habeas corpus e prisão de Lula é decretada**. Disponível em <<<https://www.pstu.org.br/stf-nega-habeas-corpus-e-prisao-de-lula-e-decretada/>>>. Acesso em 30 Jan. 2024.

**O significado do impeachment de Dilma**. Disponível em <<<https://www.pstu.org.br/o-significado-do-impeachment-de-dilma/>>>. Acesso 28 Jan. 2024.

**Partidos de esquerda divulgam nota de repúdio à prisão de Lula.** Disponível em <<<https://pt.org.br/partidos-de-esquerda-divulgam-nota-de-repudio-a-prisao-de-lula/>>>. Acesso em 30 Jan. 2024.

**PCB repudia a prisão do ex-presidente LULA.** Disponível em <<<https://pcb.org.br/portal2/19284>>>. Acesso 01 Fev. 2024.

**Por quê a CST rompe com o PSOL?** Disponível em <<<https://www.cstuit.com/home/2023/06/05/por-que-a-cst-rompe-com-o-psol/>>>. Acesso 28 Jan. 2024.

**Programa da Coligação “VAMOS SEM MEDO DE MUDAR O BRASIL” – Guilherme Boulos e Sonia Guajajara.** Disponível em << [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000601016/proposta\\_1533565462424.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000601016/proposta_1533565462424.pdf)>>. Acesso 01 Fev. 2024.

**TSE indefere pedido de registro de candidatura de Lula à Presidência da República.** Disponível em <<<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Setembro/tse-indefere-pedido-de-registro-de-candidatura-de-lula-a-presidencia-da-republica#:~:text=O%20relator%2C%20entretanto%2C%20considerou%20necess%C3%A1rio,todos%20os%20recursos%20se%20esgotassem>>>. Acesso 30 Jan. 2024.

**Zé Maria (PSTU) defende salário mínimo a políticos e estatização de bancos.** Disponível em <<<https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/08/01/ze-maria-pstu-defende-salario-minimo-a-politicos-e-estatizacao-de-bancos.htm>>>. Acesso em 27 Jan. 2024.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**TERRITÓRIO DIGITAL: A ATUAÇÃO E ARTICULAÇÃO POLÍTICA DO BOLSONARISMO  
DENTRO DAS REDES SOCIAIS**Márcia Sousa França<sup>1</sup> (IFPA)  
Wesley Ribeiro Cantão Silva<sup>2</sup> (IFPA)  
Breno Rodrigo de Oliveira Alencar<sup>3</sup> (IFPA)

**Resumo:** Este trabalho discute os impactos causados no campo da política a partir da integração das redes sociais na sociedade brasileira, com ênfase para a atuação e articulação do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, e sua base eleitoral, o bolsonarismo, no território digital. Metodologicamente, partimos, em um primeiro momento, do levantamento sistematizado da literatura e, posteriormente, da netnografia, a qual nos tornou possível analisar o comportamento do bolsonarismo nas plataformas digitais. Identificamos, a partir do diálogo entre as duas metodologias, que Jair Bolsonaro e sua base eleitoral possuem bases materiais nos espaços geográficos e, por meio do populismo digital, se apropriaram do ciberespaço, possibilitando, assim, uma compreensão desse espaço virtual como território digital, impactando não só o processo eleitoral, mas também a democracia brasileira.

**Palavras-chaves:** Ciberespaço. Território Digital. Geografia. Bolsonarismo. Política.

**1. INTRODUÇÃO**

O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico, categoria analisada por meio de conceitos socioespaciais — paisagem, território, rede e lugar —, não se encontrando limitada à dimensão cultural ou simbólica do próprio espaço.

Considerando as diferentes e numerosas abordagens sobre o conceito de espaço, assim como as diversas abordagens incorporadas ao seu conceito, tem-se que as características geográficas clássicas que nos permitem determiná-lo também se materializam no espaço virtual enquanto categoria relacionada ao território geográfico dinâmico, delimitada e frequentemente subordinada às relações sociais, políticas, econômicas e culturais. Assim, nesta pesquisa, o foco está no território digital, onde as atividades virtuais são frequentemente responsáveis pela dinamização e transformações culturais e políticas no território geopolítico.

O bolsonarismo, fenômeno responsável pela propagação de discursos de ódio e negacionismo científico, é um alinhamento ideológico marcado por tradições autoritárias no campo da política institucional, usurpando das formas contemporâneas de interação social. Sua ascensão política se deu através do populismo digital, fenômeno social no qual ideias antidemocráticas são propulsionadas através de plataformas digitais. Assim, tem-se que o

---

<sup>1</sup> Instituto Federal do Pará, IFPA, Brasil. mfranca2512@gmail.com

<sup>2</sup> Instituto Federal do Pará, IFPA, Brasil. wesley.ribeiro72@hotmail.com

<sup>3</sup> Instituto Federal do Pará, IFPA, Brasil. breno.alencar@ifpa.edu.br

presente trabalho possui como objetivo, discutir a relação das plataformas digitais com bolsonarismo, considerando seus valores ideológicos e reconhecendo o ciberespaço como território digital.

## **2.TERRITÓRIO DIGITAL: BOLSONARISMO E O POPULISMO NAS REDES DIGITAIS**

### **2.1 Pensando o território digital a partir da dimensão geográfica**

O debate acerca do conceito de território é fundamental para os estudos geográficos, sobretudo para o campo da Geografia Política clássica, a qual foi desenvolvida e sistematizada por Friedrich Ratzel no século XIX em um contexto de unificação e expansionismo alemão.

Nesse sentido, compreender tal conceito nos abre possibilidades para um leque de concepções, uma vez que a Geografia contemporânea vem se debruçando em vários contornos analíticos em relação ao conceito de território para além daquele desenvolvido pela Geografia Política clássica do século XIX.

Assim, na contemporaneidade, há diferentes abordagens sobre o conceito de território, tais como o território nacional; território quilombola; território indígena; território da criminalidade; território rural etc. Há várias formas de enfoques relacionadas ao conceito, entretanto, isso varia da perspectiva de cada autor e seus interesses de pesquisa, relacionando o objeto de investigação – quando for o caso de trabalhos científicos – a uma determinada terminologia de território.

Nesta pesquisa, nosso enfoque se dá para uma categoria emergente de território nos estudos geográficos, sendo este o território digital (DUARTE, 1999). Esta compreensão territorial não está isenta das características geográficas clássicas acerca da concepção do conceito, ao contrário, estão presentes em sua formação, o que reforça uma abordagem nos parâmetros da Geografia.

A dimensão desta perspectiva de território está na virtualidade, embora sua existência necessite, intrinsecamente, de uma base material técnica espacializada e geolocalizada (ISRAEL, 2021) que produz o espaço virtual, ou seja, o ciberespaço – enquanto totalidade virtual – e o território digital – enquanto um espaço virtual delimitado e subordinado à relações de poder –, este último, dominado e apropriado por determinados indivíduos, grupos ou instituições.

Tais características aproximam, teoricamente, o território material e o território digital a partir de suas relações de poder, sociais, políticas, econômicas e culturais que são engendradas dentro dos respectivos territórios, deixando-os cada vez mais dinâmicos.

Essas características são fundamentais para analisar como o bolsonarismo, enquanto nosso objeto de estudo, atua no ciberespaço – este, enquanto totalidade virtual – e, conseqüentemente, levando em consideração a formação do território a partir da abordagem geográfica cuja mencionada anteriormente, tornando-o um território digital.

Ao se apropriar das redes digitais, Jair Bolsonaro e sua base eleitoral, o bolsonarismo, tornam o espaço virtual em um território digital, articulando-se diante de seus interesses políticos, econômicos e, sobretudo, ideológicos. Esse movimento se dá a partir do que Lilia Schwarcz (2019) vai chamar de populismo digital, presente não só na figura de Jair Bolsonaro, mas em seu eleitorado sistematicamente ativo, organizado e articulado no ambiente digital.

## **2.2 O populismo digital de Jair Bolsonaro e sua base eleitoral: a digitalização da atuação e articulação política**

O advento tecnológico e a expansão da rede de computadores, a internet, possibilitou mudanças significativas em vários campos da sociedade global e novas formas de difusão midiática, proporcionando, assim, um maior alcance das mídias digitais em comparação às mídias tradicionais.

Práticas que antes eram comuns nos espaços geográficos passaram por uma digitalização e virtualização, sendo realizadas expressivamente para além dos espaços físicos, ou seja, no ciberespaço (ISRAEL, 2021). Todo esse processo, o midiático e as novas formas de interações sociais no âmbito digital, se deram a partir da inserção técnica e tecnológica nas sociedades contemporâneas.

Assim, o campo da política foi, sem dúvidas, um dos campos mais impactados a partir da popularização da internet e da integração do ciberespaço no cotidiano dos indivíduos. Seja no campo da política institucional, a qual agentes com cargos políticos se utilizam das redes digitais para se aproximarem de sua base eleitoral, seja no campo da política não institucional, como determinados setores da sociedade civil se organizando e articulando politicamente para reivindicar pautas sociais coletivas e, subsequentemente, ocupar os grandes centros urbanos por meio manifestações populares.

Contudo, a relação das redes digitais com o bolsonarismo, um movimento político alinhado ao campo da direita do espectro político cujo sua ascensão nas redes digitais se deu por meio do populismo digital, é antagônica à reivindicação de pautas sociais e coletivas. Sua atuação se dá mediante a disparo sistematizado de *fake news*, ataques constantes à imprensa e a seus opositores políticos e ideológicos.

Cristaliza-se, por populismo digital, aquele político o qual se utiliza das plataformas digitais para difundir não só seus valores ideológicos, mas cooptar novas pessoas e aumentar sua base eleitoral, por meio de um discurso totalitário e autoritário (SCHWARCZ, 2019), aproveitando-se do dinamismo das redes digitais para a difusão de suas pautas e, como consequência inevitável de toda essa atuação, impactar diretamente o processo eleitoral.

Apontado como um exemplo claro do populismo digital contemporâneo, o ex-presidente da República, Jair Bolsonaro, se utilizou das redes digitais para chegar ao centro do poder executivo. Cesarino (2019) aponta que a campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, com ênfase para a de 2018, foi repleta de conteúdos alarmistas e conspiratórios, tendo a intenção de esvaziar o debate público e se estabilizar como populista (digital) para a grande massa que estava formando sua base eleitoral naquele momento.

Essa articulação de Bolsonaro não ficou limitada apenas nas eleições de 2018, uma vez que a pandemia de COVID-19, durante o mandato de Bolsonaro, foi repleta de *fake news* espalhadas no território digital envolvendo as políticas de contenção e prevenção do vírus, tendo Jair Bolsonaro e seus apoiadores como principais expoentes da difusão do negacionismo científico por meio das plataformas digitais.

Silveira, Rosa e Souza (2022), ao investigarem a atuação de Jair Bolsonaro durante a pandemia, apontam que as narrativas negacionistas por parte de Bolsonaro foram e são estratégicas, almejando ampliar seu apoio para uma ala da extrema-direita conservadora, reacionária e anticientífica.

As eleições gerais de 2022 também foram marcadas pela presença das redes digitais no debate público e político, sobretudo por Jair Bolsonaro, sua base eleitoral e políticos aliados fortemente engajados nas redes, como os deputados federais de extrema-direita, Nikolas Ferreira (PL), Carla Zambelli (PL), entre outros, com um quantitativo expressivo de seguidores empenhados e articulados em seus perfis pessoais nas principais plataformas digitais.

O cenário eleitoral de 2022 foi análogo ao cenário de 2018 no que tange o uso dessas redes e o processo de conectividade virtual, tendo a base de apoiadores de Bolsonaro mais do que estabelecida não só nos espaços físicos da sociedade brasileira, mas nos espaços virtuais.

A agenda foi semelhante: ataques constantes contra a imprensa; ataques à esquerda; ataques a Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT); ataques aos movimentos sociais; exaltação ao agronegócio; o uso exacerbado de *fake news* e uma polarização política entre esquerda e direita mais do que anunciada.

O contexto político brasileiro da última década se apresenta como uma conjuntura nova, a qual se tem a combinação de um ambiente polarizado e as redes digitais fortemente utilizadas como ferramenta política, dividindo, assim, a sociedade brasileira que passou a ser influenciada por políticos populistas (SBARAINI FONTES e MARQUES, 2023).

Em paralelo com a contemporaneidade, precisamente no século XX, a principal ferramenta para os movimentos totalitários – nazismo e fascismo, principalmente – era o rádio. Hoje, as

propagandas são disseminadas de forma massiva em um novo espaço virtual, o qual entendemos por território digital. Assim, além de viabilizar a existência do território digital, as *Big Techs* apresentam um alcance bem maior do que os antigos meios midiáticos, sendo uma nova ferramenta política para ideologias totalitárias e autoritárias do século XXI (FRIAS, 2021).

Fica claro que a nova forma de difusão midiática, desencadeada e sustentada pelo avanço da internet, da técnica e da tecnologia, quando utilizada de forma negativa, vem contribuindo significativamente para o avanço do populismo digital em várias escalas geográficas, notadamente no Brasil. Impactando, principalmente e intencionalmente, o processo eleitoral, uma vez que esses grupos se fazem presentes na virtualidade, utilizando esses espaços para alcançar seus próprios objetivos políticos em detrimento do modelo democrático brasileiro.

### **3. ANTIESTRUTURA, BOLSONARISMO E EXTREMA-DIREITA**

A estrutura social de uma sociedade consiste na forma como os indivíduos se organizam dentro de um sistema, determinado por diversos fatores: culturais, econômicos, históricos, políticos, religiosos e sociais. Essa estrutura social, acompanhada por ritos que concedem direitos de acesso a determinadas esferas de poder ou *status*, cooperam para a existência do que o antropólogo Victor Turner define como antiestrutura, na medida em que produz sujeitos limiares<sup>4</sup>, transitórios ou não, que se agrupam em *communitas* (TURNER, 2013).

Assim sendo, a antiestrutura é a antinorma, tendo em vista que as camadas marginais, latentes, heterodoxas do sistema emergem para a superfície, tensionando a sistematização integral na direção de seus limites estruturais. Dessa forma, o centro do sistema é invertido, de maneira a modificar a fisionomia, virando “do avesso” (CESARINO, 2022).

Diante disso, vê-se que as novas mídias participam de modo central nessa dialética de estrutura e antiestrutura ao aumentarem drasticamente a velocidade do fluxo dos sistemas sociotécnicos, favorecendo para a aceleração de processos estruturais que de outro modo teriam acontecido mais lentamente.

Assim, nessa rápida inversão de ciclo histórico, processos antiestruturais que no mundo pré-digital eram excepcionais, radicalização política e teorias da conspiração, vão se difundindo de tal forma que concebeu-se paradoxos e oscilações entre seus extremos (CESARINO, 2022).

É nesse contexto que se estabelece o bolsonarismo político, um movimento conservador de extrema-direita marcado por teorias conspiratórias, negação da realidade, desprezo pela ciência,

---

<sup>4</sup> É uma condição transitória na qual os sujeitos encontram-se destituídos de suas posições sociais anteriores, ocupando um entre-lugar indefinido no qual não é possível categorizá-los plenamente (TURNER, 2013).

relativização dos direitos humanos, nacionalismo exacerbado, negação de problemas ambientais e avanços sociais progressistas.

Esse fenômeno, que congrega diferentes vertentes da direita, dada sua força e alcance, trata-se de uma conjuntura mais orgânica e longeva do que transparece. Desconsiderar esse panorama impede que se compreenda o processo político no qual a sociedade brasileira ficou submetida. Pois, os repertórios antiestruturais nunca são totalmente novos, contudo, são recuperados a partir de “arquivos miméticos” (MAZZARELLA, 2017 apud CESARINO, 2022).

A dinâmica utilizada por Jair Bolsonaro emerge através da lógica da plataformização e ascensão intermediada pelos espaços virtuais, instrumentalizadas por noções de causalidade coemergentes e recursivas, simplificadoras e imaginárias, rumo a uma verdade única e universal, situada fora da história e dos avanços e conquistas de inúmeros indivíduos.

Essa estratégia hegemônica constituída dentro do ciberespaço faz com que os usuários se sintam mais livres e soberanos exatamente lá onde estão sendo mais influenciados, estreitando as fronteiras ideológicas e adjacentes de Bolsonaro e seus seguidores (CESARINO, 2022).

As fronteiras, antes existentes, abstratas, são performadas, através dos territórios digitais, por aparatos rituais e simbólicos, que transmitem aos usuários os metacódigos daquele grupo (puro-impuro, amigo-inimigo etc.). Assim sendo, Jair Bolsonaro apropriou-se desse espaço para difusão de suas ideologias, influenciando o processo eleitoral, no qual foi determinante em sua vitória nas eleições de 2018.

As mídias, instrumentalizadas pelo ex-presidente, na qual controla o acesso das pessoas ao real, sedimentaram através de *fake news* a figura de Jair Bolsonaro como um líder avesso às figuras políticas existentes, criando uma espécie de “mito” supostamente incorporado fora do sistema. Com isso, o povo, a nação, a família, a igreja etc., passam a ocupar o centro simbólico das sociedades antiestruturais emergentes, autorizando práticas às margens da legalidade, como orçamentos secretos, pseudociências ou milícias (FELTRAN, 2020 apud CESARINO, 2020).

Á visto disso, essas forças antiestruturais, instituída dentro das redes por Bolsonaro, encontram não apenas espaço, mas encorajamento, por meio de suas incisões pontuais no real (ABREU, 2019 apud CESARINO, 2022), para irem pouco a pouco inscrevendo uma outra realidade sociotécnica, ancoradas em camadas mais subterrâneas da internet (CESARINO, 2022).

#### **4. ALGORITMOS E INFRAESTRUTURA DAS NOVAS MÍDIAS NO CONTEXTO BOLSONARO**

A infraestrutura técnica das novas mídias introduze no âmbito do ciberespaço vieses favoráveis às forças antiestruturais (CONNOLLY, 2021 apud CESARINO, 2022), pois, seu aparato técnico acelera a temporalidade e desestabilização dos sistemas preexistentes, fazendo com o que o

usuário deixe de ser agente, tornando-se, assim, ambiente, para as agências de sistemas não humanos.

Esses sistemas antiestruturais introduzidos também pelas novas mídias e sua infraestrutura técnica, não derivam apenas de uma configuração com vistas a equilibrar um novo modelo de organização, mas da orientação técnica com base em pressupostos invertidos, como o bolsonarismo (CESARINO, 2022).

Através dos territórios digitais, a extrema-direita ocupou nichos de mercado político, opondo-se não apenas ao campo progressista, mas também à direita convencional, ressignificando sua hegemonia emergente por meio de *fake news*, silogismos e algoritmos tendenciosos (CESARINO, 2022).

Os algoritmos da internet, tendo em vista seu caráter teleológico, positivo ou negativo, nas relações sociais cibernéticas, afetam as estruturas sociais, as condições de trabalho, a relação entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro, assim, desprovidos de parâmetros éticos e regulamentares efetivos, essa sequência infinita de instruções transformam-se em mecanismos de disseminação de informações falsas (BAUMAN, 2005).

Por isso, diante da relativização de valores civilizatórios, intermediada pelas novas mídias, o indivíduo, pouco a pouco, está perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com o real, dando abrigo a ideologias antidemocráticas.

A busca pela identidade, enaltecida pelos algoritmos e sua relação com a política embutida, tem sido um dos motivos pelo qual alguns seguidores de Jair Bolsonaro acreditam veementemente que a liquefação<sup>5</sup> das estruturas e instituições existentes fará com que sua identidade política reacionária se torne hegemônica.

## **5. BOLSONARISMO E SUAS GEOGRAFIAS**

Compreender o bolsonarismo envolve compreender suas múltiplas dimensões: do material ao imaterial. Neste tópico, nos debruçaremos mais em relação a dimensão da materialidade, enfatizando a atuação do bolsonarismo nos espaços geográficos da sociedade brasileira.

A apropriação e atuação da base eleitoral de Jair Bolsonaro na materialidade dos espaços antecede sua inserção no território digital, levando em consideração que as relações políticas acontecem, antecipadamente, nos espaços físicos (AZEVEDO, 2021). Assim, há determinadas geografias que sustentam o bolsonarismo não só no espaço virtual, mas principalmente na solidez dos espaços geográficos. Nesse sentido, as bases espaciais que alicerçam a existência e perpetuação

---

<sup>5</sup> A expressão costuma se relacionar com o estado de mudança de uma substância para outra.

do bolsonarismo na sociedade brasileira estão espacializadas em determinados espaços no território brasileiro, sendo denominadas de geografias do bolsonarismo (MALHEIRO, 2023).

Para Bruno Malheiro (2023), o bolsonarismo é sustentado a partir de algumas geografias que estão difundidas e localizadas nos espaços geográficos cujas o autor vai denominar de: 1 – geografia do capitalismo de guerra; 2 – geografia do negacionismo; 3 – geografia do Brasil evangélico. De acordo com ele, “Essas três geografias serão pensadas como condição e, ao mesmo tempo, produtos da geografia do bolsonarismo” (MALHEIRO, p. 19, 2023).

A geografia do capitalismo de guerra pode ser caracterizada pelo avanço e expansão das commodities em detrimento da dignidade humana, de um futuro sustentável, do desrespeito à fauna, à flora e aos povos tradicionais que perdem suas terras repletas de simbolismo frente aos interesses do grande capital. A expansão do agronegócio movimenta milhões de reais, porém, ao mesmo tempo, sucumbe a territorialidades seculares, promovendo um apagamento de identidades que são substituídas pelo avanço da soja.

Já a geografia do negacionismo se dá a partir do discurso anti-ciência. Tal discurso fez parte do lema bolsonarista durante a pandemia COVID-19, opondo-se contra as políticas de contenção do vírus, minimizando sua letalidade e criando teorias conspiratórias envolvendo as vacinas. Como resultado, houve a morte de mais de 700 mil pessoas no território brasileiro e milhões de casos de contaminação.

Por fim, a geografia do Brasil evangélico cuja pode ser percebida na expressiva espacialização das igrejas evangélicas, na atuação de fundamentalistas religiosos e da igreja como palanque político, difundindo discursos alarmistas e moralizantes com o principal objetivo de amedrontar os frequentadores, visando, evidentemente, interesses políticos alinhados com políticos da extrema-direita, como é o caso de Jair Bolsonaro.

Em relação à fé evangélica e o bolsonarismo, Souza (2020) demonstra que durante a pandemia de COVID-19 se teve falsas narrativas de líderes religiosos bolsonaristas espalhadas dentro de seus templos, promovendo histórias forjadas que eram usadas como estratégia para garantir a manutenção das igrejas e o pagamento dos dízimos durante a quarentena, além das concessões de rádios e Tv 's.

Essas três geografias trabalham em consenso, dando sustentabilidade para a existência e a presença do bolsonarismo, como bem pontuou Malheiro (2023). A geografia do negacionismo, evidenciada durante a pandemia e espacializada nos espaços geográficos a partir dos números lamentáveis de óbitos, está diretamente atrelada à atuação de grupos bolsonaristas dentro do

território digital. Foi por meio da conectividade que se teve a circulação de fake news envolvendo a crise sanitária e a aversão à ciência.

Tendo sua roupagem negacionista cristalizada com a pandemia de COVID-19, o bolsonarismo, dentro das plataformas digitais, não busca compartilhar algo verdadeiro. Tem, assim, o objetivo de compartilhar falácias em busca de um engajamento pelo ódio, buscando espalhar desinformação de forma massiva em troca de um novo regime de verdade (SILVEIRA; ROSA; SOUZA, 2022).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscamos apontar que o território digital não está isento de uma base física, ou seja, de uma espacialidade material, principalmente no que envolve a técnica que produz o espaço virtual. Nesse sentido, compreendemos o ciberespaço como um território digital, uma vez possui as características territoriais que engendram o território físico, além de ser ocupado e apropriado por determinados indivíduos, grupos ou instituições.

Nosso principal enfoque analítico foi sobre o bolsonarismo e sua ocupação do território digital, que se deu por meio do populismo digital, difusão massiva de *fake news* e ataques contra seus opositores políticos e ideológicos. Essa ocupação por parte do bolsonarismo também é uma expressão de uma antiestrutura que se enfatiza, também, no processo de conectividade. Tal atuação nos espaços virtuais cristaliza-se durante as eleições gerais de 2018 e 2022, e na pandemia de COVID-19, na qual o uso das plataformas digitais por parte do bolsonarismo foi uma ferramenta política e de ataques constantes contra a ciência.

Além disso, o bolsonarismo é sustentado não só por uma virtualidade a qual detém bases físicas, mas, também, a partir de determinadas bases geográficas que se apresentam como pilares de sustentabilidade e possibilitam a perpetuação do bolsonarismo. Com isso, apontamos as três geografias do bolsonarismo, de acordo com as contribuições de Malheiro (2023): 1 – geografia do capitalismo de guerra; 2 – geografia do negacionismo; 3 – geografia do Brasil evangélico.

Da materialidade, envolvendo os espaços físicos, à imaterialidade – a qual não está isenta de uma materialidade – envolvendo o território digital, é evidente que o bolsonarismo tem alicerces mais do que estabelecidos na sociedade brasileira contemporânea. Suas tentativas de compreensão nos levam a analisar todas as suas dimensões e facetas, não esgotando, neste trabalho, as investigações, uma vez que o mundo virtual é dinâmico e está em constante movimento.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Daniel Abreu de; BRULE, David Melo van den. CIBERESPAÇO É A NOVA PANACEIA DA DEMOCRACIA?. *Mercator (Fortaleza)*, v. 20, p. e20009, 2021.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, 2001.
- CESARINO, Letícia. Populismo digital, neoliberalismo e pós-verdade: uma explicação cibernética. **VII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia**, 2019.
- CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso: verdade e política na era digital**. São Paulo: Ubo Editora, 2022.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade: a era da informação**. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DUARTE, Fábio. Democracia no território digital. **Comunicação & Educação**, n. 14, p. 27-32, 1999.
- FRIAS, Eliana Sanches. Inteligência artificial, desinformação e populismo digital: Como as plataformas digitais impulsionam os movimentos de extrema direita. **Razón y Palabra**, v. 25, n. 112, p. 12-31, 2021.
- ISRAEL, Carolina Batista. **Redes digitais: espaços de poder: por uma geografia da Internet**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021. 376p.
- Malheiro, Bruno. **Geografias do Bolsonarismo: entre a expansão das commodities, do negacionismo e da fé evangélica no Brasil**/ Prefácio Rogério Haesbaert - Rio de Janeiro: Amazônia Latitude Press, 2023. / 96p.
- RENNÓ, Lucio. **Bolsonarismo e as eleições de 2022**. Estudos Avançados, v. 36, p. 147-163, 2022.
- SBARAINI FONTES, Giulia; MARQUES, Francisco Paulo Jamil. Defending democracy or amplifying populism? Journalistic coverage, Twitter, and users' engagement in Bolsonaro's Brazil. **Journalism**, v. 24, n. 8, p. 1634-1656, 2023.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Editora Companhia das Letras, 2019.
- SILVEIRA, Felipe Lazzari; ROSA, Pablo Ornelas; SOUZA, Aknaton Toczec. Negacionismo científico e tecnologias algorítmicas em tempos pandêmicos:: etnografia das narrativas bolsonaristas em grupos de WhatsApp. **Revista Opinião Filosófica**, v. 13, n. 1, p. 1-29, 2022.
- TURNER, Victor W. **O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 2013.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**NEGAR A PANDEMIA, NEGAR A DEMOCRACIA: ELEMENTOS PARA UM DEBATE  
SOBRE O NEGACIONISMO E SEUS DESLOCAMENTOS A PARTIR DE FREUD E ADORNO**Mateus Abreu Pereira<sup>1</sup> (UFPA/UNIESAMAZ)Mauricio Rodrigues de Souza<sup>2</sup> (UFPA)

**Resumo:** A partir de um diálogo entre a psicanálise freudiana e a teoria social de Adorno, o presente trabalho visa compreender os deslocamentos do discurso negacionista sobre a pandemia de COVID-19 que vigorou no Brasil durante os anos de 2020 e 2022. Neste sentido, o trabalho propõe que o negacionismo é capaz de mobilizar diversos mecanismos psicológicos e sociais, sendo uma categoria muito mais ampla do que a mera coletivização do mecanismo de defesa da negação (*Verneinung*) proposta por Freud. Para tanto, promove uma discussão acerca do negacionismo à luz da gramática das negações propostas por Freud, sobretudo no que se refere aos conceitos de *Verneinung* e o de recusa/desmentido (*Verleugnung*) para escrutinar este fenômeno social. De maneira semelhante, analisa-se o negacionismo enquanto um discurso calcado em estratégias de psicologia das massas e de dispositivos psicológicos típicos da propaganda fascista descritos por Theodor W. Adorno. Em termos conclusivos, o negacionismo da COVID-19 é proposto enquanto um discurso que visa mais do que negar a existência e perigo trazidos pelo vírus, mas também obter ganhos políticos de tal situação a partir da instrumentalização da perda da realidade, mediante uso de *fake News* e teorias conspiratórias. Tal estratégia, por fim, foi utilizada de maneira ostensiva por parte dos eleitores do ex-presidente Jair Bolsonaro na ocasião de sua derrota na eleição presidencial de 2022.

**Palavras-chave:** COVID-19, negacionismo, psicologia das massas, psicanálise.

**INTRODUÇÃO**

A COVID-19, doença derivada da infecção pelo vírus SARS-CoV-2 e seus variantes, foi classificada não mais como surto, mas como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no dia 11 de março de 2020 (KAMPS; HOFFMAN, 2020). Por se tratar de uma doença nova se comparada àquelas causadas por outros coronavírus e pela sua alta transmissibilidade, a OMS recomendou a adoção de políticas de distanciamento e isolamento social, o uso de equipamentos de proteção individual (máscaras faciais, *face shields*, etc) e também *lockdowns* (bloqueios totais) como estratégias de prevenção da proliferação do vírus. Destarte, fez-se necessária uma cooperação internacional em busca não somente de testes eficazes e medicamentos que mitigassem os sintomas da COVID-19, mas também de vacinas que pudessem prevenir significativamente a infecção pelo novo coronavírus, fato que aconteceu ainda em 2020 com o advento dos primeiros imunizantes contra o SARS-CoV-2.

Segundo os dados compilados pelo site Our World in Data (RITCHIE, 2023), foram contabilizados mais de 15 milhões de mortes ao redor do mundo até o dia 05 de maio de 2023, dia em

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Brasil. Email:mateuspereira21@gmail.com.

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, Brasil. Email: souzamr@gmail.com

que a COVID-19 deixou de ser considerada uma emergência de saúde pública de interesse internacional - PHEIC, na sigla em inglês (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2023).

No fim das contas, a pandemia trouxe consequências sanitárias até então quase desconhecidas para a comunidade científica mundial, bem como velozes e inquietantes transformações sociais, políticas e econômicas, sobretudo ao longo dos anos de 2020 e 2021, período no qual muitos países viveram uma situação de crise. Levando em consideração a velocidade de transmissão do SARS-CoV-2 e o risco que ele representa para populações mais vulneráveis, a rapidez em tomar medidas de combate e prevenção ao COVID-19 seria um fator decisivo para um maior sucesso ou insucesso no enfrentamento da pandemia em cada país. Em tal contexto, seria esperado dos poderes constituídos em cada país, nas figuras dos chefes de Estado, combatessem com todos os artifícios possíveis a pandemia, adotando políticas públicas de prevenção, testagem e busca por vacinas (GREER et al, 2020).

Contudo, conforme aponta Lasco (2020), alguns governantes de alguns países (a saber: Rodrigo Duterte, Donald Trump e Jair Bolsonaro, então presidentes das Filipinas, Estados Unidos e Brasil, respectivamente) optaram por uma espécie de “populismo médico” em vez de seguir as recomendações da OMS e da comunidade científica global acerca do enfrentamento da pandemia em termos de saúde pública. No caso específico do Brasil, que desde os idos de março de 2020 acumula a ominosa marca de quase 700 mil mortos por COVID-19, observou-se uma postura de negar ou subestimar o real perigo representado pelo novo coronavírus. Nesses termos, o que se viu nas ações (bem como nas omissões) do governo federal de 2020 até 2022 era bem manifesto nos discursos do então presidente da república Jair Bolsonaro: as infecções por COVID 19 foram tratadas como “gripezinha” ou “vírus chinês” pelo presidente da república, quando do início da pandemia (CALEJON, 2021). De forma semelhante, o próprio ex-presidente e outras figuras políticas que o apoiavam passaram a veicular notícias sobre a existência de remédios que poderiam ofertar um “tratamento precoce” à doença, embora não houvesse sustentação científica que comprovasse a eficácia desses medicamentos.

Em suma, a atitude do governo federal do Brasil, epitomizada nos discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro, consistiu na adoção de um discurso político calcado no negacionismo. (FONSECA et al, 2021). Embora este termo tenha ampla difusão hodierna no noticiário e na linguagem comum, caberia aqui um breve esforço de defini-lo. Cunhado pelo sociólogo francês Henry Rousso (1987), o termo negacionismo, conforme a acurada conceituação trazida por Diethelm e McKee (2009), seria uma série de artifícios retóricos que visam sugerir que um dado consenso científico/acadêmico seria, na verdade, fraudulento. .

Outrossim, trata-se de uma noção que já era usual nos debates sobre história (tal como no exemplo dos grupos que negam a existência do Holocausto) e também sobre meio-ambiente (como no exemplo dos negacionistas climáticos, cuja tese principal é que o aquecimento global é uma farsa), conforme é possível compreender a partir do artigo de Roque (2020)<sup>3</sup>. Este expediente de negação não seria, pois, o único atributo do discurso negacionista, mas também a proposição de teorias conspiratórias, bem como o testemunho de falsos *experts* no tópico em questão e a produção de notícias falsas. Portanto, tais estratégias visam mais que negar o consenso cientificamente estabelecido, senão também descredenciar a própria possibilidade de a ciência ter a primazia sobre o tema em questão.

Nesse aspecto, o termo negacionismo é, desde Rousso (1987), tributário ao conceito de negação (*Verneinung*) proposto por Freud ([1925]2016). Em uma breve definição, uma vez que a discussão mais pormenorizada sobre este tópico será promovida na próxima seção deste projeto, a *Verneinung* seria um “processo pelo qual o sujeito, embora formulando um dos seus desejos, pensamentos ou sentimentos até então recalcado, continua a defender-se dele negando que lhe pertença (LAPLANCHE; PONTALIS, [1987]1992, p.293)”.

Assim, torna-se evidente que a psicanálise tem algo a dizer sobre o negacionismo que grassou durante os dois primeiros anos da pandemia de COVID-19. Contudo, se tal abordagem seguisse pelo caminho de reduzir o negacionismo apenas à incidência da *Verneinung*, não seria isto já uma forma de negar a complexidade do fenômeno em questão mediante o recurso a um psicologismo? Estaríamos diante de uma *Verneinung* em massa de um fenômeno social? Pois bem, cabe suspeitar que o negacionismo não é uma ocorrência multitudinária da negação e da rejeição dos fatos, isto é, não se trata de uma ocorrência fortuita de várias pessoas negando um determinado consenso científico de forma independente. Ao fim e ao cabo, o negacionismo é um fenômeno socialmente mediado e, de uma maneira particular, instrumentalizado de acordo com o apelo às coletividades através de tal mediação social (DIETHELM; McKEE, 2009).

Valeria, pois, propor uma questão a partir do que foi acima exposto: como discursos negacionistas como o do ex-presidente Jair Bolsonaro podem angariar tamanha adesão? De antemão, considerando que o negacionismo é um fenômeno social com forte apelo às moções inconscientes dos sujeitos e, além disso, analisando os acontecimentos recentes na política brasileira, é possível

---

<sup>3</sup> É interessante notar que o artigo de Roque (2020) foi publicado cerca de um mês antes da pandemia, denunciando a adoção de um negacionismo climático sobre os impactos dos desmatamentos na Amazônia sobre a questão do aquecimento global em um Brasil sob a batuta do então presidente Jair Bolsonaro e de seu Ministro do Meio Ambiente da época, Ricardo Salles. Nesses termos, parece adequado suspeitar que o discurso negacionista possa ser “deslocado” de uma área para outra – do negacionismo climático descrito pela autora para um negacionismo sanitário em relação à pandemia e daí para, segundo é possível ora testemunhar, um negacionismo com fortes traços paranoicos em relação ao resultado das eleições presidenciais de 2022.

cogitar a hipótese de tal fenômeno ocorrer de uma maneira semelhante aos fenômenos de psicologia das massas, apresentados por Freud ([1921]2011). Com efeito, a reunião de pessoas que contam com a identificação com figuras de autoridade e liderança para se exaltar às expensas do despejo de ódio contra aqueles de fora do grupo se assemelha, mais uma vez ao que Sigmund Freud ([1921]2011a) atribuiu como um dos atributos presentes na psicologia das massas.

Além disso, o conteúdo ideológico e político dos objetos compartilhados por essas massas, como notícias falsas, discurso de ódio, etc., pretende ser superficial e quase desprovido de reivindicações objetivas, uma vez que busca um apelo mais psicológico do que objetivo. Tais traços já estavam presentes no discurso autoritário do que Theodor W. Adorno ([1946]2015; [1951]2015) entendeu como “propaganda fascista”, presente em discursos e programas de rádio de alguns ícones políticos e religiosos do pós-Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos.

Alguns dos aspectos que Adorno nos apresenta relativos ao agitador fascista e sua propaganda são insolitamente atuais. Segundo Adorno, as ideias dos agitadores são praticamente destituídas de qualquer conteúdo objetivo, apostando, na verdade, em um forte apelo afetivo. É uma demagogia de teor psicológico. Esses demagogos conseguem conjugar um discurso conservador ao desembaraço em violar tabus sociais, falando “sem papas na língua” daquilo que supostamente todos pensam, mas nunca tiveram coragem de expressar. Desta maneira, conseguem difundir nas massas seu oposicionismo simplista e binário entre “nós” e os “outros”, entre “amigos” a saudar e “inimigos” a aniquilar.

Tal aniquilação dos inimigos que não pertencem ao *ingroup* do demagogo fascista pode resultar, inclusive, em um expediente autodestrutivo. Para Adorno ([1946]2015), a destrutividade é o fundamento psíquico de propaganda fascista. As propostas vagas trazem consigo o mote da destruição, por isso a oratória fascista insiste tanto em relatar ameaças ou catástrofes iminentes. Contudo, o líder e os seus seguidores gozam com tais delírios autodestrutivos. O agitador sonha com a caótica conjunção do horror e da glória, de modo que a destruição do inimigo e de si mesmo ganham uma aura de redenção. No fim das contas, esse desejo de autoaniquilação revela a estrutura de tais movimentos políticos: a manifestação de uma disposição mortífera tal qual Freud ([1920]2010) já havia proposto.

Pode-se apontar, sem embargo, que tal movimento destrutivo foi observado na maneira de governar do ex-presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia. Ao defender teses sem respaldo científico tais como o tratamento precoce (STRUCK, 2021) e a imunidade de rebanho (AMADO, 2022), Bolsonaro aponta na direção de que não apenas negou a seriedade da pandemia, mas principalmente estimulou o contágio e o consumo de medicamentos ineficazes pela população brasileira. Isso se deu

em momentos críticos da pandemia, tais como a crise de falta de cilindros de oxigênio em Manaus no início de 2021, na qual ficou patente a omissão e descaso do Governo Federal.

Assim, o objetivo deste estudo é o de compreender, a partir do diálogo entre a psicanálise e a psicologia social de Adorno, como o discurso negacionista sobre a pandemia de COVID-19 que vigorou no Brasil durante os anos de 2020 e 2022 pode mobilizar /e outros mecanismos além da *Verneinung* através de elementos metapsicológicos e sociais.

## **NEGAÇÃO, DESMENTIDO E NEGACIONISMO**

É adequado apontar que muitos campos do saber têm voltado a atenção para todos os elementos que circundam a pandemia da COVID-19 e que há um número considerável de trabalhos sobre o contexto pandêmico. Nesta seção, portanto, convém elencar algumas das contribuições específicas do projeto de tese que aqui se apresenta e sua relevância para o campo da psicologia e da psicanálise.

Destarte, é válido questionarmo-nos quais as possíveis contribuições que o saber psicanalítico pode fornecer ao debate acerca do negacionismo, ponderando sobre a possível vinculação do negacionismo científico/sanitário da pandemia a uma expressão social do conceito freudiano de negação, tal como este é descrito no célebre trabalho de 1925:

A negação é uma maneira de tomar conhecimento do recalcado; na verdade, é já é uma suspensão do recalçamento (*Verdrängung*), mas evidentemente não é uma admissão do recalcado (*Verdrängten*). Aqui se pode ver como a função intelectual se dissocia do processo afetivo. Com o auxílio da negação, só se revoga uma das consequências do processo de repressão, ou seja, o fato de que o conteúdo da representação não tem acesso à consciência. Daí resulta uma espécie de aceitação intelectual do reprimido, mantendo-se a repressão quanto ao essencial (FREUD, [1925]2016, p.306)

É possível, pois, compreender que a *Verneinung* descrita por Freud ([1925]2016) seria uma maneira de admitir um conteúdo que fora recalcado pela via de sua negação, desempenhando a função de mecanismo de defesa do Eu<sup>4</sup>. Assim, Freud atribui à *Verneinung* uma capacidade de operar uma suspensão (*Aufhebung*) do recalque que se dá de uma maneira peculiar: a *Verneinung* pode

---

<sup>4</sup> Segundo James Strachey (1989), a ideia de que um juízo negativo pode ser um substituto intelectual do recalçamento aparece pela primeira vez em “O chiste e sua relação com o Inconsciente” (FREUD, [1905]2017), quando Freud aproxima o chiste do trabalho do Sonho. Um chiste (*Witz*) ou um sonho podem representar um determinado objeto pelo seu oposto e, por isso, serem expostos a juízos condenatórios por serem demasiado “absurdos”. Tais juízos condenatórios são consequência do recalçamento, que operaria em uma região intermediária entre o “reflexo de defesa e a condenação pelo julgamento (FREUD, [1905]2017, p.249)”. É como se Freud, vinte anos antes de seu artigo sobre a *Verneinung*, começasse a desenvolver a noção de que ela serve tanto como uma defesa do Eu quanto como corolário da autocrítica superegóica, uma vez que o recalcado só pode advir se for devidamente negado. Também é digno de nota a possível aproximação entre negação, chiste e trabalho do sonho. De todo modo, Strachey (1989) argumenta, ainda, que tal ideia reaparece em textos posteriores tais como “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico”, de 1911 e “O Inconsciente”, de 1915.

revogar alguns dos efeitos do processo de recalçamento mas conserva o material recalçado. Nesse sentido, a *Verneinung* exporia, como se vê no excerto acima, uma fratura entre a função intelectual e a afetividade por meio das peculiaridades da função do juízo (*Urteilsfunktion*) no aparelho psíquico.

Para Freud ([1925]2016), o juízo pode atribuir uma qualidade a algo, bem como reconhecer a existência de um objeto na realidade, o que foi proposto por Hyppolite (1998) como juízos de atribuição e juízos de existência. Nos juízos de atribuição, há uma decisão sobre o acolhimento ou não de um objeto no Eu a partir da atribuição de qualidades como “bom” ou “mau”, no sentido de que o que é bom pode ser acolhido no Eu. Tal cálculo seria responsabilidade de um Eu-prazer originário, decisivamente ligado à oralidade. Objetos bons são prazerosos e devem ser “engolidos” – caso contrário, devem ser “cuspidos” para fora do Eu.

No caso dos juízos de existência, estes são coligados ao Eu-Realidade e são responsáveis por reconhecer a existência de um objeto na realidade exterior. Para tanto, o Eu deve entrar em contato com tal objeto e fazer, a partir dele, uma representação, esta podendo ou não ser reencontrada na percepção. Destarte, a percepção, para Freud ([1925]2016), não é um processo de passividade, mas de investimento. O que é percebido pode ser afirmado pelo juízo, o que seria o substituto intelectual daquilo que foi acolhido no Eu, bem como o que é negado pelo juízo é um sucedâneo do que se tentou expulsar. Portanto, a fala de um analisando que diz “não pense que com isso eu quero dizer tal coisa” seria somente uma maneira de reeditar a tentativa de expulsar esta “coisa” nele existe e de alguma forma travou relação com o recalçamento.

Em estudos recentes sobre o tema do negacionismo (CASSORLA, 2021; KLAJMAN 2021; BEER, 2021), a *Verneinung* é apontada como o principal subsídio metapsicológico para a adesão ao negacionismo em relação à pandemia. Tais autores sustentam que a *Verneinung* fundamentou a política brasileira em relação a não querer encarar o perigo real representado pela COVID-19 de uma maneira semelhante ao que Freud ([1912]2017) denominou como a “política do avestruz” típica da repetição – esconde-se a cabeça na terra com a ilusão de se livrar do perigo.

Tal vinculação, no entanto, pode ser insuficiente para cotejar as complexas dimensões do negacionismo enquanto fenômeno social contemporâneo. Para além dos possíveis prejuízos teóricos de tal derivação da negação observada na clínica para o contexto social, não é possível, de antemão, garantir que o negacionismo se resuma a uma negação coletiva que operaria sem o auxílio de outros mecanismos de defesa ou outros processos metapsicológicos (GUIMARÃES, 2021). Dito de maneira distinta, é bem possível que o fenômeno social do negacionismo mobilize outros processos e conceitos que se entretecem em uma trama complexa.

Dunker (2021), ao comentar sobre o discurso negacionista, aponta que há toda uma gramática de negações na psicanálise para além da *Verneinung*, de maneira que não seria possível resumir de forma peremptória as consequências subjetivas do negacionismo apenas a este conceito. A partir deste ponto de vista, aquiesce-se com Dunker (2021) sobre a possibilidade de o negacionismo teria uma maneira particular de interagir com a forma como cada subjetividade lidaria com a castração (isto é, a partir das vicissitudes da neurose, psicose ou perversão). Nessa esteira, Dunker (2021) aponta que o discurso negacionista da pandemia assumiu formas, mobilizando tanto aqueles que de alguma forma rejeitam a factualidade da pandemia de uma maneira similar à das psicoses, mediante a enunciação de delírios, mas também aqueles que negam ou subestimam a pandemia por medo da renúncia de prazeres advindos do contato social. Algo similar é dito alhures pelo mesmo autor:

A pandemia criou três perfis: o tolo, o confuso e o desesperado. O “tolo” sente tanto medo que precisa negar o que está acontecendo. Então, ele diz: “isso é uma gripezinha, vai passar, foi uma invenção dos chineses, não precisamos ter medo”. A segunda resposta do tolo é a seguinte: “Ok, isso existe, mas eu sou uma pessoa especial, alguém me protege lá em cima, estou imune, sou atleta”. É outra forma de negar o medo. (DUNKER, 2020, p. 72)

De maneira semelhante, Dunker (2021) adverte para um tipo intrigante de discurso negacionista: aquele que até sabe do perigo representado pela COVID-19, mas nega tal realidade para mostrar que é alguém “contestador” e ostentar sua contrariedade àqueles que defendem medidas de prevenção e restrição que corporificariam a Lei. Para este tipo, é importante manter uma relação de desafio à Lei e à castração. Nesse sentido, Safatle (2006), ao comentar comparativamente os textos “A perda de realidade na neurose e psicose” (FREUD, [1924]2016) e “Fetichismo” (FREUD, [1927]2016), aponta que a neurose não desmentiria os elementos penosos da realidade, somente não quer nada deles saber, enquanto a psicose opera um desmentido (*Verleugnung*) da realidade e busca substituí-la e reestruturá-la.

Contudo, segue Safatle (2006), o desmentido que seria operado no Fetichismo desafiaria tal oposição aparente. A *Verleugnung*, o desmentir a realidade, seria um procedimento de desconsiderar uma algo desagradável tal como a castração materna. No fetichismo, haveria um deslocamento do valor (*Wertverschiebung*) do pênis ausente na mãe para um objeto substituto. O fetichista negaria a castração ao operar tal deslocamento, mas negaria também esta negação por saber que o objeto substituto nada mais é do que um arremedo, uma alternativa ao pênis ausente. Significa dizer que no fetiche há um saber sobre a castração que é duplamente negado – sabe-se que o pé não é um órgão sexual, mas desconsidera-se isso, desmente-se que isso tenha um valor real e nega-se a incidência da

castração. Ocorre, pois, uma clivagem do sujeito ao entrar se defrontar com a falta ao que ele opera este simultâneo reconhecimento, mobilizando o desmentido e a substituição da castração:

Na dimensão do fetichismo, o sujeito sabe que portar uma bota de látex negra não permite à mulher ser menos castrada do que antes. Há, pois, um *saber da verdade*, mas isso não o impede de gozar como se ele não soubesse (SAFATLE, 2006, p.192).

A partir deste exemplo, é possível entender que na *Verneinung* ocorre a admissão indireta do recalco porquanto a negação substitui a tentativa de expulsão do que é desagradável, enquanto na *Verleugnung* típica do fetiche há uma operação de tomar conhecimento da castração, recusando a parcela desagradável dessa realidade e deslocando-a para um objeto substituto que é reconhecido enquanto tal. É como se o sujeito enunciasse “Eu sei disso, mas como isso atrapalha meu gozo, agirei como se não soubesse”. Daí a aproximação da *Verleugnung* do fetiche com o estudo das perversões<sup>5</sup>.

Como foi supramencionado, o que se apresenta é uma aparente multideterminação no discurso negacionista que não se restringe à *Verneinung*, sobretudo quando se leva em consideração, no caso do Brasil, a postura dos cargos mais altos do Poder Executivo da época, posturas estas que se aproximam bastante da desconsideração conveniente da realidade caracterizada pela *Verleugnung*.

Contudo, trazer à baila o estudo das neuroses, psicoses e perversões para compreender o negacionismo não deve caminhar para um psicologismo que reduz a questão às categorias nosográficas da psicanálise. Em vez disso, podemos considerar que a adesão ao discurso negacionista não se sustentaria em um comprometimento de ordem psicopatológica, mas seria derivado de uma produção social de uma relação turbulenta com a realidade e com os consensos científicos que, em outros contextos, seriam aceitos como estratégias de autoconservação. A este respeito, é interessante convocar o pensamento de Theodor W. Adorno sobre como a permanência do fascismo em sociedades ditas democráticas pode dar a impressão de que a própria relação com a realidade é danificada, tal como no excerto abaixo:

A psicologia totalitária reflete o primado de uma realidade social que produz seres humanos já tão insanos quanto ela própria. A insanidade, entretanto, consiste em que os seres humanos aprisionados funcionam apenas como agentes de uma realidade todo poderosa; em que sua psicologia configura tão somente estações parada dessa tendência da realidade. O fato de que possa surgir um sistema delirante [*Wahnsystem*] a partir da doutrina das próprias leis sociais objetivas não deve seduzir ninguém a recair em um psicologismo, que se contenta com a fachada

---

<sup>5</sup> Zizek (1992) aproxima estes aspectos da *Verleugnung* da discussão sobre o totalitarismo e o cinismo que dele subjaz. No totalitarismo, não mais vigoraria o adágio marxiano sobre o véu de falsa consciência da ideologia: “eles não sabem o que fazem, mas o fazem mesmo assim”, em vez disso, sob a ordem totalitária essa máxima poderia ser invertida para “eles sabem o que fazem e por isso o fazem”, em um procedimento que convocaria o desmentido da realidade representado pelos aspectos da *Verleugnung* coligados à lógica perversa.

social e, além disso, nem sequer é satisfatório psicologicamente (ADORNO, [1954] 2015, p. 196).

Destarte, esses elementos puderam ser vislumbrados na atuação do governo federal em relação ao COVID-19. Por meio das redes sociais, foi possível testemunhar a existência de uma espécie de campanha ou propaganda contra as medidas de proteção e as informações científicas sobre o coronavírus, mormente baseada em notícias falsas, ataques virtuais e algumas teorias de conspiração que chegam a ser bizarras. Decerto, é notório que o espaço da internet permite a ação de “grupos” virtuais, responsáveis por compartilhar postagens, fotos e notícias (a maioria não verificadas ou flagrantemente falsas) voltadas para aqueles que podem ser percebidos como inimigos políticos (LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017). Embora a ação desses grupos possa parecer uma característica nova da política contemporânea, presume-se, em vez disso, que eles são uma forma atualizada de aplicar elementos de psicologia das massas e propaganda fascista.

A maneira de consumir tal proposta é a de trazer este diálogo para problematizar as maneiras que o discurso negacionista consegue ser objeto de massiva adesão, como se deu no caso brasileiro. Assim, a hipótese que aqui se levanta é de que tal adesão se deu mediante estratégias típicas da psicologia das massas que subjaz do emprego de táticas de propaganda fascista coligidas no discurso do ex-presidente Jair Bolsonaro. Nestes termos, será necessário um breve excursão sobre psicologia das massas em Freud e sua recepção na obra de Adorno.

### **A psicologia das massas em Freud e Adorno**

Em “Psicologia das Massas e Análise do Eu”, Freud ([1921]2011) propõe as massas se coligariam pela libido em relações de identificação. Identificação esta que, desde o seu momento primordial, é uma via de mão dupla: há a assimilação de aspectos do Outro no Eu pela existência de aspectos do Eu nesse Outro. A sucessão de identificações, sobretudo após o a dissolução do Édipo, resulta na especialização de uma instância que servirá como reguladora e modelo a ser seguido: o ideal do Eu (*Idealich*). Ela acolhe os ideais coletivos e autoridades chanceladas pela cultura, dando continuidade ao “trabalho” da figura paterna. É neste sítio que residirá a figura do Líder. Ele catalisa a trama de identificações que constitui a massa: sujeitos que se identificam entre si por comungarem de um Ideal do Eu. Assim, ele passa a gozar das mesmas franquias que cada sujeito destinava para si no estágio do narcisismo primário. A adesão aos desígnios do Líder não é somente ensejada pelo exercício de autoridade, mas justamente por esta autoridade ser uma via, enquanto ideal do Eu, para que o sujeito possa uma vez mais ter acesso àquele estado de plenitude narcísica do Eu Ideal. A idealização do líder é um “atalho”, pois, para a reconquista de um Eu idealizado: um Eu onipotente

cuja fruição é assentada na destruição sádica dos elementos do mundo ao seu redor, um Eu intolerante ao não-idêntico.

No entanto, entre membros de uma massa e em relação ao Líder, não existem apenas sentimentos fraternos. Também as relações no interior da massa Freud ([1921]2011), são permeadas pela ambivalência afetiva, isto é, a coexistência e intercâmbio entre ódio e amor, hostilidade e ternura. Nesse sentido, Freud ([1921]2011) salienta o quão importante é para a união do grupo a existência de um rival externo que atue como depositário da hostilidade que é poupada aos próximos, mesmo que este ódio esteja direcionado a alguém que é, no fim das contas, muito semelhante. Por meio deste narcisismo das pequenas diferenças, a animosidade interna da massa é redirecionada como ódio e intolerância em relação ao outro.

Justamente por isso testemunhamos a admiração por figuras políticas de inclinação profascista, pois eles, como aponta Adorno ([1951]2015b), reconciliam o homem comum com sua própria imagem idealizada, porquanto este alimenta seu próprio opressor pessoal. Assim, tais lideranças conquistam um endosso popular digno de nota, sedimentado no achaque de adversários para impulsionar sua imagem de condutor de um novo projeto de nação.

No capitalismo contemporâneo, especialmente em países que experienciaram governos que levam a termo um neoliberalismo autoritário, as lideranças neofascistas se valem ainda do culto ao sujeito rígido que apenas investe no que diz respeito a si e a seus pares, evadindo-se de formas de participação coletiva. O enrijecimento é uma maneira de se adaptar a uma sociedade capitalista também enrijecida. Esse é um dos fundamentos desse autoritarismo imanente presente no capitalismo: a produção em massa de subjetividades egocêntricas, que se orgulham do seu progressivo fracasso em lidar com a alteridade (GANDESHA, 2018). Afinal, a psicologia das massas é ainda e ainda mais uma ferramenta de dominação social em nossos dias.

O elemento regressivo das massas é um componente fundamental dessa dominação, já que remonta aos estágios arcaico e infantil. Aliás, é justamente este elemento regressivo que permite que observemos a massa fascista como uma maneira socialmente mediada de ampliar as demandas narcísicas que o Eu “individual” não era capaz de satisfazer. Portanto, a responsabilidade do Eu agora é projetada e integrada em uma imagem coletiva e onipotente que se assemelha à economia libidinal narcísica. Por meio desse sujeito desindividualizado porém narcisista, semiformado porém crente de que é o centro do mundo, o fascismo consoma uma importante mudança na maneira em que se dão as identificações em sociedade (SAFATLE, 2017).

Os líderes fascistas, por exemplo, passam a ser admirados por serem o alargamento da personalidade de seus seguidores e não por representarem ideais políticos objetivamente expressos.

A identificação narcísica é retroalimentada por um Eu débil, incapaz de entrar em contato com o não-idêntico por estar em seu claustro de narcisismo e idealização de si. Esse Eu débil encontra compensação na imagem da coletividade arrogante que se regozija na atuação da liderança fascista. O narcisismo exacerbado de um líder arrogante e chucro, que se orgulha de seus atributos decadentes e daninhos, reconcilia o homem comum consigo mesmo, com a imagem idealizada que faz de si. No meio dessa massa de pequenos grandes homens, ele encontra o abrigo perfeito para exprimir o opressor que reside dentro de si, sendo o líder fascista um catalisador das identificações que ocorrem dentro dessa massa. Destarte, a liderança fascista atua como uma compensação da incapacidade de lidar com a diferença. Nesse contexto, qualquer alteridade é tomada como um fracasso social: a mera existência de pessoas que sejam diferentes, não-idênticas ao Eu, subsidiam uma frustração que deve ser exprimida na forma de intolerância. Assim, Adorno vislumbrou que o narcisismo tem potenciais autoritários ao submeter o mundo ao filtro da identificação narcísica: feio é tudo o que não for espelho<sup>6</sup>.

No fim das contas, o laço social do fascismo prospera justamente pela expropriação inconsciente do controle social. Significa dizer que não é somente mediante a coerção que o autoritarismo se impõe, mas também pelo apelo direto a afetividade dos sujeitos. O fascismo, pois, é aqui tratado como uma forma de laço social que vincula sua significação política com as disposições psicológicas das quais pode se servir. Seu perigo reside justamente na possibilidade de sua insidiosa permanência em sociedades supostamente democráticas, justamente pelo fato de o autoritarismo ser uma imanência das sociedades modernas.

É na psicologia das massas freudiana que Adorno ([1955]2015) encontra um ponto de partida para esta concepção menos enrijecida do Eu. A partir dela, julga ser possível compreender melhor como as massas se entregam a políticas que atentam inclusive contra o interesse de conservação da sua própria vida, políticas estas estabelecidas mediante uma agenda de medo e violência. E é assim que tal minoria imporá seus interesses não em oposição, mas por intermédio das grandes majorias, com as massas se tornando o seu verdadeiro campo de ação mediante a incorporação (pela via identificatória) da ideologia dominante como bússola para a conduta em sociedade.

---

<sup>6</sup> Segundo Zaretsky (2020), esta é uma das principais contribuições que Adorno nos introduz neste ensaio. Ao mostrar que a “psicologia das massas do fascismo” remete mais à promoção de condições sociais que favorecem a regressão a um narcisismo infantil pré-edípico do que às consequências sociais de uma sociedade que promove a repressão sexual - como sugerido por Reich ([1930]), Adorno nos dá os contornos do sujeito pós-psicológico. Com efeito, aqui o sujeito “pós-psicológico” se relaciona com o Eu ainda precário do narcisismo primário. Premia-se, no fascismo, o enrijecimento do sujeito que lança mão seu expediente narcísico de devotar amor apenas ao Eu coletivizado, que não leva em consideração o não-idêntico. Nesse sentido, o sujeito pós-psicológico tende, dialeticamente, também ao pré-metapsicológico: visa investir energia psíquica somente em si mesmo e é socialmente recompensado por isso, o que cada vez mais alija a noção de “Outro” das relações sociais, senão como ameaça. Zaretsky, nesse sentido, aponta que o ensaio de 1951 de Adorno é um importante retrato da transição de uma sociedade que reprime o Eu para uma sociedade que, de maneira farsesca, o exalta.

A partir disso, entendemos que o trabalho coletivo e socialmente mediado de elaboração do passado (ainda presente) relativo à pandemia é fundamental. É o que abordamos na seção a seguir.

### **A memória, o lembrar ativo e a perlaboração.**

À primeira vista, a memória enquanto lembrança de contextos tais como o pandêmico servem como alternativa ao negacionismo: se lembramos de algo, não esquecemos, mantemos viva a memória do objeto perdido e afirmamos sua existência. Contudo, como é possível vislumbrar a partir de Freud em “Lembrar, Repetir e Perlaborar” (1914/2017), a mera lembrança (*Erinnerung*) pode estar decisivamente afetada por resistências e impedimentos advindos do recalçamento, bem como as lembranças encobridoras.

A simples recordação de algo traumático, pois, não garante que necessariamente alguém evitará a reocorrência deste fenômeno. Na verdade, diz Freud (1914/2017), podemos inclusive lembrar daquilo que nunca chegou à nossa consciência, como no exemplo dos sonhos e fantasias originárias. Neste cenário, os conteúdos inconscientes ou não podem suscitar que atuemos de forma a repetir aquilo que nos é nocivo, deletério, à maneira de uma compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*).

Assim, os eventos pretéritos não perdem seu gume traumático ao serem meramente lembrados, uma vez que a lembrança somente não rearranja por si só as condições para que o evento não se repita. Traumas costumam ter, diz Freud (1914/2017), uma potência atual e viva sobre o decurso da vida de alguém, não sendo somente elementos relegados ao passado: por isso mesmo é injusta a pecha de que os psicanalistas só tratam de eventos muito longínquos na história de seus analisandos. As lembranças interessam sobretudo pelos usos que alguém decide dar a elas em um processo de análise, é preciso trabalhá-las, elaborá-las ou, em termos freudianos, operar com elas um processo de perlaboração (*Durcharbeitung*): trabalhar dentro do fenômeno, através dele, não como um observador isento, mas como um ator implicado neste processo.

Quando tratamos de contextos que são traumáticos e significativos para toda a sociedade, como no caso da pandemia, a trabalhar coletivamente a questão da memória e do esquecimento é árdua e delicada. Ao menos este é o argumento de Jeanne Marie Gagnebin (2006), seguindo o esteio de Freud e de Theodor W. Adorno. Gagnebin (2006) retoma estes dois autores para atualizar uma questão feita por Adorno na década de 1950: o que significa elaborar o passado?

Sem embargo, Gagnebin aborda esta questão a partir do que Adorno (1970/2009) propôs como um novo imperativo categórico: aquele que versa sobre como toda ética deve ser direcionada para que Auschwitz não se repita. Assim, Gagnebin (2006) relembra que Adorno propõe que Auschwitz não deve ser meramente lembrada, seja com solenidades, eventos alusivos, etc. Deve-se, em vez disso,

lutar contra o esquecimento de Auschwitz, uma luta ativa e política que acarreta, para o sujeito, o encontro com sua própria culpabilidade e participação em cenários de barbárie tais como esse.

Nesses termos, o excerto a seguir tem muito a dizer para o momento pós-pandemia em que vivemos:

Em oposição a essas figuras melancólicas e narcísicas da memória, Nietzsche, Freud, Adorno e Ricoeur, cada um no seu contexto específico, defendem um lembrar ativo: um trabalho de elaboração e de luto em relação ao passado, realizado por meio de um esforço de compreensão e de esclarecimento — do passado e, também, do presente. Um trabalho que, certamente, lembra dos mortos, por piedade e fidelidade, mas também por amor e atenção aos vivos (GAGNEBIN, 2010, p.105).

. Do excerto acima, depreendemos que o lembrar ativo requer um trabalho de perelaboração do passado, que requer uma responsabilização e respeito às conexões entre a memória do passado e do presente. Portanto, cabe perguntar a quem interessa a anistia ou o esquecimento do passado da pandemia de COVID-19.

Tal como Adorno (1959/1996), suspeitamos que “o gesto de tudo esquecer e perdoar, privativo de quem sofreu a injustiça, acaba advindo dos partidários daqueles que praticaram a injustiça.(p.28)”. A anistia e esquecimento interessam àqueles que ativamente participaram de (ausência de) políticas públicas que desampararam milhões de brasileiros em relação ao vírus da COVID-19. Talvez, pois, a anistia não seja uma sábia solução para um trabalho de memória ativa do passado recente da pandemia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De posse do que foi aqui discutido, vinculando a discussão sobre o negacionismo e algumas das categorias psicanalíticas e sociais a ele relativas, quais sejam, os conceitos de negação, desmentido, psicologia das massas, propaganda fascista, etc., encaminhamos algumas conclusões para este trabalho.

Em primeiro lugar, entendemos que o negacionismo mobiliza conjuntamente diferentes elementos de ordem inconsciente e social. Governos como o do ex-presidente Bolsonaro usaram do apelo aos afetos uma valiosa estratégia para angariar apoio das massas e de parte da classe política. Assim, o negacionismo científico da pandemia se tornou mais que uma posição “puramente” ideológica, mas também de privilegiar os interesses políticos e financeiros dos aliados do ex-presidente. Como vimos a partir da obra de Adorno, tal tipo de propaganda com caracteres neofascistas tem método e objetivos muito bem definidos que podem ser escamoteados sob a falsa

aura de “espontaneidade” dos agitadores. Os “tweets” de Jair Bolsonaro mostram tal realidade, por exemplo (PAES; BRASIL; MASSARANI. 2022).

Além disso, promovemos uma discussão sobre psicologia das massas, propaganda fascista e a importância do trabalho da elaboração do passado, ou melhor, da sua reelaboração efetiva. Tais móveis conceituais nos ajudam a compreender como o processo de maior adesão ao negacionismo no Brasil é algo socialmente mediado pelo apelo à afetividade das massas, instadas a desconfiar dos dados oficiais de instituições científicas. Tal processo, contudo, não se inicia na pandemia, mas talvez já nos primeiros atos do governo Bolsonaro, quando o ex-presidente passa a contestar frontalmente os dados do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) sobre o desmatamento no Brasil (GALVÃO, 2001).

Se a adesão ao negacionismo não se iniciou com a pandemia, ela também não se restringiu a ela ou se encerrou junto com o decreto do fim do período pandêmico. Ao fim das eleições de 2022, o ex-presidente e seus apoiadores passaram a contestar a lisura e credibilidade não só do processo eleitoral, mas de toda a organização do Estado Democrático de Direito brasileiro. Em meio a difusão coordenada de inúmeras teorias conspiratórias sobre manipulação das urnas eletrônicas, o ex-presidente e sua camarilha de asseclas tecia a tentativa de um golpe de estado, cujo paroxismo se deu no dia 08 de janeiro de 2023, com a invasão dos prédios dos três poderes em Brasília. Como apontam Fleck e Silva (2023), foram três tempos de negação em um curto período.

É importante, em termos conclusivos, considerar que esta sucessão de eventos não diz respeito a uma espécie de “psicose coletiva”, na qual uma nação inteira se afastou da “realidade”. Como vimos a partir de Freud e da recepção que a obra deste tem na de Theodor Adorno, mesmo nas neuroses ditas “normais” já há elementos que podem ser considerados delirantes em outros contextos. Significa dizer que mesmo aquilo que julgamos normal e ordinário pode estar edificado sobre bases repletas de manifestações do Inconsciente. Os agitadores fascistas, como expresso por Adorno, sabem disso pois são a prova viva de que a política pode regredir ao Inconsciente.

No fim das contas, buscamos evidenciar como o discurso negacionista faz parte de um complexo sistema de estratégias políticas que visam instrumentalizar, senão a perda, mas talvez a negação da realidade com fins lucrativos. “Teorias” como as que versavam sobre o tratamento precoce, ineficácia das vacinas e a imunidade de rebanho tinham beneficiários diretos, tais como laboratórios farmacêuticos, planos de saúde, etc. Não será possível, nos limites deste trabalho, atestar se os membros do governo anterior sabiam da falsidade de tais procedimentos sanitários. A situação, contudo, sugere uma política de Estado praticada por pessoas que poderiam até saber das consequências nefastas do negacionismo e das teorias de conspiração, mas que agiam como se nada

disso importasse. Uma postura mista entre “Eu sei bem disso, mas mesmo assim...”, adágio típico do fetichismo e da denegação e o “E daí?” de quem, de fato, não se importou de fato com o processo que resultou em mais de 700 mil mortes (CALEJON, 2001).

Nesses termos, o presente trabalho pretendeu apresentar o argumento de que faz-se necessário promover o entrelaçamento do saber psicanalítico com a teoria social para entender como o discurso negacionista acerca da pandemia de COVID-19 repousa em alguma medida em moções inconscientes. Assim, o estudo contribui para a reflexão acerca de como a população pode ser induzida, com base em sua afetividade, a negar o enfrentamento a situações que representam risco iminente às suas vidas. Desta forma, o presente trabalho pode auxiliar não só no âmbito acadêmico, mas também no das políticas públicas em saúde no que se refere à importância de discutir e problematizar não somente os aspectos sanitários, mas também os psicológicos que estão envolvidos no debate sobre a Saúde Pública.

Assim, acredita-se que é fundamental que tal discussão seja celebrada publicamente no sentido de perlaborar algumas das vivências experienciadas nos anos mais críticos da pandemia, com a finalidade de minorar o risco de que a sociedade brasileira repita o mesmo malfadado roteiro que acarretou na perda de mais de 700 mil vidas.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: EDUNESP, 2015, p. 137-152. (Trabalho original publicado em 1946)
- ADORNO, Theodor W. Observações sobre política e neurose. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: EDUNESP, 2015, p. 191-198. (Trabalho original publicado em 1954).
- ADORNO, Theodor W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: EDUNESP, 2015, p. 71-135. (Trabalho original publicado em 1955)
- ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: EDUNESP, 2015, p. 136-152. (Trabalho original publicado em 1951)
- AMADO, G. Imunidade de rebanho de Bolsonaro não funcionaria nem em gado. **Metrópoles**, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/imunidade-de-rebanho-de-bolsonaro-nao-funcionaria-nem-em-gado>. Acesso em: 4 jan. 2023.
- BEER, P. From negation to negationism: the COVID-19 pandemic in Brazil. **Journal of Psychosocial Studies**, v 14, n 3, 2021, p. 187-201, 2021.
- CALEJON, C. **Tempestade perfeita: o bolsonarismo e a sindemia covid-19 no Brasil**. Editora Contracorrente, 2021

- CASSORLA, R. Arrancando os olhos: reflexões sobre negacionismo. **Jornal de Psicanálise**, v. 54, n. 101, p. 35-55, 2021.
- DIETHELM, P; MCKEE, M. Denialism: what is it and how should scientists respond?, **European Journal of Public Health**, V. 19, N.1, 2009.
- DUNKER, C.I.L. **A arte da quarentena para principiantes**. Boitempo Editorial, 2020.
- DUNKER, C.I.L. **Negacionismo e psicanálise**: Christian Dunker - Falando n'isso 312.. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1IenkrIsalU>. Acesso em: 21 de fev. 2024
- FLECK, A; SILVA, E. Três vezes negação: Colapso climático, corrosão da democracia e pandemia. **Estudos de Sociologia**, 2023.
- FONSECA, E. M. D.; NATTRASS, N.; LAZARO, L. L. B. ;BASTOS, F. I. Political discourse, denialism and leadership failure in Brazil's response to COVID-19. **Global Public Health**, v. 16, n. 8-9, p. 1251-1266, 2021.
- FREUD, S. A perda de realidade na neurose e na psicose. **Neurose, Psicose, Perversão (Obras incompletas)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 279-285. (Trabalho original publicado em 1924)
- FREUD, S. A negação. In: FREUD, S. **Neurose, Psicose, Perversão (Obras incompletas)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 305-314. (Trabalho original publicado em 1925)
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: obras completas** (vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-243. (Trabalho original publicado em 1920)
- FREUD, S. Fetichismo In: FREUD, S. **Neurose, Psicose, Perversão (Obras incompletas)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 315-325. (Trabalho original publicado em 1927)
- FREUD, S. Lembrar, repetir, perlaborar. In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica (Obras incompletas)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017, p. 156-165. (Trabalho original publicado em 1912)
- FREUD, S. **O chiste e sua relação com o Inconsciente** (Obras completas, vol. 07). São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Trabalho original publicado em 1905)
- FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In: FREUD, Sigmund. **Sigmund Freud: obras completas** (vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras, 2011a, p.13-113 (Trabalho original publicado em 1921)
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GALVÃO, R. M. O. O Professor Ricardo Galvão fala sobre" Meio Ambiente, Ciência e Censura"[Entrevista]. **Revista TRIP FM**, 2021.
- GANDESHA, S. "Identifying with the aggressor": From the authoritarian to neoliberal personality. **Constellations**, 25: 147– 164, 2018.
- GREER, S. L.; KING, E. J.; FONSECA, E. M.; PERALTA-SANTOS, A. The comparative politics of COVID-19: The need to understand government responses. **Global public health**, v. 15, n. 9, p. 1413-1416, 2020.
- GUIMARÃES, E. A íntima relação entre o negacionismo e o real. **Outras Palavras**. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/poeticas/a-estranha-relacao-entre-o-negacionismo-e-o-real/>>. Acesso em 03 de outubro de 2022.
- HYPOLITE, J. Apêndice I: Comentário falado sobre a Verneinung de Freud. In: LACAN, J. **Escritos**, Rio de Janeiro, RJ: Zahar, p. 893-902, 1998.
- KAMPS, B.S.; HOFFMANN, C. **COVID reference**. Munique: Steinhäuser Verlag, 2020.

- KLAJNMAN, D.L. Pandemia e “negacionismos”: notas e considerações a partir da psicanálise. **Revista Psicologia e Transdisciplinaridade**, v. 1, n. 2, p. 8-26, 2021.
- LAPLANCHE, J. PONTALIS, Jean-Baptiste; **Vocabulário da psicanálise**. Santos, SP: Martins Fontes, 1992. (Trabalho original publicado em 1987)
- LASCO, Gideon. Medical populism and the COVID-19 pandemic. **Global Public Health**, v. 15, n. 10, p. 1417-1429, 2020.
- LEWANDOWSKY, S; ECKER, U.K.H; COOK, J. Beyond misinformation: Understanding and coping with the “post-truth” era. **Journal of applied research in memory and cognition**, v. 6, n. 4, p. 353-369, 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **WHO Director-General’s opening remarks at the media briefing: 4 January 2023**. [S. l], 2023. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing--4-january-2023>>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- PAES, Amanda; BRASIL, Vanessa; MASSARANI, Luisa. Negacionismo Científico: Uma Análise do Twitter de Jair Bolsonaro em Março e Novembro de 2020. **Razón Y Palabra**, v. 26, n. 114, 2022.
- REICH, W. **Psicologia das Massas do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- RITCHIE, H. Coronavirus pandemic (COVID-19). **Our world in data**, 2022. Disponível em: <<https://ourworldindata.org/covid-vaccinations?country=JPN~USA>>. Acesso em: 29 de dezembro de 2022.
- ROQUE, T. O negacionismo no poder. **Revista Piauí**, v. 161, 2020..
- ROUSSO, H. Le syndrome de Vichy: De 1944 à nos jours. Paris: Éditions Du Seuil, 1987
- SAFATLE, V. **A paixão do negativo**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- SAFATLE, V. Adorno’s Freud in the Age of Trump. **Public Seminar: Reading Adorno’s Fascist Propaganda Essay in the Age of Trump**. Nova Iorque: New School for Social Research, 2017. Disponível em: <<https://publicseminar.org/2017/10/adornos-freud-in-the-age-of-trump/>> Acesso em 15 de agosto de 2022.
- STRUCK, J.P. Na ONU, Bolsonaro defende ineficaz “tratamento precoce”. **Deutsche Welle**, 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/na-onu-bolsonaro-defende-ineficaz-tratamento-precoce/a-59251010>. Acesso em: 5 jan. 2023.
- ZARETSKY, Eli. Adorno’s Three Contributions to a Theory of Mass Psychology and Why They Matter. **A Companion to Adorno**. Wiley: Blackwell, p. 321-334, 2020.
- ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazem: o sublime objeto da ideologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

## O VOTO RELIGIOSO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO PENTECOSTALISMO NA POLÍTICA BRASILEIRA

Raissa Pimentel Costa<sup>1</sup>(UFPA)

**RESUMO:** A relação religião e política têm estado cada vez mais presente no cenário político brasileiro, esse novo formato vem se constituindo desde as últimas décadas do século XX, quando os primeiros parlamentares evangélicos vieram a ser eleitos de forma organizada, a partir da ascensão religiosa do segmento pentecostal. A inserção evangélica no ambiente político nacional vem se estabelecendo com êxito, as atuações de pentecostais nas assembleias legislativas e na câmara dos deputados representam a emergente incorporação das pautas levantadas por esse público, que anteriormente buscava não se envolver politicamente, mas atualmente representam um dos maiores segmentos políticos do Brasil. A ascensão de políticos pentecostais e a capacidade de mobilização política exercida pelas igrejas tem se refletido pelo o que muitos autores denominam como *voto evangélico*. O voto evangélico consiste na escolha eleitoral motivada por estímulos políticos adquiridos no interior do grupo religioso. Tendo em vista este cenário, o presente trabalho buscou analisar quais os fatores determinantes do voto evangélico. O estudo tem caráter essencialmente qualitativo e quantitativo, com enfoque na análise bibliográfica acerca do voto evangélico. A presente pesquisa se baseou nos dados do censo demográfico do IBGE 2010 e nas pesquisas pós-eleitorais do ESEB 2014. Os resultados indicam que os fatores preponderantes para o sucesso eleitoral do segmento evangélico são organização política desenvolvida pelas igrejas, e a capacidade de mobilização do seu público.

**Palavras-chave:** voto evangélico; política; determinantes.

### INTRODUÇÃO

As igrejas pentecostais tem desempenhado papel importante no cenário político brasileiro, principalmente quando se fala em câmara dos deputados, onde atualmente temos 93 (noventa e três) deputados que se autodeclararam evangélicos. Parlamentares evangélicos vêm se estabelecendo no âmbito político desde o final dos anos 1980, quando os primeiros deputados evangélicos vieram a ser eleitos de forma organizada, desde então o número de parlamentares cresceu de tal maneira que temos hoje no congresso nacional a Frente Parlamentar Evangélica, que representa uma das três maiores bancadas do congresso brasileiro. O número de fiéis evangélicos tem tido um crescimento constante e atualmente eles representam 22,2% da população (IBGE, 2010). Para Machado (2014, p. 603), deve-se esclarecer que esse crescimento é resultado da difusão do pentecostalismo, uma vez que os integrantes desse segmento deixaram para trás os chamados protestantes históricos, e, segundo os dados do último censo, representam agora 60% dos evangélicos.

A ascensão de políticos pentecostais e a capacidade de mobilização política exercida pelas igrejas tem se refletido pelo o que muitos autores denominam como *voto evangélico*. O voto evangélico consiste na escolha eleitoral motivada por estímulos políticos adquiridos no interior do grupo

---

<sup>1</sup> Graduada em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, UFPA, Brasil. Email: raissa\_pimentel@outlook.com.

religioso (FUKS, 2015, p. 115). A inserção evangélica no ambiente político nacional vem se estabelecendo com êxito, as atuações de pentecostais nas assembleias legislativas e na câmara dos deputados representam a emergente incorporação das pautas levantadas por esse público, que anteriormente buscava não se envolver politicamente.

O crescente número de parlamentares evangélicos principalmente na câmara dos deputados levanta um questionamento: quais os fatores determinantes do voto evangélico? Alguns autores definem como determinante a frequência dos fiéis aos cultos religiosos, determinando que quanto maior a frequência aos cultos e atividades relacionadas à igreja maiores são as chances dos fiéis votarem no candidato apresentado pelo grupo religioso (Fucks, 2015, p.115; Baptista, 2006; Bonh, 2004, p. 334). Outros associam ao nível de escolaridade e a renda (Bonh, 2004, p. 298 à 299). E ainda a forma de organização eclesial, se ela será centralizada ou descentralizada (ORO, 2003, p. 97; FUKS, 2015, p. 116). Assim, ganham cada vez mais relevância às discussões sobre o voto evangélico e a influência das igrejas pentecostais no comportamento político-eleitoral dos fiéis no Brasil.

Para que o estudo fosse possível, houve um levantamento bibliográfico sobre a história do pentecostalismo, o voto evangélico e as principais denominações pentecostais presentes no ambiente político brasileiro. Nesse sentido, a pesquisa será baseada nos estudos de Saulo Baptista, Simone Bonh, Guilherme Alberto Rodrigues, Mario Fuks, Maria Dolores Machado, entre outros pensadores pertinentes ao assunto. O estudo terá caráter essencialmente quantitativo e qualitativo, com base nos dados do censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, e nas pesquisas pós-eleitorais realizadas pelo Estudo Brasileiro Eleitoral (ESEB), em 2014.

Inicialmente, apresentamos um apanhado sobre a história do pentecostalismo no Brasil enfatizando as suas três ondas: pentecostal, deuteropentecostal e neopentecostalismo, chamando a atenção para o crescimento do público evangélico no país. No segundo capítulo, apresentamos as duas principais vertentes pentecostais em público e em participação política, ressaltando ainda o uso do evangelismo eletrônico pelas igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus. No terceiro capítulo, buscou-se fazer uma análise sucinta sobre a politização do público pentecostal levando em consideração fatores como renda, grau de escolaridade e idade. Além de explorar o crescimento pentecostal nas legislaturas de 2010 e 2014. Por fim, são apresentados os resultados.

Este trabalho fará suas análises a partir de como a relação religião e política tem se estabelecido no Brasil entre 2010 e 2014, através de três perspectivas: como as igrejas pentecostais e neopentecostais Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus tem o maior êxito nas eleições ao promoverem candidatos a cargos públicos, o formato de organização política exercida por estas congregações e como o apoio e a participação política das igrejas pentecostais têm influenciado

direta ou indiretamente no voto dos fiéis através do que muitos pesquisadores definem como *voto evangélico*.

### **O Pentecostalismo e a Expansão Evangélica.**

O Brasil tem sofrido grandes mudanças no seu quadro religioso durante os últimos 40 anos. O país que até a década de 1980 tinha 89,0% (IBGE) da população autodeclarada católica viu esses números mudarem gradualmente com o crescimento de uma nova vertente evangélica que se estabeleceu no Brasil em 1910, o pentecostalismo. Formado no início do século XX nos Estados Unidos, o pentecostalismo vem crescendo em vários países em desenvolvimento na África, no Leste e no Sudeste da Ásia, sobretudo da América Latina (Mariano, 2004, p. 121). O desenvolvimento do pentecostalismo no Brasil tem sido destacado em muitos estudos por períodos históricos (FREESTON, 1993; MARIANO, 2004; ROSAS, 2009) estes períodos são definidos através de algumas características como: a fundação de igrejas, a forma de organização eclesial e as semelhanças em suas doutrinas, nesse sentido, o pentecostalismo brasileiro é caracterizado por três ondas.

### **As Três Ondas do Pentecostalismo.**

A primeira onda pentecostal se constituiu em 1910 com a fundação de duas igrejas a Congregação Cristã no Brasil (CCB) em São Paulo e a Assembleia de Deus (AD) em Belém- PA. As duas congregações são consideradas pertencentes ao pentecostalismo clássico brasileiro. A CCB e AD foram fundadas por missionários no início do século XX, a primeira pelo italiano Luigi Francescon e a segunda pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vigren, os três missionários eram discípulos de William H. Durham na cidade de Chicago. Os missionários trouxeram ao Brasil o novo segmento evangélico que havia se estabelecido nos Estados Unidos, como meio de propagação da nova doutrina, os fiéis das igrejas pentecostais clássicas apresentavam sectarismo e asceticismo religioso radical, além da rejeição a vida mundana. Rosas (2009, np) descreve a primeira onda: “por agregar membros de pouca escolaridade e renda, apresentar forte resistência com o catolicismo, acreditar no paraíso como redenção, e dar grande ênfase ao dom de línguas”.

A segunda onda pentecostal também conhecida como deuteropentecostalismo teve início a partir da década de 50 com a fundação de novas igrejas pentecostais no Brasil, decorrentes das ações desenvolvidas pela Cruzada Nacional de Evangelização. O deuteropentecostalismo tem início com a chegada dos missionários norte-americanos Harold Williams e Raymond Boatright a cidade de São Paulo, que pertenciam a Internacional Church of The Foursquare Gospel. Na cidade iniciaram o projeto de evangelização das massas com o lançamento da Cruzada Nacional de Evangelização, em 1953. Para Rosas (2009, np) “a campanha da Cruzada enfatizava a cura divina centrada no

evangelismo de massa e atingia a camadas mais pobres da população”. O deuteropentecostalismo se pautava na cura divina, na pregação itinerante e em meios de comunicação como o rádio, trazendo uma inovação para o meio pentecostal, o que difundiu de forma rápida o pentecostalismo. A primeira igreja expoente da segunda onda no país foi à igreja do Evangelho Quadrangular fundada por Harold e Raymond, posteriormente, foram fundadas em São Paulo as igrejas: O Brasil para Cristo em 1955, a Igreja Pentecostal Deus é Amor, em 1962. Passos (2014, p. 192), em seu artigo reconheceu que a massificação dos cultos religiosos em espaços públicos, o visual dos pregadores, o desempenho teatral, bem como toda uma inovação rítmica aos cultos fora introduzida no pentecostalismo brasileiro pela Igreja do Evangelho Quadrangular. O que evidenciava uma inovação doutrinária característica da segunda onda do pentecostalismo no Brasil.

A terceira onda do pentecostalismo é a mais discutida no meio acadêmico, também conhecida como *neopentecostal*, tem sido alvo de muitas pesquisas por trazer uma nova perspectiva à doutrina adotada pelo segmento pentecostal, devido a sua rápida expansão, o envolvimento de muitos de seus líderes no meio político brasileiro e por sua presença ativa nos meios de comunicação rádio televisivo. As igrejas neopentecostais são as que mais se diferem caracteristicamente das igrejas de primeira e segunda onda. O neopentecostalismo se estabeleceu durante as décadas de 1970 e 1980, a partir da fundação das igrejas Universal do Reino de Deus (IURD), em 1977 no Rio de Janeiro, a Igreja Renascer em Cristo, em 1986, a Igreja Internacional da Graça de Deus, em 1998, entre outras denominações.

Os neopentecostais, contrariamente aos pentecostais das primeiras ondas, promoveram grande liberdade quanto às representações em torno do corpo, exacerbaram a guerra contra o diabo, aderiram e acentuaram a pregação da Teologia da Prosperidade de que se deve usufruir dos bens que Deus reservou aos seus filhos ainda na terra. (ROSAS, 2009, np).

A principal expoente da terceira onda é a igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que muitos autores definem que a transição do deuteropentecostalismo para o neopentecostalismo se deu a partir da expansão da igreja Universal (FRESTON, 2006; MORAES, 2009, p. 6), o que promoveu uma reformulação da doutrina pentecostal em muitos aspectos, como a inserção da Teologia da prosperidade que pregava a benção financeira de seus fiéis e que estes deviam ser bem sucedidos em seus empreendimentos, outro aspecto é a forma de organização eclesial que assumiu uma postura empresarial e centralizadora. Moraes (2009, p. 6) chama a atenção para a falta de homogeneidade nas igrejas de terceira onda quando comparada as suas antecessoras. Além disso, as igrejas de terceira onda também se voltaram para atividades externas aos templos religiosos como políticas assistenciais, atividades culturais, empresariais e políticas, o que atraiu muitos fiéis. Freston (2006, p. 118) afirma que o final dos anos 1990 e início dos anos 2000 foi um período de crescimento para as

neopentecostais, que passaram a apresentar uma tendência a um discurso com ênfase na justiça social. As pentecostais de terceira onda se mostram mais dispostas a se ajustar a vida moderna e a inibir as proibições promovidas por suas antecessoras.

### **A expansão evangélica.**

O pentecostalismo cresceu e se difundiu rapidamente na sociedade brasileira, principalmente nas três últimas décadas do século XX. Inicialmente sua expansão se deu entre camadas populares de nossa sociedade e posteriormente veio a abrigar fiéis de diversas classes sociais, assumindo um papel único quando se fala em religião no Brasil. Ari Pedro Oro em artigo publicado pela revista Horizonte atribui ao pentecostalismo:

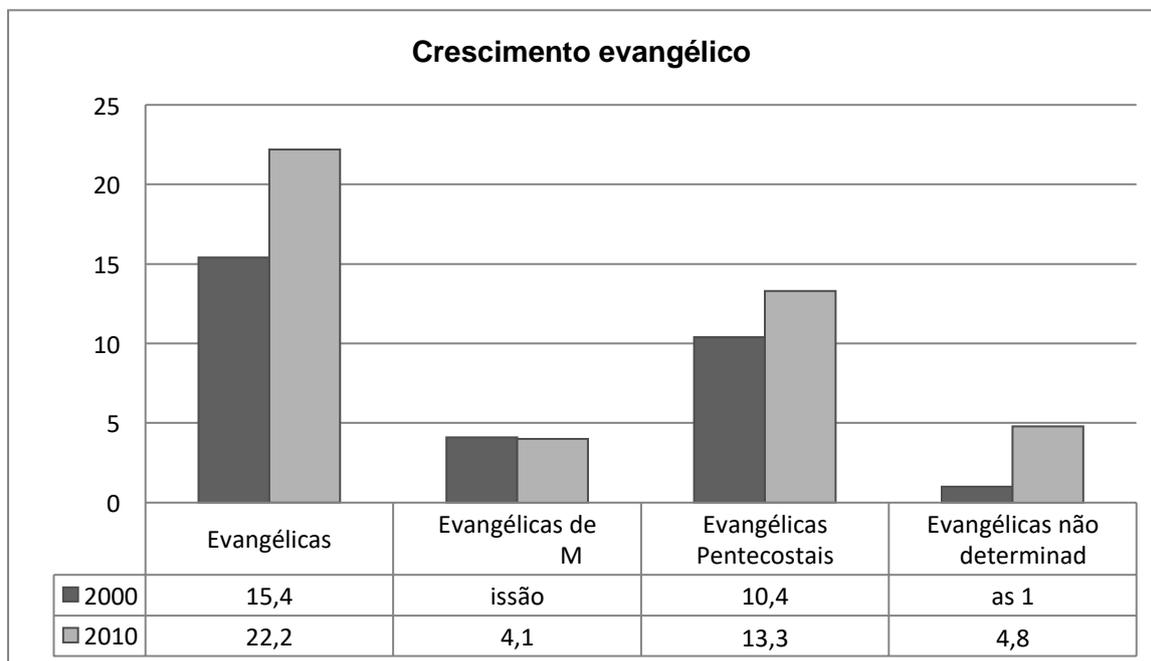
Deve-se, em grande medida, à sua capacidade de adaptação que o pentecostalismo atrai indivíduos das diferentes camadas sociais e não mais somente os pobres dos meios urbanos, embora estes ainda constituam a maioria dos fiéis. Não podemos, igualmente, subestimar o impacto do pentecostalismo sobre os indivíduos e as instituições. Se assim for, há que se considerar que o pentecostalismo constitui hoje um ator social que não dá mais para não ser levado em conta no cotidiano da sociedade brasileira. (ORO, 2011, p. 385)

De 1910 a 1980 a expansão evangélica é dada de forma lenta e seu crescimento era de 1% a 2% a cada década (IBGE). Esses números mudam a partir dos censos de 1990 e 2000, quando o crescimento evangélico ultrapassa os 3%. Segundo o IBGE, em 1990 os evangélicos representam 9% da população, já nos anos 2000 esses números crescem consideravelmente assumindo um total de 15,4% da população brasileira. Esses números também se refletem no decréscimo de fiéis católicos, historicamente o Brasil é um país de maioria católica e até os anos 1980 os católicos representavam 89,2% da população, já apresentando uma pequena queda em relação à década anterior. Mariano, explica essas mudanças no quadro religioso brasileiro da seguinte forma:

[...] nesse período, as igrejas pentecostais souberam aproveitar e explorar eficientemente, em benefício próprio, os contextos socioeconômicos, cultural, político e religioso do último quarto de século no Brasil. Nesse sentido, cabe destacar, em especial, a agudização das crises social e econômica, o aumento do desemprego, o recrudescimento da violência e da criminalidade, o enfraquecimento da Igreja Católica, a liberdade e o pluralismo religiosos, a abertura política e a redemocratização do Brasil, a rápida difusão dos meios de comunicação de massa. (Mariano, 2004, p. 122).

Desde então a queda no número de fiéis católicos tem aumentado a cada censo e em 2010 os católicos representavam 64,6% da população brasileira. O avanço evangélico tem continuidade ao longo das primeiras décadas do século XXI, e no censo de 2010 os evangélicos somavam 22,2% da população brasileira representando 42.275.440 milhões de fiéis (IBGE, 2010). Os evangélicos como

um todo tem crescido, no entanto o pentecostalismo é o segmento evangélico que obteve maior expansão no país durante os últimos 50 anos, mantendo uma distinção clara em relação ao crescimento de adeptos das protestantes históricas, em 2010 essa diferenciação entre o crescimento dos dois segmentos se repete deixando claro que a expansão evangélica teve maior êxito para vertente pentecostal. Como podemos ver no gráfico abaixo:



Fonte: IBGE 2010

As evangélicas de missão representam em maioria as protestantes históricas, que tiveram uma pequena redução percentual entre os censos de 2000 e 2010. As diferenciações no crescimento evangélico brasileiro também se refletem em uma divisão por região, pois a expansão evangélica não é homogênea no país, as regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste são os redutos onde as igrejas evangélicas obtiveram maior crescimento, já a região Nordeste continua sendo o maior reduto católico no país, seguida pela região Sul que mantém uma maioria expressiva católica. Apesar dos evangélicos terem se expandido em todo o país inclusive nas regiões Nordeste e Sul, as duas regiões citadas são onde as igrejas pentecostais tem obtido o menor crescimento. Como mostram os números da tabela abaixo:

### Percentual de grupos religiosos por região

Grupos de Religião	Distribuição percentual da população residente (%)					
	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro - Oeste
2010	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Católica	64,6	60,6	72,2	59,5	70,1	59,6
Evangélicas	22,2	28,5	16,4	24,6	20,2	26,8
Evangélicas de Missão	4,0	4,8	3,4	3,9	5,0	4,1
Evangélicas de origem pentecostal	13,3	20,1	10,1	14,3	10,9	16,6
Evangélica não determinada	4,8	3,6	2,9	6,3	4,3	6,1

Fonte: produção própria com base nos dados do IBGE 2010

Os dados da tabela revelam que as regiões Norte e Centro-Oeste apresentam alto índice de desenvolvimento das igrejas pentecostais e o maior crescimento evangélico em todo país. Esses números são atribuídos à facilidade na legalização de templos religiosos, que é de fácil acesso e consideravelmente menos burocrática do que qualquer outro empreendimento no país. Algumas denominações não tem necessariamente um espaço físico e realizam as suas atividades em pregações itinerantes em parcerias com outras igrejas. Desse modo, os pentecostais são considerados um grupo altamente heterogêneo.

Segundo a pesquisa ESEB 2014 entre seus entrevistados foram encontradas 95 denominações evangélicas entre pentecostais e não pentecostais, entretanto, apesar do grande número de denominações os fiéis evangélicos se estabelecem em algumas igrejas de maior visibilidade como a Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus. A tabela abaixo nos mostra as três igrejas pentecostais com maior público.

Percentual das principais denominações pentecostais				
Ano	Total Evangélica	Assembleia de Deus	Congregação Cristã no Brasil	Universal do Reino de Deus
2010	22,9	6	0,7	0,7
2014	24,4	9,1	1,6	1,4

Fonte: ESEB 2010; ESEB 2014

Há uma pequena variação entre o percentual total de evangélicos nas pesquisas do IBGE 2010 e do ESEB 2014. É válido ressaltar, que a segunda maior igreja evangélica em número de fiéis é a igreja Batista que é considerada igreja evangélica de missão.

Nos anos 2000, 26 milhões de brasileiros se declararam evangélicos, em 2010 eram 42.275.440 milhões de fiéis evangélicos, 60,1% desses eram pentecostais e dessa percentagem 29,12% eram fiéis

que frequentavam a igreja Assembleia de Deus que é hoje a maior igreja pentecostal do Brasil. O Brasil é considerado o país com o maior número de fiéis pentecostais do mundo. E esse avanço pentecostal não se manteve somente no número de fiéis, se estendeu ao campo político, tanto que atualmente o pentecostalismo é grupo religioso com maior destaque na câmara dos deputados.

### **A ação pentecostal**

O avanço das igrejas pentecostais não se limitou somente ao campo religioso, como citado anteriormente as pentecostais estão presentes nos campos sociais, culturais e principalmente no cenário político. Com o crescimento pentecostal nos últimos 50 anos o quadro político brasileiro teve uma maior aproximação da população evangélica, estando presente nas mais diversas camadas da esfera pública com destaque para cargos no congresso nacional, nas assembleias legislativas e câmaras municipais. A comunidade evangélica e principalmente a pentecostal e suas vertentes apresentaram grande capacidade de mobilização política, despertando interesse da comunidade acadêmica e tornando-se alvo de estudos da sociologia, ciências da religião e ciência política (BONH, 2004, p. 292; CAMPOS, 2010, p. 43; MORAIS, 2012, p. 386; SILVA, 2017, p. 224).

Com o crescimento da representação política deste grupo, surgiram questionamentos de como as denominações evangélicas, em especial as pentecostais se inseriram com sucesso no campo político brasileiro a ponto de comporem uma bancada evangélica, também conhecida como Frente Parlamentar Evangélica (FPE). A ascensão política na década de 80, a quantidade de candidatos eleitos que representam ou são apoiados por alguma denominação evangélica só aumentou, a exceção do pleito de 2006. Mas se engana quem pensa que a bancada evangélica é um grupo homogêneo, pois esta é caracterizada pelo pluralismo político e pela falta de homogeneidade das pautas apresentadas, sendo consenso somente às pautas voltadas para moral e ética cristã como a contrariedade a legalização do aborto, as pautas LGBTQI+ e ao feminismo.

Neste tópico, darei ênfase ao desenvolvimento das igrejas Assembleia de Deus e Universal do Reino de Deus que estão altamente envolvidas no campo político, a primeira por ser hoje a igreja com o maior número de candidatos na câmara de deputados e a segunda por

---

<sup>2</sup> Durante o pleito de 2006, muitos parlamentares evangélicos se envolveram em escândalos de corrupção, como os escândalos do “mensalão” e “sanguessugas”. Por esse envolvimento os planos de aumentar o número de parlamentares evangélicos na câmara não deram certo, e ao contrário do planejado os números diminuíram drasticamente. A maior prejudicada foi a IURD que nas eleições de 2002 elegeu 17 deputados federais e após os escândalos em 2006 elegeu somente 7 deputados.

ter desenvolvido o mais eficiente modelo de organização política do meio evangélico, que posteriormente veio a ser adotado pelas demais denominações pentecostais.

### **A Igreja Universal**

A Igreja Universal do Reino de Deus foi fundada em 1977, no Rio de Janeiro, pelo agora bispo Edir Bezerra Macedo fundador e líder da igreja. A IURD rapidamente se desenvolveu e em menos de doze anos já tinha templos em todos os estados da federação. Mariano (2004, p. 125) destaca que nenhuma outra igreja evangélica cresceu tão rápido em tão pouco tempo no país.

O sucesso na expansão da IURD é atribuído ao modelo de organização eclesial adotado pela igreja que é centralizador e institucionalizado com aspectos empresariais, outra característica marcante da igreja, que também é presente em outras igrejas neopentecostais é a sua inserção nos meios de comunicação que sempre estiveram presente desde sua fundação. Inicialmente, a IURD esteve presente em programas de rádio transmitidos pela Rádio Metropolitana, programa apresentado pelo próprio Edir Macedo tornando a IURD famosa, principalmente entre as classes mais populares. Outra conquista da IURD foi à negociação e compra da Rede Record, canal televisivo que foi comprado pela igreja em 1990, por 45 milhões de dólares. A compra da Rede Record foi um marco pra IURD, pois chamou atenção da mídia nacional o fato de uma igreja que tinha pouco mais de uma década de existência ter recursos suficientes para a compra de uma grande rede de televisão.

Na década de 1990 a igreja Universal se envolveu em vários escândalos, com denúncias de corrupção e sonegação de impostos, além de desvio de dinheiro, passando a ser alvo de investigações da Justiça Federal. A partir das denúncias realizadas a IURD passou por um longo período de investigação de seus líderes e dirigentes em todo o país. O auge dos escândalos se deu após denúncias do ex-pastor Carlos Magno que acabou com a prisão do Bispo Edir Macedo por charlatanismo e estelionato, em 1992, em São Paulo, onde ficou preso por 12 (doze) dias. A igreja só conseguiu cessar as investigações e sair das páginas policiais no final da década de 1990. Neste período, o Bispo Edir Macedo se afastou da administração da IURD no Brasil e expandiu a igreja no exterior, a administração brasileira nas mãos do pastor Renato Suhett.

A coordenação da IURD é verticalizada e definida da seguinte forma: Conselho Mundial de Bispos, Conselho de Bispos do Brasil e Conselho de Pastores. Um sistema eficiente que mantinha a verticalização e a concentração de poder eclesial nas mãos do Bispo Edir Macedo. Destaca-se assim o modelo de estrutura hierárquico instituído pela igreja universal que permite a centralização de recursos, garante uma gestão eficiente.

O eficiente crescimento da IURD se evidenciou também na área política. Após o período de redemocratização a igreja Universal se inseriu pela primeira vez no campo político elegendo seu primeiro candidato ao congresso nacional, na eleição seguinte elegeu três deputados federais e seis estaduais, desde então, a cada novo pleito o número de candidatos pertencentes ou apoiados pela IURD aumentava. Em 1990 elegeu três deputados federais, no pleito de 1994 dobrou o número deputados. Em 2002 chegou à marca de 22 deputados federais. O sucesso político da igreja é atribuído principalmente ao carisma pessoal de seu dirigente e ao carisma de função exercido pela igreja. O carisma apontado aqui se baseia nos conceitos propostos por Max Weber de dominação carismática e líder carismático. Nesse sentido, o carisma só existe a partir da relação de reconhecimento da comunidade a que ele pertence, seja ele no indivíduo ou na instituição a que pertence, se baseando numa relação de dominação entre dominador e dominado.

É incontestável a autoridade carismática de Edir Macedo – fundador da IURD –, reconhecida como tal tanto pelos membros da hierarquia quanto pelos fiéis, ao mesmo tempo em que é também forte o poder que emana da instituição Igreja Universal, adquirindo esta, entre seus fiéis, a condição de uma marca com forte densidade simbólica. (ORO, 2003, p. 98)

A igreja universal desenvolveu um modelo político próprio, que é dado desde a escolha dos seus candidatos para eleição, para que assim se obtivesse o maior número de candidatos eleitos possíveis, destacando sua predominância política. As candidaturas lançadas ou apoiadas pela IURD eram direcionadas e nomeadas a partir do número de fiéis de cada localidade ou região. Segundo Oro (2003, p. 100) a IURD realizava uma espécie de recenseamento entre as igrejas obtendo assim o número aproximado de fiéis que votariam em candidatos indicados ou apoiados pelo segmento religioso. A quantidade de candidaturas indicadas por localidade era de responsabilidade dos dirigentes locais que se responsabilizavam por escolher os candidatos e em como eles seriam distribuídos. Com o sucesso do modelo empregado pela IURD outras denominações evangélicas adotaram o mesmo modelo de organizacional.

Outro método utilizado pela igreja é o combate à corrupção, que é utilizada como artifício e marketing político pelas igrejas no êxito ao elegerem “Homens de Deus” para as diversas esferas públicas. Os cultos religiosos eram fundamentais no apoio das candidaturas, pois neles os candidatos eram apresentados aos membros da igreja como homens e mulheres tementes ao Senhor, muitas vezes subindo ao púlpito e sendo abençoados pelos pastores por serem os futuros representantes da igreja e de Deus na política.

A conciliação entre o carisma institucional e as candidaturas se evidenciava quando o apoio a certa candidatura era retirado. Muitos candidatos que inicialmente eram lançados com apoio da igreja se elegiam com número expressivo de votos, e posteriormente, com a retirada do apoio da IURD ao voltar a lançar-se como candidato não conseguia se eleger e ainda obtinham um número irrisório de votos em relação ao pleito anterior. Deixando claro o quanto importante era o papel institucional desempenado pela igreja nas eleições. O sucesso da IURD no campo político foi tão grande que, em 2003, foi fundado o seu próprio partido político pelo Bispo Marcelo Crivella, o Partido Republicano Brasileiro (PRB).

O avanço no número de candidatos representantes da IURD obteve decréscimo no pleito de 2006 quando alguns candidatos ligados à igreja se envolveram em escândalos de corrupção, como no caso do mensalão, quando um de seus principais dirigentes o Bispo Rodrigues que era responsável pela organização político-eleitoral da igreja foi denunciado causando grande impacto à igreja. Todos os candidatos que nesse período se envolveram em escândalos de corrupção, inclusive o Bispo Rodrigues foram sumariamente afastados da IURD. Um fato interessante é que ainda que a igreja exerça influencia política direta ou indireta sobre seus membros, quando algum político representante do segmento era envolvido em escândalos de corrupção ou de qualquer outra natureza, ele era automaticamente rechaçado pela comunidade eclesial.

### **A Assembleia de Deus**

A Assembleia de Deus é uma igreja de primeira onda do pentecostalismo que foi fundada, em 1911, em Belém do Pará por missionários europeus de origem humilde que conheceram o pentecostalismo através de uma convenção batista realizada na cidade de Chicago nos Estados Unidos. Os missionários Daniel Berg e Gunnar Vingren se conheceram nesta convenção e se tornaram amigos. Durante a reunião de um grupo de oração um profeta pentecostal lhes disse que deveriam levar a palavra de Deus a um lugar chamado Pará. Após essa revelação os dois procuraram saber onde se localizava tal local.. Inicialmente, ao chegarem a Belém ficaram hospedados e obtiveram o apoio da igreja Batista, onde frequentavam os cultos e participavam das pregações. Sete meses após sua chegada a Belém, os missionários foram expulsos da congregação junto com outros membros da igreja Batista por pregarem a ação do batismo através do espírito santo, divergindo da doutrina da igreja.

Após sua criação rapidamente a igreja se difundiu, se aproximando das classes populares e realizado missões em outras cidades, utilizando um formato simples de pregação, e permitindo aos leigos e pessoas de baixa instrução que também pregassem ajudando na

difusão do novo segmento. A Assembleia de Deus tem como ênfase doutrinária a cura divina, o uso da glossolalia e a crença na bênção divina; além de pregar uma comunidade fraterna e familiar onde todos são irmãos. Estas características auxiliaram em sua expansão, apresentado o novo ambiente religioso brasileiro. Ainda, que a AD apresentasse novos elementos religiosos aos evangélicos foram mantidos alguns traços das igrejas protestantes históricas como o sectarismo religioso e o asceticismo.

A AD foi crescendo gradualmente assim como outras igrejas pentecostais, tendo maior taxa de crescimento ao final do século XX. Atualmente a Assembleia de Deus é maior igreja evangélica de origem pentecostal brasileira com 12.314.410 milhões de membros, seguida pela CCB com 2.289.634 milhões (IBGE, 2010).

Assim como a IURD a Assembleia de Deus também se envolveu na política, sua inserção foi posterior ao da universal, entretanto, a inserção que outrora fora tímida hoje é um sucesso, possuindo o maior número de parlamentares eleitos que representam ou são ligados a igrejas evangélicas no Brasil. Ao iniciar no ambiente político a Assembleia de Deus não estruturava as candidaturas apoiadas pela igreja no modelo desenvolvido pela IURD, era construído um apoio contido, onde os fiéis eram aconselhados a votar em alguns nomes que eram tidos como a representação de Deus no ambiente sujo que é a política. Com o passar do tempo vendo o êxito do sistema coordenado pela IURD a Assembleia de Deus passou a adotar o mesmo sistema que se tornou extremamente eficiente.

Nas eleições de 2010 a AD elegeu 22 deputados federais. Em 2014, elegeu 24 deputados federais e 23 estaduais em todo o país. As denominações evangélicas que mais elegem representantes para cargos no executivo são a Assembleia de Deus, seguida pela igreja Batista e pela IURD. Os números eleitorais positivos da AD podem ser atribuídos ao número de fiéis pertencentes à igreja que é consideravelmente maior do que qualquer outra pentecostal. Reforçando ainda mais a bancada evangélica.

### **A politização pentecostal e o voto evangélico.**

A redemocratização brasileira foi um período de ascensão dos movimentos sociais no país, neste período o público evangélico ainda não tinha uma forte representação política, e temia o avanço do socialismo juntamente ao retorno da influência política do catolicismo. É consenso entre alguns autores que o crescimento político do segmento evangélico neste período atuou inicialmente como o movimento de representação de uma minoria social religiosa (MACHADO, 2010, p. 604-605; CAMPOS, 2010, p. 42). Para outros este crescimento se associava ao avanço de outros grupos minoritários que vinham de contra aos preceitos

morais e religiosos empregados pelo público evangélico como o feminismo e o grupo LGBTQI+ (MACHADO, 2014, p. 605). Entretanto, a inserção de religiosos no ambiente político não foi bem aceita por muitos setores da sociedade civil organizada e por parte da população vendo como negativa a associação entre igreja e estado, e temendo por retrocessos em alguns setores pela futura instauração de uma política proselitista. Nesse contexto, o público evangélico se estruturou e iniciou sua introdução no campo político de forma mais ativa, tendo como maiores adeptos nesse processo o segmento pentecostal e neopentecostal.

Após a constituinte de 1985, com a reformulação do processo de participação política evangélica, surge um novo formato no lançamento de candidaturas que é atribuída por Leonildo Silveira Campos como *candidatura oficial* ou *político de Cristo*. Este formato se caracterizou pelo o lançamento de candidaturas oficiais por cada igreja evangélica para representar os interesses específicos de suas respectivas denominações. A partir do lançamento das candidaturas oficiais, falas de líderes evangélicos apresentando a necessidade de inserção dos “homens de Deus” no quadro político nacional se tornaram cada vez mais frequentes tanto no púlpito quanto nas atividades externas a igreja. Neste, período houve forte disseminação de discursos pautados na moralização política que candidatos evangélicos poderiam promover ao exercer cargos públicos, principalmente entre as igrejas pentecostais e neopentecostais.

A política pentecostal, nesse sentido, não tem um “projeto” de conquista do Estado e sim articula uma aspiração de hegemonia como busca de permear espaços. Não podemos perder a dimensão potencialmente contraditória dessa construção discursiva, pois ela traduz tanto a diferença entre o discurso pentecostal e um discurso liberal clássico como a existência de embates internos ao pentecostalismo. (MACHADO, 2014, p. 616).

Ainda que o marketing político utilizado pelas pentecostais fosse eficiente, e corroborasse com as expectativas do público evangélico em tornar o ambiente político mais ético, as práticas exercidas por muitos parlamentares evangélicos não eram tão éticas quanto se esperava e muitos candidatos eleitos vieram a se envolver em escândalos de corrupção sendo rechaçados tanto pelo eleitor evangélico quanto pelas igrejas. Para Campos (2010, p. 45), “a formação acumulativa de uma “nova” cultura política, dentro de um cenário que valoriza o clientelismo e o mandonismo, a forma evangélica de fazer política não tem trazido modificações ditadas por suas concepções de ética e moralidade”. Nos dois períodos históricos em que parlamentares evangélicos se envolveram em grandes escândalos de corrupção, que ocorrerão em 1985, no governo Sarney e em 2006, no governo Lula, o número

de representantes evangélicos diminuí drasticamente no pleito subsequente. Como revelam os dados da tabela abaixo sobre o desempenho das igrejas Universal do Reino de Deus e Assembleia de Deus nas eleições de 2002 e 2006:

Tabela 2 – Comparação de deputados eleitos em 2002 e 2006

<b>Igrejas</b>	<b>2002</b>	<b>2006</b>
<b>Assembleia de Deus</b>	24	17
<b>Universal do Reino de Deus</b>	17	6

Fonte: Campos (2010).

Revelando o quão importante é a manutenção da ética e moral cristã dos parlamentares para os eleitores evangélicos. Ainda, que tenha havido uma grande diminuição no número de candidatos eleitos no pleito de 2006, nas eleições de 2010 mesmo que em menor número o índice de candidatos evangélicos voltou a crescer.

Tabela 3 – Presença Pentecostal na Câmara

<b>Igreja</b>	<b>Nº de deputados eleitos</b>	<b>Total de votos 2010</b>
<b>Assembleia de Deus</b>	19	1.774.743
<b>Universal do Reino de Deus</b>	07	652.283
<b>Cristã no Brasil</b>	01	270.661
<b>Internacional da Graça</b>	03	255.754
<b>Sara Nossa Terra</b>	01	150.616
<b>Evangelho Quadrangular</b>	04	364.330

Fonte: Campos (2010).

A presença evangélica nas três esferas de governo (federal, estadual e municipal) se tornou mais presente a cada pleito, chamando a atenção de inúmeros partidos políticos que começaram a buscar candidatos evangélicos para se filiar a suas legendas partidárias, tornando o bloco evangélico mais forte, mas ao mesmo tempo pluripartidário.

Outro ponto, importante foi à criação da Frente Parlamentar Evangélica que foi registrada em 2003 e é uma das maiores bancadas do congresso nacional, a frente é comandada pelo deputado Hidekazu Takayma do Partido Social Cristão (PSC), atualmente a frente conta com 199 deputados e 4 senadores, entretanto, esses números consistem na quantidade de parlamentares que assinaram o documento para a criação da frente, os parlamentares pertencentes a FPE que são realmente evangélicos consistem em 84, em 2014.

## **O Voto Evangélico.**

Vários estudos suscitam a importância dos padrões de comportamento político no processo eleitoral. Busca-se entender quais os parâmetros definem o voto de determinado grupo social como: suas escolhas políticas, os partidos, a religião e em como as redes de interação podem inferir nas preferências políticas de cada grupo. Para Fuks (2015, p. 116) as preferências políticas estão condicionadas ao pertencimento a grupos e as relações interpessoais características da vida cotidiana, o processo de formação da escolha política é dado a partir das relações sociais existentes que é denominado como a lógica social da política. Nesse sentido, as diversas redes de interação a que as pessoas estão submetidas definem as preferências eleitorais do grupo.

Com o crescimento evangélico e a expansão desse grupo no campo político, busca-se analisar quais fatores são determinantes na definição do voto evangélico. Para Baptista (2007, p. 207-208) quanto maior a frequência dos fiéis aos cultos ou as atividades promovidas pela igreja maiores são as chances do indivíduo votar nos candidatos apresentados pelo segmento. De fato, as igrejas pentecostais são as que mais cobram a presença dos fiéis em seus templos, a assiduidade de seus membros é bem maior do que em qualquer outra religião brasileira, e são os que mais produzem atividades extra igreja como as células (grupos de oração), as escolas bíblicas dominicais, o movimento jovem, além da frequência aos cultos que normalmente são mais de uma vez na semana. Para Fuks (2015, p.118) grupos que contam com elevada assiduidade de seus membros são mais efetivos na transmissão de informações políticas e na coerção social, dispondo de maiores possibilidades de comunicação e conformação de atitudes. Quanto mais presente é o indivíduo, mais exposto ele está às interações no grupo, favorecendo a ação de estímulos políticos do grupo social a que pertence.

Segundo Oro (2003, p. 103-104) as organizações eclesiais centralizadoras com bases hierárquicas e líderes carismáticos tem maior sucesso no processo de persuasão. As igrejas pentecostais como um todo são caracterizadas por serem organizações hierarquizadas e centralizadoras, mantendo o comando da organização eclesial nas mãos das lideranças religiosas como pastores, bispos e diáconos que conduzem as atividades desenvolvidas pelo segmento e controlam a comunicação do grupo, diferentemente das protestantes históricas que exercem um modelo de organização horizontal e de maior participação dos membros nas decisões da igreja. O modelo de organização hierárquico tem maior sucesso no processo de estímulo político por não dar espaço para que outros círculos de informação política se insiram no grupo, e por serem bem claros ao apresentar os candidatos ao qual a igreja apoia.

Já para Bohn (2003) o nível de escolaridade, a idade e a renda podem se apresentar como fatores determinantes nas preferências políticas dos eleitores. Alguns autores definem que fatores como o perfil socioeconômico, o grau de escolaridade e a faixa etária influem diretamente na escolha política dos eleitores. Até a década de 1990 os fiéis evangélicos pentecostais em sua maioria tinham renda aproximada de um salário mínimo e baixo grau de escolaridade (ensino fundamental). Já os membros das protestantes históricas tinham normalmente de ensino médio a superior e pertenciam a classe média. Entretanto com o passar dos anos as igrejas pentecostais passaram a agregar membros das diversas classes sociais e grau de escolaridade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho procurou analisar como a relação política e religião tem se interligado nas duas últimas eleições no país. A partir da expansão política de um segmento religioso que passou a crescer consideravelmente em número de membros durante os últimos 50 anos, apresentando uma mudança significativa no quadro religioso brasileiro, sobretudo, a partir dos anos 1970 quando novas denominações pentecostais vieram a surgir popularizando o segmento, uma década depois sua expansão pode ser vista através da participação política, quando a representação desse segmento se tornou mais efetiva na câmara dos deputados.

A partir, da análise das duas igrejas que tem melhor desempenho no processo eleitoral evidenciou-se que a forma de organização política exercida pela igreja Universal é eficiente, entretanto precisou se reformular diante dos escândalos que alguns parlamentares se envolveram durante a primeira década do século XXI, desde então a IURD tem crescido gradualmente em número de membros e ganhando espaço em outra vertente política, tendo eleito o ex-senador Marcelo Crivella para prefeitura do Rio de Janeiro a segunda maior capital do país, durante as eleições municipais de 2016. Já Assembleia de Deus, apesar de ter adotado o sistema político da IURD deu manutenção ao seu crescimento eleitoral, uma das diferenciações entre ela e a universal é que os parlamentares representantes da AD em sua maioria não pertencem à cúpula da igreja como na universal, e apesar de também ter se envolvido em escândalos o impacto foi bem menor. As duas denominações fazem uso exacerbado do evangelismo eletrônico que as popularizam tanto no campo político quanto religioso, tornando-se o negócio mais lucrativo das igrejas pentecostais no país.

Os políticos pentecostais se inserem no cenário político pregando uma renovação do ambiente político, uma moralização que seria estabelecida a partir da inserção dos “Homens e Mulheres de Deus” no campo político, no entanto, apesar do discurso de salvação muitos

perderam credibilidade ao dar manutenção às práticas patrimonialistas e elitistas, perpetuando vários traços da velha política, e sem buscar uma real renovação deste ambiente. Após a experiência de 2006, fica em evidência que o envolvimento de representantes evangélicos em casos de corrupção afeta diretamente os planos de crescimento político desempenhado pelas igrejas evangélicas o discurso de “irmão vota em irmão” não consegue se sustentar diante dessas circunstâncias, havendo assim uma recusa do eleitor pentecostal a dar manutenção ao voto evangélico.

Dentre os últimos processos eleitorais, a eleição de 2014 foi onde igrejas evangélicas obtiveram maior sucesso eleitoral, e com a continuação do crescimento evangélico a expansão pentecostal na política tende a aumentar cada vez mais.

## **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: a presença da Assembleia de Deus e da igreja universal do reino de Deus no congresso nacional (1999-2006). São Bernardo do Campo, 2007.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. Pentecostais e neopentecostais na política brasileira: um estudo sobre cultura política, estado e atores coletivos religiosos no Brasil. São Paulo, Anna Blume e Instituto Metodista Isabela Hendrix, 2009.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil: perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. Opinião Pública, Campinas, Vol. X, nº 2, Outubro, 2004, p. 288-338.

CAMPOS, Leonildo Silveira. O Projeto Político de “Governo do Justo”: os recuos e avanços dos evangélicos nas eleições de 2006 e 2010 para câmara federal. Debates do NER. Porto Alegre, nº 18, p. 39-82. Jul./Dez., 2010.

ESTUDO ELEITORAL BRASILEIRO– ESEB, 2010. Terceira onda de pesquisa pós- eleitoral. Disponível em: << <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas>>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

ESTUDO ELEITORAL BRASILEIRO– ESEB, 2014. Quarta onda de pesquisa pós-eleitoral. Disponível em: << <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb/ondas>>> Acesso em: 17 de outubro de 2018.

FOERSTER, Norbert C. H. Poder e política na Congregação Cristã no Brasil: um pentecostalismo na contramão. Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 121- 138, outubro de 2006.

FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

FRESTON, Paul. Religião e política, sim; igreja e estado, não: os evangélicos e a participação política. Viçosa, MG. Ed. Ultimato, 2006.

BRASIL, IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em << <https://censo2010.ibge.gov.br/>>> Acesso em: 09 de setembro de 2018.

LOPES, Deivis Vânio. A organização Eclesial da Assembleia de Deus em Canoas/RS. Dissertação. PUCRS, 2008.

MACHADO, Maria das Dores; BURITY, Joanildo. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. *Revista de Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, vol. 57, no 3, 2014, pp. 601 a 631.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da igreja Universal. *Estudos Avançados*. N°. 52. Setembro, 2004.

MORAES, Gerson Leite de. Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro. *Revista de Estudos da Religião*.

MORAIS, Edson Elias de. O discurso religioso e a política conservadora. 2012. Disponível em <<<http://www.uel.br/eventos/sepech/arqtxt/PDF/edsonemoraais.pdf>>> Acesso em: 24 de setembro de 2018.

NETTO, Gabriela Figueiredo; SPECK, Bruno Wilhelm. O dinheiro importa menos para os candidatos evangélicos?. *Revista Opinião Pública*. Campinas. Vol. 23, n° 3, set./dez., 2017.

NOVAES, Regina Reyes. A divina política: notas sobre as relações delicadas entre religião e política. *Revista USP*, São Paulo, n.49, p. 60-81, março/maio 2001.

ORO, Ari Pedro. A política da igreja universal e seus reflexos nos campos religioso e político. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 18, n° 53. Outubro/2003.

ORO, Ari Pedro. Algumas interpelações do pentecostalismo no Brasil. *Belo Horizonte*, 2011.

PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. As premissas do deuteropentecostalismo: tradição e renovação no campo religioso brasileiro. *Revista Observatório da Religião*. Vol. 1, n°. 1, jan./jun. 2014.

PRAGMATISMO POLITICO. A história do surgimento e ascensão da bancada evangélica. Disponível em <<<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/01/a-historia-do-surgimento-e-da-ascensao-da-bancada-evangelica-na-politica.html>>> Acesso em: 17 de agosto de 2018.

RODRIGUES, Guilherme Alberto; FUKS, Mario. Grupos sociais e preferência política: o voto evangélico no brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 30, n° 87. Fevereiro/2015.

ROSAS, Nina Gabriela. O desenvolvimento do neopentecostalismo brasileiro: esboços sobre a positividade da experiência religiosa nos dias de hoje. *Goiânia*, 2009.

SILVA, Luís Gustavo T. da. Religião e Política no Brasil. *Revista Latinoamérica*. n° 64, pp.223-256. 2017 ISSN 2448-6914. Disponível <<<http://dx.doi.org/10.22201/cialc.24486914e.2017.64.56799>>> Acesso em: 30 de agosto de 2018.

TADVALD, Marcelo. A reinvenção do conservadorismo: os evangélicos e as eleições federais de 2014. *Debates do NER*. Porto Alegre, Ano 16, n° 27, p. 259-288, Jan./Jun, 2015.

UNGER, Roberto Mangabeira. Cinco teses sobre a relação da religião com a política. *Estudos Avançados*, n. 35, 1999.

WALTER, Alice V.N.P.; RIBEIRO, Ednaldo Aparecido. *Ativismo Religioso e Ativismo Político: o papel das instituições religiosas no comportamento político dos brasileiros e latino- americanos*. Porto Alegre. Setembro, 2015.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**ESTADO, VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E CONFLITO SOCIOAMBIENTAL:  
UMA ANÁLISE DO CASO BRUNO E DOM**Max André Correa Costa<sup>1</sup> (PPGSTU/NAEA/UFGPA)

**RESUMO:** O Estado brasileiro tem promovido alterações nas dinâmicas territoriais da Amazônia, incentivando novas oportunidades de mercado e ampliando a concentração de renda, ao mesmo tempo em que gera sérios danos socioambientais e promove violências contra os povos amazônidas. Isto porque, em uma região de capital dependente, o Estado tem feito o uso da força e de métodos violentos para garantir as condições de ampliação da acumulação de capital. Neste sentido, este artigo pretende discutir as relações entre violência, interesses econômicos do mercado capitalista e as estratégias de mediação do Estado nos conflitos socioambientais na Amazônia, a partir da análise das mortes do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, assassinados em junho de 2022, no Vale do Javari, no Amazonas. Para tanto, este estudo procura fazer um debate sobre o conceito de violência estrutural, econômica e/ou extraeconômica, e suas interfaces com o capitalismo brasileiro, para posteriormente analisar o papel do Estado nos modelos de desenvolvimento experimentados historicamente na Amazônia, buscando responder em que medida as instituições brasileiras podem ser responsabilizadas pelos assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips.

**Palavras-chave:** Amazônia, Estado, Violência, Bruno, Dom

**INTRODUÇÃO**

Ao longo da história, o Estado brasileiro estimulou diversas estratégias de ocupação da Amazônia, por meio de planos e projetos pensados de forma exógena, que geraram sérios danos socioambientais e violências cometidas contra os povos dos rios e das florestas. A partir das iniciativas do Estado, foram promovidas alterações nas dinâmicas territoriais da Amazônia, incentivando novas oportunidades de mercado e ampliando a concentração de renda, enquanto as populações locais permaneceram em situação de vulnerabilidade socioambiental, sendo violentadas em sua cultura, sua história, sua memória e seu modo de vida.

Castro (2017) destaca que essa alteração territorial observada na Amazônia está diretamente ligada à dinâmica do mercado mundial, que é fundamental para a compreensão dos processos de produção na região. Nesse sentido, observa-se que as estratégias do Estado e dos mercados para a Amazônia, nas últimas décadas, estiveram voltadas para a intensificação da exploração dos recursos naturais, aumentando as pressões de estruturas e agentes econômicos sobre áreas preservadas, em especial terras da agricultura familiar, bacias hidrográficas, reservas minerais e florestas com rica biodiversidade.

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos da Amazônia (NAEA), da Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. Email: maxandrecoستا@gmail.com.

Porém, em uma região de capitalismo dependente, as estratégias do Estado não seguem apenas as leis naturais do mercado, mas utilizam o que Marx conceitua como violência extraeconômica, em que o Estado em articulação com o capital tem feito o uso da força e de métodos violentos para ampliar a acumulação e, assim, tem recorrido à imposição de cercas, remoção forçada das terras, criminalização dos movimentos sociais, não participação dos povos amazônidas nas tomadas de decisão, ameaças e até extermínios daqueles e daquelas que ousam se contrapor às novas dinâmicas territoriais exógenas.

Neste sentido, este artigo parte do pressuposto de que o Estado tem tido um papel central na conflitualidade socioambiental vivenciada na Amazônia, seja como mola propulsora ou como agente direto de um modelo de desenvolvimento excludente, predatório e violento contra os povos amazônidas. É nesse cenário amazônico de conflitualidade estimulada pelo Estado, que em junho de 2022, o indigenista brasileiro Bruno Pereira e o jornalista britânico Dom Phillips foram assassinados no Vale do Javari, na fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, onde o profissional da imprensa fazia uma reportagem sobre os crimes socioambientais praticados na região e duramente combatidos pelo indigenista em conjunto com os indígenas e demais movimentos sociais.

O crime gerou comoção internacional em virtude do sumiço dos corpos em plena floresta amazônica e pelos requintes de crueldade com que foi executado, mas também provocou debates acerca do papel do Estado e da democracia brasileira, uma vez que a liberdade de imprensa foi cerceada brutalmente com o assassinato do jornalista Dom Phillips e as instituições brasileiras não garantiram a segurança e a vida do indigenista Bruno Pereira, que constantemente sofria ameaças de morte, já de conhecimento dos órgãos públicos, que pouco ou nada fizeram para impedir uma tragédia anunciada.

Assim, ao analisar o caso Bruno e Dom, este artigo pretende discutir as relações entre violência, interesses econômicos do mercado capitalista e as estratégias de mediação do Estado nos conflitos socioambientais na Amazônia. Para tanto, este estudo faz primeiramente um debate sobre o conceito de violência estrutural, econômica e/ou extraeconômica, e suas interfaces com o capitalismo brasileiro, para posteriormente analisar o papel do Estado nos modelos de desenvolvimento experimentados historicamente na Amazônia, e finalmente buscar responder em que medida as instituições brasileiras podem ser responsabilizadas pelos assassinatos de Bruno Pereira e Dom Phillips.

## **VIOLÊNCIA ESTRUTURAL E ACUMULAÇÃO DE CAPITAL**

A violência não é um método ou um fenômeno exclusivo do capitalismo. Porém, encontra nele um solo fértil, uma vez que é expressão das questões sociais produzidas pelo modo de produção

capitalista, ou seja, o processo estruturante da violência tem materialidade em uma sociedade organizada por mecanismos de exploração, dominação e opressão, que tem no conflito uma base fundante, a partir da produção de desigualdades sociais como resultado da apropriação/concentração da riqueza produzida socialmente.

Desta feita, este artigo parte da compreensão que a violência não é um fenômeno autônomo e tampouco de responsabilidade exclusiva dos setores por ela atingidos. Não se resume a um problema de segurança pública, ou resultado de patologias, nem é fruto de má-índole ou simplesmente ‘vadiagem’, mas é dimensionada como um problema social, que se relaciona com macroestruturas econômicas, sociais e políticas.

Multifacetada, a violência não pode ser resumida somente aos atos de transgressão de regras, leis e normas, ou restrita a relações físicas ou de proximidade, mas compreendida a partir de determinantes macroestruturais. Analisada dessa forma, a violência é conceituada como violência estrutural, que tem como eixo basilar a dominação de classes e a produção de desigualdades sociais, que se expressam também na pobreza, na discriminação e outros aspectos socioeconômicos. (Soares et al, 2019).

Uma das principais características da violência estrutural é a sutileza, pois sua reprodução está diretamente ligada à naturalização de gestos e procedimentos estruturantes da sociedade, haja vista que o processo de sociabilidade capitalista naturaliza as desigualdades socioeconômicas e as disparidades regionais, além de criminalizar os sujeitos políticos que se contrapõem à ordem do capital. Sobre a invisibilidade da violência estrutural, Soares et al (2019) afirma:

Invisibilizada no cotidiano das relações, ela recebe contornos que estão muito além do âmbito econômico, mas atinge os demais processos sociais, tais como: as desigualdades e discriminações de gênero, raça/etnia, na educação adultocêntrica, patriarcal e machista e, sobretudo, nas diversas formas de dominação e opressão. A violência estrutural afeta os sujeitos em todas as esferas da vida social, tendo conseqüências brutais que vão além das condições objetivas, mas refletem na perda de identidade social, na anomia política, no adoecimento psíquico dos sujeitos, em relações efêmeras e na própria coisificação do ser humano. (SOARES et al, 2019, p. 17-18)

Como pode se observar, esse processo de violência estrutural não se resume às questões econômicas, mas se expressa em diversos processos sociais, a ponto de Marx (2017) desenvolver os conceitos de violência econômica e violência extraeconômica. O primeiro conceito é associado às leis naturais do modo de produção que possibilitam a subordinação do trabalho ao capital. Já o segundo é compreendido como um mecanismo de garantia das condições de acumulação de capital, principalmente quando há debilidades estruturais como nos países de capitalismo dependente, onde

a violência é uma potencialidade usualmente comum para o Estado garantir o desenvolvimento capitalista.

Embora diversos, os dois conceitos não são apartados, uma vez que a violência extraeconômica é, ao fundo, um tipo de violência econômica ao criar, por meios coercitivos, condições de exploração da força de trabalho e possibilitar o desenvolvimento das forças produtivas, tendo como fim a ampliação da acumulação de capital. Portanto, são meios pelos quais a relação capital-trabalho se reproduz, seja pelas vias naturais do modo de produção, ou utilizando um recurso extra com viés autoritário, necessário sobretudo em regiões de capitalismo dependente, como na Amazônia:

A violência e o genocídio continuam não porque a situação colonial não foi superada, mas sim porque não foram superadas as relações sociais que permanecem fazendo da violência uma força produtiva. Assim como não há possibilidades de superar a situação de dependência pelo nacionalismo ou (neo)desenvolvimentismo, a violência, como seu corolário, também não pode ser superada estruturalmente sem a superação do sociometabolismo do capital. (CAMPOS; OLIVEIRA, 2023, p. 392)

Desta feita, a violência extraeconômica é estrutural, permanente e desigual porque é consequência da dependência dos países, que necessitam deste recurso para ampliar a acumulação de capital. Nesse aspecto, segundo Campos e Oliveira (2023), a violência tem um papel central no desenvolvimento capitalista, principalmente em países da América Latina.

No Brasil, esse aspecto é comprovado historicamente, até porque a constituição de um mercado interno e a subsunção do trabalho ao capital ocorreu em meio aos processos violentos contra povos indígenas e pessoas negras, em que a escravidão foi base estruturante. Não há como compreender o desenvolvimento capitalista no Brasil sem fazer as conexões com o processo de escravização das pessoas vindas forçadas da África.

Moura (1988) lembra que o Brasil se tornou um país independente mantendo a escravidão e, posteriormente, aboliu a escravatura conservando o latifúndio. Assim, o moderno foi se constituindo em meio a estruturas arcaicas, em que práticas coloniais foram sendo redefinidas e mantidas no contexto do capital financeiro.

A abolição conserva a estrutura latifundiário-oligárquica. Essa estrutura rigidamente hierarquizada dentro do modelo escravista era necessária para garantir uma economia baseada na exportação de produtos primários subordinada aos interesses do mercado mundial. Com isto ficou descartada a possibilidade de integração social e cultural daquelas grandes parcelas de força de trabalho liberadas que irão constituir a massa de marginalizados, saída das senzalas. (MOURA, 1988, p. 25)

Desse modo, conforme assinala Netto (2007), a trajetória política brasileira é marcada pelo autoritarismo, em que predominam ações colonialistas, clientelistas, patrimonialistas e mandonistas. A formação histórica, social e política brasileira é estruturada na conciliação do moderno com o arcaico, como observamos acima, e também na exclusão do povo da vida política, na centralização de poder e na concentração de renda.

Nesse contexto, o Estado é apresentado como o principal agente da violência estrutural originada pelos processos de desigualdade social da sociedade capitalista. Na maioria das vezes, as respostas dos agentes estatais estão ancoradas em discursos e práticas assistencialistas, focalizadas e filantrópicas, em que prevalecem a violação, a redução e a negação da cidadania e dos direitos sociais.

É possível afirmar que o modo de produção capitalista contribui conjuntamente com o Estado para a reprodução e naturalização da violência estrutural, numa díade que consiste na omissão de respostas capazes de enfrentar o fenômeno em suas raízes sócio-históricas, quanto na construção de respostas que reforçam a subalternidade e os estigmas dos sujeitos, atuando de forma pulverizada e superficial, sem considerar as determinações históricas, econômicas, políticas e sociais que perpassam as múltiplas expressões que desencadeiam a reprodução da violência estrutural. (SOARES et al, 2023, p. 19)

## **ESTADO, VIOLÊNCIA E DESENVOLVIMENTO NA AMAZÔNIA**

Assim como o Brasil, a Amazônia também vivenciou um processo de formação histórica marcado pelo autoritarismo e por reprodução de práticas colonialistas, em que o Estado teve um papel ativo enquanto condutor de um modelo de desenvolvimento violento, excludente e reproduzidor de desigualdades, contribuindo decisivamente para a destruição socioambiental e para violências cometidas contra os povos dos rios e das florestas.

Desde que Getúlio Vargas lançou as bases de uma política de expansão demográfica e econômica, o Estado estimulou estratégias de ocupação da Amazônia, que experimentou diversos modelos de desenvolvimento regional, em sua maioria planos e projetos pensados de forma exógena, que não conseguiram empoderar comunidades locais e nem garantir o equilíbrio entre preservação e o prometido desenvolvimento, gerando sérios danos socioambientais à região e aos seus povos.

O modelo de desenvolvimento aplicado na região amazônica nesse período baseava-se nas formulações da Comissão Econômica Para América Latina (Cepal), que acreditava na industrialização como forma de progresso e superação do famigerado atraso econômico. Para atingir tal estágio de desenvolvimento, sob influência keynesiana, os teóricos da Cepal defendiam a forte participação do Estado na economia de modo que, a partir de um planejamento global, facilitaria o processo de industrialização nacional, mesmo que, para isso, os danos socioambientais fossem

demasiadamente elevados. Daí a centralidade do papel do Estado na condução das políticas de desenvolvimento na Amazônia e as conseqüências advindas de práticas estatais violentas e coercitivas.

Esse processo violento e excludente se ampliou com a adoção de um modelo nacional-desenvolvimentista por Juscelino Kubitschek em meados da década de 1950 e se intensificou, sobretudo, com a Ditadura Militar de 1964, quando o governo brasileiro reeditou a estratégia bandeirante, desta vez em uma versão autoritária, que tinha como foco a ocupação de terras na Amazônia, na perspectiva de integrar a região ao país, para garantir o progresso e a segurança nacional (Castro, 2017). Nesse período de regime militar, a violência de Estado se tornou também força produtiva, pois a repressão, a prisão, a tortura e os demais meios coercitivos da Ditadura favoreceram a extração de sobretrabalho, garantindo e reforçando a subordinação de operários e camponeses à dominação econômica e política do capital (Ianni, 2019).

Assim, foi consolidada a ocupação da Amazônia e construído um novo formato de organização das atividades econômicas, baseado no conceito de soberania associado à Doutrina da Segurança Nacional. Nesse contexto, foram construídas obras de infraestrutura, entre elas a Transamazônica, que aprofundaram danos socioambientais e contribuíram para o extermínio de indígenas, em especial dos Arara, que habitavam a Bacia dos Rios Xingu e Iriri, no Pará. Aliás, a perseguição aos Arara por colonizadores e conquistadores remonta ao final do século XIX, quando foram perseguidos e forçados à migração por seringueiros, que começavam a explorar a região. Mas até então, os povos indígenas dos rios Xingu e Iriri não tinham experimentado uma mudança tão drástica e radical em sua dinâmica de vida quando da construção da Rodovia Transamazônica, que cortou ao meio o território dos Arara, aumentou as invasões e a pressão de populações não-indígenas, e limitou a livre circulação e acesso dos indígenas aos igarapés das bacias dos rios impactados pela obra.

A implantação de grandes projetos e os danos socioambientais deles decorrentes se tornaram cada vez mais comum no cenário amazônico e a região passou por práticas de gestão conflitantes nas últimas décadas, o que se agravou a partir do século XXI com as políticas agroexportadoras dos sucessivos governos para a Amazônia.

Segundo Castro (2017), o Estado brasileiro, em sintonia com o processo de expansão intensa do capital, passou a estimular a produção de commodities agrícolas e minerais, que com a crise econômica mundial, obteve um papel ainda mais central na economia e na balança comercial brasileira. Ela destaca, ainda, que as estratégias do Estado e dos mercados para a Amazônia estão voltadas para a intensificação da exploração dos recursos naturais, aumentando as pressões dos

agentes econômicos mundiais – com anuência e/ou estímulos pelos governos – sobre áreas preservadas, em especial terras agriculturáveis, bacias hidrográficas, reservas minerais e florestas com rica biodiversidade.

O Estado reforça assim o modelo de produção de bens para o mercado de commodities, inclusive na contramão das novas perspectivas de mercado que se formam em torno de bens e serviços ambientais que podem ser gerados pela floresta. (CASTRO, 2017, p. 32)

Essa política do Estado para a Amazônia entra em choque com a necessidade da floresta em pé, dos rios livres, navegáveis e sem barragens, da manutenção da rica biodiversidade, da reprodução de práticas coletivas de manejo do solo, de cuidado e do bem viver, entre outros. A implantação da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Rio Xingu no Pará, por exemplo, foi a expressão do que o Estado brasileiro tem projetado para Amazônia nas últimas décadas, com programas neodesenvolvimentistas cujo foco principal é o investimento em infraestrutura, mesmo que os danos socioambientais sejam elevados e a violação dos direitos dos povos amazônidas também.

Para atender os interesses do mercado, o Estado nega o direito ao território aos povos originários e tradicionais, enquanto legitima e financia os grandes projetos minerários, as atividades agropecuárias, as monoculturas e as práticas neoextrativistas, ações estas altamente violentas e destrutivas ao solo e ao subsolo, por transformar recursos naturais em uma massa extraível a ser mercantilizada.

A Amazônia então, enquanto fronteira de recursos naturais, é um território estratégico para expansão do mercado capitalista, que busca agregar novos valores e ampliar sua acumulação por meio da espoliação dos recursos da fauna, da flora e minerais abundantes na região. É essa voracidade dos mercados que encontra guarida nas políticas neodesenvolvimentistas do Estado brasileiro, cuja perspectiva é transformar e consolidar o país enquanto exportador de commodities, considerando a exploração de matérias-primas como base essencial para a garantia do desenvolvimento industrial e dos interesses econômicos do Norte Global.

Mas essa voracidade dos mercados encontra também resistência dos povos da Amazônia, que constroem lutas cotidianas em defesa da vida e de seus territórios, numa perspectiva civilizacional em que o tempo e o espaço não devem seguir a lógica do capital, mas um modelo de vida sustentado na solidariedade entre os povos, na cidadania ativa, no respeito à terra e na interação equilibrada com a natureza.

Este é o centro da conflitualidade socioambiental na Amazônia na atualidade. De um lado, iniciativas do Estado voltadas a integrar a Amazônia à dinâmica do capitalismo, aprofundada pela lógica neoliberal, com incentivos ao livre mercado e redução da participação estatal nas atividades

econômicas. Do outro, a resistência e a auto-organização dos povos amazônidas, apoiados por movimentos sociais e pesquisadores, e embasados pelas memórias, ancestralidade, história e cultura, em que as potencialidades locais são mobilizadas e exploradas de forma endógena, garantindo maior sustentabilidade econômica, social e ambiental.

A resposta do Estado, enquanto condutor de um modelo de desenvolvimento dependente do Norte global, tem sido o uso da violência para garantir a produção de bens para o mercado de commodities e, conseqüentemente, assegurar as condições para a acumulação de capital, mesmo que para isso precise ir na contramão de novas perspectivas de mercado e até exterminar os focos de resistências constituídos historicamente na região.

Dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) apontam que, entre 2012 e 2022, 43 indígenas foram assassinados na Amazônia brasileira, sendo mais da metade – 23 – durante a gestão de Jair Bolsonaro na Presidência da República (2019-2022), cujo governo colocou o Brasil entre os 10 países com maiores tendências de autocratização do mundo<sup>2</sup>. Não existem dados que comprovem a participação direta do Estado em todos esses crimes, mas grande parte dos indígenas assassinados foi vitimada enquanto lutava contra invasões de seus territórios, desmatamento, garimpo, tráfico de drogas e pesca ilegal, ou seja, no enfrentamento à ilicitudes cujo combate deveria ser responsabilidade de agentes estatais.

Mas os extermínios de lideranças socioambientais não se resumem à Amazônia brasileira. O relatório ‘Assassinatos na Pan-Amazônia’, produzido por organizações de direitos humanos do Brasil, Equador, Peru, Bolívia e Colômbia, entre elas a CPT, indica que 202 defensores da Amazônia foram assassinados, entre os anos de 2020 e 2022, nestes países. O documento registrou 62 assassinatos no território brasileiro, entre eles o indigenista e servidor da Fundação Nacional do Índio (Funai) Bruno Pereira e jornalista britânico Dom Phillips.

### **O Estado brasileiro e as mortes de Bruno e Dom**

O servidor da Funai Bruno Pereira e o jornalista Dom Phillips foram assassinados em 5 de junho de 2022 no Vale do Javari, em território indígena devidamente demarcado, localizado no Estado do Amazonas, na fronteira do Brasil com Colômbia e Peru, área em que o profissional da imprensa fazia uma reportagem sobre os crimes socioambientais praticados na região e duramente combatidos pelos indígenas e indigenistas. Bruno e Dom desapareceram após percorrerem rios da região, mais precisamente na comunidade São Rafael no município de Atalaia do Norte, onde o

---

<sup>2</sup> Ver V-DEM INSTITUTE. **Democracy Report 2022: Autocratization Changing Nature?**. Gotemburgo: University of Gothenburg, 2022.

indigenista tinha ido conversar com comunitários sobre a vigilância realizada por indígenas e ribeirinhos contra invasores do território.

O crime chocou o mundo pelos requintes de crueldade com que foi cometido, e também pelo desaparecimento de Bruno e Dom, que só foram encontrados dez dias depois de mortos e identificados apenas 17 dias após o crime. A demora na busca dos corpos gerou protesto de familiares, indígenas, movimentos sociais e da comunidade internacional, e indicou a leniência do governo brasileiro em solucionar o caso, considerando que, em um primeiro momento, as autoridades nacionais não moveram esforços para encontrar os desaparecidos e ainda tentaram responsabilizar as vítimas, alegando equivocadamente que as mesmas não tinham autorização para adentrar no território.

Diante das pressões da sociedade civil, o Estado brasileiro começou a se mover e algumas iniciativas foram tomadas pelas instituições brasileiras, entre elas a criação pela Câmara Federal de uma Comissão Externa destinada a acompanhar, fiscalizar e propor providências acerca da apuração das circunstâncias do desaparecimento do indigenista Bruno Pereira e do jornalista inglês Dom Phillips, cujo relatório final foi utilizado como base e uma das fontes documentais deste estudo. No entanto, cabe destacar que este artigo não busca se debruçar sobre o funcionamento, composição e objetivos da Comissão e nem se deter sobre a avaliação das providências propostas, mas a partir do relatório final, coletar dados que possibilitem embasar a discussão sobre as relações entre violência e estratégias de mediação do Estado, tendo como objeto de análise o assassinato de Bruno e Dom.

Coordenada pelo deputado federal José Ricardo (PT/AM) e tendo como relatora a deputada federal Vivi Reis (PSOL/PA), a Comissão promoveu audiências públicas, ouviu familiares, indígenas e indigenistas, reuniu com autoridades, expediu solicitações e requerimentos e realizou uma diligência à área do crime, visitando os municípios de Tabatinga e Atalaia do Norte, no Vale do Javari, no Amazonas. O relatório final da Comissão indicou que Bruno e Dom foram vítimas de uma rede criminosa, que atua no Vale do Javari com a anuência de agentes estatais, praticando ilicitudes como tráfico de drogas e pesca ilegal, o que vinha sendo combatido e denunciado pelos ativistas socioambientais.

O documento da Câmara responsabilizou, principalmente, o Estado brasileiro pelo crime, em virtude de que as instituições públicas, em especial a Fundação Nacional do Índio (Funai), não atuaram no cumprimento de suas missões institucionais e dificultaram a atuação de agentes públicos voltadas para a proteção de lideranças e dos territórios indígenas do Vale do Javari.

Por certo, o descaso do atual Governo e da própria Funai é gritante. Das falas e documentos coletados, verificamos uma constante atuação da cúpula da instituição para tolher a atividade daqueles que se encontram “na ponta”, em contato direto com os povos indígenas, para proteger seus territórios e promover seus direitos. (BRASIL, 2022, p. 36)

O sucateamento da Funai é visível. Além das faltas de condições estruturais, a Coordenação Regional do órgão em Atalaia do Norte conta com somente 23 servidores, para coordenar e monitorar a implementação de ações de proteção e promoção dos direitos dos povos indígenas no Vale do Javari, em uma área de quase 10 milhões de hectares, onde habitam povos das etnias Matis, Marubo, Mayuruna, Mawetek, Kulina, Kanamari e Cacau do Tarauacá. Nos relatos feitos pelos servidores, eles alegaram que a Funai negava até o pagamento de diárias para o deslocamento no território, prejudicando diretamente a fiscalização e o combate aos criminosos que atuam na região.

A atual Funai não está somente despreparada, mas tem verdadeiro desprezo pelos indígenas e indigenistas da região amazônica. Parece os enxergarem como obstáculos ao chamado “desenvolvimento”, à desgovernada exploração dos nossos recursos ambientais. Com seus discursos e atitudes, acabam por incentivar os criminosos, para que cresçam despreocupadamente na região e cheguem, inclusive, a tirar a vida daqueles que ousem combatê-los. (BRASIL, 2022, p. 39)

Após as visitas técnicas e relatos, a Comissão Externa da Câmara Federal do Brasil aprovou requerimento ao Ministério da Justiça, solicitando o imediato afastamento do presidente da Funai, Marcelo Xavier, pelo descumprimento de sua missão institucional, mas o governo brasileiro não atendeu a solicitação, em uma demonstração de que o descaso com os povos indígenas era uma escolha política. Até porque, além do desmonte da Funai, o escritório do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) na região foi desativado, e a Força Nacional contava com um efetivo de somente seis agentes para atuação em toda a extensão do Vale do Javari.

O relatório aponta, ainda, uma série de elementos que corroboram com a tese que o Estado brasileiro, durante a gestão de Jair Bolsonaro, aplicava uma agenda violenta de desmonte socioambiental, como o recorde de desmatamento e incêndios florestais, o evento denominado Dia do Fogo<sup>3</sup>, a conivência do governo federal com redes de tráfico de drogas, pesca irregular e garimpagem ilegal, e o assassinato do servidor da Funai Maxciel Pereira dos Santos, ocorrido na região três anos antes da morte de Bruno e Dom e até hoje não desvendado.

As ameaças de morte aos indígenas e lideranças socioambientais são constantes na região e até naturalizadas, conforme aponta o relatório da Comissão, em virtude do Estado não promover

---

<sup>3</sup> Evento organizado por um grupo de fazendeiros do Oeste do Pará, em agosto de 2019, que promoveu uma manifestação criminosa com diversos incêndios na Amazônia, em apoio às políticas de desmonte socioambiental do Brasil. Disponível em <https://www.greenpeace.org/brasil/florestas/dia-do-fogo-completa-um-ano-com-legado-deimpunidade/>.

ações para a garantia da integridade física e da vida dos povos indígenas que habitam no Vale do Javari. O próprio Bruno Pereira já havia sofrido diversas ameaças, devidamente comunicadas às instituições do Estado brasileiro, em especial à Polícia Federal e ao Ministério Público Federal, mas nada de concreto foi efetivado para garantir a vida do indigenista.

Assim, o próprio documento final da Comissão Externa da Câmara tratou a morte de Bruno Pereira como uma tragédia anunciada, uma vez que as primeiras ameaças remontavam a 2012, durante o processo de demarcação da Terra Indígena do Vale do Javari, quando o indigenista desenvolveu uma luta para garantir o direito ao voto dos indígenas e defendeu que as urnas eletrônicas chegassem até os territórios.

Porém, as ameaças ganharam força e mais materialidade em 2019, quando Bruno Pereira, estando à frente da Coordenação Geral de Índios Isolados e Recém Contatados da Funai, desencadeou uma ação estatal que levou à destruição de balsas utilizadas no garimpo ilegal na Terra Indígena do Vale do Javari. A iniciativa contrariou o governo federal e os interesses de grupos econômicos que financiavam a operação irregular de extração do ouro, para atender os objetivos de acumulação do mercado capitalista. Após a ação, Bruno passou a ser perseguido na própria Funai e foi exonerado do cargo que possuía na instituição, enquanto que o servidor Maxciel Pereira, que teve participação ativa neste processo, foi assassinado.

Questionada pela Comissão Externa da Câmara, a Funai reconheceu que Bruno Pereira foi exonerado do cargo por ter rompido vínculo de confiança, sem causa efetiva ou falta grave. O documento final da Comissão indica que a exoneração ocorreu “por incomodar interesses de um Governo que, de forma evidente, buscava a inconstitucional liberação do garimpo em terras indígenas”.

Ao final dos trabalhos, a Comissão Externa da Câmara recomendou a implementação de um Plano Emergencial de Ações de Proteção dos Territórios do Vale do Javari, visando assegurar a integridade física e a vida de indígenas e servidores. Além da responsabilização administrativa e penal de alguns agentes estatais, a Comissão também indicou ao Estado brasileiro:

a) tomar medidas de proteção para os indígenas, servidores e representantes de entidades indigenistas locais, inserindo-os em programas protetivos e/ou deslocando aqueles diretamente ameaçados para o exercício do ofício em outra região, ou ainda providenciando força policial para a realização das atividades funcionais no Vale do Javari; b) concluir as investigações referentes aos assassinatos de Bruno, Dom e Maxciel e, após o devido processo criminal, responsabilizar os executores, os mandantes e os financiadores dos repugnantes delitos. (BRASIL, 2022, p. 60)

Além da Câmara Federal, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) também responsabilizou o Estado brasileiro. Após solicitação de organizações da sociedade civil, a CIDH outorgou medidas cautelares contra o governo brasileiro, obrigando o Estado adotar ações para proteger o direito à vida e à integridade física de Bruno e Dom, ainda quando estes estavam desaparecidos. Com a localização dos corpos e a confirmação das mortes, o governo federal respondeu à CIDH que o caso estaria concluído e solicitou o encerramento das medidas cautelares, porém, as entidades postulantes contestaram a manifestação do Estado brasileiro e defenderam a manutenção e ampliação de tais medidas, tendo em vista a situação de ameaças de morte recorrentes na região contra indígenas e indigenistas.

Assim, as medidas cautelares contra o Estado brasileiro foram mantidas e ampliadas para a proteção da integridade física e da vida de mais 11 pessoas, entre lideranças indígenas, indigenistas e membros da equipe de vigilância territorial da União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (Univaja), que também estavam sofrendo ameaças de morte, sem uma resposta efetiva do Estado brasileiro. A Comissão Interamericana de Direitos Humanos observou que o Estado não implementou as medidas concretas de proteção, que permitissem que as pessoas ameaçadas pudessem continuar seus trabalhos enquanto defensoras dos direitos humanos e do meio ambiente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como observamos ao longo deste estudo, o avanço do capital e da política neodesenvolvimentista dos governos sobre a Amazônia se contrapõe à autodeterminação e sustentabilidade dos povos, ao promover graves danos socioambientais, que são agravados em um contexto de emergência climática, em que o país finge assumir compromissos de redução da emissão de gases em conferências internacionais, enquanto na prática segue incentivando a extração mineral, as monoculturas e a produção de combustíveis fósseis, como na tentativa recente de iniciar a prospecção de petróleo na foz do Rio Amazonas e na região do Salgado paraense, na Amazônia brasileira.

Nesse sentido, o Estado em sintonia com o mercado mundial tem recorrido à métodos e práticas coercitivas como mecanismos de garantia das condições de acumulação de capital, principalmente pelo fato da Amazônia ser exportadora de matéria-prima e desenvolver um modo de produção dependente do Norte global, o que conseqüentemente leva os agentes estatais a fazerem uso da violência extraeconômica para impor projetos e controlar qualquer processo de resistência na região. E assim, não só mantém o mundo do trabalho subordinado aos interesses do capital, como contribui para colocar em risco a própria humanidade, em virtude de possibilitar uma espoliação e exploração desenfreada dos recursos da sociobiodiversidade por agentes econômicos mundiais.

Assim, a morte de Bruno e Dom não foi um fenômeno isolado, mas expressou como a violência tem sido um método e uma estratégia de mediação do Estado brasileiro no processo de ocupação histórico da Amazônia. Em uma região de capital dependente, com debilidades estruturais, o Estado faz uso da violência extraeconômica para expansão do mercado capitalista, agregando novos valores e ampliando sua acumulação por meio da espoliação dos recursos da fauna, da flora e minerais abundantes na região, nem que isso signifique danos e destruição socioambiental.

Mesmo constantemente ameaçado, Bruno Pereira foi assassinado por representar um pólo de resistência a esse avanço predatório e destrutivo do capital – e Dom Phillips por estar junto. O indigenista era um empecilho aos interesses dos mercados, que perpassava pela destruição socioambiental a fim de garantir as condições para exploração da Amazônia enquanto nova fronteira de expansão do capital. O Estado operou para que o crime ocorresse, seja pelo desmonte dos órgãos fiscalizadores da região, ou pela inércia diante de mais uma tragédia anunciada, uma vez que as ameaças de morte eram de conhecimento das instituições brasileiras.

A partir da análise do caso Bruno e Dom, não há dúvida em afirmar que o Estado brasileiro não protegeu a vida, a integridade física e o território indígena do Vale do Javari, ao mesmo tempo em que desenvolveu atividades voltadas para a proteção e garantia da reprodução da acumulação de capital na Amazônia, utilizando para isso, quando preciso, de métodos violentos para tal.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Comissão Externa – Acompanhar investigação Região Vale do Javari – AM – Relatório final**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2022.

CAMPOS, G. A.; OLIVEIRA, I. F. **Acumulação como violência, violência como acumulação: o Estado e o capitalismo dependente**. Revista Katálysis, v. 26, n. 3. Florianópolis, 2023.

CASTRO, E. M. R. Amazônia na encruzilhada: saque colonial e lutas de resistência. In: **Territórios em transformação na Amazônia - saberes, rupturas e resistências**. Belém: NAEA, 2017.

CHAGAS, C. A., Tendências recentes de desenvolvimento regional e a gestão do território. In: SILVA, C. **Sociedade, espaço e políticas territoriais na Amazônia paraense**. Belém: UFPA, 2013.

COUTO, A. C. A Amazônia e o pensamento desenvolvimentista para a região: do desenvolvimento global ao desenvolvimento local sustentável. In: SILVA, C. **Sociedade, espaço e políticas territoriais na Amazônia paraense**. Belém: UFPA, 2013.

DARDOT, P; LAVAL, C. **Comum – Ensaios sobre a revolução no século XXI**. São Paulo: Boitempo, 2017.

FARIAS, H.; CARVALHO, C; BELTRÃO, B.; SANTOS, S.; SILVA, S. Transformações na Amazônia brasileira: o avanço da fronteira e a dicotomia desenvolvimento x conservação. In: SILVA, C.; SILVA, J.; CUTRIM, A.; OLIVEIRA NETO, A. **Territorialidades em análise e pesquisas socioambientais**. Belém: GAPTA/UFPA, 2023.

IANNI, O. **A ditadura do grande capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MARX, K. **O capital**. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2017.

MOURA, C. **Rebeliões da senzala**. 4 ed. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1988.

NETTO, J. P. **Ditadura e Serviço Social: Uma análise do Serviço Social pós-64**. São Paulo, Cortez, 2007

SOARES, M. N. T.; VIEIRA, M. S.; COSTA, R. G. **Violência Estrutural e Capitalismo: Particularidades da Sociedade Capitalista Brasileira**. Sociedade Em Debate, v. 25, n. 3. Pelotas, 2019.

V-DEM INSTITUTE. **Democracy Report 2022: Autocratization Changing Nature?**. Gotemburgo: University of Gothemburg, 2022.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**POR UMA HERMENÊUTICA INTERPRETATIVA DA AMAZÔNIA:  
APONTAMENTOS NARRATIVOS DO TERRITÓRIO NA MÍDIA**

Alda Cristina Costa<sup>1</sup> (UFPA),  
Ivana Guimarães Oliveira<sup>2</sup> (UNAMA)  
Thiago Almeida Barros<sup>3</sup> (UNAMA)

**Resumo:** Como compreender a complexidade das realidades amazônicas quando estas são reportadas apenas como informação e não como narração que produz um contínuo temporal e uma história? A perspectiva deste artigo problematiza a falta de sentido vinculativo das experiências vividas na Amazônia, a partir das análises das narrativas jornalísticas que noticiam a realização, em 2025, na capital paraense, Belém, de um dos mais importantes eventos ambientais do planeta, a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30). Nossa hipótese é que essas narrativas simplificam uma interpretação única de uma Amazônia múltipla e diversa, inclusive retomando ideias restritas construídas sobre território na sua formação social. Acreditamos que a realidade não pode ser reduzida apenas ao que pode ser visto, mas também daquilo que dela pode ser dito. Daí a necessidade de chegar a uma interpretação criadora de sentido que leve à compreensão da complexidade do território. Nossos aportes teóricos e metodológicos são inspirados na análise hermenêutica de Paul Ricoeur, com a incorporação de elementos como a palavra, o mito, a poesia, o símbolo, o signo como expressões da linguagem humana, cujas esferas da compreensão e da explicação têm funções de integração, legitimação e dissimulação, que podem conduzir a equívocos, mas também revelar manipulações ou desejos coletivos. Nossos resultados apontam a inexistência de protagonismo da Amazônia/amazônias nas narrativas jornalísticas, porque ainda há a imposição de interlocutores exógenos, sem a compreensão de fato do que ela significa.

**Palavras-chave:** Amazônia; Hermenêutica; Narrativas jornalísticas; COP30.

## INTRODUÇÃO

Quatro dimensões de perguntas têm norteado nossas reflexões com os/as discentes de graduação e pós-graduação, assim como bolsistas e pesquisadores, quais sejam: O que é a Amazônia? Como vocês sabem o que sabem sobre a Amazônia? O que sabem? E com que efeitos sabem e afetam as experiências de vocês? Essas indagações feitas ao longo das nossas experiências como pesquisadores e docentes, são relevantes na medida que permitem às pessoas elaborarem sentidos de compreensão sobre o território. Evidente que das inúmeras respostas dadas elas sempre se encontram no campo do complexo, uma vez que ao ser indagado sobre determinado assunto ou questões, somos tomados de surpresa, pois temos que recorrer ao repertório subjetivo e intersubjetivo sobre o que conhecemos. Conforme afirma Schutz (2012), a intersubjetividade tem a ver com a maneira pela qual os seres humanos compartilham e compreendem experiências,

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia, UFPA, Brasil. E-mail: aldacristinacosta@gmail.com

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura. UNAMA, Brasil. E-mail: ivana.professora2020@gmail.com

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura, UNAMA, Brasil. E-mail: tbarros81@gmail.com

significados e realidades comuns, mesmo mantendo suas perspectivas individuais. Em linhas gerais, sem entrar no mérito particular das respostas, observamos uma repetição de enunciações reproduzidas ao longo da história e do tempo sobre a Amazônia.

Essas indagações vão ao encontro das reflexões postuladas por Piza (2021, p. 285) sobre a possibilidade de “des-pensar as subjetividades” e contra uma epistemologia dita universal, apontando sua inquietude, assim como a nossa, com a produção e reprodução do conhecimento, que ao cabo e ao largo, acabam tendo o interesse prático de produzir e reproduzir a vida das comunidades e não a “reprodução dos fatores reprodutivos da vida”. Segundo a autora, o pensamento decolonial tem mostrado outros saberes existentes, principalmente porque, “como em qualquer lugar onde os povos vivem o seu cotidiano experimentando a violência colonial, o racismo determinante, a violência patriarcal e um tipo muito peculiar de capitalismo, era necessário ouvir a voz do outro”. Ou seja, promoveu um deslocamento dos saberes produzidos pelo discurso hegemônico, “que certamente precisavam e continuam precisando ser questionados (pelo menos por serem parciais e insuficientes) para uma avaliação dos sujeitos produtores de conhecimentos” (ibid, p. 287). Mas não somente isso, para a autora e para nós, acabamos chegando “ao ponto que importa mais quem fala do que o que se fala, ou pelo menos o ponto no qual não há como desvincular uma coisa da outra” (ibid., p. 288). Se por um lado, tivemos ganhos substanciais com os estudos decoloniais, contra a criação de uma narrativa única, universal e homogênea, não no sentido de sujeitos e sujeitas iguais, mas de explicações padronizadas, por outro, criamos novos problemas que ainda precisamos refletir, pois, caímos numa armadilha. Uma vez, que,

Ao usar procedimentos essencialistas de construção de novos sujeitos, fixando nos indivíduos algumas características, funda-se uma metafísica nos mesmos moldes europeus, mas agora com conteúdo decolonial. O sujeito-homem-europeu-branco que era por si só, pela sua cor, nacionalidade, gênero e tipo de racionalidade, o detentor do conhecimento, independente das tolices que proferisse, é questionado agora (enfraquecido certamente, mas não destruído) por seus vizinhos que reproduzem as mesmas práticas e disputam o poder hegemônico de quem é o detentor da verdade (Piza, 2021, p. 288).

As formulações da pesquisadora, embora sejam refletidas em contextos específicos de uma dada realidade, nos incentivaram a pensar e problematizar os sentidos produzidos sobre a Amazônia. Para tanto, recorreremos a Freitas Pinto (2005) para refletir a trajetória do pensamento social sobre a Amazônia que, segundo o autor, ao longo dos séculos, teve um conjunto relativamente restrito de ideias que moldou a percepção desse espaço natural e cultural. Essas ideias, ao percorrerem espaços e conectar diferentes épocas e sociedades, podem em momentos específicos impor-se como sistemas predominantes de pensamento, influenciando como o mundo é sentido, tomado em ação e

percebido. Nesse processo, Freitas Pinto evidencia que a formação do pensamento que construiu a Amazônia foi recheada de percepções persistentes que foram sendo reinventadas ao longo do tempo. Isto é, reduziram a compreensão do próprio território a um conjunto relativamente limitado de ideias.

Para ele, o desenvolvimento histórico das ideias sobre a Amazônia envolveu uma variedade de campos científicos e de pensamento, com foco especial em áreas como história natural, geografia e antropologia, em que as ideias passaram a definir a região. O pesquisador mapeia as noções que estabeleceram divisões entre civilização e barbárie e alimentaram preconceitos, inclusive lembra a disputa entre Sepúlveda e Las Casas sobre a legitimidade da escravização de povos indígenas pelos europeus, mostrando como esse debate histórico refletiu e perpetuou a ideia da superioridade branca e europeia sobre os povos indígenas. Os argumentos para tal debate têm base nas reflexões do filósofo Aristóteles sobre os povos derrotados em guerra, fazendo emergir a ideia de que existem povos que, em razão de sua inferioridade racial, estariam fadados a serem submetidos e levados à situação da escravidão.

No mapeamento das ideias, Freitas Pinto (2005) destaca como as representações da Amazônia estiveram presentes desde o início da filosofia do mundo moderno, influenciando a compreensão de temas como sociedade, estado e desigualdade. O autor observa que as matrizes do pensamento ocidental em relação à Amazônia foram moldadas tanto por pensadores que não trataram diretamente da região quanto por aqueles que a tomaram como objeto de estudo, contribuindo para a compreensão das ideias sociais no Brasil. Ou seja, essas ideias têm estado presentes na maior parte dos intentos para explicar e decifrar a condição cultural do Novo Mundo e da Amazônia e que terminaram por se constituírem em aspectos de evidente relevância para a construção da história do pensamento social ocidental moderno.

A Amazônia como um dos espaços mais característicos do Novo Mundo esteve, desde o início da construção da filosofia do mundo moderno, presente nas reflexões em torno de temas como o surgimento da sociedade e do Estado, do reconhecimento da desigualdade entre os homens e os povos, das novas geografias, e continua a fornecer alimento para a recriação de novas polarizações, como a recriação do bom selvagem em idéias com a de “povos da floresta” e de “ribeirinhos”, portanto, de um novo romantismo social (Freitas Pinto, 2005, p. 98).

Os excertos acima objetivam panoramizar nossas discussões na presente tessitura partindo da seguinte indagação: Como compreender a complexidade das realidades amazônicas quando estas são reportadas apenas como informação e não como narração que produz um contínuo temporal e uma história? A perspectiva de discussão problematiza a falta de sentido vinculativo das experiências vividas na Amazônia, a partir das análises das narrativas jornalísticas que noticiam a

realização, em 2025, na capital paraense, Belém, de um dos mais importantes eventos ambientais do planeta, a 30ª Conferência da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30), organizado pelas Organizações das Nações Unidas<sup>4</sup>.

As ideias restritas objeto de estudos de Freitas Pinto e sua reprodução levaram à seguinte hipótese de pesquisa, de que as narrativas jornalísticas ou midiáticas simplificam e unificam uma interpretação única de uma Amazônia múltipla e diversa, que, inclusive, requer tratamento com dimensão e sentidos plurais, considerando suas diferenças e complexidades territoriais. Acreditamos que a realidade não pode ser reduzida apenas ao que pode ser visto, mas também daquilo que dela pode ser dito, exigindo assim, uma interpretação criadora de sentido que leve à compreensão do que de fato é a vida das comunidades que vivem cotidianamente a Amazônia.

Por que a escolha das narrativas jornalísticas? Primeiro, devemos considerar que a mídia, na contemporaneidade, entendida aqui enquanto instituição, disputa formas de construção sobre o social para os indivíduos. Para muitas pessoas, as mídias são literalmente os espaços nos quais, por meio da comunicação, promulgam o social (Couldry; Hepp, 2020, p. 13). Segundo, as narrativas jornalísticas ou o jornalismo como um tipo de conhecimento construído cotidianamente sobre os fatos sociais. Aqui, não estamos inferindo as escolhas feitas sobre o que vai ser publicado ou não. Mas sobre um jornalismo que deve ter a responsabilidade na apuração dos acontecimentos.

Na compreensão interpretativa desse fazer cotidiano, retomamos um dos primeiros embates sobre o jornalismo como conhecimento, do sociólogo Robert Park (2008), que ainda hoje produzem importantes ressonâncias de compreensão desse fazer. O pesquisador toma a notícia com base em dois tipos: conhecimento de e o conhecimento sobre. Com o primeiro, o conhecimento é adquirido com a experiência; com o segundo, o conhecimento sobre se concentra na investigação sistemática, de caráter mais analítico. Logo, ele é baseado na observação e nos fatos. Isto é, envolve respostas à vida em sociedade. Assim,

Para que um relato de eventos tenha qualidade de notícias, ele deve ser publicado (...). A publicação tende a dar à notícia o caráter de documento público. Notícias são mais ou menos autenticadas pelo fato de terem sido expostas ao exame crítico do público a quem são dirigidas e com cujos interesses estão envolvidas (Park, 2008, p. 62).

Diante dessas breves discussões, tensionamos os sentidos produzidos pelo jornalismo sobre a Amazônia, inclusive porque esses profissionais, segundo Costa (2022, p. 24 – grifos da autora) “são

---

<sup>4</sup> Segundo a National Geographic, a COP (*Conference of the Parties*), é uma conferência anual criada pela ONU em 21 de março de 1994 para prevenir por meio de ações as intervenções humanas perigosas ao sistema climático mundial. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com.br/origem-da-cop-uma-das-conferencias-mais-importantes-sobre-mudancas-climaticas-1911000> | National Geographic (nationalgeographicbrasil.com). Acesso 10 mar. 2024.

sujeitos sociais envolvidos em práticas culturais. Seu modo de ver e relatar o mundo nos diz muito sobre o que a sociedade pensa sobre “si” e sobre o “outro”.

É sobre esse “outro” que nos interessa pesquisar, uma vez que a Amazônia é quase sempre colocada nesse lugar. Isto é, um lugar ainda em descoberta ou desconhecido dos brasileiros.

Nossos aportes teóricos e metodológicos nesta escrita são inspirados na análise hermenêutica de Paul Ricoeur, entre atitude metodológica e atitude ontológica, cujo pressuposto é a filosofia reflexiva. Ou seja, entre a relevância da dialética da compreensão e da dialética na explicação da interpretação. A hermenêutica Ricoeuriana incorpora elementos como a palavra, o mito, a poesia, o símbolo, o signo como expressões da linguagem humana, por isso, não estão isentas de ideologias e utopias do campo sociocultural e político, cujas esferas da compreensão e da explicação têm funções de integração, legitimação e dissimulação, que podem conduzir a equívocos, mas também revelar manipulações ou desejos coletivos.

Em Ricoeur (2019), a intersubjetividade é abordada através da hermenêutica, uma vez que ela está interessada em como as pessoas interpretam e atribuem sentido às suas experiências e a dos outros. O autor parte da interpretação de textos, símbolos e ações que podem ser vistos como um ponto de interseção nas suas pesquisas, sugerindo que a compreensão do outro envolve um ato de interpretação continuada. Essa é a perspectiva que buscamos na compreensão dos significados construídos sobre a Amazônia.

Como corpus de análise selecionamos as matérias publicadas nos portais da Folha de São Paulo, O Globo, Diário do Pará (DOL) e O Liberal, no período de janeiro a dezembro de 2023, quando da candidatura e do anúncio da escolha de Belém como sede da COP30, até as reverberações ao longo do ano, com a análise do contexto de como as narrativas jornalísticas enunciam a participação da Amazônia no evento mundial. Assim, acompanhamos o caráter configurador dessas narrativas, buscando compreender o papel da linguagem nessa construção sobre o território, pois a linguagem tem como função, esclarecer, descrever, revelar e também criar novas realidades. Nossa intenção é compreender aquilo que existe no texto (jornalístico) e aquilo que esse mesmo texto convoca para o sentido de Amazônia. Com a hermenêutica interpretativa há a preocupação com aquilo que um texto pode oferecer para a compreensão do humano ou do mundo que o cerca. Ou da reflexão crítica e da abertura interpretativa na leitura de textos jornalísticos.

## O CONTEXTO DE ESCOLHA DA AMAZÔNIA

Segundo informações do portal G1<sup>5</sup>, o Brasil deveria ter sido sede da COP25, em 2019, mas o então presidente eleito Jair Bolsonaro, em 2018, teria pressionado o presidente Michel Temer (MDB) a abrir mão de receber a conferência. A justificativa para tal pedido foi que o evento geraria um custo de mais de R\$ 500 milhões ao país. Esse posicionamento do ex-presidente foi criticado por especialistas, pesquisadores, ambientalistas e parte da sociedade civil. Já na campanha eleitoral de 2022, o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva (PT) defendeu a realização do encontro no país, inclusive prometendo, caso vencesse a eleição, lutar para ser realizado no Brasil.

A situação da Amazônia se agravou no governo do então presidente da República, Jair Bolsonaro (2019-2022), quando sua administração foi marcada de forma negativa na área ambiental, trabalhando na eliminação das regulamentações, consolidadas na Constituição de 1988, no desmonte das instituições de proteção e a abdicação da gestão ambiental como um todo. O então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Sales, em reunião com o presidente e demais ministros, em abril de 2020, propõe passar as reformas infralegais de desregulamentação, aproveitando que a mídia estava com a atenção voltada para a Covid-19, e passar a boiada. De acordo com dados do Observatório do Clima (2021, p. 4), em seu relatório denominado Passando a Boiada, até dezembro de 2020 houve 593 canetadas do governo federal relacionadas a meio ambiente, classificadas como por impacto das normas, sendo 57 determinavam reformas institucionais, 32 revisações de regulamentos, 32 promoviam flexibilização, 19 desregulação e 10 revogações.

Após essas medidas do governo, segundo dados do Infoamazônia<sup>6</sup>, de 2019 a 2021, a taxa anual do desmatamento da floresta dobrou em comparação com a dos anos anteriores até 2018, elevando a destruição a patamares históricos. Do mesmo modo, o garimpo se expandiu pelas terras indígenas, chegando a 18 territórios indígenas, e atingindo quase 200 km<sup>2</sup> em 2021, mais que o dobro do que havia em 2018 e cinco vezes maior do que em 2013, quando se identificou um aumento das áreas de garimpo nesses territórios.

Os processos de implementação de políticas públicas na Amazônia ainda têm reforçado em grande parte a manutenção do paradigma de grandes projetos na (Buarque, 2006; Fearnside, 2009; Bermann, 2002). Apesar da existência de inúmeras frentes de jornalismo profissional no Brasil, esta situação reverbera negativamente na construção de um ambiente de discussões sobre questões amazônicas na mídia, com noticiário impactado por características generalizantes (Dutra, 2005). Há

---

<sup>5</sup> Disponível<Belém é escolhida como sede da COP30, em 2025, diz governo | Política | G1 (globo.com)>. Acesso 10 mar.2024.

<sup>6</sup> Disponível<Em imagens de satélite: a devastação da Amazônia no governo Bolsonaro (infoamazonia.org)>. Acesso 10 mar.2024.

uma persistência na imprensa tradicional brasileira em abordar a Região Norte a partir da lógica de frentes de expansão econômica do centro do País (Barros, 2011).

Ainda figurando como importante rede de comunicação diante do crescimento das plataformas de redes sociais digitais, a imprensa tradicional brasileira direciona parte do debate que envolve tomada de posições e opiniões sobre os problemas do sistema político nacional. Investigar conteúdos oriundos dessa frente contribuem para melhor compreensão do papel social representado por ela. É necessário elucidar processos relacionados à “fabricação” de ambientes, por exemplo, a partir da visão do jornalismo para a Amazônia (Hansen, 1994).

Precisamos compreender o que esses dispositivos têm a dizer, mas, também, a partir de suas teias de vinculações, “chegar a um entendimento sobre como determinados conteúdos são produzidos e postos em circulação” (Dutra, 2005, p. IX) e quais as relações de agendamento se estabelecem. Políticas públicas “recebem *inputs* dos partidos, da mídia e dos grupos de interesse, que influenciam seus resultados e efeitos” (Souza, 2006, p. 24). Portanto, diferentes mídias são utilizadas, na atualidade, como estruturas de poder, capazes de produzir sentidos sobre a Amazônia, agendá-los, projetá-los e legitimá-los em busca de determinados fins.

Essa lógica de mediatização da Amazônia tem efeitos, contudo, deixa marcas a partir do que é gerado pela manipulação política de lugares e valores geográficos (Tuathail, 1998): “Estas geopolítica simbólica é produzida no meio social e pelo meio social; institui uma visão do mundo através das mídias em geral” (Steinberger, 2005, 191-192). Esse problema interfere diretamente no que entra ou é excluído do ciclo de políticas públicas. Determinados problemas regionais são ignorados pela definição de agenda porque “algumas vertentes do ciclo da política pública focalizam mais os participantes do processo decisório” (Souza, 2006, p. 29-30). A mídia, e especificamente o jornalismo, são sujeitos relevantes porque assumem o papel de garantir visibilidade aos problemas sociais. No entanto, a lógica que assume se modifica de acordo com a lógica dos sujeitos apoiadores (Silva e Silva, 2001).

Conhecido mundialmente, o termo Amazônia é alvo de uma profusão de discursos, porém, parte desses conteúdos segue por trilhas basilares comuns, que apresentam a região a partir de perspectivas do fantástico, do salvacionismo, do colonialismo, da fronteira, do conflito e de reducionismo dos povos que a habitam. A região é “vista ainda hoje como exótica, subalterna, selvagem, pelo centro-sul do país”, alvo de narrativas que “reforçam imagens cristalizadas de uma terra que necessita ser ocupada” (Costa, 2008, p. 1). Mas a Amazônia não é homogênea; é, sim, híbrida e complexa. Há inúmeras amazônias inseridas na Amazônia e refletir sobre elas implica considerar o lugar dos indivíduos que a conformam, se podem ou não definir o destino de seus territórios e vidas (Gonçalves, 2008; Marcovitch, 2011; Barros, 2023).

No entanto, neste momento, pensamos a Amazônia e sua geopolítica, isto é, as disputas das relações entre poder e espaço geográfico, e não somente isso, não um espaço apenas territorial, mas toda a sua significação para a política nacional e mundial. Principalmente, porque por meio desse poder serão exercidas a “tomada de decisão dos Estados sobre o uso do território” (Becker, 2005, p. 71). Ou mesmo, pela crescente demanda internacional por recursos naturais estratégicos (Amim, 2015). Logo, a região ganha destaque internacional, não somente por conta do anúncio da realização da COP30 em Belém, mas sobretudo por se caracterizar por fiel da balança nas discussões acerca das mudanças climáticas. O interesse “aumenta de acordo com o status que lhe é conferido no cenário econômico e geopolítico” e os projetos elencados ao território “baseiam-se em compromisso e discussões que passam pela sua representação simbólica de região vocacionada para o desenvolvimento sustentável” (Costa; Oliveira; Ravena, 2017, p. 1).

### **AS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS À LUZ DA HERMENÊUTICA**

Com a Hermenêutica e o uso nas narrativas de Ricoeur buscamos compreender uma teoria da interpretação que vai além da mera decodificação de linguagem para alcançar uma compreensão mais profunda dos significados subjacentes e do mundo em que esses significados são produzidos e recebidos. Para o autor, interpretar é um ato de compreensão. Ou seja, interpretar não é apenas encontrar o significado literal ou imediato de um texto, mas envolve um processo dialético de compreensão e explicação que considera tanto o contexto histórico quanto a relevância atual do que foi produzido. Essa interpretação se configura como um movimento entre compreender um texto em seu próprio contexto e aplicar seu significado à nossa própria situação ou à realidade daqueles que vivem nesse contexto de quem se fala.

Ao recorrermos aos princípios hermenêuticos nas análises das narrativas jornalísticas, exploramos não apenas o conteúdo explícito, mas também as camadas mais profundas de significado, intenção, contexto e impacto. Consideramos os objetivos, as intencionalidades, a seleção e os aspectos que são apresentados sobre e da Amazônia. A escolha de palavras, uso de metáforas, subtextos, inclinações ideológicas presentes no texto, com a finalidade de compreender como essa linguagem é usada para moldar as percepções sobre os temas que tratam sobre a realidade do território. Do mesmo modo, analisamos como a história é contada, a partir da organização das informações, o foco narrativo e a presença de elementos narrativos como personagens, configuração e conflito, que podem revelar como o texto pode influenciar ou reproduzir sentidos já existentes, mas sem relação com a realidade social ou às experiências dos amazônidas.

Outro importante aspecto da nossa análise consiste em observar como a ideologia e o poder se manifestam ou são contestados dentro das narrativas, levando-se em conta se certas perspectivas

são privilegiadas, marginalizadas ou invisibilizadas, pensando essas narrativas jornalísticas como formas de manutenção ou desafio das estruturas de poder existentes.

Ao selecionarmos a Hermenêutica para analisar a inserção da Amazônia nas narrativas jornalísticas, consideramos que esse aporte teórico e metodológico possibilita uma interpretação profunda dos significados que não são aparentes sobre o território. Do mesmo modo, é necessário situar a Amazônia dentro do seu contexto mais amplo para entender seu significado, não apenas dentro de ideias restritas, mas numa abordagem que enfatiza a compreensão, o contexto e a interpretação. Buscamos com as narrações compreender o lugar e o estar dos amazônidas, dando à vida significado e orientação. Como bem diz Han (2023, p. 11), uma narração que modifica e que desvela um mundo não é posta arbitrariamente no mundo por uma única pessoa. “Na verdade, (...) é um processo complexo no qual diferentes forças e atores estão envolvidos. (...) ela {narração} é a expressão da tonalidade afetiva de uma época”. Ou seja, as narrações devem ter um momento interno de verdade.

Nossas análises partiram de um corpus de 74 notícias veiculadas em quatro veículos jornalísticos que mantêm a publicação de suas edições impressas e em formato digital, nos seus portais, sendo dois sediados em estados da região Sudeste – Folha de S. Paulo (São Paulo) e O Globo (Rio de Janeiro) – e dois da região Norte – O Liberal e Diário do Pará (ambos do Pará). A seleção possibilitou verificar a construção de sentidos, em diferentes eixos geopolíticos do país, abordagens opostas ou semelhantes. Por notícia entendemos os fatos jornalisticamente interpretados da realidade cotidiana (Braga; Costa, 2020).

Demarcamos que as notícias não foram analisadas individualmente, pelo contrário, agrupamos todas com a finalidade de compreensão do sentido de Amazônia. É importante destacarmos que com a hermenêutica e a narração buscamos uma forma de desfecho, com a criação de significado e identidade sobre a Amazônia. Portanto, o período selecionado foi definido a partir do mês em que Belém é confirmada como a cidade brasileira candidata à sede da COP30 – janeiro de 2023, e se estende pelo noticiário do ano todo. A seleção foi somente de notícias que tem a COP30 em destaque na manchete.

As notícias foram categorizadas, porém sem a perspectiva de isolar esse produto social como um fenômeno que pode ser separado em um frasco e analisado tal qual um composto fragmentado do real. A classificação conforme o gênero<sup>7</sup> do texto jornalístico – ver quadro 1 - informativo ou

---

<sup>7</sup> Como explica Marques Melo (2003), os gêneros jornalísticos se referem a um sistema de organização do trabalho cotidiano de codificação das mensagens de atualidade, como um reflexo do consenso corporativo. Nesta classificação de gênero, o Informativo incluiu apenas as reportagens; e no Opinativo àquelas notícias que estavam em formato de nota de colonistas dos veículos pesquisados.

opinativo – possibilitou nos apontar também como o veículo expunha a diversidade de opiniões sobre a região nos textos analisados.

Quadro 1 - Classificação das notícias analisadas

VEÍCULO	GÊNERO INFORMATIVO	GÊNERO OPINATIVO	TOTAL
Diário do Pará	41	-	41
O Liberal	16	-	16
Folha de S. Paulo	4	4	8
O Globo	7	2	9

Fonte: Produção dos autores (2024)

Nos jornais Folha de S. Paulo e O Globo, as narrativas analisadas se alinham ao significado global da região amazônica: exótica, isolada e sem condições de resolver seus próprios desafios e conflitos, portanto à espera de soluções exógenas. Assim, é destacada a facilidade dos financiamentos que devem ser oferecidos ao Estado do Pará.

As notícias salientam mais a falta de estrutura para a realização do evento em Belém do que a agenda climática, que norteará as discussões. A região e seu ativo florestal como vocação não são evidenciados, somente a histórica depredação, índices de queimadas, problemas fundiários, contaminação e destruição provocadas pelos garimpos. Como aponta Gonçalves (2008), além de região vista a partir de lentes reducionistas – tratando-se de fauna e flora – a Amazônia passou a ser tratada como cenário de conflitos: “as antigas imagens que da região se tinha cederam lugar a uma outra de devastação, de exploração, de violência e resistência. É esta imagem que vem ganhando o mundo através não só da imprensa (Gonçalves, 2008, p. 13).

A escolha de Belém, ao término da leitura de todas as notícias, é definida como medida que vai demandar altos investimentos e a região, com tão poucas estatísticas positivas, não irá responder à altura. Diametralmente, os textos apontam a riqueza natural e a pobreza natural num paradoxo que a simplificação da abordagem não permite apontar saídas.

Os sujeitos amazônicos e a diversidade da região estão ausentes das pautas, restringindo as fontes ouvidas aos governantes nas esferas municipal, estadual e federal. É a retomada de relações históricas de práticas de colonialidade em que a região só é ouvida através da voz oficial do Estado.

As Amazônias que circulam na mídia são construções discursivas baseadas em lutas pelo poder e busca de significado. Dessa forma, o que vemos é uma imposição do que o campo constrói desse espaço público: são imagens fragmentadas, cada uma com seu recorte (Faria, 2003). Podemos afirmar que construções sobre a Amazônia são alvo de constrangimentos do campo político (Bourdieu, 1994), por meio de instâncias governamentais, por exemplo, quando pressionam empresas

jornalísticas materialmente – inclusive com recursos financeiros – e simbolicamente, por estarem investidas de autoridade como fontes oficiais.

Os jornais do Rio de Janeiro e São Paulo ressaltam a determinação política do presidente Lula em definir a COP30 no Pará acima ou apesar de qualquer dificuldade que seja apontada, tangenciado por um compromisso político com o governador do Pará, Helder Barbalho.

No jornal O Liberal, o tom da narrativa jornalística é de expectativas positivas antes da definição, e de exaltação quando Belém é confirmada como sede da COP30, ressaltando os esforços envolvidos para a realização do evento e, principalmente, as oportunidades para melhoria da cidade de Belém. Os investimentos vão financiar principalmente obras de infraestrutura, destacando que as iniciativas vão incrementar o desenvolvimento e gerar renda e empregos, do centro à periferia da capital.

No palco da primeira conferência do clima em solo brasileiro e amazônico, a imprensa reforça as expectativas salvacionistas que repetem a espera histórica do redentor na região. O jornal salienta que o evento visibiliza a região, expõe as potencialidades de crescimento local, estabelecendo um ponto de virada na história de Belém a partir da realização do encontro mundial. O Liberal reitera a lógica já identificada por Barros e Chagas Junior (2021) em narrativas jornalísticas no Brasil, que evidenciam uma lógica economicista na abordagem de questões do campo do meio ambiente. Sujeitos amazônidas são colocados em posição secundária e sem posição relevante nas discussões representadas.

A Amazônia é apresentada como solução climática mundial, mas de forma simplificada porque as notícias não discutem as questões da urgência climática e os desafios ambientais. Questões que de fato mudam a realidade das populações, sejam locais, nacionais ou mundiais. O legado do evento é o assunto dominante nas pautas: obras que devem ficar para melhorar a qualidade de vida da população de Belém. Assim, os investimentos, modificações e melhorias urbanas são exaltados.

Na seleção das notícias analisadas não surpreende que os jornais do sudeste do país tenham a metade do volume, mas o jornal Diário do Pará totaliza 41 notícias destacando a COP30, no período estudado. A quantidade está relacionada à ligação do jornal com o governo do Estado<sup>8</sup>. A família que

---

<sup>8</sup> Historicamente o jornal Diário do Pará foi fundado por Laércio Barbalho, pai do atual senador da República, Jader Barbalho e avô do atual governador do Estado, Helder Barbalho, em 1982, para, na época, ser parte da campanha de Jader Barbalho. Hoje o Grupo de Comunicação RBA, pertencente à família, além do jornal Diário do Pará, reúne oito emissoras de rádio (FM 91, 99 FM, Rádio Clube do Pará, Rádio Clube de Marabá, Rádio Clube de Maracanã, Rádio Clube de Paragominas, Rádio Clube do Tapajós e Diário FM); as emissoras de tv aberta RBA TV, RBA TV Breves, RBA TV Marabá, RBA TV Parauapebas, RBA TV Paragominas, RBA TV Santarém; e o portal de notícias Diário Online (DOL). Jader Barbalho é pai do governador do Pará, Helder Barbalho, foi Vereador em Belém (PA), pelo MDB de 1967 a 1971; Deputado Estadual, PA, pelo mesmo partido, de 1971 a 1975; Governador do Pará pelo PMDB nas legislaturas de 1983 a 1987; e 1991 a 1995; E está no terceiro

protagoniza a política paraense há 45 anos ainda tem planos para o futuro. O próprio governador Helder Barbalho<sup>9</sup>, que está na política desde os 21 anos, é visto como provável quadro nacional para as eleições de 2026. Assim, a COP30 é abordada pelo jornal da família como um trunfo político, as notícias relatam as conquistas no cenário nacional, as declarações sobre o evento em toda a agenda do governador.

Desta maneira, o noticiário foi determinante para que a opinião pública apontasse o evento, mesmo sendo realizado na capital, como uma realização do governo do Estado. As notícias informam sobre as negociações políticas para investimentos na cidade, o planejamento, o andamento das obras, reforçando o legado e as oportunidades percebidas e as ações já realizadas. O quadro de notícias do Diário do Pará corrobora a força nacional do mandato estadual de Helder Barbalho e potencializa capital político para cenários eleitorais futuros.

A versão da Conferência a ser realizada em Belém ganha a denominação de COP da Floresta e as declarações do governador se equilibram entre projetos criticados por ambientalistas e a defesa de uma nova economia verde. Claramente as pautas fazem parte de um posicionamento do governador se concretizando como uma liderança política do tema.

Mas a região apresentada no noticiário depende do exógeno para enfrentar seus desafios. Os cofres e as decisões estão geograficamente longe do verde amazônico e a rotina de suas populações.

A análise do noticiário publicado pelo jornal endossa o questionamento acerca dessas práticas enviesadas. É cada vez maior a importância das funções democráticas do jornalismo para o desenvolvimento sustentável da região amazônica e manutenção dos direitos humanos dos sujeitos que a habitam. Daí a necessidade de manter claras as práticas e consequências de agendas de poder perante os processos de produção de conteúdos noticiosos na e da Amazônia, pois, “se os media agirem, realmente, como agentes de sustentação do status *quo* e de amplificação dos poderes, a sua imagem dominante, ao nível do ser humano comum poderá, por consequência, facilitar perigosamente a manipulação e a desinformação do público” (Sousa, 1999, p. 4).

---

mandato de Senador pelo Pará até 2027. Disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/73929/biografia>. Acesso em fevereiro de 2024.

<sup>9</sup> Helder Barbalho foi como vereador de Ananindeua (Pará), em 2000. Em 2002, elegeu-se deputado estadual. Em 2004, foi eleito para o cargo de prefeito de Ananindeua, tendo assumido com 25 anos, tornando-se o prefeito mais jovem da história do Pará. Em 2008, foi reeleito. Em 2014 foi ministro da Pesca e Aquicultura, e em 2015 ministro-chefe da Secretaria Nacional dos Portos e ministro da Integração Nacional do Brasil. Foi eleito governador do Estado do Pará em 2018 e reeleito em 2022, em primeiro turno, com mais de 70% dos votos, sendo o governador mais bem votado do Brasil. Disponível em <https://www.pa.gov.br/orgao>. Acesso em fevereiro de 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomamos a Paul Ricoeur Ricoeur para refletir o sentido de Amazônia enunciado pelas narrativas jornalísticas, e refletimos na relevância de colocar um foco significativo na distinção entre explicar e compreender, em que a hermenêutica não se configura apenas como um método de interpretação de textos, mas como uma maneira de entender a existência humana, e a existência dos amazônidas. Com a hermenêutica abre-se a possibilidade do leitor de ir e voltar entre o entendimento do todo e das partes. Isso significa que a compreensão de cada parte de um texto depende da compreensão total que se tem dele, e vice-versa. E a impressão que teima em se firmar, quando analisamos os sentidos produzidos, é que essa Amazônia somente pode ser compreendida no olhar da informação. Ou seja, a informação, que segundo Han (2023), é aditiva e cumulativa. “Ela não é portadora de sentido, enquanto a narração, por sua vez, transporta o sentido. Originariamente, sentido significa direção” (Han, 2023, p. 14). As narrações criam uma comunidade, pois elas são histórias que conectam as pessoas umas com as outras.

Nossos resultados apontam nesta análise, que a mídia não determina as ações sociais, mas possui uma capacidade intensa tanto de explicitar discussões sobre a Amazônia quanto silenciá-las. Precisamos de balizadores para encontrar e discernir, em um emaranhado de produtos midiáticos, “sentidos que não são simples reflexos ou cópias da realidade, mas são, isso sim, realidades produzidas e embaladas de tal modo que o receptor as consome sob o rótulo de verdades prontas, embora não sob o determinismo de nelas crer (Dutra, 2005, p. 252).

O que está guardado por essas embalagens pode ser acessado além das decodificações textuais quando há uma sólida compreensão do contexto em que determinados conteúdos jornalísticos são produzidos e de qual forma circulam. Dada a relevância atual do corpus, destacamos um tensionamento de diferentes campos, especialmente o da política, no sentido de direcionar o noticiário da COP30 nos diferentes jornais analisados.

De todos os territórios físicos e simbólicos existentes, segundo Costa et al (2020, p. 15) parece-nos que a Amazônia é um dos lugares que ainda não conseguiram se libertar do pensamento colonial”. Ou seja, de se impor a esse pensamento, seja negando as narrativas de viagem, as quais forjaram sua construção ao longo dos séculos, “seja assumindo as narrativas dissidentes contra as leituras equivocadas com abordagens mais críticas a respeito do seu lugar no contexto regional, nacional e internacional”.

Nos subtextos identificados, observamos o trânsito de ideologias e marcas de poder semelhantes e outras distintas. Enquanto os jornais da região Sudeste retratam a Amazônia como uma região exótica e isolada, incapaz de resolver seus próprios problemas, os periódicos que circulam

no Pará enfatizam a lógica de dependência de soluções externas para garantia do próprio desenvolvimento.

Folha de S. Paulo e O Globo enumeram dificuldades de infraestrutura e conflitos na região em vez de aprofundar o debate acerca da agenda climática, investindo em fontes oficiais. Se os jornais de São Paulo e Rio se desviam da discussão sobre oportunidades para a Amazônia a partir da COP30, os de Belém veem o evento internacional como um condão salvacionista para a região - e especialmente para seus maiores centros urbanos -, mas convergem para uma visão de desenvolvimento economicista. O Liberal mantém a lógica de destaque a agendas oficiais e o Diário do Pará destaca conteúdo com uma forte ligação com o governo estadual, amplificando o capital político do atual governador.

Nessas diferentes narrativas, cada jornal demonstra sua atuação em uma luta pela apropriação política e econômica da Amazônia que focaliza não somente o espaço físico, mas a elaboração de uma dimensão simbólica do território (Raffestin, 1993). Suas estratégias seguem diferentes fluxos - lançando mão de variadas estratégias simbólicas -, mas convergem na apresentação da realidade que afasta os seres humanos da natureza e inferioriza e invisibiliza a população amazônida, ou seja, a parcela mais impactada por mudanças climáticas.

Para sintetizar nossas preocupações, acionamos o poeta e doutor em Sociologia da Cultura Paes Loureiro (1978), que chama atenção para a configuração de uma Amazônia aureolada, uma "obra-prima do mundo", "objeto que possui aura de culto", mas que continua sendo vista, por outro lado, como "El Dorado" cobiçado internacionalmente. A via para compreensão da Amazônia/amazônias, argumenta o autor, é acionar uma condição diferenciada de diversidade:

À medida que ela for encarada como uma diversidade diversa, com suas diferenças internas e em relação ao mundo, passando a ser sustentada por um amplo projeto político-científico que a reconheça como tal, pode haver uma saída. Não como manutenção de seu isolamento nem passadismo, mas como integração ou relação transacional com o planeta, processo pelo qual existirão trocas sem que um desapareça no outro (Paes Loureiro, 2019).

Portanto, em um contexto de imposição de interlocutores exógenos, na inexistência de protagonismo da Amazônia/amazônias, não há caminho para compreensão de fato do que o território significa. Lembramos o que afirma Ricoeur, que as narrativas (histórias) desempenham um papel central na formação da identidade pessoal e cultural. Contar histórias é uma maneira fundamental pela qual os indivíduos e as comunidades fazem sentido de suas experiências e constroem suas identidades.

## REFERÊNCIAS

- AMIM, M. M. A Amazônia na geopolítica mundial dos recursos estratégicos do século xxi. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 107, p. 17-38, 2015.
- BARROS, T. A. **Sentidos da matriz energética brasileira na mídia**: projetos hidrelétricos na Amazônia de FHC a Lula (2001-2002 e 2008-2009). 2011. 132 f.: Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, Belém, 2011.
- BARROS, T. **Coração da Amazônia, território em disputa**: Movimento Indígena e Representação Política em Campanha Contra Hidrelétricas. Curitiba: Appris, 2023.
- BRAGA, Thaís. L. C.; COSTA, A. C. Amazônia em pedaços: discursos sobre a divisão do Pará no jornal Correio do Tocantins. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, 15(1), 2020.
- BEKER, B. Geopolítica da Amazônia. **Estudos Avançados**, 19 (53), 2005.
- BERMANN, C. A perspectiva da sociedade brasileira sobre a definição e implementação de uma política energética sustentável – uma avaliação da política oficial. *In*: Seminário internacional fontes alternativas de energia e eficiência energética – opção para uma política energética sustentável no Brasil (**Anais...**). Câmara dos Deputados, Brasília, jun. 2002.
- BUARQUE, S. **Construindo o Desenvolvimento Local Sustentável**: metodologia de planejamento. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BOURDIEU, P. L'emprise du journalisme. *In*: **Actes de La Recherches en Sciences Sociales**, Paris, Seuil, n. 101-102, p. 3-9, mar. 1994.
- COSTA, A. C.; OLIVEIRA, I. C.; RAVENA, N. Vozes institucionais e os discursos de dominação: análise dos grandes projetos hidrelétricos na Amazônia. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 24, n. 2, p. ID24880, 2017. DOI: 10.15448/1980-3729.2017.2.24880. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/24880>. Acesso em: 12 abr. 2023.
- COSTA, A. C.; OLIVEIRA, I. C.; RODARTE, L. K.; KABUENGE, N. N. O índio e os outros: apontamentos e contribuições sobre a invenção da Amazônia na construção de uma narrativa dissidente. *In*: **Narrativas midiáticas contemporâneas**: epistemologias dissidentes [recurso eletrônico] / Organização Marta R. Maia, Mateus Yuri Passos - Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.
- COSTA, V M. T. A Amazônia narrada: entre passado e presente quase nada mudou. *In*: 6º Encontro Nacional da Rede Alcar, 2008, Niterói. **Anais do 6º Encontro Nacional da Rede Alcar**. Porto Alegre: Alcar, 2008.
- COULDRY, N.; HEPP, A. **A construção mediada da realidade**. Tradução Luzia Araújo. São Leopoldo: Unisinos, 2020.
- DUTRA, M. **A natureza da TV**: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta...Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.
- FARIA, C. Ideias, conhecimento e políticas públicas. Um inventário sucinto das principais vertentes analíticas recentes. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** (S.l.), vol. 18, n. 51, fev 2003, p. 21-29.
- FEARNSIDE, P. As hidrelétricas de Belo Monte e Altamira (Babaquara) como fontes de gases do efeito estufa. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, vol 12, n. 2, dez 2009, p. 5-56.
- FREITAS PINTO, R. A viagem das ideias. **Estudos Avançados**, 19 (53), p. 97-114, 2005.
- GONÇALVES, C. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2008.
- HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Tradição de Daniel Guilhermino. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- HANSEN, A. (Ed.). **The mass media and environmental issues**. Studies in communication and society (2. ed.). Leicester: Leicester University Press, 1994.

- MARCOVITCH, J. **A Gestão da Amazônia: Ações Empresariais, Políticas Públicas, Estudos e Propostas**. São Paulo: Edusp, 2011.
- MARQUES DE MELO, J. **O desafio do estudo dos gêneros**. Pauta Geral, Salvador, n.5, p.11-20, 2003.
- PAES LOUREIRO, J. J. **Porantim - Poemas Amazônicos**. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1978.
- PAES LOUREIRO, J. J. Cultura amazônica: uma diversidade diversa. **Amazônia Latitude**, 2019. Disponível em: <https://www.amazonialatitude.com/2019/04/10/cultura-amazonica-uma-diversidade-diversa/>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (Orgs.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. p. 51-70. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- PEREIRA JUNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação da imprensa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
- PIZA, S. Des-pensar as subjetividades, enfrentar as armadilhas da identidade. **Das Questões**, Vol.8, n.2, p. 284-291, abril de 2021.
- RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.
- RICOEUR, P. **Hermenêutica e ideologias**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2019.
- SILVA E SILVA, M. Avaliação de políticas e programas sociais: aspectos conceituais e metodológicos. In: SILVA E SILVA, M (Org.). **Avaliação de políticas e programas sociais: teoria & prática**. São Paulo: Veras Editora, 2001, p. 37-93.
- SOUSA, J. P. **As notícias e os seus efeitos**. As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos média jornalísticos, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-pedro-george-noticias-efeitos.html>>. Acesso em: 23 mar. 2006.
- SOUZA, C. Políticas públicas: Uma revisão da Literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 8, n. 16, jul./dez. 2006, p. 20-45.
- TUATHAIL, G. Postmodern Geopolitics. In: TUATHAIL, G e DALBY, S. (Orgs.). **Rethinking Geopolitics**. New York: Routledges, 1998.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**A GOVERNANÇA LOCAL E OS DESAFIOS PARA CONTORNAR OS EFEITOS  
SOCIOAMBIENTAIS DA PANDEMIA DA COVID-19 EM DUAS COMUNIDADES  
QUILOMBOLAS DA ILHA DE MARAJÓ-PA**Luciana Otoni de Souza<sup>1</sup>(UFPA)Ligia Terezinha Lopes Simonian<sup>2</sup> (UFPA)Hisakhana Pahona Corbin<sup>3</sup> (UFPA)

**Resumo:** Estudo realizado a partir da disciplina Governança e Instituições Públicas do curso de doutorado NAEA/UFPA com comunidades tradicionais quilombolas na ilha de Marajó, em Salvaterra-PA, durante a pandemia da COVID-19. Estudou-se os principais efeitos sofridos por essas populações objetivando compreender a participação das governanças locais nesse processo envolvendo os moradores e o poder público, apontando suas potencialidades e fragilidades. Atualiza as reflexões baseando-se nas ações de enfrentamento à pandemia da COVID-19 que tem promovido problemáticas como a desigualdade social e o fortalecimento de alguns processos de preconceito e exclusão desde a época colonial nesses povos. Sistematiza as informações por meio de um questionário aplicado em forma de entrevista online (devido a necessidade do isolamento e distanciamento social) e analisa com base na percepção das lideranças a realidade que vivem e o período particular sob a influência da pandemia. Resultados indicam que, de modo geral, a participação social é efetivada por meio de organizações sociais, de grupos criados por governanças locais para o engajamento, resistência e divulgação da ancestralidade e cultura das origens africanas de comunidade remanescentes de quilombos. Por um lado, a separação das forças locais e o isolamento social dificultam o fortalecimento da participação dos moradores dessas comunidades em ações que visem melhorar a qualidade de vida e saúde nesses espaços, por outro, o processo de conscientização étnico-racial está presente na busca contínua pelo cumprimento de leis e garantia dos direitos adquiridos.

**Palavras-chaves:** governanças locais; lideranças comunitárias; comunidades quilombolas; Salvaterra; COVID-19.

**INTRODUÇÃO**

As trajetórias das lideranças em comunidades tradicionais coincidem com a criação desses núcleos familiares, suas lutas e conquistas e o desenvolvimento de atividades que contemplam aspectos culturais e ancestrais que garantam a perpetuação de seus traços mais remotos.

A governança enquanto forma de gestão dentro das comunidades tradicionais desenvolve um papel fundamental para o crescimento dessas populações, visto que entendem e percebem o espaço de moradia como parte de sua história, como uma extensão do “ser” tradicional e que existe uma relação de interdependência com a terra. Seria uma prática em que não existe uma instituição

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, Brasil. Email: lucianaotoni@ufpa.br

<sup>2</sup> Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, Brasil. Email: simonianl@gmail.com

<sup>3</sup> Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico úmido, UFPA, Brasil. Email: hisacorbin@hotmail.com

controladora de seus espaços e ações, mas sim uma associação de pessoas que vivem de maneira igual, sem privilégios para um determinado grupo ou pessoa (LIFSCHITZ, 2011).

A estrutura organizacional percebida em comunidades tradicionais demonstra certa capacidade de manter as questões produtivas, sociais e ambientais de maneira homogênea que permite entender que a dinâmica presente nesses espaços compete inevitavelmente com o sistema capitalista adotado pelo Estado principalmente no meio urbano.

Nessa linha, Perez e Souza (2022) apontam que a percepção ambiental dos espaços e ainda o bem-estar social do ponto de vista da população, dependem diretamente das ações do poder público, direcionadas para as comunidades em geral. O que é percebido, no entanto, é a transferência de responsabilidades para as lideranças locais.

A Amazônia brasileira vem desenvolvendo ações que contemplam aspectos da gestão socioambiental, por tratar-se de uma área de diversidade estudada e ainda pouco conhecida. Nela, segundo destaca Shiraishi Neto (2007) são definidas ações pelo governo nas diversas esferas do poder através de políticas e programas que visam mitigar possíveis impactos ambientais trazidos com o desenvolvimento de povos e comunidades tradicionais locais, além de controlar as degradações e conflitos pelo uso e ocupação de terras e recursos naturais.

Em crises, como a provocada pela COVID-19, esses espaços estiveram ainda mais vulneráveis às problemáticas socioambientais e econômico-culturais destacando questões que apontavam para o distanciamento das políticas públicas aplicadas em regiões mais urbanas em detrimento de áreas rurais ou mais distantes dos grandes centros urbanos (MONDARDO, 2020).

De acordo com Simonian (2018), assim como os povos tradicionais se organizaram para enfrentar a pressão do modelo capitalista que adentrava seus espaços nos anos 90, de certa maneira, tal fato tornou esses povos mais resistentes e conscientes a respeito das interferências externas que receb(em)iam.

As lutas travadas a partir desse contexto histórico, permitiram que os moradores, no entendimento do amparo legal, das comunidades tradicionais cobrassem ações dos governantes para atendimento às necessidades frente a problemáticas expostas pela pandemia que destaca as questões sanitárias e de saúde coletiva, setores esses que representam ainda parte de um projeto a ser alcançado e viabilizado a esses grupos sociais.

Nesse período, as lideranças de acordo com as diretrizes implementadas pelo governo estadual e desenvolvendo o seu poder de governança local, procurou regular as dinâmicas socioambientais e implementar espaços de gestão compartilhada das políticas públicas setoriais e

territoriais junto com os demais moradores e a sociedade civil organizada, envolvidos em consonância com o paradigma democratizante da governança pública

A importância da participação popular, nesse sentido, segundo Gomes, Madeira e Brandão (2020) é fundamental para que a organização e a implementação de ações preventivas e de combate aos efeitos da pandemia da COVID-19 alcançassem os resultados esperados e diminuíssem os casos de contágio pela doença.

Diante disso, este artigo vem demonstrar as principais interpretações por parte das lideranças comunitárias acerca dos impactos gerados pela pandemia da COVID-19 dentro da sua comunidade na ilha de Marajó no município de Salvaterra-PA.

Optou-se por realizar essa pesquisa no formato de estudo de caso visto que este consegue articular diferentes perspectivas dentro da investigação da pesquisa e que pode ser aplicado nos estudos de caso como ferramenta de ensino, de etnografias e observação ativa ou participante e dos métodos qualitativos (YIN, 2001).

Assim como, o estudo buscou elencar os principais desafios a serem superados em um contexto pós-pandêmico nas comunidades tradicionais estudadas sob a ótica das lideranças comunitárias, apresentando alternativas que auxiliem as governanças locais superarem os desafios impostos pela pandemia.

Nesse sentido, foram identificados aspectos de governança e de governabilidade aplicados no âmbito social dentro dessas comunidades tradicionais que colaboram para a compreensão das ações implementadas e a visibilidade do trabalho realizado por esses grupos sociais diante do poder público.

## **MARCO TEÓRICO**

Os anos de 1990 foram simbólicos no que diz respeito às ações públicas com relação ao tratamento do meio ambiente, particularmente a sua governança, tendo por referência poder, legitimidade e participação de atores e instituições sociais governamentais e não governamentais (ARAÚJO e SIMONIAN, 2016).

A pandemia do COVID-19 trouxe abertamente questões aparentemente superadas, mas que nunca deixaram de existir, que segundo Lima (2020) voltam à luz da discussão para justificar desigualdades e exclusões: guerras étnicas, racismo, escravidão disfarçada ou não, violência de gênero, apartheid social entre outras formas de segregação social e preconceitos sofridos por desses grupos.

A sociedade mergulhada no caos e considerando o fato dos vírus reproduzirem um planeta com sérios riscos onde os desastres ambientais e sociais se multiplicam, nos deixa em alerta para o que está por vir dentro da sociedade brasileira, em especial das comunidades tradicionais que ficam por vezes isoladas e esquecidas dos seus direitos básicos humanos.

Embora muitos obstáculos surjam no desenvolvimento de políticas locais específicas para essas comunidades, existem ações pontuais que viabilizam o acesso e o aproveitamento das potencialidades locais. Como exemplo, a aplicação de uma economia florestal que se consolida para destacar e manter as florestas sociais que agrupam as comunidades tradicionais (AZEVEDO-RAMOS e PEZZUTI, 2016).

Desenvolvimento de ações e políticas públicas voltadas para comunidades tradicionais foram surgindo e sendo adaptadas das realidades locais para o enfrentamento da pandemia (MONDARDO, 2020) e que necessitou de mobilização por parte das lideranças. Nesse caso, a governança explica que mesmo sem a atuação direta do governo os líderes de comunidades tradicionais e mais afastadas dos centros urbanos podem traçar melhores ações que contemplem as reais necessidades dos moradores das comunidades.

Na descrição de Rhodes (2005) o uso desse tipo de governança sugere que se tornem auto-organizadas as redes que compõem essa forma de liderança, onde de maneira similar podem se auto-organizar, significando ter uma rede comunitária autônoma e independente. Ao mesmo tempo, essa experiência se apresenta como uma inter-relação necessária que deve se prolongar aos povos adjacentes de espaços delimitados como territórios especialmente protegidos.

Riscos anunciados, epidemias crescentes que resultaram na pandemia atual, talvez a primeira de muitas que estão por vir devem pautar direcionamentos no que tange as ações para sanar as principais necessidades de populações vulneráveis que dependem de políticas públicas voltadas para a geração de emprego e renda, cuidados com a saúde física e mental, questões sanitárias, promoção de atividades culturais e educacionais, saúde coletiva, entre outras.

Para se conseguir a efetivação de todas essas ações faz-se necessário uma articulação entre comunidades tradicionais e poder público, sendo confirmado no estudo de Sablayrolles, Porro e Oliveira (2019) segundo o qual destaca que os aspectos técnicos, econômicos e de comercialização, as questões de conflitos com atores externos ou internos às comunidades e as relações com órgãos públicos exigem uma atuação em dois níveis, o local e o regional/estadual.

Para as comunidades tradicionais destacadas no contexto brasileiro, especialmente as remanescentes de quilombos é importante a aproximação com outras formas de governança independentes para que fortaleçam suas práticas originárias e que isso fomente suas necessidades

básicas principalmente em tempos de crise humanitária como a da COVID-19, assim sendo, para essa situação aplicação a atuação local das instituições públicas.

Vale ressaltar, que diante da amplitude dos casos de infecção pelo vírus as propostas sociais no que tange a evolução e distribuição do processo saúde-doença na humanidade segundo Azevedo-Ramos e Pezzuti (2016) tem sido objeto de estudo dando origem às várias disciplinas acadêmicas e que fora das ciências da saúde ou parte dela, outras tantas preocuparam-se em compreender este processo considerando seus campos de ação respectivos.

Tal preocupação foi fundamentada em uma crescente desigualdade social e esquecimento pelo poder público em relação à saúde coletiva de populações tradicionais e que em seu cotidiano já vivem um isolamento social imposto pelo modo de vida da sociedade moderna.

O surgimento de um efeito retrógrado na economia mundial, o que impacta substancialmente na produção local e o escoamento de seus itens agrícolas acabam sendo bloqueados e muitos sem consumo local podem perder a validade para seu uso, o que significa perda de produção, diminuição de renda e moradores com ainda mais dificuldades econômicas.

Além disso, ao mesmo tempo que o modelo de economia imposto pelos colonizadores quando chegaram no país constitui-se como fundamento dos conflitos, que estabeleceram as relações de produção e de trabalho a partir de interesses pessoais dos estrangeiros, eram antagônicas e incompatíveis com o tipo de economia praticada pelos povos que viviam na Amazônia (ALMEIDA, MARIN E MELO, 2020).

Desde a colonização, comunidades tradicionais e povos originários já eram marcados pelas chamadas “guerras justas”, no estudo de Gomes, Madeira e Brandão (2020) é esclarecido que os processos de ocupação da região são intensificados através de um modelo de economia voltado para a exploração dos produtos da floresta e o trabalho escravo às populações originárias e todo aquele pertencente a minorias sociais da época.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

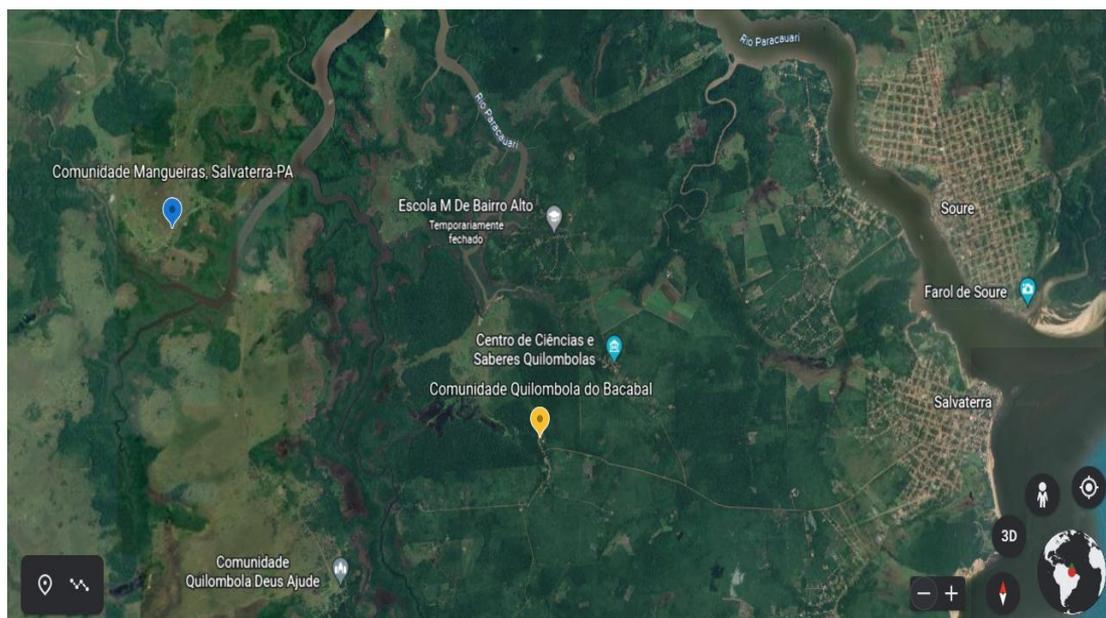
Para a construção deste artigo, adotou-se o que se infere a partir da leitura de Minayo (1994) que enxerga as ciências como uma possibilidade de transformar real os estudos realizados a partir de questionamentos pertinentes e específicos a realidade estudada, buscando soluções para a coletividade que é alvo da pesquisa sem esquecer os conhecimentos adquiridos pela ancestralidade, por meio de suas respostas e suas linguagens, a qual se fundamentam em métodos e técnicas conduzidas de modo coerente por seus representantes.

Ressalta-se que há diversos pensadores e teorias que embasam os estudos realizados acerca da própria inserção e relação do homem nos diversos meios (YAGIU, CASTRO-SILVA, EUZEBIOS

FILHO e MARTIN, 2021). Estes devem ser considerados no desenvolvimento do trabalho de pesquisa aqui construído, a fim de permitir que os achados nas comunidades sejam estudados de modo conceitual.

Foram utilizadas para o desenvolvimento deste artigo, a pesquisa qualitativa para argumentar os resultados do estudo por meio de análises e percepções através da realização de entrevista com perguntas semiestruturadas junto às lideranças das comunidades deste estudo – Mangueiras e Bacabal- (Figura 01) a pesquisa exploratória, visto que a problemática ainda é pouco conhecida no contexto adotado pelo artigo.

Figura 01: Comunidades Mangueiras (marcador azul) e Bacabal (marcador amarelo), em Salvaterra-PA, na ilha de Marajó.



Fonte: Google Earth, 2023.

Utilizou-se também a pesquisa bibliográfica com a coleta de dados a partir de artigos, livros e revistas científicas nas múltiplas áreas do conhecimento para fundamentar as discussões e ampliar o saber aqui apresentado (Estado da arte).

O foco da pesquisa realizada se concentrou na relação entre a pandemia da COVID-19 e as comunidades quilombolas, contribuindo, desta forma, para uma concepção ampliada da eficiência das lideranças e suas ações e iniciativas no período pandêmico.

Suas determinações sociais tornaram-se um referencial importante para a compreensão da complexidade de processos de governança-saúde coletiva e proteção dos territórios tradicionais e de seus ocupantes (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2021).

Por tratar-se de um estudo das relações sociais, representações e percepções de sujeitos e nossa fonte ser constituída de consulta primária e referenciais teóricos, definiu-se como o método

mais adequado para a compreensão do objeto de estudo a abordagem qualitativa, pois esta possibilita organizar e explicar o conhecimento de como os seres humanos vivem, sentem e pensam.

Adotou-se ainda o modelo documental por tratar-se de fontes primárias e pela qualidade das informações que este método possibilita que sejam consultados documentos muitos deles de acesso restrito permitido apenas para fins de pesquisa e uso no local da pesquisa, isso, no entanto, contribui para a compreensão do objeto estudado.

As comunidades de Mangueiras e Bacabal, onde o estudo foi realizado estão localizadas na ilha de Marajó no município de Salvaterra-Pará, sendo uma região com presença marcante de comunidades remanescentes de quilombos, o que revela a complexidade de sua formação histórico-social em relação aos demais espaços que ocupam o município, suas relações e condições de vida.

Em termos da presença do Estado nessa área, conta apenas com uma Unidade de Saúde (hospital municipal de Salvaterra), podendo ainda utilizar-se da infraestrutura do município vizinho Soure-PA que dista 10 min na travessia de barcos pequenos (rabetas).

A maior parte das habitações é formada por casas de madeira, barro e algumas de alvenarias construídas próximas umas às outras e os moradores convivem com saneamento básico precário, ausência de opções de lazer e socialização que muitas vezes são supridas com atividades promovidas pela própria liderança justamente para tentar conter o avanço da violência e da criminalidade do tráfico de drogas, além dos altos índices de gravidez juvenil (MALUNGU, 2006).

As referências mais recentes do Índice de Vulnerabilidade Social (IVS) do estado do Pará em 2000, na Região de Integração (RI) do Marajó, todos os municípios se situavam na faixa de muito alta vulnerabilidade social. Já em 2010, apenas o município de Soure apresentou diminuição suficiente no IVS que permitiu que ele fosse reclassificado para a faixa de nível de alta vulnerabilidade social.

Os demais municípios da RI também apresentaram diminuição do IVS em 2010, mas permaneceram na mesma faixa de nível de vulnerabilidade social (FAPESPA, 2015), o que retrata uma condição de esquecimento e marginalidade em um contexto global das ações promovidas pelo Estado.

Segundo dados do *Observatório de Informações Municipais*, Salvaterra tem uma população estimada em 24.392 habitantes e sua principal atividade econômica é a pesca, extração do açaí e agricultura familiar, que a colocam entre os municípios do Pará com baixos coeficientes de fundo de participação municipal de 1,4, representando um repasse para 2022 de R\$18.644.414 (Bremaeker, 2021).

Para este estudo, foram analisadas as informações prestadas pelas lideranças das comunidades coletadas no período de setembro a outubro de 2021 através de entrevistas *online* em

uma etapa que compreende ainda as restrições sanitárias quanto à aglomeração e ao isolamento social, por isso não se pode fazer contato presencial nas comunidades. Esse momento possibilitou a atualização das reflexões com base nas consequências da pandemia da COVID-19 nas comunidades estudadas, e foram realizadas entrevistas semiestruturadas à distância com as lideranças da comunidade por meio de aplicativos multiplataforma de mensagens (WhatsApp e telefonemas), além do envio do documento em Word contendo as questões que foram respondidas durante as entrevistas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Analisou-se as narrativas relatadas pelas lideranças comunitárias nos processos participativos que acompanham o desenvolvimento histórico de lutas pela melhoria das condições de vida durante uma semana do mês de junho de 2022, em que foram apontadas algumas potencialidades e dificuldades observadas pela organização e socialização comunitárias. Foram apresentadas algumas questões contextualizadas pelos impactos ocasionados pela pandemia da COVID-19 e a partir daí seguiu-se a coleta dos dados.

Dificuldades observadas através da organização e socialização e nos processos participativos das lideranças comunitárias.

Segundo as lideranças das comunidades que foram entrevistadas nesse estudo, a participação social é caracterizada como força coletiva que agrupa jovens, adultos e idosos sem distinção de gênero, possibilitando inclusão, empoderamento e autonomia. Tais ações, possibilitam o desenvolvimento interno da comunidade sob a perspectiva da sua realidade e atendem às principais necessidades dos seus moradores.

A qualidade e efetividade das práticas desenvolvidas dentro desses espaços está associada à possibilidade de formação de vínculos com o objetivo de reivindicar ou criar formas afirmativas de superação da violação dos direitos (Costa; Castro-Silva, 2015). Todavia, a falta de incentivo e ausência de políticas públicas, ou a dificuldade de acesso a esses auxílios, fornecidos pelo governo local, representa uma das grandes dificuldades.

*Os projetos desenvolvidos na comunidade incentivam a participação de jovens e mulheres na produção de artefatos regionais que caracterizam a cultura marajoara e possibilitem geração de renda para essas famílias. Os participantes sentem que os projetos funcionam como uma terapia que trata de algumas problemáticas comuns na região que cerca a comunidade, tais como violência contra a mulher e tráfico de drogas.*  
(Tia Noca, Comunidade Mangueiras, Salvaterra-PA)

Essa consciência crítica que surge diante da realidade e cerca o pensamento dessa liderança, proporciona uma nova práxis que por sua vez abre para novas formas de consciência. A análise de Martin-Baró (2017) possibilita inferir que o processo de conscientização tem como consequência o fortalecimento dos sujeitos e da comunidade, pois as pessoas percebem que as situações de opressão que vivem são compartilhadas pelas outras pessoas da comunidade e isso aproxima e estimula a construção de um novo saber e de novas práticas que possibilitem o crescimento humano, social e econômico desses espaços.

*Para a segurança da comunidade e de seus moradores no ano de 2020 e 2021 tivemos que montar uma porteira para controlar o acesso de entrada e saída na nossa comunidade, além da saída só ser permitida para os casos de extrema necessidade como idas ao hospital para quem estava doente, idas ao supermercado, farmácias sendo que as pessoas respeitaram essa regra e controlavam para ficarem isolados em casa, mesmo depois de se vacinarem.*  
(Luzia Betania, Comunidade de Bacabal, Salvaterra-PA)

A ausência e/ou omissão da participação do Estado dentro desses espaços provocando situações de desamparo social (Dimenstein; Cirilo Neto, 2020) favorece a instalação de problemáticas agravantes como o tráfico de drogas, a exploração sexual infantil e a violência contra a mulher, que segundo Maia e Lobo (2013), são problemas com difícil resolução nos planos prático e ideológico.

As fragilidades acima se inserem num contexto de extrema pobreza e falta de saneamento básico que colocam cotidianamente em risco a saúde física e mental dos habitantes, condição que gera um sentimento de esquecimento e exclusão social e que agrava o sofrimento, uma vez que o lugar onde se mora reflete na dignidade, como descrito no livro Quarto de despejo (JESUS, 2014).

As perguntas feitas seguem o modelo do questionário utilizado e apresentado no ANEXO deste estudo como roteiro, a partir das entrevistas coletou-se outras informações que não estão diretamente descritas nas questões propostas, mas que surgem ao longo da discussão e descrição sobre a dinâmica das comunidades no período de pandemia da COVID-19 relatadas pelas lideranças.

*Durante a pandemia foram instaladas barreiras sanitárias nos portões de entrada de cada uma das comunidades quilombolas, nesse período a saída e entrada de moradores da comunidade ficou restrita fazendo com que muitas famílias tivessem dificuldade de acesso ao auxílio emergencial, a bancos, farmácias e aos supermercados para compra de insumos. Nesse momento muitos deixaram de respeitar a barreira, inclusive até agredindo quem ficasse de guarda, principalmente quando eram mulheres. Isso demonstrou a necessidade de adequar um esquema para permitir que as pessoas vacinadas e com máscara pudessem ter o passe livre na comunidade. Essa abertura, no entanto, foi restrita aos moradores, pessoas de fora continuaram com acesso bloqueado a comunidade.*  
(Tia Noca, Comunidade de Mangueiras, Salvaterra-PA)

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em 18 de março de 2020, os casos confirmados da COVID-19 já haviam ultrapassado 214 mil em todo o mundo. Não existiam planos estratégicos prontos para serem aplicados a uma pandemia de coronavírus, pois tudo era muito novo. Entre as ações aplicadas no sentido de prevenção da doença, está o isolamento e o distanciamento social que provocaram uma série de conflitos, principalmente se tratando de comunidades já isoladas em alguns aspectos.

Por outro lado, verificou-se a formação de redes de solidariedade, de iniciativas e respostas comunitárias que, como em outros desafios, não somente sanitários, já vividos, são elos fundamentais na construção de respostas que têm nos exigido reflexões constantes (NAKAMURA E SILVA, 2020), refletindo o que aconteceu nesta comunidade que, apesar de todo o estresse, contou com a solidariedade dos moradores, cooperação necessária para enfrentar a minimização da presença dos governos locais.

*Aqui na nossa comunidade, realizamos a confecção de blusas, turbantes e outros artefatos da cultura quilombola junto as mulheres através do “Grupo de Mulheres Sementes do quilombo” que se fortaleceu em 2019, o grupo de crianças que apresentam danças folclóricas como forma de fortalecimento e divulgação da cultura, além do grupo “Abayomi” que empodera os jovens para o surgimento de novas lideranças.  
(Tia Noca, Comunidade de Mangueiras, Salvaterra-PA)*

Todas essas atividades que já vinham sendo realizadas serviram de incentivo para que a comunidade, mesmo isolada continuasse produzindo e gerando resultados ainda que aquém do programado, mas ajudando como forma de terapia já que um dos impactos mais marcantes provocados pela COVID-19 foram os problemas psicológicos que as pessoas passaram a desenvolver em vistas ao isolamento e distanciamento social, medo da contaminação e da morte.

Dessa forma, o tratamento dado a cada situação vivenciada em espaços tão peculiares segundo Freitas, Napimoga e Donalísio (2020) é preciso considerar a heterogeneidade dos indicadores entre diferentes regiões com transmissão, uma vez que esses variam de acordo com ações, rotinas, disponibilidade de suprimentos, estrutura de serviços de saúde e de vigilância, questões culturais e políticas.

No caso de comunidades tradicionais que geralmente se localizam distantes dos centros urbanos, a necessidade de adoção de práticas urgentes e que protegessem os seus moradores foi inevitável e as consequências desse isolamento ainda mais agressivo pôde ser sentido principalmente pelas famílias mais carentes dentro desses núcleos familiares (GOHN, 2019).

Entre os efeitos adversos desse isolamento ainda podemos citar as dificuldades de comercialização de produtos manufaturados, como artesanato e outras obras de arte produzidos pela

comunidade, uma realidade demonstrada também pela pesquisa de Kato, Sousa, Maciel et. al (2021) que entrevistaram comunidades tradicionais de pescadores, quando perguntados sobre os efeitos do isolamento social na frequência de consumo, 50,43% dos respondentes não modificaram a frequência de consumo de pescado. No entanto, uma parcela de 26,92% reduziu o consumo, 4,27% deixaram de consumir o pescado, enquanto 18,38% aumentaram o consumo. Isso significa que de alguma forma, o isolamento social atingiu o sistema de produção adotado por esses indivíduos, enfraquecendo a geração de renda com a prática da pesca e impactando na economia doméstica dessas famílias.

Apesar dos entraves, as lideranças conseguiram se organizar para enfrentar a disseminação do vírus ao conscientizar os moradores, utilizar os recursos oferecidos pela tecnologia e fazer parcerias com organizações como a Coordenação Estadual das Associações de Remanescentes de Quilombos do Estado do Pará (MALUNGU) para obtenção de itens necessários para a proteção, tais como máscara, álcool em gel, sabão, detergente e água sanitária.

*A doação de cestas básicas no início da pandemia foi bem baixa, muitas famílias passaram por muitas dificuldades, umas mais que as outras. Conseguimos doações da prefeitura de Salvaterra, no entanto, a quantidade não atendia a toda comunidade por isso tinha que ser feita uma seleção para ver qual família precisava mais. No segundo momento da pandemia, já no início de 2021 a Fundação Cultural Palmares fez a doação de uma cesta para cada família e já na terceira fase da pandemia no mês de junho/2021 a MALUNGU conseguiu doar 3 cestas básicas para cada família, o que nos trouxe um alívio, principalmente pensando naquelas famílias mais necessitadas.*  
(Tia Noca, Comunidade de Mangueiras, Salvaterra-PA)

Os relatos aqui mencionados foram coletados a partir de fontes secundárias de informação utilizando da ferramenta *Whatsapp* para o envio e recebimento da coleta de dados através de perguntas semiestruturadas no questionário que está presente no ANEXO. Respeitou-se o tempo cedido para a entrega das informações, bem como as falas na íntegra de cada líder comunitária foram reproduzidas aqui na escrita deste artigo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Verificou-se que as lideranças das comunidades remanescentes de quilombos no município de Salvaterra-PA têm uma história de conquistas com relação às melhorias das condições de vida a despeito da existência do que se considera fragilidades como, por exemplo, a atual falta de mobilização por parte do governo local dentro das comunidades, a percepção ainda em construção sobre o empoderamento dos mais antigos e dos mais jovens sobre suas origens e ancestralidade e a

desarticulação entre as lideranças e a violência que ocorre nos arredores do espaço da comunidade como o tráfico de drogas e a violência contra a mulher.

Apesar da existência de potencialidades como os processos de conscientização, organização e diálogo com a comunidade para atingirem alguns objetivos – tais como a divulgação e o fortalecimento dos grupos existentes dentro das comunidades formados e coordenados pelos próprios moradores e sua liderança, grande parte das ações ainda não resultou em uma efetivação de direitos e políticas públicas de saúde, educação, assistência ou cultura.

As precariedades na qualidade de vida na comunidade, que foi acentuada pela pandemia da COVID-19, se colocam como uma corrente impulsionadora para a participação social, pois se torna uma necessidade concreta e urgente a ser instalada efetivamente através das governanças locais.

Apesar dos conflitos apresentados durante o período de pandemia da COVID-19 nas comunidades quilombolas do município de Salvaterra-PA, ressalta-se que a participação das governanças locais vem sendo de fundamental importância para aquisição de insumos e suprimentos para dentro da comunidade de maneira a diminuir os impactos principalmente econômicos trazidos pela pandemia, fortalecendo a união dos moradores.

Este trabalho ainda deixa lacunas com relação ao desenvolvimento de outros temas relacionados ao fenômeno da participação social no período da pandemia, tais como: a superação do assistencialismo (auxílio emergencial); a questão do gênero, tendo em vista o protagonismo das mulheres nesta comunidade; os aspectos que levam à governança local e o papel que o Estado desempenha nas comunidades vulneráveis. Estas questões permanecem como temas de desejável investigação futura com o propósito de contribuir para o necessário enfrentamento das desigualdades dentro de comunidades tradicionais remanescentes de quilombos como as que foram alvo neste estudo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; MELO, Eriki Aleixo de (Org).

**Pandemia e Território.** São Luís: UEMA Edições/PNCSA, 2020.

ARAÚJO, Monica de Nazaré Ferreira de; SIMONIAN, Lígia Terezinha Lopes. Governança ambiental e turismo: a participação de atores no Parque Nacional Tortuguero, Costa Rica. **PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Vol. 14 n° 2. Págs. 319-334. 2016.

AZEVEDO-RAMOS, Claudia; PEZZUTI, Juarez (Org). **Desafios Amazônicos.** Belém: NAEA, 2016.

BREMAEKER, François E. J. de. Estimativas anuais do fundo de participação dos municípios 2022. Maricá: **Observatório de Informações Municipais (OIM)**, 2021. Disponível em:

[http://www.oim.tmunicipal.org.br/abre\\_documento.cfm?arquivo=\\_repositorio/\\_oim/\\_documentos/EC76DE49-EFA0-B79B-15F5E7E7179B20EB19092021093317.pdf&i=3212](http://www.oim.tmunicipal.org.br/abre_documento.cfm?arquivo=_repositorio/_oim/_documentos/EC76DE49-EFA0-B79B-15F5E7E7179B20EB19092021093317.pdf&i=3212). Acesso em: 02 outubro 2021.

Coordenação Estadual das Associações de Remanescentes de Quilombos do Estado do Pará – MALUNGU. Projeto nova cartografia social da Amazônia. Série movimentos sociais, identidades coletivas e conflitos.

**FASCÍCULO 7:** Quilombolas da ilha de Marajó, Belém, 2006.

COSTA, S. L.; CASTRO-SILVA, C. R. Afeto, memória, luta, participação e sentidos de comunidade. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del Rei, v.10, n. 2, p. 283-291, 2015. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n2/06.pdf>. Acesso em: 03 outubro 2021.

DIMENSTEIN, M.; CIRILO NETO, M. Abordagens conceituais da vulnerabilidade no âmbito da saúde e assistência social. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João del-Rei, v. 15, n. 1, e2935, 2020. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v15n1/02.pdf>. Acesso em: 01 outubro 2021.

FREITAS, André Ricardo Ribas; NAPIMOGA, Marcelo; DONALISIO, Maria Rita. Análise da gravidade da pandemia de Covid-19. **Epidemiologia e serviços de saúde: revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, v. 29, n. 2, p. e2020119, 2020a

FAPESPA (Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará). **Relatório sobre a Vulnerabilidade Social no Estado do Pará.** / Diretoria de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas e Análise Conjuntural, disponibilizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Belém, 2015.

GOHN, M. G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais.

**Caderno CRH**, Salvador, v. 32, n. 85, p. 63-81, 2019.

GOMES, Daiane de Oliveira; MADEIRA, Maria Zelma de Araújo; BRANDÃO, Wanessa Nhayara Maria Pereira.

**Justiça racial e direitos humanos dos povos e comunidades tradicionais.** R. Katál., Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 317-326, maio/ago. 2020.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo:** Diário de uma favelada. 10ed. 200p. São Paulo: Ática, 2014.

Shiraishi Neto, Joaquim. **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil:** Declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional. Joaquim Shiraishi Neto, org. Manaus: UEA, 2007.

KATO, Hellen Christina de Almeida; SOUSA, Diego Neves de; MACIEL, Erika da Silva; LIMA, Leandro Kanamaru Franco de; SANTOS, Viviane Rodrigues Verdolin dos; CHICRALA, Patrícia Costa Mochiaro Soares. Efeitos do isolamento social durante a pandemia de Covid-19 na comercialização e no consumo de pescado no Brasil. Palmas, TO: **Embrapa Pesca e Aquicultura**, 2021.

LIFSCHITZ, Javier Alejandro. **Comunidades tradicionais e neocomunidades.** Rio de Janeiro: Contra capa, 2011.

LIMA, Jacob Carlos. Sociologia, processos sociais e pandemia. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (Org.). Cientistas sociais e o coronavírus. São Paulo: **Anpocs**, p.154-158, 2020.

MAIA, Denise da Silva; LOBO, Beatriz de Oliveira Meneguelo. O desenvolvimento da habilidade de solução de problemas interpessoais e a convivência na escola. **Psicologia em Revista.** Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 17-29, abr. 2013.

MARTIN-BARÓ, I. Crítica e libertação na psicologia: estudos psicossociais. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2017.

MONDARDO, Marcos. **Povos indígenas e comunidades tradicionais em tempos de pandemia da COVID-19 no Brasil**: Estratégias de luta e r-existência. Finisterra, LV (115), pp. 81-88, 2020.

RHODES, Roderick Arthur William. La nueva gobernanza: gobernar sin gobiernol. In: A gobernanza hoy: 10 textos de referência. - 1: ed. - Madrid: **Instituto Nacional de Administración Pública**, 99- 122 p. 2005.

SABLAYROLLES, Philippe Jean Louis; PORRO, Noemi Sakiara Miyasaka e OLIVEIRA, Myriam Cyntia Cesar de. Construindo a governança local para a gestão socioambiental na Amazônia. **Revista Retratos de Assentamentos**. Vol. 22 N.2 de 2019.

SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes. Políticas públicas e participação social nas **Reservas Extrativistas amazônicas**: entre avanços, limitações e possibilidades. Vol. 48, novembro 2018. DOI: 10.5380/dma.v48i0.58920. e-ISSN 2176-9109.

NAKAMURA, Eunice; SILVA, Cristiane Gonçalves. O contexto da pandemia do Covid-19: desigualdades sociais, vulnerabilidade e caminhos possíveis. In: GROSSI, M. P.; TONIOL, R. (Org.). Cientistas sociais e o coronavírus. São Paulo: **Anpocs**, p.154-158, 2020.

World Health Organization. Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]. Geneva: **World Health Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/commentaries/detail/criteria-for-releasing-Covid-19-patients-from-isolation>. Acesso em: 28 de setembro 2021.

YAGIU, Hailton; CASTRO-SILVA, Carlos Roberto; EUZEBIOS FILHO, Antonio; MARTIN, Sueli Terezinha Ferrero. Participação social de lideranças comunitárias em um contexto de desigualdade social e no enfrentamento da pandemia da COVID-19: um enfoque psicossocial. **Saúde Sociedade**, 30 (2) 18 Jun 2021.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: Planejamento e métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



## ANEXO



Universidade Federal do Pará  
Núcleo de Altos Estudos Amazônicos  
Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido  
Professora: Dr<sup>a</sup>. Lígia Terezinha Lopes Simonian  
Disciplina: Governança e Instituições Públicas  
Aluna: Luciana Otoni de Souza

### **ROTEIRO DE ENTREVISTA COM LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NA ILHA DE MARAJÓ, MUNICÍPIO DE SALVATERRA-PA Nº famílias (habitantes) que moram na comunidade e principal fonte de renda**

#### **Nome da liderança:**

- 1) Qual a importância das lideranças comunitárias frente as problemáticas enfrentadas pelas comunidades em situações de crise, como as geradas pela COVID-19?
- 2) Quais desses impactos (sociais, ambientais e econômicos) foram/são observados em sua comunidade durante a COVID-19.
  - Fome
  - Diminuição de renda familiar
  - Surgimento de outras doenças. Psicológico
  - Falta de água consumo humano
  - Perda de insumos/produção agrícola (principalmente alimentos), farmácia, banco
  - Dificuldades de acesso a políticas públicas de assistencialismo (auxílio emergencial)
  - Poluição/degradação ambiental (queimadas, contaminação dos rios, igarapés, praias etc)
- 3) Dentre os níveis atingidos de impactos ocasionados pela COVID-19 em sua comunidade, escolha uma das opções:
  - Sem Impacto
  - Baixo Impacto
  - Médio Impacto
  - Alto Impacto
  - Altíssimo Impacto
- 4) Se houve, quais as principais atividades desenvolvidas pela liderança para as comunidades no período de isolamento/distanciamento social.
- 5) Como a liderança classifica a participação da comunidade em projetos desenvolvidos/executados durante a pandemia da COVID-19.
  - Insatisfatória
  - Satisfatória
  - Em construção, PRECISA MELHORIAS

- 6) O isolamento social durante a pandemia da COVID-19 foi um entrave dentro da comunidade?
- Sim. Quais? \_\_\_\_\_
- Não
- 7) As lideranças durante a pandemia da COVID-19 tiveram ajuda/contribuição de alguma instituição, ONG, secretarias do governo etc. para combater os principais impactos causados dentro da comunidade.
- 8) Quanto a imunização da comunidade contra a COVID-19, de que forma a liderança enxerga a adesão das pessoas
- Satisfatória
- Insatisfatória
- Está aumentando o n° de vacinados
- 9) Quais ações estão sendo conduzidas dentro da comunidade, nesse retorno gradual após início da imunização.

Obrigada pela participação!



## GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**“INVENTORES DE AMAZÔNIAS”: A CONSTRUÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985) A PARTIR DA PERSPECTIVA CIENTÍFICA**Tayanná Santos de Jesus Sbrana<sup>1</sup> (IFPA)

Resumo: O presente trabalho apresenta uma interpretação a respeito da construção do desenvolvimento durante a Ditadura Militar (1964-1985) na Amazônia, a partir da perspectiva de cientistas amazônidas situados em instituições de promoção e/ou crítica do desenvolvimento, como a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam), o Banco de Desenvolvimento da Amazônia (BASA S. A.), o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e o Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (Idesp). Partimos da ideia de que foi no regime autoritário iniciado em 1964 que se constituiu, na Amazônia, um consenso em torno do desenvolvimento enquanto necessidade inescapável, que precisaria ser construído pelos esforços mais variados. Os cientistas, partindo das instituições, empreenderam esta tarefa acionando conceitos como região, Amazônia, desenvolvimento e ciência, estabelecendo uma crítica à forma como o Estado brasileiro implementava os chamados grandes projetos na região, concernentes à constituição de um colonialismo interno, instituindo a Amazônia como “o Outro do Brasil”. O pensamento social amazônida do período, tendo como alguns de seus expoentes Clara Martins Pandolfo, Armando Dias Mendes, José Marcelino Monteiro da Costa e Roberto Araújo de Oliveira Santos, estabeleceu críticas e ressignificações dos processos de desenvolvimento, com limites e possibilidades interpretativas. Partindo do campo científico, esses intérpretes do desenvolvimento criaram perspectivas originais a respeito do desenvolvimento, com propostas como a de um “desenvolvimento econômico-ecológico”, da “invenção da Amazônia”, das “florestas de rendimento”, entre outras. O intuito do trabalho é, desse modo, compreender como o estabelecimento de um consenso desenvolvimentista na Amazônia durante a Ditadura Militar, tendo como participantes nessa elaboração cientistas amazônidas, persiste até a atualidade, com suas particularidades, mas, especialmente, sua força, resistindo às críticas e reformulações. O referencial é interdisciplinar, partindo da Historiografia do Desenvolvimento e dialogando com a Análise de Discursos, a Sociologia e a Antropologia do Desenvolvimento, e as fontes são audiovisuais e bibliográficas.

**Palavras-chaves:** Desenvolvimento. Amazônia. Ditadura Militar. Cientistas. Consenso desenvolvimentista.

**INTRODUÇÃO**

A questão do desenvolvimento povoa o imaginário ocidental há bastante tempo. Filho do conceito moderno de progresso, desenvolvimento se tornou, ao longo do século XX, o objetivo das sociedades contemporâneas, tendo como sinônimos outros conceitos também complexos, como modernização, racionalização, futuro, tecnologização, dentre outros (ESTEVA, 1996; ESCOBAR, 2007; SBRANA, 2024). Walter Benjamin (2012), ao interpretar o transcurso histórico ocidental diante dos horrores, apresenta o sentido da história como um misto de progresso e catástrofe, que nos auxilia a compreender a consubstanciação do desenvolvimento enquanto realidade.

Na América Latina, desenvolvimento é sinônimo de classificação social, construção e reconstrução do mundo a partir de divisões arbitrárias, analisadas por Arturo Escobar (2007) como a

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Paragominas, IFPA, Brasil. E-mail: tayanna.sbrana@ifpa.edu.br.

invenção do Terceiro Mundo, que são também fruto da própria invenção do subdesenvolvimento. Para o dito Terceiro Mundo resta, desde então, superar seus problemas de falta de desenvolvimento, e isso leva a uma busca constante por acionamento da Ciência e da Tecnologia enquanto os possíveis remédios para o atraso, a ingerência, a falta de construção de sentido, em suma, de História. São os povos latino-americanos aqueles subalternos, dos quais fala Gayatri Spivaki (2010): sem voz, sem compreensão, à espera sempre de um outro superior a lhes ensinar o caminho. Historicamente, os argumentos ocidentais partindo da Europa tem sido o de que a missão civilizadora deve ser constantemente reeditada, sendo encontrada no presente imediato, enquanto a busca por desenvolvimento.

Falar de desenvolvimento no contexto brasileiro é entender as divisões internas do Brasil, uma delas, a construção da subalternidade amazônica diante dos “desafios do desenvolvimento”. A Amazônia brasileira historicamente tem sido constituída por diferentes agentes enquanto o Outro do Brasil, de acordo com Violeta Refkalefski Loureiro (2019). Esse outro precisa ser iniciado na senda desenvolvimentista, educado, transformado, em suma, melhorado. O aprimoramento do outro passa pela mudança radical da própria realidade que é, intrinsecamente, pobre, indouta, a-histórica, nos discursos de muitos intérpretes da Amazônia. O ser amazônica é ontologicamente inferior e somente o desenvolvimento pode salvá-lo de seus próprios não-caminhos.

Este trabalho apresentará resultados de extensa pesquisa a respeito da constituição do consenso desenvolvimentista na Amazônica, especificamente a contribuição de cientistas amazônicos situados em instituições de promoção e/ou crítica ao desenvolvimento nessa construção durante a Ditadura Militar brasileira. Tais intérpretes, formando uma complexa geração intelectual, construíram análises, debateram os problemas do desenvolvimento nacional e regional, elaboraram propostas e, em grande medida, insistiram na questão do desenvolvimento ao longo do tempo, acompanhando a discussão internacional e nacional, desenhando propostas inovadoras e também reinterpretando propostas antigas.

Nossa proposta concentra-se em apresentar alguns dos acionamentos discursivos empreendidos por Armando Dias Mendes, Clara Martins Pandolfo, José Marcelino Monteiro da Costa e Roberto Araújo de Oliveira Santos, em suas passagens pelas instituições SUDAM (Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia), NAEA (Núcleo de Altos Estudos Amazônicos), BASA (Banco de Desenvolvimento da Amazônia S. A.) e Idesp (Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará), a respeito do conceito de desenvolvimento. Esses discursos, interpretado a partir da Análise de Discursos (PETIT, 2003), advêm de fontes bibliográficas como relatórios técnicos, obras autorais, laudos, entrevistas na mídia jornalística impressa, palestras, etc., e também

de entrevistas realizadas pela autora com pessoas que conviveram com os cientistas, como seus parentes próximos, ex estudantes e ex colegas de trabalho.

## **CONTEXTO**

Alinhando nosso estudo aos dados apreendidos nas entrevistas com pessoas que conviveram com os cientistas aqui analisados ou que possuem conhecimento a respeito de suas construções intelectuais, interpretaremos os escritos de Pandolfo, Mendes, Costa e Santos como inseridos no que denominamos de uma *geração intelectual*. Consideramos enquanto tal um grupo de pessoas que possuem divergências e convergências em relação ao sentido de uma época, inseridas num mesmo grupo ou relacionando-se intelectual e/ou laboralmente entre si, tendo como foco um tema comum, abordado por diferentes perspectivas. No caso em estudo, Clara Martins Pandolfo, Armando Dias Mendes, José Marcelino Monteiro da Costa e Roberto Araújo de Oliveira Santos, embora com diferentes formações e períodos distintos de atuação, encontraram-se em um momento específico de construção de sentidos – a Ditadura Militar – e possibilitaram a constituição do que pode ser denominado como um pensamento social amazônida a respeito do desenvolvimento. Esses cientistas formaram uma geração intelectual porque construíram, de forma convergente, uma interpretação que se alinhava em diversos momentos, pensando o desenvolvimento de uma forma parecida, embora com distintos enfoques: em grande sentido, a Amazônia deveria ser desenvolvida, mas isso seria realizado a partir dos anseios amazônicos, e não os do Brasil central ou o centro de irradiação do poder no período – região Centro-Sul.

Para compreender essa geração intelectual, precisamos interpretar os cientistas em diferentes escalas, desde sua atuação profissional nas instituições de promoção e/ou crítica ao desenvolvimento até o campo geral do pensamento sobre o desenvolvimento que vigia à época. Não se trata, reiteramos, de uma glorificação do gênio individual de pessoas posicionadas no campo científico, haja vista nossa perspectiva crítica em relação inclusive à construção científica vigente na Ditadura Militar, nem uma interpretação que identifica pessoas “à frente de seu tempo”, já que, como historiadores, entendemos que não há essa existência singular, pois as pessoas estão temporalmente condicionadas aos elementos de seu lugar social, de sua época. São agentes que constroem um conhecimento amazônida a respeito do desenvolvimento, cujas perspectivas assumem um lugar de geração e são irradiadas por um bom tempo, com reflexos até a atualidade. Sua atuação indica, em linhas gerais, como os cientistas estavam implicados na construção do desenvolvimento durante a Ditadura Militar, tornando possível a legitimação social do desenvolvimento por meio da construção do *consenso desenvolvimentista*.

Durante o século XX esteve em vigor um projeto geopolítico brasileiro que tinha como ação central uma ordenação territorial a partir das noções de utilidade e técnica, protagonizado por ensaístas, geógrafos, militares, economistas, tecnocratas, administradores, muitas vezes, sem preocupações de cunho teórico e em outras assumindo “uma certa importância no rol das ciências” (BONFIM, 2010). Alguns discursos antigos persistem, como a *Marcha para o Oeste*, vigente desde os anos 1920 até 1940, evocados por pensadores como Oliveira Vianna, passando pela Cepal e pelo ISEB, nos anos 1950, e sendo amplamente difundido durante a Ditadura Militar. O Estado brasileiro, ao construir e organizar a ocupação dos chamados espaços vazios, um deles o mítico sertão, avançou em direção à Amazônia brasileira e, desde então, persistiu nesse espaço como agente de transformação da realidade social – especialmente a violenta transformação advinda do desenvolvimentismo consubstanciado pelos grandes projetos.

Durante a segunda metade do século XX, no Brasil e na Amazônia, de modo geral, foi atribuída uma importância à utilização do espaço e sua valorização econômica. O espaço regional, ao longo do tempo, adquiriu seu valor a partir do processo de regionalização e, ainda, da transformação da natureza em um recurso, portanto, uma mercadoria – transformação característica da instituição do desenvolvimento como necessidade incontornável ao longo do último século. Segundo Bomfim (2010), o atributo do sertão, que se desloca discursivamente, inclusive tornado Amazônia, é o do discurso valorativo, variando conforme distintos interesses em confronto. De forma geral, é um espaço em constante disputa, como objeto de movimento expansionista, enquanto “áreas de soberania incerta, imprecisa ou meramente formal”. Nesse sentido, “o *sertão amazônico*” é metodologicamente categorizado como uma “região de estágio de desenvolvimento pré-industrial, de larga extensão territorial ‘não homogênea’, isolado geograficamente e ligado de maneira débil ao ‘sistema econômico nacional’” (BONFIM, 2010: 15). O autor aponta, ainda, que a Amazônia é apresentada como ideologia geográfica, em condição quase mítica, “relacionada a um imaginário segundo o qual a América Latina seria a porção do espaço mais apta para o florescimento de uma nova humanidade” (BONFIM, 2010: 15).

O debate a respeito da Amazônia enquanto objeto de ação do Estado esteve configurado de diferentes formas, remetendo a imagens advindas de diferentes períodos históricos (PORTO GONÇALVES, 2015). Durante a segunda metade do século XX, conforme Bomfim, a Amazônia era compreendida como uma área de apreensão geopolítica, necessitando da efetiva presença do Estado, mediante os anseios de segurança nacional e desenvolvimento, pela ocupação dos seus “vazios” e sua dinamização econômica. Era o período do “Brasil Potência” e, sob essa retórica, a Amazônia seria uma fronteira de recursos, em um cenário de grandes vantagens comparativas (PETIT, 2018).

Conforme Bomfim, dois autores influenciaram a forma de atuação do Estado na Amazônia, nos termos do planejamento do desenvolvimento: John Friedmann, com a obra *Introdução ao planejamento regional (com ênfase espacial à Amazônia)* (1960), e François Perroux, a partir da teoria dos polos de desenvolvimento, apresentada em sua obra *A economia do século XX* (1967). Especialmente o segundo, para nosso trabalho, é notado no pensamento de José Marcelino Monteiro da Costa, conforme Costa (2023), contudo, não é possível mensurar com precisão todas as influências que condicionavam a atuação dos cientistas estudados, já que além dos seus escritos teóricos, ensaísticos, relatoriais e técnicos, há um conjunto de leituras e interpretações que derivam de suas interlocuções que nem sempre estão registradas em fontes escritas e audiovisuais. Como bem sabemos, a completude e complexidade de uma trajetória só é parcialmente apreendida pela análise historiográfica, devido ao caráter passageiro da temporalidade histórica e, especialmente, aos limites de nossa compreensão historiadora (CERTEAU, 2013).

Friedmann tinha por objetivo fornecer subsídios para o planejamento da região amazônica em sua obra, contudo, sua análise possuía um “viés bastante irrealista”, sendo uma proposta vaga, baseada em *condições sociais do progresso econômico*. Para Bomfim (2010: 16),

entre essas condições, mencione-se a motivação de contar com um número suficiente de empreendedores ‘dispostos a arriscar’ seus capitais, preocupados com a educação para a dominação da natureza mediante um ‘esforço consciente’ e com garantia de acesso à saúde, mobilidade social, mobilidade geográfica, propriedade e administração, ou seja, bom funcionamento da burocracia, o que significava maior responsabilidade social [...]. De acordo com o autor, a penetração do Estado na Amazônia, como ‘espaço vazio’, deveria começar por áreas dessa região em ‘estado de desenvolvimento mais adiantado’.

Os centros urbanos deveriam ser fortalecidos para alcançar o interior, considerado como área isolada de desenvolvimento, uma área que necessitava ser ligada às cidades maiores e às cidades circundantes, já que essa área, devido ao seu isolamento, era difícil de atingir. As cidades seriam os “pontos básicos”, e por meio delas se conseguiria a realização do *progresso regional*. Nessa perspectiva, a Amazônia seria uma *região de integração*, com sua formação orientada por atividades sociais e econômicas que se direcionariam para a cidade enquanto centro. Definia para a Amazônia as formas de obtenção dessa assimilação sistemática, iniciando pela orientação dos fluxos viários, a saber, no eixo Belém-Brasília/Amazônia Oriental se implementaria uma ocupação por fazendas de gado e colônias agropecuárias (BONFIM, 2010).

Ao longo do tempo, a opção pelos chamados grandes projetos se torna mais nítida, configurada na implementação do I, II e III Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), traduzidos regionalmente pelo I, II e III Plano de Desenvolvimento da Amazônia (PDA). É interessante destacar,

seguindo a argumentação de Bomfim, que Clara Pandolfo, pessoa que durante bom tempo foi diretora de Recursos Naturais da Sudam, em uma conferência pronunciada na Câmara dos Deputados em 6 de maio de 1975, apontava o caminho dos grandes projetos e da captação de recursos advindos de políticas de grande aporte para a Região Norte, já que a região passava por uma mudança de perfil econômico, entendendo que as terras amazônicas, devido às suas necessidades de manejo, não estariam acessíveis aos pequenos produtores, como os ribeirinhos, sendo necessário pensar um *novo modelo de ocupação*. Agora seria o momento da penetração das grandes multinacionais na região, com seu *know-how* e capital para desenvolver, abrindo totalmente o campo de ação para o capital internacional.

À luz desse contexto, persigamos algumas das formas pelas quais os cientistas buscaram contribuir para o processo de desenvolvimento na Amazônia, bem como suas definições deste conceito.

### **POVOANDO O DESENVOLVIMENTO**

No decorrer do período, a categoria *desenvolvimento* passou por um povoamento de sentidos<sup>2</sup>. O que era desenvolver, para os cientistas? Conforme Lúcio Flávio Pinto (2023), Mendes, Pandolfo, Costa e Santos entendiam o desenvolvimento conforme os agentes da Ditadura o interpretavam: desenvolvimento econômico, no sentido de que a transformação da Amazônia, estagnada enquanto “região-problema”, deveria ser transformada mediante a constituição de projetos agrícolas, industriais, infraestruturais, em suma, pelo *grande projeto* ocorreria a construção de uma Amazônia desenvolvida<sup>3</sup>.

Apesar de autores como Mendes e Santos afirmarem que o espaço não era vazio, inclusive argumentando de forma veemente contra a representação antiga do vazio demográfico amazônico, suas interpretações convergiam com a visão geral do regime autoritário, pois era preciso transformar, *inventar* a Amazônia, inseri-la nos caminhos do novo século. E o século XXI, que se avizinhava, seria o século do desenvolvimento, tendo como sinônimos a tecnologia e a riqueza, todos signos alinhados à superação do subdesenvolvimento – objeto central da disputa narrativa de Monteiro da Costa – e à revelação das potencialidades amazônicas – objetivo crucial para Pandolfo.

Não havia uma compreensão do espaço amazônico enquanto povoado por diferentes grupos sociais, especialmente povos indígenas, comunidades negras – posteriormente classificadas

---

<sup>2</sup> Essa expressão remete à análise de Manuela Carneiro da Cunha e Mauro B. Almeida (2009) a respeito do processo de constituição da categoria povos e comunidades tradicionais. Nos apropriamos dessa elaboração para tentar entender como uma categoria externa – *desenvolvimento* – foi preenchida pelas categorias locais de sentido.

<sup>3</sup> Ao utilizar esses termos, importante frisar que não concordamos com as definições dos agentes ditatoriais. Apenas estamos reproduzindo algumas delas para operá-las criticamente.

como quilombolas –, nem ribeirinhos ou camponeses. A Amazônia possuía *recursos* para a construção do desenvolvimento, mas nenhum deles envolvia inserir as populações alvo dos grandes projetos como protagonistas desse processo. De forma geral, os protagonistas estavam nos espaços de construção do saber acadêmico e científico, nas instituições de construção do desenvolvimento, nos espaços decisórios do poder político e empresarial, mas não no campo, na floresta, na beira dos rios, enfim, nos espaços amazônicos. Aí estava o limite da construção do desenvolvimento amazônico: para os cientistas, em diferentes elaborações intelectuais, era preciso construir um desenvolvimento a partir dos interesses dos sujeitos amazônicos, mas essa definição possuía restrições, já que não incluía as pessoas que, na classificação social vigente, eram entendidos como *cidadãos de quarta ou quinta categoria*. A título de exemplo, José Marcelino Monteiro da Costa (2004: 507) criticava o que chamava de uma “tentativa, enigmática e esdrúxula, de outorga de soberania à chamada ‘nação ianomâmi’”.

Notamos, por exemplo, que nas descrições geográficas do espaço amazônico não há menções a territórios habitados por indígenas – e aqui cabe uma observação: o debate a respeito da proteção ambiental que, em algum momento, resvalaria na proteção dos povos indígenas, não era inexistente entre as décadas de 1960, 1970 e 1980, período ditatorial brasileiro. Os limites impostos pelo regime autoritário, como bem sabemos, não permitiam que pessoas como os quatro cientistas aqui estudados, elaborassem críticas ao regime sem que isso levasse a retaliações, o que amplia nossa compreensão a respeito da ausência desses elementos de crítica nos escritos dos cientistas.

Contudo, o debate existia mundialmente e nacionalmente. Clara Pandolfo, por exemplo, foi uma pessoa que elaborava sentidos baseada numa interpretação da Ecologia que demonstrava sua compreensão do debate ambiental existente, especialmente as querelas entre preservacionistas e conservacionistas que surgem com maior força na década de 1970 (ALLIER, 2011). Lembremos que, conforme Sant’Ana Júnior (2023), a Ditadura embargou o debate ambiental no Brasil por muito tempo, aliada à perspectiva de conquista do desenvolvimento mediante processos que estavam sendo recusados no mundo dito desenvolvido.

É nos textos de Roberto Santos que encontramos uma única menção à Ditadura Militar enquanto “regime autoritário”, e uma análise dos problemas amazônicos relacionando-os aos conflitos fundiários, o que nos habilita a entender o teor de seus escritos. Havia uma crítica à falta de protagonismo dos sujeitos amazônidas na condução de seu processo de desenvolvimento, mas não uma elaboração a respeito de quem seriam esses sujeitos, o que, ao longo dos escritos, nos é esclarecido pela ausência de menções às populações-alvo da transformação desenvolvimentista. A ausência de indígenas, ribeirinhos, camponeses, extrativistas nos fala pelo silenciamento: não eram

essas as pessoas que deveriam decidir o tipo de desenvolvimento da Amazônia, mas sim, aqueles agentes inseridos na categoria de *recursos humanos de mais alto nível*, já que, durante a Ditadura Militar, imperava uma concepção de que era pelos tecnocratas que seriam construídos os processos de desenvolvimento (PINTO, 2021).

Para Roberto Santos (1980: 306), “o problema do desenvolvimento da Amazônia estava estruturalmente ligado ao problema brasileiro desde 1823, e o país tinha suas próprias prioridades políticas”, ainda que estivessem nos espaços decisórios do poder diversos representantes políticos amazônidas. Era, em suma, o desenvolvimento nacional, e não amazônico, que estava na ordem do dia durante a Ditadura Militar – e, segundo o cientista, essa lógica era contínua, renovando-se a cada novo momento histórico.

Conforme o autor, se fosse possível implementar o desenvolvimento na Amazônia, deveria ser um *desenvolvimento econômico-social*, um “processo autógeno, supondo um mínimo de circulação e apropriação de conhecimentos” (SANTOS, 1979a: 135). A esse respeito, apontava que havia uma indiferenciação na população ou massa rural, seguindo os seus termos, tendo como único fundo comum a sua força de trabalho, ou seja, tal população não conseguia internalizar os avanços técnicos e econômicos vigentes no período, o que impedia sua condução de um processo próprio de desenvolvimento. É como se houvesse um desencaixe entre os fenômenos realmente existentes e ligados à fixação do desenvolvimento na Amazônia e, localmente, no Pará, e a participação da população nesses processos. Não havia, portanto, uma contribuição real dos modernos empreendimentos na vida dessas pessoas, já que “tais empreendimentos se comportam como ilhas ou enclaves, face à ausência de difusão dos próprios efeitos sobre parcela importante da massa” (SANTOS, 1979a).

Diante dos empreendimentos, que o autor dividia entre modernos e tradicionais<sup>4</sup>, a população trabalhadora continuava uma “massa indefinida, instável, em permanente oferta”, sendo que boa parte deles estaria de fora do “potencial arregimentável” pelos empreendimentos (SANTOS, 1979a: 137). A regra, portanto, seria a da incerteza, já que tais grupos de trabalhadores, inadequados às demandas modernas e tradicionais do desenvolvimento, não se encaixavam no processo em curso. Muitos eram parte de um grupo “bastante móvel, sem garantia de permanência no emprego, sujeito aos riscos das safras e ao acaso das oportunidades” (SANTOS, 1979a: 138). A instabilidade, conseqüentemente, gerava disputas em torno da terra, conformando “as disputas em torno da

---

<sup>4</sup> Os modernos eram a “grande empresa agropecuária ou madeireira beneficiária de incentivos fiscais da União, empresa agropecuária, menor que a anterior, não beneficiária de incentivos, e empresa de construção rodoviária”, e os tradicionais eram “o comerciante ou outro ‘aviador’ tradicional, inclusive o ‘geleiro’, e a unidade extrativista tradicional” (SANTOS, 1979).

propriedade, as grilagens, as compras forçadas e a expulsão física” como “parte da nova história do mundo rural paraense” (SANTOS, 1979a: 139).

Os espaços decisórios nacionais e regionais não eram ocupados pelas chamadas populações locais, e muito menos tais grupos faziam parte da tecnocracia. É sintomático que em poucos momentos os cientistas falam de conflitos que estavam ocorrendo durante toda a Ditadura Militar. Havia uma guerra na Amazônia, no campo e na cidade, mas a disputa onde os cientistas se inseriam era a disputa pelo desenvolvimento, o que aparentemente pode indicar que são situações dissociadas. Compreendemos que a luta pelo desenvolvimento fomentava os conflitos e os envolvia pois, no âmago dos fenômenos, o autoritarismo do Regime permitia a construção do desenvolvimento.

E mesmo as construções interpretativas dos cientistas pertencentes à tecnocracia regional não eram consideradas enquanto válidas pelos agentes da Ditadura Militar. Em 1979 avizinhava-se o momento em que o Regime enfim sucumbiria e uma série de protestos contra as violações dos direitos humanos se tornava cada vez mais visível. O Estado autoritário passou a buscar forma de contornar a crise generalizada, adequando-se às discussões que aconteciam internacionalmente como, por exemplo, o denominado debate ambiental. As instituições de construção e/ou crítica ao desenvolvimento passaram a ser chamadas para contribuir na formulação das diretrizes para implementação do desenvolvimento, constituindo-se uma legitimidade social a órgãos como o NAEA e seus pesquisadores.

Em 1979 foi criado um grupo interministerial para elaborar medidas de reformulação da política florestal brasileira, tendo como foco a Amazônia. No Pará, pesquisadores do NAEA forneceram subsídios para o anteprojeto de lei produzido pelo grupo interministerial e Roberto Araújo de Oliveira Santos elaborou uma palestra, depois publicada com o título *A política florestal para a Amazônia e o projeto interministerial* (1979a), que apresentava considerações sobre as formas de exploração da Floresta Amazônica, bem como a condução do desenvolvimento.

Segundo Santos, os pesquisadores do NAEA construíram quatro teses básicas para subsidiar o anteprojeto:

1ª Toda exploração de recursos naturais da Amazônia deve estar subordinada aos interesses ecológicos e às aptidões das diferentes zonas que compõem o complexo regional. É a tese do zoneamento;

2ª A extração, o transporte e o comércio de madeiras brutas devem ser entregues a um organismo estatal que, em regime de monopólio e guiado por critérios conservacionistas, realize a exploração racional da floresta e execute os programas de reflorestamento. É a tese do monopólio estatal;

3ª Deve ser sustada toda transferência de terras públicas para o patrimônio particular na Amazônia, instituindo-se imediatamente o sistema de arrendamento social das terras devolutas da região – para o que se promoverá a modificação do Estatuto da Terra (tese do *arrendamento social*);

4ª Em toda medida de política florestal ou fundiária na Amazônia deve predominar o princípio do respeito intransigente aos direitos dos indígenas, pequenos lavradores e posseiros. É a tese do *respeito à posse do pequeno* (SANTOSA, 1979: 24).

A tese do zoneamento, conforme o cientista, havia sido amplamente aceita pelo Governo, caracterizando-se a proposta de um zoneamento econômico-ecológico da Amazônia para fins de desenvolvimento, a partir da atuação dos técnicos da Sudam. O problema consistia, contudo, na falta de acordo quanto a quais os tipos de atividades para cada zona, gerando embates principalmente em torno da atividade pecuária. O argumento de Clara Martins Pandolfo, por sua vez, é visível no documento escrito por Santos, apontando a destinação da pecuária para solos de cerrados, cerradões e campos naturais, das culturas temporárias para terras de várzea e manchas férteis dos solos de terra firme e das culturas permanentes para áreas menos férteis da terra firme, o que demonstra um diálogo entre os cientistas das instituições de promoção e/ou crítica ao desenvolvimento, bem como a divulgação de suas ideias entre a comunidade científica paraense.

Contudo, queixava-se Roberto Santos que havia grande relutância do governo em implementar uma reforma no Código Florestal brasileiro, e também porque a tese do monopólio estatal da exploração madeireira não havia sido aceita, já que melindrava sentimentos ligados aos acordos entre Estado e empresa privada na exploração da floresta e na condução do desenvolvimento. Lúcio Flávio Pinto (2023) afirma que durante a Ditadura Militar, a Amazônia foi completamente entregue à chamada iniciativa privada, e isso gerou a continuidade dos conflitos no campo, ampliando a violência. No período de escrita do documento, Santos relatava que ao longo de vinte anos se experimentava o problema “das relações entre planejamento governamental e sistema privado de poder” (1979b: 25). Nesse sentido,

[...] na Amazônia é [...] o sistema privado de poder [que] tem conseguido, ao longo desses anos, quase sempre e de maneira muito importante, redirecionar o planejamento governamental em seu próprio benefício, ou evitando a aplicação dos planos governamentais, ou de alguma forma modificando-os na prática, de maneira a atender interesses particulares de grupos ou classes (SANTOS, 1979b: 25).

Roberto Santos observava, no final dos anos 1970, o risco que corria a Amazônia, nela inclusa sua população, diante da possibilidade de uma larga procura por madeiras pelos países desenvolvidos que haviam esgotado suas reservas. Para ele, poderia se reproduzir algo semelhante a uma corrida pelo ouro e a experiência histórica do autor, bem como sua análise da histórica

econômica da Amazônia, o habilitavam a elaborar uma advertência, inclusive demonstrando sua insatisfação com a forma com que os agentes da Ditadura vinham conduzindo o processo desenvolvimentista na região: não havia diálogo com os representantes locais da tecnocracia e da própria intelectualidade, ainda que fossem chamados a contribuir na construção da legislação, dos planos e projetos de desenvolvimento. Suas recomendações eram parcialmente aceitas, ou nem eram vislumbradas, o que se apresenta, para nós, como mais um dos aspectos do desenvolvimento no período. O diálogo não era possível porque não havia o entendimento de que os cientistas amazônidas estavam à altura da tecnocracia da Ditadura, ao ponto de serem escutados em suas elaborações de sentido. A ciência amazônida não estava à altura da ciência desenvolvida – e isso é um sintoma do colonialismo interno.

Durante a Ditadura Militar, nas décadas de 1960 e 1970 imperava um significado geral para desenvolvimento, associado à sua faceta econômica. Desenvolvimento, nessas décadas, adquire o sentido de melhoramento das realidades, de construção de novas situações que promoverão a passagem de um estágio inferior de sociedades para um estágio superior. O desenvolvimento econômico, portanto, é a categoria geral e empregada. Porém, da segunda metade dos anos 1970 à década de 1980, passou a vigorar o desenvolvimento sustentável como categoria desejável, e então foram incorporadas as chamadas discussões ecológicas no planejamento do desenvolvimento.

A diferença entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento sustentável é que, no primeiro, o planejamento em bases econômicas, tendo como transfundo a industrialização, a urbanização e a constituição de aparato infra estrutural para o escoamento de produtos advindos da exploração dos chamados recursos naturais não são compreendidos como compatível com uma preservação dos elementos da natureza. Não há, no conceito de desenvolvimento econômico, uma preocupação em manter a oferta renovada de recursos naturais mediante práticas como reciclagem, reflorestamento, controle de desmatamentos e mitigação de impactos – somente no final da Ditadura Militar e períodos seguintes, inclusive, esse termo será uma constante, com a criação do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), em 1981<sup>5</sup>, e do SNUC, nos anos 2000. No segundo conceito, desenvolvimento sustentável, se instaura uma possibilidade que compatibiliza a vigência da produção de riquezas e a preservação dos recursos, considerando sua sustentação ao longo do tempo, para prover os países e suas respectivas populações dos mecanismos de sobrevivência, mesmo com a continuidade dos modelos de desenvolvimento.

---

<sup>5</sup> Pela Lei Federal nº 6.938 de 31 de agosto 1981. O Conama é o órgão colegiado brasileiro responsável pela adoção de medidas de natureza consultiva e deliberativa acerca do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Disponível em: [192](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16938.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%206.938%2C%20DE%2031%20DE%20AGO%20DE%201981&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20Pol%C3%ADtica%20Nacional,aplica%C3%A7%C3%A3o%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 02 dez. 2023).</a></p></div><div data-bbox=)

As maneiras como esses conceitos e seus respectivos debates foram recebidos regionalmente remetem às relações entre centro e periferia, em escala regional e global. Embora não existisse ainda a definição “desenvolvimento sustentável”, já em 1979 Clara Pandolfo construía uma percepção segundo a qual a exploração madeireira precisaria ser efetuada mediante reservas florestais específicas, as *florestas de rendimento*. Para tanto, acionava uma preocupação ecológica segundo a qual a melhor saída para o desgaste provocado pela exploração florestal em larga escala seria o contraponto das florestas de rendimento a serem criadas pelo Estado, com ampla participação da iniciativa privada.

Entretanto, o processo de desenvolvimento preconizado pela cientista, em muitos aspectos, possuía características coloniais, já que previa a atração da grande empresa e a constituição de monocultivos, como a dendeicultura<sup>6</sup>. Para Lúcio Flávio Pinto (2023),

o Pará é um dos maiores produtores do óleo de dendê. A cultura que se estabeleceu na base da substituição da floresta nativa diversificada para uma floresta homogênea e exótica. Essa é a incursão mais profunda que se teve na Floresta Amazônica. As outras são: substituir a floresta por pasto e substituir a floresta por plantio de soja.

Nas fontes analisadas, os cientistas acompanham, ao longo do tempo, esses debates, reproduzindo as definições de desenvolvimento conforme a época de escrita da fonte ou também adicionando suas definições próprias. Em 1979, na obra organizada por José Marcelino Monteiro da Costa, Armando Dias Mendes (1979: 15) afirma que “qualquer programação de desenvolvimento aspira, em princípio, à melhoria do bem-estar dos seres humanos que compõem uma nação, ou uma região dentro desta, ou uma comunidade no contexto nacional”, sendo qualquer plano de desenvolvimento, “uma declaração de boas intenções”. A este argumento, em tom profético, adiciona que “é preciso cuidar que [às boas intenções] não se acrescentem as suas similares que, segundo alguns teólogos, pavimentam o inferno”.

O autor percebia que, naquele período, havia uma interpretação geral de que o desenvolvimento possuía uma “conotação indesejável de mero aproveitamento de recursos naturais” (MENDES, 1979: 16), mas que já se processava um movimento de centralização do ser humano como a medida de todas as coisas, ou seja, a própria definição de desenvolvimento econômico passava por transformações. Sua escrita se dirigia à produção de um argumento persuasivo, buscando trazer para o debate a centralidade da Amazônia. Nesse sentido, produzir o desenvolvimento de “uma região

---

<sup>6</sup> Os resultados da inserção da dendeicultura ou produção de óleo de Palma no Pará são conflituosos, alguns deles analisados por Maria da Paz Corrêa Saavedra, na dissertação de mestrado intitulada *O “ir” para o assalariamento na agroindústria do dendê e o “voltar” para a comunidade quilombola: o caso de Santo Antônio em Concórdia do Pará* (SAAVEDRA, 2017).

como a Amazônia não se pode[ria] reduzir, por conseguinte, à retirada maciça dos recursos do subsolo [...], nem, por igual, à adequada utilização dos seus recursos agrícolas, ou dos energéticos, e assim por diante. Será isto e algo mais” (MENDES, 1979: 16). Desse modo, não negava a validade do desenvolvimento e do padrão vigente de extração de recursos, mas entendia que seria necessário ir além desse padrão, o que aprofundou ao longo de suas obras, chegando, nos anos 1990, a incorporar-se ao debate em torno da construção do chamado desenvolvimento sustentável.

O “algo mais” do desenvolvimento econômico estava relacionado a proporcionar ao “homem real” as “condições para um nível de vida econômica, social, cultural e espiritualmente mais digno” (MENDES, 1979: 17), ou seja, centralizar no ser humano o objeto do desenvolvimento. Um ser humano que precisaria ser conseqüentemente transformado em ser desenvolvido e, portanto, partilhar dos sentidos que o planejamento do desenvolvimento direcionava para si. Tais sentidos eram antigos, porém renovados, já que remetiam ao projeto iluminista de guiar as sociedades para uma construção ideal de liberdade e autonomia. Dessa forma, o desenvolvimento econômico, enquanto conceito balizador da intervenção federal na Amazônia, notadamente carregava o sentido do progresso, traduzido nos termos da integração de populações apartadas à nova era de riquezas e transformações: “o homem é o fim do desenvolvimento – ou deve sê-lo. Os recursos são instrumentos para isso” (MENDES, 1979: 31). Para Mendes, as intenções do Governo, no período, eram boas, pois estavam construindo uma “utopia realista”, interpretação elaborada por John Friedmann, uma das referências mais citadas por todos os cientistas aqui analisados. Se as intenções do Governo eram boas, planejar seria então um “ato de sonho e amor” (MENDES, 1979: 34).

Em grande medida, esta visão que positivava as ações do Governo Federal na Amazônia durante a Ditadura Militar também é encontrada nos escritos de José Marcelino Monteiro da Costa, o que, por outro lado, não nos permite caracterizar a sua escrita como elogiosa. Diferente disso, ele também tece duras críticas em relação à forma como o Governo Federal conduzia o desenvolvimento na Amazônia efetuada pelo Governo Federal, especialmente quando afirmava que “[...] o problema não se pode cingir à adoção de uma postura simplista de que o desenvolvimento regional será a óbvia decorrência da canalização de mais recursos ou incentivos para os setores modernos vinculados à exportação” (COSTA, 1979: 69). Em sua visão, deveria haver uma integração de objetivos nacionais e regionais que seria conseqüência da integração da Amazônia ao esquema de promoção do desenvolvimento sem estar em uma posição inferior.

Por integração, Costa entendia como as “políticas e coordenadas comuns, em uma escala suficiente para assegurar que os objetivos econômicos essenciais e de bem-estar sejam alcançados” (COSTA, 1979: 72). Em seu escrito, o autor não traz uma definição de desenvolvimento, comparado

com os textos dos demais cientistas, contudo, apresenta ideias que, a nosso ver, são componentes do desenvolvimento, como o *planejamento racional*, a *integração* e o *aproveitamento de recursos*, todas inseridas na já referida estratégia de revelação das potencialidades amazônicas. Para o cientista, o desenvolvimento vigente “depend[ia] em altíssimo nível [do] componente tecnológico” (COSTA, 1979: 85) e, portanto, seria necessário criar trabalhadores capazes de produzir tecnologia na Amazônia, a partir de uma exploração racional dos recursos. E, a esse respeito, indicava que a “racionalidade prevalecente no processo de desenvolvimento”, seja em “economias de industrialização madura”, ou em “recentes experiências retardatárias de industrialização”, deveria ser a de “corrigir distorções econômico-territoriais” (COSTA, 2004: 495).

Para ele, contudo, persistia na época

um acentuado saíbo de ceticismo, dado o grande dilema quanto à efetivação do uso e aproveitamento dos recursos naturais conciliáveis com a valorização do homem regional, ao atentar-se, *mutatis mutandis*, para as funções perspectivas que historicamente a região estará fadada a desempenhar, de forma essencialmente complementar, em consonância com a evolução e as contradições inerentes à viabilização do processo de acumulação do polo dinâmico industrial nacional (COSTA, 1979: 88).

Em 1979, Clara Pandolfo definia o desenvolvimento regional a ser promovido mediante “um planejamento integrado de ordenamento racional do território, dentro de princípios de conservação de espaços vocacionais quanto à utilização e estratégicos quanto ao desenvolvimento, isto é, servindo à economia sem violentar as condições naturais” (PANDOLFO, 1979: 05). Sua proposta de Florestas de Rendimento, nesse sentido, associava-se a essa noção de *ordenamento racional do território e conservação de espaços vocacionais* sem ataques às condições naturais. Como uma agente da Sudam, sua definição de desenvolvimento estava alinhada à missão institucional da Superintendência de promover a ocupação econômica da Amazônia e integrá-la ao ritmo de progresso do país, partilhando de uma estratégia governamental de promoção do desenvolvimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Incontáveis são as propostas para a construção de um desenvolvimento amazônida. As mais relevantes, conforme o que apreendemos durante a análise das fontes são as da *(re)invenção da Amazônia* e a do *desenvolvimento racional com enfoque econômico-ecológico*, representadas por Armando Dias Mendes e por Clara Martins Pandolfo – talvez essas as duas visões com maior incidência na consolidação do pensamento social amazônida sobre o desenvolvimento, que será relevante ao longo do tempo para a construção do consenso desenvolvimentista.

A luta pelo desenvolvimento, empreendida pelos quatro cientistas em suas respectivas frentes, apresentava um componente importantíssimo para compreendermos como o consenso desenvolvimentista foi construído durante a Ditadura Militar na Amazônia. Esse componente está relacionado à matéria da duração temporal, das temporalidades que habitam a construção histórica de sentidos. Destacamos que a produção do desenvolvimento passa pela construção de um sentido único que aciona diferentes saberes identificados como os únicos existentes. Essa produção processa um apagamento, que é notável no contexto aqui analisado: há uma produção de esquecimento dos elementos que formam o território amazônico – e aqui estamos falando de território para unir as fronteiras, o espaço físico, o espaço simbólico, as construções variadas que os agentes empreendem ao habitar um lugar (HAESBAERT, 2021).

Nos longos inventários de potencialidades amazônicas há a produção de um apagamento que percebemos com uma característica do desenvolvimento. O Estado, para esse fim, precisa de dados objetivos a respeito da região, numa clara estratégia de espacialização do poder. Esses dados, considerados também neutros, são números, não pessoas. Não havia, durante a Ditadura Militar, uma preocupação em saber por quantas terras indígenas – ainda nem demarcadas, por exemplo, porque não havia esse instrumento na Constituição Federal de 1967 – passaria a construção de uma rodovia “no coração da Amazônia”. Já era prática antiga dos agentes do Estado “passarem por cima de índio”, então, para que inserir nos inventários quantas populações indígenas habitavam o espaço?

A produção do esquecimento, que consideramos como também uma característica do desenvolvimento, assemelha-se a uma estrutura organizada, com agentes, técnicas, argumentos e construção de sentido. E durante a Ditadura Militar, o consenso desenvolvimentista foi construído por essa construção de esquecimento ou apagamento da completude da realidade social. Essa constituição de um consenso desenvolvimentista – que é, em suma, uma disputa por sentidos cuja instituição não deixa de ser conflituosa – acompanha a historicidades amazônica até a contemporaneidade, em suas mais variadas conformações discursivas, instituindo o desenvolvimento como uma necessidade incontornável, mesmo diante das diversas críticas a seu respeito, estabelecidas por técnicos, militantes.

## **Referências**

ALIER, Joan Martinez. *O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração*. Trad.: Maurício Waldman. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8ª ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. pp. 241-252.

BOMFIM, Paulo Roberto de Albuquerque. Fronteira amazônica e planejamento na época da ditadura militar no Brasil: inundar a hileia de civilização?. *Boletim Goiano de Geografia*. V. 30, n. 1, jan.-jun., 2010, pp. 13-33. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/11191>. Acesso em: 04 nov. 2023. p. 14.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad.: Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2013. 3ª ed.

COSTA, Eduardo. [fev. 2023]. Entrevistadora: Tayanná Santos de Jesus Sbrana. Belém, Pará/Grajaú, MA – Ambiente virtual. Belém, 23 de fev. 2023. Acervo pessoal.

COSTA, José Marcelino Monteiro da. Amazônia: recursos naturais, tecnologia e desenvolvimento (contribuição para o debate) In COSTA, José Marcelino Monteiro da (Ed.). *Amazônia: desenvolvimento e ocupação*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

\_\_\_\_\_. Ocupação, integração e desenvolvimento da Amazônia: 60 anos de ação federal. In: MENDES, Armando Dias (Org.). *Amazônia – Terra & Civilização: uma trajetória de 60 anos*. V. II. 2ª ed. rev. aum. Belém: Banco da Amazônia, 2004. pp. 481-523. p. 481.

CUNHA, Manuela Carneiro da. ALMEIDA, Mauro W. B. Populações tradicionais e conservação ambiental. In: CUNHA, Manuela Carneiro da. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naif, 2009. pp. 267-292.

ESCOBAR, Arturo. *La invención del tercer Mundo: construcción y desconstrucción del desarrollo*. Tradução Diana Ochoa. Caracas: Fundación Editorial el perro y la rana, 2007.

ESTEVA, Gustavo. Desarrollo. In: SACHS, Wolfgang (org.). *Diccionario del desarrollo. Un guía del conocimiento como poder*. PRATEC, Perú, 1996.

HAESBAERT, Rogério. O giro espacial e o espaço(tempo) como esfera da mudança de perspectiva. *Território e descolonialidade: sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na “América Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2021. pp. 29-58.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. Amazônia: da dependência a uma nova situação colonial. In: CASTRO, Edna (Org.). *Pensamento crítico latino-americano: reflexões sobre políticas e fronteiras*. São Paulo: Annablume, 2019. pp. 197-224.

MENDES, Armando Dias. O anúncio de uma nova Amazônia. In COSTA, José Marcelino Monteiro da (Ed.). *Amazônia: desenvolvimento e ocupação*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

PANDOLFO, Clara Martins. *A Amazônia brasileira e suas potencialidades*. Belém: SUDAM/DRN, 1979.

PETIT, Pere. *Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no estado do Pará pós-1964*. Belém: Paka-Tatu, 2003.

\_\_\_\_\_. Políticas públicas do governo federal no Estado do Pará da Spvea à Nova República. *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 11, n. 2, ago.-dez., 2018, pp. 95-122.

PINTO, Lúcio Flávio. [out. 2023]. Entrevistadora: Tayanná Santos de Jesus Sbrana. Belém-PA/Paragominas-PA. Ambiente virtual, 13 de out. 2023. Acervo pessoal.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2015. 3ª ed.

SAAVEDRA, Maria da Paz Corrêa. O “ir” para o assalariamento na agroindústria do dendê e o “voltar” para a comunidade quilombola: o caso de Santo Antônio em Concórdia do Pará. 2017. 140 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais

– Universidade Federal do Pará), Belém: PPGSA/UFPA, 2017. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/1-XPuxW\\_q7gBnRvQmg-DNh7y\\_mcXmeuVw/view](https://drive.google.com/file/d/1-XPuxW_q7gBnRvQmg-DNh7y_mcXmeuVw/view). Acesso em: 02 de dez. 2023.

SANT'ANA JÚNIOR, Horácio Antunes de. [jun. 2023]. Entrevistadora: Tayanná Santos de Jesus Sbrana. São Luís-MA/Paragominas-PA. Ambiente Virtual, 10 de jun. 2023. Acervo pessoal.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *A política florestal para a Amazônia e o projeto interministerial*. Sudam: Belém, 1979.

\_\_\_\_\_. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo: TAQ, 1980.

\_\_\_\_\_. Sistema de propriedade e relações de trabalho no meio rural paraense In COSTA, José Marcelino Monteiro da (Ed.). *Amazônia: desenvolvimento e ocupação*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1979.

SBRANA, Tayanná Santos de Jesus. *Ciência e construção do consenso desenvolvimentista na Amazônia a partir de quatro cientistas durante a Ditadura Militar (Pará, 1964-1985)*. 2024. 350 f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2024 – no prelo.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

## ARTICULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL: ALGUNS FATOS HISTÓRICOS E ORGANIZATIVOS DO CONTEXTO PERNAMBUCANO E BRASILEIRO.

Káio Carneiro de Oliveira<sup>1</sup> (UFPE)

### RESUMO

O presente trabalho trata-se de um *working paper* da dissertação de mestrado, feito com uma análise documental e política em relação a participação indígena na construção do Brasil, suas violências sofridas constantes, sua resistência e articulação. Dando destaque às etnias pernambucanas e as grandes associações a que estão vinculadas, como CIMI e sua tradicional relação com a Igreja Católica, ora com violência, ora como defesa e auxílio; e as criadas pelos próprios indígenas, a APOINME, contando com 10 estados da federação e a APIB a nível nacional e internacional; suas subdivisões, organizações associadas e estruturas. Destacando como a vida comunitária e coletiva forja um ambiente de cultura democrática e participativa, demonstrando nada dever com os não indígenas, e até mais preparados, pelas várias instâncias em que estão sempre envolvidos. Podendo e devendo reocupar os postos de cargos eletivos do legislativo e executivo brasileiro. A participação e articulação indígena já é um movimento que se faz mais sentido e visto, constando em fóruns internacionais e veículos de grande circulação de informações e notícias na sua defesa de direitos, dos seus, do meio-ambiente, contra a violência, autogestão, na arte e cultura.

Palavras-chave: APOINME, APIB, CIMI, articulação indígena, Pernambuco.

### INTRODUÇÃO

O Brasil e os indígenas tem sua ligação antes mesmo da vinda dos europeus ao solo desse Estado, aqui já tinham suas dinâmicas de articulação e luta muitas vezes étnica. Os europeus souberam aqui fazer alianças e usarem de artifícios para enfraquecer, dominar e exterminar de vários meios. Por muito tempo oscilou-se entre a conversão ao modo europeu e o já dito extermínio, mais tarde com a independência de Portugal e o movimento do romantismo e fundação do Estado-Nacional buscou-se no indígena o elemento fundador com o elemento assimilacionista. Havendo ainda os impactos nas sociedades indígenas com a lei de terras.

No século XIX criou-se um órgão, o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) buscando criar mão-de-obra rural para a expansão do Estado e aculturação indígena. Ele durou até a década de 1960 com a criação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Durante a existência do SPI houveram muitas articulações as vezes junto a Igreja Católica para assegurar os direitos indígenas e as terras, como no caso dos Fulni-ô e da resistência dos Torés para continuarem existindo. As articulações daí foram se fortalecendo e se somando.

Existiram algumas candidaturas esparsas na política, contudo somente na década de 1980 é que começou a ser mais sentida a presença indígena na política e suas articulações. Já existia o CIMI

---

<sup>1</sup> Departamento de Ciência Política, Programa de pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco, PPGCP-UFPE, Brasil. Email:kaiocoliveiral@gmail.com

(conselho indigenista missionário), uma organização indigenista, com participação indígena. Após vieram outras associação que iremos abordar como a APOINME (Associação dos povos indígenas do nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo, retirando o Maranhão), de nível regional e a APIB (Articulação dos povos indígenas do Brasil) de caráter nacional e internacional, demonstrando um fortalecimento da luta para além da etnia para os povos indígenas como um todo. Essas organizações inclusive conta com quadros técnicos dos povos indígenas ocupando seus vários setores e as vezes tendo circularidade com os setores da educação e saúde nas terras indígenas, bem como de outros setores sociais também como artes, comunicação, entre outros. Algumas dessas associações incentivam uma participação na política institucional tendo alguns quadros participado de postos como prefeituras, vereanças entre outros.

A luta e articulação indígena vêm de várias frentes e modos e talvez daí venha sua força, da pluralidade. Aqui estará alguns dados de como são as estruturas organizacionais e a articulação desse associativismo e seus fins desejados. Utilizando de uma análise política e documental para a produção do texto.

## **1 A HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INDÍGENAS COM A FORMAÇÃO DO BRASIL.**

Os indígenas como diria Ailton Krenak não acharam a paz ainda, vivem em estado permanente de disputa e incertezas desde a invasão europeia em 1500 e colonização nos anos posteriores. A paz sempre é a paz de alguém, como nos livros de história quando se fala do momento da “pax romana” a paz era interna e a luta externa permanentemente. No contexto indígena muitas vezes nem internamente há paz, seja por influência externa ou internalizada. Contudo desde o início da colonização os indígenas conseguiram negociar em parte algumas questões, qual grupo aborígene se filiava a qual grupo europeu a depender do trato e condições de termos de acordos. As políticas do cunhadismo. A exemplo, da família Albuquerque em Pernambuco onde um europeu casou com uma filha de uma liderança indígena que acabou sendo convertida ao cristianismo. Nos livros de história pernambucano e talvez militares, falasse da construção do mito das três raças e a construção de um exército nacional dos devedores dos holandeses entre outras causas que acabaram por expulsarem os holandeses do nordeste, tendo um exército de indígenas liderado por Felipe Potiguar ou Felipe Camarão como ficou conhecido em seu nome aportuguesado, Henrique Dias patrono de diversas construções militares pernambucanas liderando os negros e posteriormente tendo uma força militar ou paramilitar negra o Terço dos Henriques. Além do trato incessante entre a Igreja Católica por meio de suas diversas ordens religiosas, jesuítas entre outras na conversão dos indígenas e seu etnocídio paulatino.

Quanto as participações indígenas em momentos de livros de história ainda estão a revolução pernambucana, o período da independência de Portugal, as revoltas populares brasileiras do período imperial e por fim a guerra do Paraguai. Onde os índios e caboclos, ou como Edson Silva gosta de falar, caboclo, são os índios sem terra, foram à luta lá ficaram e outros voltaram. Aqui viviam os denominados caetés, tapuias, tabajaras, camarás, entre outros. Muitos nomes de cidades, e elas mesmas, ainda portam histórias ligadas a esses povos no estado de Pernambuco, como Igarassu, agora num processo de etnogênese do povo Karaxuwanassu, Camaragibe, a terra dos camarás, Amaraji, Caruaru, Tupanatinga, Itambé entre tantas outras. Os indígenas ainda participaram da resistência centenária de Palmares no agreste e mata sul. Tiveram reconhecimento de um território de algumas léguas quadradas em algum momento, o que eu hoje, é a região que é hoje Tamandaré e Barreiros, contudo muito invadido e desrespeitado por poderosos locais, na época dos senhores de engenho. O município de Escada na mata sul também era conhecido por ter um território indígena, hoje não tendo conseguido ter mantido a terra coletiva, mas mantiveram-se vivos alguns no local.

A colonização teve algumas opções no trato dos não-indígenas com eles, foi a via do acordo, do extermínio, da submissão, etnocídio, violência e dar as costas para eles. A Igreja veio com a via da violência menos sanguinária, mas do uso do indígena como mão de obra livre. A história do Rio Grande do Sul é reflexo desses modos. Com os decretos pombalinos acaba-se por as ordens jesuítas, serem expulsas do Brasil, abrindo espaço para o extermínio de muitos indígenas e invasão de suas terras. Ficando o hábito do uso do chimarrão, uso de instrumentos de caça e trabalhos, os genes em alguns e outros sobreviventes mantendo a língua e cultura escapados dos massacres e estupros.

Outro fator que perpassou os indígenas é o convívio com o instituto da sesmaria abrazeirado, ou seja, na prática deturpado do original, criando os latifúndios com terras a perder de vista na mão de uma pessoa ou família. Em Portugal era previsto como a justa medida em que uma pessoa pudesse cultivar e cuidar sozinho, centenas de hectares já torna a tarefa muito difícil, milhares nem se fala, mas foi o que aqui conseguiu acontecer. Isso acabou por invadir muitas terras indígenas. Afora isto ainda havia as chamadas “guerras justas” em que não se poderia atacar os indígenas de pronto, por ordens reais e religiosas, somente defender-se e sofrendo ataque revidar, contudo, acontecia o contrário muitas vezes, ou uma provocação para que a parte indígena acabasse cedendo ao ataque dos europeus.

Durante o século XIX, no império brasileiro buscando por elementos para a construção nacional, nativa, os indígenas foram sendo retomados em pautas e entraram no romantismo brasileiro. Seguindo na arte brasileira dali em diante de alguma forma. Falar em lideranças indígenas nesse momento era questão de movimentos locais, regionais, étnicos. A Igreja Católica talvez por

culpa ou outra razão acaba por fortalecer-se com os indígenas em Pernambuco criando uma ligação religiosa e as vezes sincrética com as religiões indígenas, em outras numa tentativa de garantir direitos sociais como educação formal e saúde. Tendo alguns grupos étnicos tendo um contato específico com somente uma ordem religiosa, muitas vezes europeus estrangeiros. Outra forma de contato da sociedade abasileirada com os indígenas foi pelo trabalho braçal e artífices, no corte da cana e as migrações sazonais, as bandas de pife, os cantos e aboios, no trabalho de operário nas indústrias do século XX.

## **1.1 O SÉCULO XX.**

No início do século XX já na primeira república brasileira, é criado o SPI (Serviço de Proteção ao Índio), onde um grande expoente foi o indígena Marechal Cândido Rondon. Já se via uma vertente de não extermínio oficial pelo Estado brasileiro, contudo o que prevalecia era a vertente do “amansamento” e aculturação indígena, para que abandonassem seu modo de viver e servissem de mão de obras nos rincões ainda muito rural do Brasil. Muitos povos especialmente no sul tiveram suas terras esbulhadas, e algumas mulheres levadas a “casar no laço”, literalmente apanhadas como animais no laço e forçadas ao matrimônio não consensual. O termo usado era o de bugres para os indígenas, e existiam caçadores de recompensa que recebia por cada orelha ou escalpo retirado, agora não mais a violência portuguesa, mas de outras nacionalidades europeias recolonizadoras do sul.

O SPI funcionou até os anos da ditadura militar brasileira, concomitantemente com outra instituição indigenista, ou seja, uma instituição não criada por eles, mas que trata deles e com eles nos aspectos formais. Ela tutelava os indígenas, eles eram tidos como incapazes, para ter seus direitos reconhecidos plenamente, eles tinham que se disfarçar de caboclos, se assim quisessem. Pois o indígena era relativamente incapaz para exercício de seus direitos. Em substituição as essas instituições de forma mais centralizada surge a FUNAI em 1967, a fundação nacional do índio. As ideias fundantes da FUNAI ainda permaneciam, com uma ideia evolucionista em que os indígenas estariam no grau mais baixo da civilização e que chegariam ao tido como mais avançado que era o da sociedade e Estado brasileiro.

O fim da tutela, assistencialismo e plenos direitos indubitavelmente aos indígenas, nasce com a constituição de 1988. Onde reconhece a pluralidade étnica brasileira e estabelece direitos gerais e específicos aos indígenas e capacidade civil plena.

Vale voltar um pouco as lutas e movimentos indígenas e indigenistas, nos tempos do SPI. A Igreja católica agora pagando pelos seus pecados ajudou no fortalecimento da luta pela terra e reconhecimento dos povos indígenas de Pernambuco como tal, especialmente na área próxima ao São Francisco, valendo ressaltar a luta dos Fulni-ô, dos Pankararú, Pankará e seus torés, entre outros,

criando talvez nesse momento apesar de muitas divergências entre si, um movimento para além de étnico de sua própria etnia, mas agora da causa indígena e agora com alguns elementos de mais fortalecimento o movimento indígena apesar dos prós e contras foi se encorpando com o SPI e a Igreja.

Na segunda metade do século XX já se tem notícias de candidaturas indígenas antes da constituição de 1988. Já marcando o interesse na retomada de poder e espaço na política local a nível de prefeituras e vereanças nas mais diversas regiões e rincões do Brasil. Houve ainda uma criação de um exercito indígena de cima para baixo durante a ditadura militar. Somente na reabertura pluripartidária, regularização de alguns partidos e políticos banidos é que os indígenas vão ganhar ao menos chances de concorrerem e participarem da política, espaço político ainda é muito cedo neste momento a se dizer. Apesar de combatente e relevante, o pensamento comum raso sobre o primeiro indígena a ser eleito para Câmara Federal, é do lúdico e anedótico, sendo eleito ele pelo Rio de Janeiro e sigla do PDT, o Cacique Juruna, vindo do centro-oeste brasileiro e sendo eleito por lá, marcou seu posto e foi ativo nos seus tempos de parlamentar, além do lúdico ficou famoso por sempre portar um gravador em mãos para expor o homem branco e suas mentiras, aliás, o congresso nunca deixou de ter essa maioria no poder. Com isso acabou levando o debate indígena aos holofotes, e deve ter tido algum impactos naquelas pessoas e localidades onde os indígenas já vinha atuando nos níveis municipais. Com essas pavimentações efervescência política social e de movimentos entre eles, os indígenas com a participação popular ou através dos partidos acabaram por terem seus direitos reconhecidos, com direito a manifestações marcante no imaginário coletivo como a do jovem Ailton Krenak, nos debates da constituinte de 1988, e atuante ainda na política nos meios não formais. Aliás os meios não formais é onde está a maior parte do ativismo indígena. A política indigenista apesar da trajetória de dependência, não tem mais um viés evolucionista e de aculturação, pretende também preservar os povos isolados da floresta, marcando um novo ciclo para o indigenismo e indígenas.

Daremos destaque aos movimentos mais fortemente dos anos 1988 em diante, abarcando ainda alguns momentos pretéritos de 1960 em diante, e chegando em 2022. Tendo como enfoque dessa participação social a luta para ser eleitos e se manter nos cargos políticos eletivos e partidários.

## **2. AS ASSOCIAÇÕES E CONSELHOS.**

Com os direitos políticos plenamente estabelecidos nos meios formais, com a constituição de 1988 somando as construções paulatinas sociais, os indígenas vão criando associações coletivas dos mais variados tipos tendo como elo comum essa identidade indígena, ora de um mesmo grupo

étnico, ora abarcando vários povos de uma mesma região, ora por causas específicas, ora gerais e ora associados e grupos apoiadores da sua causa e indigenistas.

Em Pernambuco, por exemplo, as razões das associações são étnicas, de produção rural e desenvolvimento, de professores, das escolas, culturais, de mulheres, cooperativa e regionais multiétnica como a APOINME (Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo), o nordeste da sigla exclui o Maranhão, esta com sede em Olinda. Dentro das associações étnicas podem existir várias numa mesma comunidade. Há ainda a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) com sede em Brasília.

Dentre as pautas coletiva de luta estão os direitos sociais e individuais, destacando-se generalizadamente a luta pelo direito a terra e seu usufruto perpétuo, à saúde indígena e a educação indígena. Mesmo sem perceber essa intensa vida comunitária já os prepara desde cedo, os forjando na política, apesar de numericamente poucos conseguirem ser eleito. Em parte pelo seu parco número em relação à população, por outro não se enxergarem como possível exercer cargos eletivos no legislativo, executivos e partidários e principalmente pela dificuldade de obter votos e ser eleito. O contexto indígena em alguns lugares é extremamente rural, apesar de existirem muitos em contextos urbanos e em grandes cidades. Contudo em Pernambuco eles acabam habitando em cidades com menos de 200 mil eleitores, com eleições locais que se resolvem no primeiro turno.

## **2.1 O CIMI (CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO)**

O CIMI é um exemplo de órgãos e entidade que ajudaram os indígenas na defesa de seus direitos e articulações. Ele foi criado no contexto da ditadura militar, em 1972. Ele auxiliou naquele contexto a construção de grandes assembleias indígenas para a discussão de suas questões, bem como articulação entre os povos indígenas entre si, aproveitando a grande rede da Igreja Católica e a facilidade de deslocamento além de uma aceitabilidade da religião majoritária no contexto brasileiro. Ele é vinculado a CNBB (Conferência nacional dos Bispos do Brasil). Em seus objetivos além de declarar sua profissão de fé, buscam dar assistência aos projetos de vida indígena, auxiliam denunciando as situações de violência, dominação e injustiças, exercem o debate ecumênico e inter-religioso, bem como assistem na ligação com outros movimentos de base populares que buscam um mundo pluriétnico, mais igualitário, democrático e harmônico com a natureza. Buscando a justiça e solidariedade entre os povos, respeitando as alteridades e saberes tradicionais.

A estrutura deles conta com um secretariado nacional e 11 regionais. Nesses postos ficam a disposição indígena os serviços de assessoria jurídica, de comunicação e antropológica, além de uma teológica. Voltado mais para entidade em sai, existem ainda um setor contábil, financeiro, de transporte e de documentação. A entidade conta com um corpo de 171 missionários entre religiosos e leigos; além

desses ainda tem 50 funcionários e 4 colaboradores voluntários nos serviços de assessoria da entidade e no administrativo. A regional do nordeste fica em Recife, no bairro central de Santo Amaro, atendendo todos os estados da região com exceção do Maranhão que tem entidade própria.

Através do CIMI e outras organizações religiosas calcadas na teologia da libertação foi possível agregar mais força na luta pela emancipação indígena nos anos de 1960 e 1970, conforme apontou Silva (2022, P.151), seguindo aos dias atuais, com os indígenas já com sua conquista da capacidade civil plena. Através do Concílio Vaticano II a meta da Igreja é a defesa dos direitos e não sua conversão, e foi possível assim a atuação dela nas aldeias. O respeito aos indígenas segundo o Papa Francisco é o respeito a riqueza cultural humana (Silva, 2022.P.152).

## **2.2 A APOINME.**

Segundo a APOINME (2023), a população indígenas desses estados totaliza 213 mil pessoas, 70 povos e 130 terras. Esta associação foi criada em maio de 1990 durante o encontro dos povos indígenas do leste e nordeste em Itabuna na Bahia, dentro das terras dos Pataxó Hãhãhãe. Partilham esses indígenas diferentes contextos climáticos e de biomas, cerrado, mata de cocais, restinga, mata atlântica e o maior deles a caatinga.

Entre as pautas dessa associação está de forma repetida, a luta pelos direitos dos povos indígenas, luta pela terra, afirmação da autonomia indígena e a formação política e técnica das lideranças e bases, como prezam em seu endereço eletrônico. Servem da mesma forma como articulação entre as bases e as demais 10 microrregionais dos estados participantes, associados, buscam o consenso entre estas e aquelas, entendendo os contextos diversos e regionais com suas particularidades e daí sobressair a unidade. A associação serve ainda como mediadora de possíveis conflitos e para conciliação. Ela está ligada com os principais espaços de participação e movimentos indígenas, entre eles a APIB.

Essas microrregionais tem coordenadores com mandatos de 3 anos. E os povos aqui denominados podem ser mais numerosos que o tradicional em outras fontes, contudo por ser esta um associação construída pelos indígenas para os indígenas acaba por ter mais confiança nas denominações e subdivisões. A microrregião de Pernambuco apresenta 19 terras e 19 povos no estado apesar de outras fontes apontarem 11 etnias, talvez por desconsideraram as subdivisões de alguns povos.

Na gestão 2023-2026 os coordenadores são: COOR.TITULAR– Ary Pereira Bastos Povo–Pankará da Serra do Arapuá; COOR.SUPLENTE – Marcos Xukuru Povo–Xukuru de Ororubá; COOR.SUPLENTE – Maria das Dores dos Santos Silva Povo–Pankará; DMI TITULAR – Elisa Urbano Ramos Povo–Pankararu; DMI SUPLENTE – Cícera Leal Cabral Povo–Pankará; JOVEM TITULAR

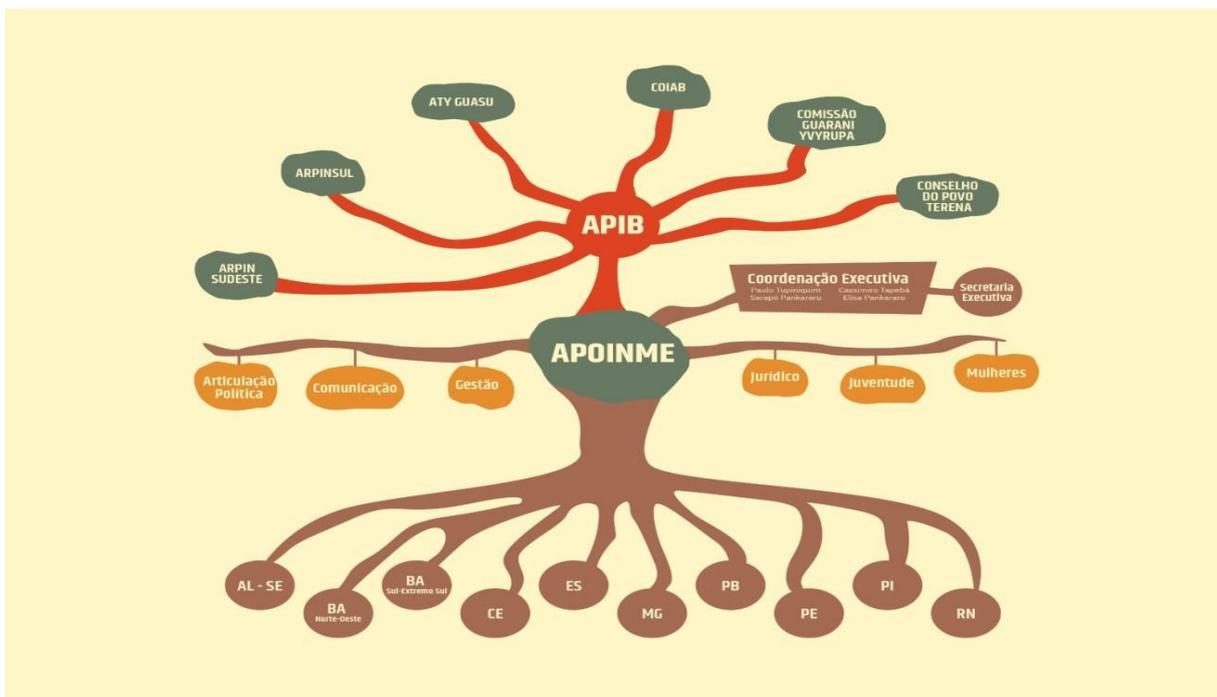
– Denisson Arnaldo de Oliveira Povo–Pankará; JOVEM SUPLENTE – Amanda Fernanda Leal de Almeida Povo–Pankararu.

Mostrando as lideranças dos povos Pankará, Pankararu e Xukuru do Ororubá. Marcos Xukuru que conseguiu ser eleito prefeito indígena em sua cidade encrustrada em terra indígena, Pesqueira. Os indígenas pernambucanos mostrando mais uma vez seu peso, força e influência, por estarem na coordenação executiva da APOINME, ocupando o posto de coordenador executivo, “Sarapó” da etnia Pankararu e Elisa Pankararu como Coordenadora executiva de mulheres.

Dentro do guarda-chuva da APOINME ainda existem seis subdivisões, Mulheres; Jurídico; Comunicação; Juventude; Gestão e Articulação Política. A Articulação Política é o ente que atua de forma transversal com as microrregionais e a coordenação executiva, entre seus papéis está a de assistir nas incidências políticas em diversos níveis, internacional, regional, estadual e local. A Gestão tem uma orientação política da coordenação executiva a fim de agregar parcerias, tornar viável as ações da APOINME e criar projetos para isso; é também nela que acontece a gestão contábil e de procedimentos administrativos. A Comunicação visa estabelecer e demarcar posição deles principalmente configurando a defesa de sua narrativa feita por eles mesmos e não por outros órgãos, havendo espaço para auxílio de parceiros, visando principalmente a pauta do meio ambiente, defesa da cultura, de sua sociedade, defesa do território e dos direitos indígenas, para sua autodeterminação e controle territorial como seus ancestrais, a nível nacional, regional, local e internacional. Em momentos de desinformação e ataques contra os indígenas é que a comunicação se faz mais forte e necessária. O setor Jurídico, por muito tempo foi formada por indigenistas que assessoravam juridicamente a entidade, contudo felizmente a partir de 2012 começou a ter uma participação indígena maior seja de forma voluntária ou não, adquiriu um novo formato em 2022, e atualmente tem um Pankararu, Tuxá, etnias presentes em Pernambuco, e Tabajara. Eles têm a função de popularizar e educar os povos os quase 75 sobre seus direitos, sejam os consuetudinários, direitos humanos ou sobre ordenamento jurídico pátrio. Vale destacar junto com esse trabalho, a partilha dos direitos costumeiros através dos anciões homens, mulheres, jovens, lideranças e caciques, e a troca com os direitos indigenistas pelo setor. O setor jurídico tem como foco a defesa dos direitos coletivos, costumeiros, do meio ambiente, dos povos indígenas e territorial. Atuando sempre que necessário com os estados, governos federal, locais e frente a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CDIH), comissão está onde tiveram êxito na causa da defesa do Xukuru frente o Estado brasileiro. Existe ainda o Departamento das Mulheres, tem como foco o aumento da participação e articulação feminina, autonomia produtiva e combate a violência doméstica. Lutam pela paridade de gênero na associação, capacitação e formação através de cursos e educação formal; dão sempre o destaque a

mulheres que fizeram coisas e ocuparam postos pela comunidade e causa, como Maninha Xukuru, e ressaltando a importância da mãe terra como ente feminino, geradora e garantidora da vida. E tudo isto dentro do respeito as tradições internas próprias. Atualmente é coordenada por Elisa Pankararu.

Por fim e não menos importante dentre está o departamento de Juventude indígena. Sem a renovação e participação jovem não haveria continuidade da luta. Esse setor surgiu em 2022 através de um encontro onde ficaram registrado as principais demandas, problemas e desafios deles e ver como a APOINME poderia auxiliar nisto. Os focos principais seriam na defesa do território e sua gestão, a questão do meio ambiente, a capacitação dos jovens, promoção da educação e saúde, e a questão dos jovens LGBTQIA+.



Fonte: APOINME.

Como a APOINME existem outras grandes associações indígenas regionais e todas acabam sendo filiadas a APIB. E por isso agora daremos destaque a esta segunda entidade indígena brasileira.

### 2.3 A APIB.

A APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil) foi criada dentro do contexto dos ATL (Acampamento Terra Livre), manifestação essa em prol de garantir as terras indígenas, permitir a paz em seus territórios, livres de ingerências e garantir o respeito e reivindicação pelo Estado brasileiro ao direito dos indígenas, que foi criado em 2004, nele os indígenas de todo Brasil encontram-se em Brasília, capital do Brasil, acampando pelo mês de abril nas proximidades do dia 19 de abril, dia do índio no calendário nacional, no plano piloto de Brasília. Logo no ano seguinte, em 2005, decidiram por criar uma associação de nível nacional que agregasse as demais associações regionais, como a

APOINME e ARPINSUL, entre outras, fortalecendo-as, garantindo mais união e força a causa indígena e suas pautas, fortalecendo a luta como a pregada no ATL, dentre outras, garantindo a resistência contra agressões e ameaças aos direitos indígenas e indigenistas.

Ela é representada em cada estado pela organização da qual cada estado do país participa, a Bahia seria no mesmo local da sede da APOINME microrregional, por exemplo. Fazem parte de APIB, a APOINME, ARPINSUL, ARPINSUDESTE, ATY GUASU( Grande assembleia do povo Guarani), Comissão Guarani Yvyrupa e COIAB( Coordenação das Organizações indígenas da Amazônia Brasileira). Eles tem junto a APIB os objetivos de formular e implementar um programa de lideranças indígenas em seus locais; avaliar e construir política públicas específicas direcionadas aos indígenas; exercer papel de comunicação em favor da causa indígena em âmbito internacional, diante do Estado e da opinião pública; criar parcerias e envolvimento coletivos com associações indígenas internacionais entre outros movimentos internacionais; por fim garantir o funcionamento da infraestrutura da organização e institucional, bem como do corpo técnico e político para dar o andamento dos planejamentos da entidade nacional.

Esse corpo técnico e político ficam estruturados pelas 6 principais demandas grosso modo; 1. A demarcação, desintrusão e proteção das terras indígenas, 2. Legislação indigenista, 3. Saúde indígena, 4. Educação Escolar indígena, 5. Gestão territorial e sustentabilidade, 6. Participação e controle sociais.

O ponto número 6 busca a paridade nas instâncias governamentais que discutam, norteiem a concepção e implementem políticas públicas voltadas aos indígenas. O ponto 5 prevê a consolidação e implementação da PNGATI, que é a política nacional de gestão ambiental em terras indígenas.

O ponto 4, prevê a defesa do ensino diferenciado para os indígenas até o ensino médio, bem como garantir acesso aos cursos profissionalizantes, superiores, com programas especiais e com fim de atender as necessidades indígenas. O ponto 3, efetivação das DSEI(Distritos Sanitários especiais indígenas), com efetivação da autonomia financeira, administrativa e administrativa; criação da secretaria de saúde indígena; formação e reconhecimento de Agentes Indígenas de Saneamento(AISAN) e Agentes Indígenas de Saúde (AIS).

O ponto 2, prevê algumas demandas e consolidação de direitos e regulações. O respeito a Declaração da ONU sobre povos indígenas, assegurando o direito a consulta prévia, livre e informada de assuntos que lhe sejam concernentes e pertinentes; fim da violência de criminalização das lideranças e comunidades indígenas na defesa e luta por seus territórios; pedem ainda a aplicação da convenção 169 da OIT (Organização Internacional do Trabalho). Requerem a completa refutação

das legislações antiindígenas que busquem reverter os direitos constitucionais indígenas de 1988; a aprovação do Novo Estatuto dos Povos Indígenas e aprovação do projeto de lei que cria o CNPI (Conselho Nacional de Política Indigenista).

Todos esses elementos divididos pelo corpo e departamentos administrativos da Secretaria Executiva, Assessoria Jurídica, Assessoria de Comunicação, Gestão de Projetos e Assessoria Internacional.

Além do ATL, outras articulações estão sob o guarda-chuva da APIB, como os eventos da COP onde participaram em na COP26 em 2021, com participação de uma liderança Tuxá e uma Pankararu da região da APOINME, COP27 e COP28 em 2023 contando com a maior presença indígena, 60 lideranças. Atuam de forma constante pressionando os congressistas para que não atuem de forma a reduzir e não respeitem os direitos indígenas; e o judiciário através de seus representantes legais ou em forma de manifestação popular. Abrigando ainda a ANMIGA (Associação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade) e o Observatório de Justiça Criminal que estuda os casos de violência envolvendo os indígenas e atentados contra suas terras e povos de forma a melhorar a situação de violência.

## **2.4 DOS DADOS DOS PROBLEMAS E A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA/ELEITORAL.**

Muitas populações e grupos acabam sofrendo repressão, omissão do Estado na prestação dos seus direitos, normalmente eles são maioria da população como os negros e pessoas de baixa renda, o contexto indígena se faz mais preocupante por questão de modo de vida diverso, terem uma população diminuta em relação aos demais brasileiros e praticamente não haver um grupo que viva tranquilamente com os respeito as regras do ordenamento jurídico brasileiro e direitos humanos. Essa violência e violações poderiam gerar apatia, contudo acaba sendo uma força para reivindicar que a legislação, convenções e constituição valham na realidade vivida, com saúde, educação, meio ambiente, direitos, território e autogestão respeitados. Como foi visto nas articulações e associações são pedidos constantes para que sejam assegurados e respeitados. Talvez por não receberem isto dos não indígenas, resolveram ir a luta eleitoral e tentar fazer a diferença de dentro da burocracia e dos cargos eletivos do legislativo e executivo.

Os estudos de Valentim e Postali (2022) mostram uma relação ou correlação interessante. As cidades com DSEI em terras indígenas/aldeias tendem a ter mais participação nas eleições municipais e maior número de eleitos. Chegaram as esses dados cruzando dados dos lugares com grande mortalidade indígena usando base de dados de 2016 e 2019. E entenderam que onde havia mais descaso com a saúde indígena, era de lá que saiam os candidatos e eleitos indígenas nas eleições municipais.

Já Migliavacca (2022) reitera a questão com dados sobre a violência imposta aos indígenas como um grupo que sofre violência grande e crescente acima da média brasileira, usando dados do CIMI, por meio de método dedutivo-analítico. Ela concatena este fato com teoria da necropolítica e biopoder praticado sistematicamente contra essas populações. Reafirmam também o poder da arte, cultura e comunicação como forma de resistência e sobrevivência do grupo, um dos pilares de toda associação acima mencionada, que é a área da comunicação e relação com as pessoas não indígenas.

Um outro ponto de forte resistência aos direitos indígenas conquistados são as pessoas, o advocacy e lobby contra os direitos indígenas que vem trabalhando para relativizar e diminuir os direitos indígenas. Essa atividade legislativa é antiga datando de 1988 inicialmente com questões mais ligada a possibilidade de exploração mineral, hidrelétrica e recursos hídricos; variando ao longo do tempo para também abrirem as terras indígenas a exploração de madeira, mercado imobiliário, agronegócio, por exemplo, e o controle e influência maior do Estado, talvez para que os indígenas voltassem para os regimes de tutela, diminuindo sua auto-gestão plena. Como apontou Alkmin (2022).

Há ainda a questão do meio-ambiente, outra pauta relevante e recorrente dos movimentos sociais indígenas. O caso de estudo da relação dos indígenas Xakriabá do norte de Minas Gerais, região da APOINME, com sua autogestão da questão ambiental e relação com o Estado é interessante por trazer uma evolução do número de associações indígenas em número relevante desde a década de 1980 até os anos 2000, e dá a entender que isto veio em parte para garantir uma boa autogestão e trocas com o mundo fora das terras indígenas (TI) e também como garantia de obtenção de recursos financeiros para administrarem a questão ambiental através dos projetos, podendo vir através do Estado, organizações sócias, etc, como aponta Mendonca (2022). Ela acaba por mostrar essa questão não só do poder tradicional, mas da ascensão das lideranças vindas das grandes pautas indígenas e talvez sendo a razão da grande procura pelos 5 principais cursos dos indígenas, quais sejam, direito, pedagogia, administração e enfermagem. (Alkmin, 2022. P.100).

“As narrativas contam que no início do século 20 os indígenas foram expulsos do município de Inhacorá, vindo a localizar-se, predominantemente, no território do município vizinho, São Valério do Sul, RS. Em 1921 houve uma nova demarcação realizada pelo governo estadual, que reduziu a área para 5.859 hectares. No ano de 1962 o governo estadual destinou 3.049 hectares para o loteamento da sessão de Coroados e Vila São Luiz (Gu) e 1.750 hectares para uma Estação Experimental Fitotécnica da Secretaria Estadual de Agricultura. Segundo o atual cacique, Airton Policena (2020), foram muitas as modificações ocorridas no território indígena Kaingang de Inhacorá.” (Schonardie et al. 2021.P.3)

Mostra a ingerência estatal sobre as terras indígenas. Essas influências do caso Kaingang do noroeste gaúcho apontado por Schonardie et al. (2021) foi reflexo em outras regiões do sul do Brasil, e as violências em si acabam repetindo-se ao longo dos outros povos indígenas do Brasil. Contudo vale

ressaltar o trabalho de preservação das línguas indígenas em que os vários povos conseguiram manter. Já a vivência de caça e coleta já não é possível pela diminuição das terras para as praticas dos costumes tradicionais. Tendo que se readaptarem no estilo de vida com outras alimentações e práticas de plantio. O pouco de terra que lhes restaram acaba por se a fonte da resistência e luta para terem seus direitos respeitados.

Todos esses pontos são forças e razões para que os indígenas não só participem politicamente com manifestação, juridicamente e com comunicação, mas integrem também os cargos políticos e ocupem os partidos e eleições, não sendo somente objeto de arrecadação de voto dos grupos não indígenas, porém sendo protagonistas e atuantes como legítimos representantes de suas causas. Com a criação do Ministério dos povos indígenas junto a esfera da presidência da república em 2023, não se sabe como serão as coisas mudadas, mantidas ou pioradas, mas isto não será objeto de estudo desta pesquisa.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Com vida calcada num constante convívio com as discussões e a coletividade. Os indígenas acabam por estarem embebidos de uma certa cultura política, acostumados a participação nele em vários níveis de discussão, é consenso que somente algumas lideranças alcançam os postos mais elevados, entretanto a nível local as discussões tem mais aderência e partilhamento de informações das discussões mais estáveis e próximos pelas realidades vividas e partilhadas. A medida que as instâncias mudam como no nível não étnico mais da APOINME, os debates se enriquecem pelas variações e experiências vividas, bem como na APIB, essas lideranças podem da mesma forma enriquecer o debate nas instâncias locais.

Quando os indígenas atingem a idade de candidatura para vereador com 18 anos e 21 para prefeito e vice-prefeito, já podem disputar os níveis locais dos municípios, e disputar os cargos de deputado estadual e federal, estes sendo os postos onde mais frequentemente os indígenas se candidatam. Já para Senadores, presidente e vice-presidente é necessário ter 35 anos. E para Governador e vice-governador 30 anos.

Os dados sobre as candidaturas indígenas somente podem ser contabilizados oficialmente a partir de 2014. Apesar de existirem bancos de dados pretéritos a isto, formais e informais, com pesquisas sobre isto, além da memória coletiva dos povos com dados interessantes.

Aos que veem nos indígenas candidatos comuns, talvez ser forjado nesse contexto de participação e democracia interna, possa beneficiar as instâncias de poder em que atuem e contribuir para um respeito maior de seus povos quando eleitos, bem como evitar as formas de resistência das burocracias para o exercício dos direitos garantidos e obrigatórios, bastando citar o direito a saúde e educação como exemplos não taxativos. Hoje os indígenas são sentidos e vistos muito mais facilmente pela sociedade brasileira, eles não têm um rosto só e nem características específicas, são

muito variados e fazem se sentir em todos os âmbitos sociais, não só num local de afastamento, isolamento ou rural, estão conectados com o mundo e suas tradições, estão em contextos urbanos, podem ser negros, ter cabelo crespo, grande, comprido ou raspado, colorido. E estão ocupando os espaços devidos a qualquer brasileiro. Na política nacional e local acabam por ter mais sucesso nas disputas obtendo cargos apesar do pouco número comparado ao resto dos grupos sociais. Mas é na luta constante que os espaços vão ser retomados paulatinamente. Os indígenas podem não ganhar por serem maioria, contudo ganham por consenso das suas causas.

## REFERÊNCIAS

<Articulação dos Povos Indígenas do Brasil | APIB (apiboficial.org)> Acessado em 28/01/2024.

A POLÍTICA INDIGENISTA BRASILEIRA, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS EM CONFLITO: A TERRA INDÍGENA INHACORÁ Elenise Felzke **Schonardie** – Mauro **Cipriano** – Régis Natan **Winkelmann**

<http://dx.doi.org/10.21527/2176-6622.2022.57.e12526>

Revista do Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais da Unijuí Editora Unijuí – Ano XXXI – n. 57 – jan./jun. **2022** – ISSN 2176-6622 – e12526 [https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revista\\_direitoemdebate](https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revista_direitoemdebate) P. 1-16

CANDIDATOS PELA VIDA: MORTES INDÍGENAS ESTIMULAM A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DE POVOS NATIVOS? Matheus **Valentim**<sup>1</sup>; Fernando **Postali**<sup>2</sup> ANAIS III SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR DE CIÊNCIA AMBIENTAL – 1 aED. – **2022** – P. 31

<Home - APOINME>Acessado em 28/01/2024.< O Cimi | Cimi> Acessado em 28/01/2024.

O movimento indígena e as políticas públicas para os povos indígenas no Brasil: o caso da Associação Indígena Xakriabá. AUGUSTA APARECIDA NEVES DE **MENDONCA**. Revista Espaço Acadêmico.-n.235-jul./ago. **2022**-bimestral. ANO XXI- ISSN 1519.6186

O PODER LEGISLATIVO E A OFENSIVA ANTI-INDÍGENA NO BRASIL: UMA ANÁLISE DAS PROPOSIÇÕES NO CONGRESSO NACIONAL BRASILEIRO ENVOLVENDO AS TERRAS INDÍGENAS (1989-2021). Fábio Márcio **Alkmin**. Volume 4, n.º. 2 (2022) ISSN: 2675-2395 <https://doi.org/10.46551/rvg267523952022296118V>. 4, n.2, **2022** <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/verdegrande>

OS POVOS INDÍGENAS NO BRASIL: A VIOLÊNCIA DO ESTADO E AS FORMAS DE RESISTÊNCIA. Karine Montanari **Migliavacca**<sup>1</sup>| Revista da Defensoria Pública RS | Porto Alegre, ano 12, v. 2, n. 30, p. 105-122, **2022**.

**Silva, D. G. da. (2022)**. Povos indígenas no Brasil em processos de libertação histórica. *Caminhos De Diálogo*, 10(16), 149–154. <https://doi.org/10.7213/cd.a10n16p149-154>



GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

## O FUTURO ANCESTRAL DA COMUNICAÇÃO POLÍTICA: REFLEXÕES SOBRE AS PRIMEIRAS CANDIDATURAS DE MULHERES INDÍGENAS PARA DEPUTADAS FEDERAIS DO PARÁ

Nailana Thiely Salomão Pereira<sup>1</sup> (PPGCOM/UFPA)  
Rosane Steinbrenner<sup>2</sup> (PPGCOM/UFPA)

**Resumo:** Nas últimas cinco décadas, os povos indígenas começaram a eleger seus primeiros representantes legislativos e o crescimento recente da participação indígena em processos eleitorais no Brasil tem voltado o olhar de pesquisadores para reflexões sobre esta expansão enquanto fenômeno sociopolítico (BANIWA, 2003, 2006, 2010, 2021; De PAULA, 2023; HARARI, 2023; JECUPÉ, 1998; KAMBEBA, 2020; LIMA, 2022; OLIVEIRA, 1966; OLIVEIRA, 1983; PATAXÓ, 2023; TERENA, 2021; TUXÁ, 2020; VERDUM, 2004, 2023). A dimensão comunicacional, entretanto, atravessa esses estudos ainda de maneira incipiente. Poucas pesquisas exploraram a forma como os povos indígenas se envolvem com a comunicação político partidária, o impacto das estratégias de campanha na mobilização eleitoral entre não-indígenas e indígenas e as barreiras culturais enfrentadas por esses grupos. Apesar da Constituição Federal de 1988 reconhecer as organizações sociais e culturais dos povos indígenas como base para cidadania diferenciada – noção que se explica, segundo Baniwa (2022), na medida em que povos indígenas têm direitos específicos, além daqueles extensivos ao restante de cidadãos brasileiros e dado o contexto sócio-histórico de sua existência e resistência na constituição da sociedade brasileira - e apesar do número recorde de pessoas indígenas candidatas às eleições no pleito de 2022 no Brasil, a representatividade no Legislativo, Executivo e também no Judiciário, ainda é proporcionalmente incipiente para que indígenas participem politicamente de forma mais ativa nas decisões que dizem respeito a seus povos e ao país, como um todo. O direito à cidadania política diferenciada e as lacunas de estudos sobre os desafios de comunicação político partidária de indígenas nas eleições brasileiras são o ponto de partida deste estudo. As candidaturas à Câmara dos deputados das primeiras indígenas no estado do Pará, Maial Kaiapó e Nice Tupinambá, pela coligação Rede/Psol, em 2022, são o recorte em análise.

**Palavras-chave:** Comunicação política, cidadania especial, mulheres indígenas, eleições.

### 1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a construção do que se entende por Estado-nação brasileiro não foi firmada na democracia das relações sociais e políticas. O Brasil, ao contrário, subjetiva e reestrutura diversas formas de racismo em sua história.

Enquanto modelo político, vivemos um sistema republicano que é igualmente insuficiente e ineficiente para a garantia de representatividade indígena de forma simétrica e justa, mesmo após a constituição de 1988 (BANIWA, 2021). Ao contrário, a desumanização de longa duração causada pelo

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA). Brasil. E-mail:nailanathiely@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente permanente do PPGCOM/UFPA. E-mail: steinbrenner@ufpa.br

racismo, escravização e subalternização na constituição populacional do país encontra reflexos até hoje nas dinâmicas político-partidárias e demais dinâmicas sociais (CARNEIRO, 2011).

Examinar a representatividade indígena no legislativo federal é, por exemplo, também articular sobre a preservação de territórios florestais, por sua vez, uma questão que repercute na saúde pública planetária. Ou seja, ao tratar sobre a não representatividade política efetiva de povos responsáveis pela proteção da vida natural do país e do planeta, esta investigação reitera uma reflexão que remete à pauta da injustiça climática em um contexto de crise social e humanitária que persiste mesmo após o ápice da pandemia de Covid-19. São inúmeros os estudos que apontam a associação entre desflorestamento e aumento de doenças infecciosas (ELLWANGER, et al, 2020), ou ainda as que associam eventos climáticos extremos ao agravamento de doenças infecciosas (MORA et al, 2022). No entanto, não há uma conscientização adequada por parte da maioria dos parlamentares e da sociedade brasileira em geral bem como dos parlamentares que a representam sobre a associação entre estes temas.

Dados do Pedido de Parecer Consultivo da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB, 2023), Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo (APOINME) e do Conselho Terena enviado em dezembro de 2023 para a Corte Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) sobre povos indígenas e crise climática, apontam que a única via para a garantia de direitos humanos no contexto emergencial passa pelo fortalecimento dos direitos territoriais indígenas e pela participação ativa destes povos em esferas de liberação de políticas que impactam o clima. Povos indígenas em terras indígenas representam atualmente 5% da população mundial, mas preservam mais de 80% da biodiversidade do planeta.

A autonomia para decisões e a demarcação de terras indígenas, a participação no governo e a revogação de atos normativos que atacam direitos indígenas são as principais reivindicações do movimento indígena no Brasil (APIB, 2022; OBSERVATÓRIO DO CLIMA, 2022). No modelo político atual, as decisões fundamentais destas pautas passam pelo Congresso Nacional, onde, apesar do aumento expressivo de representantes indígenas eleitos nas últimas eleições, a presença indígena ainda é proporcionalmente pequena durante as votações de projetos de lei, e sujeita a inúmeras violências.

Atentamos a um equívoco comum ao pensarmos representatividade eleitoral indígena utilizando apenas parâmetros numéricos, desconsiderando as subjetividades desta questão no país. Em termos numéricos, segundo dados do último Censo do IBGE, em 2022, a região Norte concentra 44,48% da população indígena do país (753.357 pessoas). No Pará, estão 80.974 indígenas, sendo 41.819

em terras indígenas e 39.155 em áreas urbanas. O número representa 1% da população do Pará, de 8.116.132 habitantes.

Em relação à dimensão territorial, segundo o levantamento do MapBiomas (2023), rede colaborativa, formada por ONGs, universidades e startups de tecnologia, as terras indígenas ocupam 13% do território do país, contendo 112 milhões de hectares (ha), ou 19% de toda a vegetação nativa. Em termos de desmatamento, apenas 1% da perda de vegetação nativa nas últimas três décadas (entre os anos de 1985 e 2023) se deu nestas áreas, período analisado pelo projeto citado acima. Em números atualizados, 82% da biodiversidade do planeta está sob a guarda dos povos indígenas no mundo.

A porcentagem de preservação ambiental alcançada não é proporcional aos números relacionados à segurança destes povos. Dados do relatório de 2023 do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) sobre o brusco aumento nos índices de violência contra os povos indígenas durante os quatro anos da gestão de Jair Bolsonaro, apontam que, em 2022, seu último ano de mandato, foram observados os piores índices, com um total de 416 casos de violência pessoal (homicídios, lesões corporais, ameaças de morte, etc), violência que é refletida simbolicamente no Congresso, seja na forma de violências políticas de gênero, seja na forma de racismo e retrocesso na votação de pautas ligadas à saúde, segurança e à demarcação de territórios indígenas.

Durante a escrita deste artigo, algumas conquistas positivas ao movimento indígena igualmente ocorrem no Brasil, intensificando a urgência e relevância das ponderações aqui debatidas. Um exemplo desta afirmação é a decisão do Tribunal Superior Eleitoral, de 27 de fevereiro de 2024, pela implementação de cotas eleitorais para indígenas, em que partidos e federações partidárias com candidaturas indígenas registradas terão direito à distribuição proporcional de recursos financeiros do Fundo Partidário (Fundo Especial de Assistência Financeira aos Partidos Políticos), e do Fundo Especial de Financiamento de Campanha (FEFC), bem como, de tempo gratuito de rádio e televisão (MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS, 2023).

Vale ressaltar que este trabalho busca lançar olhar sobre a representatividade político-partidária de povos indígenas, iniciando com uma breve localização historiográfica e conceitual sobre a participação deste grupo em eleições federais, para termos um panorama das participações político-partidárias mais relevantes referenciando a Constituição de 1988, até chegarmos nas eleições de 2022, com o recorte estadual das candidaturas de Nice Tupinambá e Maial Kaiapó, pelo Pará. O diálogo foi realizado através de coleta de dados e entrevistas em profundidade, semiestruturadas, diretamente com as candidatas e/ou com suas assessoras de campanha.

Em 2022, sob influência do “Efeito Joênia” (HARARI, 2022), com avanço não apenas do número de candidaturas, mas um melhor tratamento de pautas indígenas a partir da eleição e

presença de Joênia Wapichana como primeira deputada federal indígena no congresso, a candidatura das duas primeiras mulheres indígenas a uma vaga no legislativo federal pelo Estado do Pará, através da coligação Rede/Psol marca um avanço da luta indígena contra barreiras do poder tutelar e uma resistência ao racismo anti-indígena do Estado no pleito eleitoral, ainda que as candidatas paraenses não tenham conseguido se eleger.

A capacidade e as limitações destas candidaturas, as formas diferentes de imaginar a política neste cenário, a complexidade das relações entre indígenas e não-indígenas em um sistema que ainda é marcado pelo pacto da branquitude (BENTO, 2022) são tratadas neste artigo. Buscamos traçar um percurso teórico de pesquisa coerente com as críticas aqui apresentadas, priorizando referencial teórico de pensamento não-hegemônico sobre o tema, sem descartar ferramentas metodológicas convencionais, como entrevistas e coletas de dados, mas buscando aplicar estas técnicas de forma crítica, promovendo aproximação com outras fontes e autoras/es. Os links para obras utilizadas também foram incluídos nas referências, sempre que possível, pensando em facilitar a acessibilidade das investigações e questões aqui tratadas.

Balizadas pela multimetodologia de pesquisa engajada, no contexto de desafios destas candidatas, marcadas por camadas de interseccionalidade (COLLINS, 2019) e interculturalidade (SUESS, 2008; BANIWA, 2017), empreendemos esforços para produzir contribuições de análise em um cenário eleitoral marcado por diversas assimetrias estruturais, intensificadas no contexto do último ano de mandato (2022) do então presidente Jair Bolsonaro.

Entre as questões, buscamos considerar as estratégias de viabilidade e visibilidade eleitoral adotadas pelas primeiras candidatas indígenas ao pleito federal e os desafios de comunicação eleitoral destas candidatas (Maial Kaiapó e Nice Tupinambá) no contexto do sistema eleitoral brasileiro. A abordagem de interseccionalidade que utilizamos, parte da compreensão que afirma que os sistemas de raça, classe social, gênero, sexualidade, etnia, nação e idade são características mutuamente construtivas de organização social que moldam as experiências das mulheres.

## **2. CONTEXTO ELEITORAL BRASILEIRO**

O texto da primeira Constituição de 1823, primeiro projeto constitucional do Brasil (PLANALTO FEDERAL), em seu Artigo 6º, anuncia que “ingênuos ou libertos” também são cidadãos brasileiros, porém, impedidos de votar, por critérios de renda (“Os que não tiverem de renda líquida annual cem mil réis por bens de raiz, industria, commercio, ou Empregos”), sexo (mulheres nem são citadas), localidade e cor da pele (“os libertos”). Logo, proibiu que negros e indígenas assumissem seus direitos políticos, atribuindo uma subcidadania, e uma envergadura de cidadãos de segunda categoria. Pode-se facilmente afirmar que até hoje, uma política satisfatória de compensação

histórica da escravidão não foi implementada. O sistema de cotas não garante um reparo de todo o processo colonial e escravista da construção do estado-nação brasileiro. Até hoje, não houve uma reforma agrária que contemplasse as especificidades da população negra e indígena no Brasil. Na mesma lógica do pensamento sobre colonialidade do poder (QUIJANO, 2005), em que a constituição de um poder mundial capitalista, moderno/ colonial e eurocentrado a partir da criação da ideia de raça, foi biologicamente imaginada para naturalizar os colonizados como inferiores aos colonizadores, no contexto brasileiro, defendemos que não se pode falar de uma sociedade realmente democrática, se existe um acesso diferenciado a direitos básicos, à construção de pensamento crítico, à opinião e ao direito de escolher representantes, excluindo as subjetividades da história escravocrata do país.

Na dinâmica eleitoral contemporânea, se analisarmos questões como respeito à língua nativa de povos originários nos processos de escolha de representantes políticos, respeito às diferenças de organização política da diversidade de povos indígenas do Brasil, e outras indagações estruturais como acesso a transporte para zonas eleitorais, acesso à educação, saúde, à fontes de renda, a colonialidade direcionada a povos indígenas permanece até hoje no país, sobretudo em representações político-partidárias. As práticas políticas atuais refletem a situação de desvantagem histórica de comunidades indígenas no modelo de organização política e militar herdado dos colonizadores do Brasil, do exercício de poder praticado pelo Estado, e o não entendimento do poderio militar e tecnológico da União enquanto reflexo da cultura de um povo invasor (BANIWA, 2022).

Para Felipe e Dinamam Tuxá (2020), exercer a cidadania indígena em um sistema eleitoral onde a vontade da maioria prevalece leva as minorias étnicas a se verem subrepresentadas e cujo jogo político com modelo de cidadania individual contraria o sentimento de coletividade que pauta a organização social dos povos indígenas.

## **2.1 CIDADANIA DIFERENCIADA PARA POVOS ORIGINÁRIOS**

O primeiro conceito importante a ser pensado especificamente sob a ótica de respeito aos povos indígenas é o de cidadania. O modelo político republicano e democrático vivenciado no Brasil nas últimas três décadas aponta a cidadania como o principal direito humano. Entende-se por cidadania o direito de pertencimento à comunidade nacional, fazendo parte orgânica e ativamente da vida coletiva, com direitos e deveres, e a participação em todas as tomadas de decisões que dizem respeito à comunidade. Para a garantia de participação efetiva, é necessária a inclusão nas tomadas de decisão. É a cidadania que expressa um conjunto de direitos que possibilita participar ativamente da vida e do governo do seu povo (DALLARI, 1998).

Para o intelectual indígena Gersem Baniwa (2022), considerando a prática política vigente, a compreensão desta cidadania apresenta duas dimensões distintas: participação social e participação política. A primeira garantiria o direito do cidadão de ouvir e ser ouvido. A segunda, de caráter mais amplo, garantiria o direito de participação e de acompanhamento de políticas e ações, além das tomadas de decisões que, em geral, se exercem por meio da representação de pessoas nos poderes constituídos, eleitas pelo voto popular.

Nessa lógica, o fomento dos direitos indígenas no Brasil precisaria ser pensado e tratado também no campo da participação política, das correlações de forças e dos espaços de tomadas de decisões, pois são parte integrante dos interesses da sociedade brasileira (BANIWA, 2022).

A Constituição Federal de 1988 reconhece as organizações sociais e culturais dos povos indígenas como base não apenas de cidadania, mas de cidadania diferenciada, com direitos específicos para povos indígenas, além daqueles extensivos ao restante dos cidadãos brasileiros.

## **2.2 CRONOLOGIA DA CIDADANIA PARTICIPATIVA NA PAUTA DO MOVIMENTO**

Nessa perspectiva, porém, percebe-se que a luta por participação política de povos indígenas ainda tem muito para avançar na complexa, burocrática e desigual trama política brasileira. Na década de 80, o movimento indígena iniciou um processo importante de garantia e exercício de cidadania participativa, buscando superar o longo processo de tutela racista do Estado, que por séculos excluiu, invisibilizou, amordaçou e subalternizou política e culturalmente os povos originários. Nas últimas cinco décadas, os povos indígenas começaram a eleger seus primeiros representantes.

Segundo a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), o primeiro indígena eleito no Brasil registrado pelo movimento foi Seu Coco (Manoel dos Santos), representante do povo Karipuna que cumpriu mandato como vereador no Oiapoque, no Amapá, em 1969 (ZAGHETTO, 2019; BANIWA 2022). Porém há ainda dois registros relevantes - na esfera municipal/estatal - na literatura disponível: Ainda no ano de 1963, Carmelita Cruz, agente de saúde e professora do povo Tuxá, foi eleita vereadora na primeira eleição que ocorreu no município de Rodelas, interior da Bahia (FELIPE TUXÁ e DINAMAM TUXÁ, 2020).

Outro nome importante, além do de Carmelita, nos leva a Angelo Kretã. Liderança da etnia Kaingang, ele assumiu o cargo de vereador na cidade de Mangueirinha, Paraná, em 1976. Angelo teria aceitado o convite de um dos candidatos majoritários do Movimento Democrático Brasileiro (MDB) à prefeitura de Mangueirinha. A candidatura e a cidadania plena de Kretã foram questionadas por políticos da ARENA, que argumentaram que ele era um indígena Kaingang, ainda sob tutela do Estado. Há diversos registros que apontam que o cacique pensou em renunciar ao posto, após assédio

de jornalistas, políticos e da própria Fundação Nacional do Índio, hoje Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), que não aceitava sua candidatura e poderia cancelar sua documentação. Apesar de viver esse paradoxo tutelar do Estado, o cacique conseguiu na justiça o direito de concorrer e foi eleito em 15 de novembro de 1976, o primeiro vereador indígena do Brasil (CASTRO). Na legislação pré-Constituição apenas um indígena “aculturado” poderia ter a documentação necessária para participar de uma eleição (OLIVEIRA E LIMA, 2022).

No âmbito federal - e aqui temos um consenso de fontes - o primeiro indígena eleito **deputado** foi Mário Juruna Xavante, em 1982, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT) do Rio de Janeiro, com o suporte direto de Darcy Ribeiro e Leonel Brizola, seis anos antes do reconhecimento de direitos indígenas proporcionado pela Constituição Federal de 1988. Aproveitando essa brecha legal, em momento político de relativa abertura, o indígena Xavante foi eleito em 1982 e empossado em 1983. Porém, quando começou a defender os interesses dos indígenas, foi perseguido e teve, inclusive, a emissão de um passaporte negado quando iria apresentar denúncias em fóruns internacionais sob a justificativa jurídica da tutela. O indígena protagonizou diversas piadas racistas e ficou conhecido por sempre estar acompanhado de um gravador de voz, pois alegava que políticos brancos não mantinham a palavra.

O registro de cor/raça de candidatas (os) foi incluído no cadastramento pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apenas em 2014. Em 2016, foram eleitos seis prefeitos indígenas, 10 vice-prefeitos e 169 vereadores.

Em 2017, a APIB lança a nota pública Carta Aos Povos Indígenas Do Brasil: Por Um Parlamento Cada Vez Mais Indígena, um manifesto pela reforma política (não apenas reforma eleitoral), onde fundamentaram a necessidade de indígenas enxergarem o parlamento como um lugar estratégico para o empoderamento dos povos e para que as lutas e pautas pudessem ser evidenciadas e transformadas em instrumentos de resistência.

Apenas três décadas após a Constituição de 1988, Joenia Batista de Carvalho Wapichana consegue ocupar uma cadeira na Câmara Federal, eleita pelo Partido Rede de Sustentabilidade, em 2018, e tornando-se a primeira mulher indígena a ocupar cadeira no legislativo federal. Joênia não conseguiu se reeleger em 2022, mas em 2023, com o início do governo Lula, assumiu outro feito histórico: foi a primeira presidente indígena da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), fortalecendo a luta dos povos (PATAXÓ, 2023). O efeito subjetivo desta participação é um multiplicador de esperança entre povos indígenas (HARARI, 2022).

Também em 2023, Sonia Guajajara e Célia Xakriabá elegeram-se deputadas federais. A primeira passou a ocupar, outro marco histórico, o cargo de ministra dos Povos Indígenas, em novo ministério sancionado pelo presidente Lula.

Uma avaliação meramente quantitativa indicaria o crescente interesse de indígenas pela política partidária nas últimas eleições, mas há autores que aprofundam a discussão para além da participação quantitativa, e lançam luz em características como a legitimidade da representação e a manipulação de identidades ou indivíduo que mesmo com ascendência indígena representam interesses contrários à sua coletividade, outro dado que podemos associar às discussões sobre colonialidades.

A abordagem de Luis Roberto de Paula (2022) sistematizou o perfil de candidatas (os) indígenas em 2018 e 2022 e propôs uma classificação pertinente: 1- Quantidade de candidaturas indígenas autodeclaradas; 2- Quantidade de candidaturas indígenas com vínculo étnico; 3- Quantidade de candidaturas indígenas apoiadas pela APIB.

Esta investigação aponta para outros critérios possíveis para resultados mais expressivos, mas suscita também, novas perguntas. Entre as reflexões possíveis desta investigação, situa-se historicamente o percurso de investigação até a ausência de uma representante indígena paraense no legislativo federal.

Conforme o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022, o Brasil reúne 1,7 milhão de indígenas de 305 etnias que falam 274 línguas, distribuídos em pouco mais de 13% do território nacional. No entanto, entre as candidaturas indígenas relevantes mais recentes no Pará, destacamos: Vereadora - Marcia Kambeba (2020), Partido Socialismo e Liberdade (Psol), Etnia Omágua/Kambeba; Dep. Estadual – Coletivo Manas de Luta (com Iza Tapuia), Partido dos trabalhadores (PT), Etnia Tapuia; Dep. Federal – Maia Kaiapó (2022), coligação REDE/Psol, Etnia Kaiapó; Dep. Federal – Nice Tupinambá (2022), Coligação REDE/ Psol, Etnia Tupinambá.

A região Norte concentra 44,48% da população indígena do país (753.357 pessoas). No Pará, estão 80.974 indígenas, sendo 41.819 em terras indígenas e 39.155 em áreas urbanas. O número representa 1% da população do Pará, de 8.116.132 habitantes (CENSO 2022).

No campo da política partidária, apenas em 2022, ocorre a candidatura das duas primeiras mulheres indígenas a uma vaga no legislativo federal pelo Estado do Pará, através coligação Rede/Psol. Ainda que as candidatas Nice Tupinambá e Maia Kaiapó não tenham conseguido se eleger, as reflexões sistematizadas neste texto dizem respeito a este contexto e apresenta contribuições de análise para um cenário eleitoral de diversas assimetrias.

## **2.3 PRIMEIRAS CANDIDATURAS À DEPUTADAS FEDERAIS INDÍGENAS DO ESTADO DO PARÁ – BREVE TRAJETÓRIA DAS CANDIDATAS**

A votação de representantes de povos originários bateu ao menos dois recordes nas eleições de 2022. Pela primeira vez na história do Brasil, duas mulheres ligadas ao movimento indígena entraram, de uma só vez, na Câmara dos Deputados: Sônia Guajajara e Célia Xakriabá - ambas do PSOL. No Pará, entretanto, as duas primeiras candidatas indígenas à deputada federal não obtiveram votos suficientes para serem eleitas. Maial Kaiapó obteve 6.639 votos, enquanto Nice Tupinambá recebeu 9.387 votos. Nem Vivi Reis, candidata não-indígena e aposta do partido, conseguiu se eleger, devido à matemática do processo eleitoral, mesmo obtendo 53.353 votos.

Em ambas as candidaturas de deputadas indígenas no Pará, o questionamento sobre uma investida em âmbito estadual e não federal era posto em discussão, mostrando a falta de entendimento sobre as pautas indígenas, que são votadas e decididas majoritariamente em âmbito federal.

Além disso, coletamos relatos de diversas violências, como descrédito da identidade indígena, interrupções de fala, toques sem permissão, insinuações sobre a aparência física e questionamentos sobre a vida privada.

A seguir, apresentamos uma breve trajetória das candidatas, com pontos de atenção para histórico na política partidária, atuação em movimentos políticos, povos de origem, estratégias de campanha, desafios e pontos positivos durante o pleito de 2022:

### **2.3.1. Maial Kaiapó**

Maial Kaiapó (Maial Panhpunu, nome de sua avó paterna) pertence a uma grande família Mē bêngôkré Kayapó. Nasceu em Belém e cresceu na Aldeia Aukre, próxima ao rio Fresco. É uma das três filhas de Irekran e Paulinho Paiakan, um dos principais nomes do movimento indígena brasileiro, conhecido sobretudo durante a luta pela elaboração da Constituição de 1988, ao lado de lideranças como Ailton Krenak e o Cacique Raoni (Tio avô de Maial). Paiakan faleceu em junho de 2021, seis meses antes de a vacina contra Covid-19 chegar às aldeias indígenas no Brasil (HARARI, 2023).

Maial Paiakan Kaiapó foi estudar em Redenção, a 280 km da sua aldeia e se tornou a primeira Kaiapó a concluir uma graduação, formando-se em direito em 2015. Em sua trajetória, merece destaque a defesa dos direitos dos povos indígenas na hoje Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) e na Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). Em 2020, Maial trabalhou como assessora da deputada Joenia Wapichana, primeira mulher indígena eleita no Congresso Nacional.

Sua irmã mais velha, O-é (primeira cacica Kaiapó), seria inicialmente o nome indicado por seu povo para a candidatura em 2022. Mas ela engravidou, e a comunidade chegou a um consenso de que seria melhor que Maial assumisse o desafio (HARARI, 2023).

Maial optou pela Rede Sustentabilidade, partido criado em 2013 a partir da mobilização de ambientalistas como a atual Ministra de Meio Ambiente, Marina Silva, com quem Maial tem proximidade. Nas eleições de 2022, a Rede formava coligação com o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Maial contou com a assessoria de Teresa Harari e Kokanã (Tânia, irmã de Maial) para a coordenação de campanha e para criação de alguns vídeos e fotografias para redes sociais. Elas também contrataram uma empresa especializada em comunicação política chamada Baselab, agência de marketing político focada exclusivamente no campo progressista. O desafio era adequar as várias frentes de campanha, comunicar entre indígenas e não-indígenas, sem perder as bases ancestrais de Maial e o alinhamento com as propostas políticas e peculiaridades da candidata.

O recurso financeiro era pouco e o risco iminente: 2022 foi marcado pela escalada da violência contra os povos indígenas no país, ainda sob a gestão de Jair Bolsonaro. Alguns municípios do interior do Estado ainda ocupam posições de destaque no ranking dos mais violentos do país e Maial havia decidido articular a campanha mais no interior do Pará que na região metropolitana. Os deslocamentos entre essas regiões também são bastante precários, deixando a candidata vulnerabilizada, pois ela representava uma candidatura indígena em campanha por cidades onde grileiros, madeireiros e fazendeiros dominam a economia. Maial e suas duas assessoras viajavam sozinha de ônibus, avião, carro e embarcações, em período de campanha que coincidiu com o assassinato de Bruno Pereira e Dom Phillipis, no Amazonas.

A Rede disponibilizaria R\$200 mil reais para a campanha de Maial, valor baixo se comparado com outras candidaturas, como a de Vivi Reis e Elcione Barbalho. A prioridade foi contratar um advogado e um contador para a campanha, devido primeiramente à falta de transparência e aos inúmeros erros que podem ser interpretados como boicote à candidatura da Maial pelo partido (HARARI, 2023). Uma delas, inclusive, diz respeito ao erro de registro da candidatura, inicialmente colocada como estadual e o erro de grafia no nome de Maial, o que poderia comprometer toda a campanha.

Ainda em relação às dificuldades, Maial testou positivo para malária durante a campanha, o que fez com que diversos compromissos agendados precisassem ser cancelados. Nesta época, o medicamento Cloroquina, usado no tratamento contra Malária, estava em falta, pois o discurso de que ele também teria efeito contra a Covid-19 fez com que se esgotasse rapidamente de redes de saúde

e farmácias. A saúde da candidata apresentou melhoras apenas em setembro de 2022. Outro fator importante no fator tempo e alcance da campanha, dizia respeito às agendas com apoiadores que precisaram ser canceladas algumas vezes, pelo falecimento de algum parente (termo usado por alguns povos para designar outros indígenas), uma “caçada” ou outro evento, característico do tempo da aldeia, onde outras prioridades eram consideradas.

Maial recebeu apoio também de uma empresa de São Paulo para criar a identidade visual da campanha, mas tudo tinha caráter de inovação. Os primeiros adesivos de campanha, elaborados por sua equipe reduzida de campanha, ficaram prontos em julho (mês da convenção partidária) e foram impressos com a ajuda de amigos (HARARI, 2023). Em seu perfil no Instagram e no material gráfico oficial de campanha, ela aparece com o rosto pintado de urucum. Para os Kaiapó, o urucum é a cor da vitalidade e representa uma proteção contra ameaças externas.

A Articulação dos povos indígenas (APIB) apoiou trinta candidaturas indígenas, a partir da campanha Bancada do Cocar. Além das reuniões no começo da campanha, criaram um grupo no WhatsApp e davam suporte de um contador e um advogado, mas a coordenação da campanha de Maial acabou não recorrendo a esses profissionais pois já havia montado uma estrutura independente, sobretudo via apoio nacional do partido, pela proximidade com Marina Silva e Joênia Wapichana.

A Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (Coiab) também prestou apoio e fez publicações nas redes sociais reiterando a importância de Maial como uma escolha coletiva para o movimento indígena.

Em seu perfil de Instagram (<https://www.instagram.com/maialpaiakan/>) foi possível um registro de sua agenda de campanha. Observando de março de 2022 (início de sua pré-campanha), a 2 de outubro (dia da votação do primeiro turno) de 2022, extraímos conteúdos ligados à suas demarcações políticas como comprometimento com a justiça social, a indissociabilidade das lutas antirracistas e antissexistas, e a defesa dos territórios e das comunidades tradicionais. Mais do que interesses particulares, a atuação de Maial apresentava um projeto de país e futuro, cujo principal valor seria a coletividade.

Entre as principais propostas de campanha, com comunicação específica iniciada em setembro de 2022, foram apontadas as seguintes pautas prioritárias: ampliar as ações de enfrentamento à violência doméstica; ampliar a resistência no congresso contra projetos de lei que autorizam a exploração econômica destrutiva em terras indígenas; aprimorar o atendimento às populações indígenas, quilombolas e ribeirinhas e de pequenos produtores rurais por meio de um diálogo direto com as comunidades; ampliar frentes voltadas para a qualificação profissional,

conciliação do trabalho produtivo e de cuidados; lutar pela reestruturação e fortalecimento dos órgãos de fiscalização e monitoramento do desmatamento; lutar pela ampliação do abastecimento de água, energia e comunicação; fortalecer a inclusão de comunidades no mercado de produtos da socio biodiversidade; fortalecer a ação básica de saúde nos municípios, com ênfase nas aldeias e povoados distantes e desassistidos.

Além desta pontual proposta de mandato, o conteúdo de seu perfil no Instagram incluiu celebridades de cunho nacional, da política e da arte, com nomes como Ailton Krenak, Caetano Veloso, Marcos Palmeira, Céu, Gaby Amarantos, entre outros, ligados à Rede, como Marina Silva e Joênia Wapichana.

A campanha de Maia (de número 1818) foi marcada por uma agenda intermunicipal, com visitas a aldeias e diálogo direto com as comunidades, tendo início pontuado no dia 18 de agosto, em Ourilândia do Norte, próximo à aldeia da família da candidata. Teresa Harari, sua assessora, aponta para um entendimento dessa escolha como significativa à profunda reverência e respeito à ancestralidade Kaiapó, em uma teia de relações que envolvia parentes e encantados.

### **2.3.2. Nice Tupinambá**

Nice Tupinambá - Maria Gracionice Barbosa Gonçalves - é jornalista, indígena do povo Kamuta Tupinambá e foi candidata ao cargo de deputada federal na coligação Federação PSOL /REDE, em 2022. Nascida em 89, atualmente tem 35 anos de idade.

Original de Porto Grande/Cametá, migrou para Belém aos 14 anos, para estudar e trabalhar. Trabalhou como babá, auxiliar em açougue e auxiliar em consultório odontológico. Ingressou na luta social, por meio do movimento estudantil em 2009, ano da fraude do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Foi assessora parlamentar do então Deputado Federal Edmilson Rodrigues e coordenou a sua campanha para prefeito – onde foi eleito - em 2020.

Nice sinaliza o movimento estudantil da UFPA como agregador de indígenas em contexto urbano. Ela demarca que os Kamuta Tupinambá “são um povo renascido no Brasil”, porque foram praticamente extintos, e buscam o fortalecimento da identidade e ancestralidade. Como jornalista, também cobriu temas ligados às pautas ambientais e de direitos humanos, em seu site pessoal e redes sociais, mas também como colunista do Belém Trânsito Mais (BTMais), Mídia multiplataforma de informação e entretenimento.

A candidata também ressalta a criação/atuação no Instituto Nossa Voz, instituto socioambiental, indígena e étnico social que atua desde 2020, com sede inaugurada no final de 2021, no bairro do Guamá, em Belém do Pará. A organização não governamental (ONG) atua sobretudo nos

municípios de Redenção, Capitão Poço, Santarém, Cametá, Paragominas, Ananindeua, Belém e Altamira.

A violência política de gênero e o racismo estiveram bem presentes na campanha de Nice. Após pesquisa qualitativa, questionavam se ela possuía capacidade política e domínio da língua portuguesa para exercer o cargo de deputada, caso eleita. "A gente vive muito essa marca do estereótipo, tanto que o slogan da minha campanha onde a gente passou a falar e até hoje eu sempre me apresento, é Tupinambá, jornalista indígena. Eu tenho que trazer esse diploma pro meu nome pra poder me qualificar, pra poder me autorizar a estar disputando esse espaço", afirmou em entrevista para a produção deste artigo.

Nice afirma que não teve um planejamento mais específico de campanha, ela mesma, inclusive, por seus conhecimentos em marketing e comunicação, testava algumas estratégias e em vários momentos atuava na produção de conteúdo para seu site e perfil no Instagram e Twitter.

A ex-candidata considerou importante a atuação na área metropolitana e o trabalho para divulgação e obtenção de votos de não-indígenas. Foram também frequentes os reforços sobre sua habilidade para trabalhar em várias frentes, não apenas as de temática indígena. O uso ou não do cocar era outra questão relevante: no povo Tupinambá, só usam cocar quando se sentem bem, havia também a preocupação de Nice em não reforçar estereótipos para que ela tivesse respeito enquanto mulher indígena. Aqui pode-se ligar também um ponto de análise sobre desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2017), por acontecer em um cenário tenso de enfrentamentos, resistências e também de negociações de sentidos, enquanto reação em uma tentativa de subalternização e fixação com estereótipos.

Em relação ao auxílio da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Nice afirma que perdeu um prazo de envio de informações e acabou não recebendo apoio da APIB. O fato fez com que a legitimidade de sua candidatura enquanto mulher indígena fosse questionada (coincidentalmente eram predominantemente pessoas brancas, entre pessoas do partido ou não, e entre não-candidatos), dando à candidata duas inserções como direito de resposta durante o período eleitoral.

No total de recursos recebidos, incluindo doações, Nice contabilizou R\$138.671,46, enquanto Maia Kaiapó, R\$452.915,00, valores considerados baixos proporcionalmente e levando em consideração aos recursos de estrutura necessários para deslocamento em um estado que se localiza como a segunda maior extensão territorial do país.

Por sua experiência em comunicação, Nice dividia os compromissos mais formais de campanha à produção de conteúdo para seu site e redes sociais.

Analisado de março de 2022 a 2 de outubro (dia da votação do primeiro turno) de 2022, extraímos conteúdos ligados à suas demarcações políticas em seu perfil no Instagram, que incluíram intensa agenda tanto no interior do Estado, quanto na capital, muitas vezes marcados pela atuação de Nice como jornalista e fundadora da ONG Nossa Voz, quanto pelo papel de secretária geral do PSOL BELÉM e enquanto mãe, com publicações de foro mais íntimo ligadas à maternidade.

Suas articulações incluíram apoio de representantes do povo Tembé, Hexkaryana, Tikuna, Baré, Tupinambá, Guajajara, Kumaruara, Wai Wai, entre outros. O evento de pré-candidatura de Nice Tupinambá está demarcado em seu perfil no Instagram no dia 21 de junho, com convite para cerimônia em 25 de junho de 2022 (data de distribuição de seu material físico de campanha). No conteúdo, diversos apoiadores ligados ao PSOL, incluindo o presidente nacional do partido, Juliano Medeiros.

Entre os destaques de seu perfil, a publicação no Instagram em fundo verde, com foto de Lula beijando a testa de Nice Tupinambá e propostas em textos curtos, com as 7 principais frentes de campanha - Propostas 5015:Trabalhar pela regulamentação dos profissionais de aparelhagem, DJs, técnicos de som, montagem, luz e apoio aos movimentos culturais; Lutar contra o garimpo ilegal, Marco Temporal pela garantia dos direitos indígenas nas cidades e territórios; Criar projetos de leis que impulsionem o empreendedorismo de mulheres e jovens com apoio de crédito e qualificação; Perdão da dívida do Fies! Mais de 1 milhão de estudantes estão endividados com o Fies; lutar pelo projeto de lei 5228/2019 que trata de incentivos fiscais para contratação de jovens sem experiência; criar o projeto que concede benefícios tributários a empresas que contratem mães; lutar por concurso público nas instituições de proteção ambiental. A publicação data de 9 de setembro de 2022.

Outra publicação de destaque, no início de setembro (dia 09), aponta para a vitória judicial de Nice, contra “o racismo, a violência de gênero e o jogo sujo das FakeNews”. O PSOL havia conseguido no Tribunal Regional Eleitoral (TER), três liminares obrigando o senhor Olavo Dutra a retirar do ar várias publicações criminosas contra Nice, com conteúdos racistas, machistas e falsos que atingiam a candidata em sua identidade, ao chamá-la de “Índia fake”.

### **3. CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS**

O Estado do Pará ainda não conseguiu eleger uma (um) representante federal para Câmara dos Deputados. Considerando que as regras eleitorais vigentes, ainda que com a atualização da política de cotas, não integram a cultura de diferentes povos indígenas brasileiros, ainda há um longo caminho de mudanças para que um cenário democrático e justo se faça presente, reiterando práticas e pactos de branquitude - pacto não verbalizado de preservação de um grupo nos melhores lugares sociais (Bento, 2002, 2014, 2022) - neste sistema. Ou, nas palavras de Lourenço

Cardoso, branquitude como lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Em relação às escassas verbas, reiteramos que a utilização para despesas pessoais como transporte e hospedagem, é proibida pela legislação eleitoral brasileira, o que dificulta contextos de campanha atravessados por dificuldades de transporte e necessidades específicas de segurança, como o caso de candidaturas indígenas e seu traslado entre os territórios. É possível considerar que esta limitação favorece a articulação de candidaturas privilegiadas, com recursos próprios maiores.

Ainda que brevemente, vale apontar alguns dos muitos desafios enfrentados pelas candidaturas indígenas de forma geral, identificados na bibliografia consultada, das entrevistas realizadas, bem como no acompanhamento como fotógrafa da candidatura de uma das candidaturas indígenas analisadas (produzindo, junto à jornalista Catarina Barbosa, a cobertura da agenda de Maia em Belém, para a Agência Sumaúma, 2022). Desafios como a criação de uma assessoria multilíngue institucional que contemple a diversidade indígena, melhores condições de transporte, inserção de urnas eletrônicas em territórios, distribuição de renda de campanha considerando as especificidades territoriais, interculturais e interseccionais. Também a compreensão e punição de atos de discriminação étnica e violência política de gênero no âmbito do processo eleitoral (que atravessaram nossas investigações sobre as candidatas mesmo quando conversávamos com pessoas filiadas ao partido/coligação ao qual elas fazem parte). Estas primeiras explorações, apontam para um longo caminho de pesquisa, a seguir ainda nas trilhas de conclusão de uma pesquisa de mestrado, mas já contextualizam o tema e historicizam as duas candidaturas indígenas em questão.

A atenção adequada a um sistema político-partidário-eleitoral mais inclusivo, algo observado em relação ao nosso recorte de análise, mas facilmente aplicável a outros contextos geográficos, permite que outras perspectivas de considerações e investigações lancem luz ao caráter de coletividade, as dimensões de espiritualidade, multisensorialidade, ancestralidade e outras subjetividades desses povos nas considerações adaptativas do processo eleitoral e, portanto, também em sua dimensão comunicativa. Sem essas adequações, a cidadania especial, como apresentada por Baniwa, se torna apenas um conceito não aplicável à realidade da participação político-partidária de indígenas no Brasil. Pensar e buscar contribuir para o atendimento dessas demandas também nesse espaço de reflexão mostrou-se urgente para nós, uma urgência de produção de saberes contra a hegemonia sistêmica branca que também é desafiadora ao tempo de amadurecimento da criação de campos de pesquisa tradicionalmente eurocentrados.

## REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PARÁ. Censo 2022 mostra o Pará com mais de 80 mil indígenas, a maioria vivendo em seus territórios .lorena esteves agencia para. 07/08/2023 <https://www.agenciapara.com.br/noticia/46144/censo-2022-mostra-o-para-com-mais-de-80-mil-indigenas-a-maioria-vivendo-em-seus-territorios>
- APIB. Nota pública Carta Aos Povos Indígenas Do Brasil: Por Um Parlamento Cada Vez Mais Indígena. 2017. Disponível em: <https://mobilizacao nacionalindigena.wordpress.com/2017/01/31/carta-aos-povos-indigenas-do-brasil-por-um-parlamento-cada-vez-mais-indigena/>
- APIB. Pedido de parecer consultivo da APIB à Corte Interamericana de Direitos Humanos. 2023. Disponível em: <https://apiboficial.org/files/2023/12/Minuta-OC-Climática.docx.pdf>
- APIB. Carta aberta do Acampamento Terra Livre ao pré-candidato à presidência da República Luiz Inácio Lula da Silva. 12/abr/2022. <https://apiboficial.org/2022/04/12/carta-aberta-do-acampamento-terra-livre-ao-pre-candidato-a-presidencia-da-republica-luiz-inacio-lula-da-silva/>
- Arquivo Nacional. MAPA - MEMÓRIA DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA BRASILEIRA. Constituição de 1824. <http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/305-constituicao-de-1824>
- BANIWA, Gersem. Indígenas e processos eleitorais no século XXI. In: Sistematização das normas eleitorais : eixo temático VII : participação política dos grupos minorizados. Brasil. Tribunal Superior Eleitoral | 2022. Disponível em: <https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/10324?locale-attribute=es> . Acesso em: 10.02.2023
- BANIWA, G. O Sonho de um Parlamento Indígena no Brasil. In: SOCIOECONÔMICOS, I. DE E.(Ed.). Índios e Parlamentos. Luciana Costa e Ricardo Verdum (org). Brasília: [s.n.].
- BANIWA, G. A conquista da cidadania indígena e o fantasma da tutela no Brasil contemporâneo. In: RAMOS, Alcida Rita (org.). Constituições nacionais e povos indígenas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 206–227.
- BANIWA, G. L. Movimentos e políticas indígenas no Brasil contemporâneo. Tellus, v. 7, n. 12, p. 127–146, 2007.
- BANIWA, G. L. Língua, educação e interculturalidade na perspectiva indígena. Saberes e Identidades: Povos, Culturas e Educações. R. Educ. Públ. Cuiabá, v. 26, n. 62/1, p. p. 295-310, maio/ago. 2017. Disponível em 2238-2097-repub-26-62-00295.pdf (fcc.org.br)
- BENTO, Cida. Pacto da Branquitude. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida Silva Bento. Branqueamento e branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014a, p. 25-57.
- BENTO, Maria Aparecida Silva Bento. Branquitude: o lado oculto do discurso sobre o negro. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014b, p. 147-162.
- BENTO, Maria Aparecida Silva Bento. Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2002.
- BENTO, Maria Aparecida Silva; SILVEIRA, Marly de Jesus; NOGUEIRA, Simone Gibran (Org.). Identidade, Branquitude e Negritude: Contribuições para a Psicologia Social no Brasil: Novos Ensaio, Relatos de Experiência e de Pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 13-23.
- CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva Bento (Org.). Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CALGARO, COIMBRA, LA FLOR, 2019. A demarcação de terras indígenas no Brasil e as lições do movimento constitucionalista latino-americano insurgente. 2019. [https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_informativo/bibli\\_inf\\_2006/Rev-FD-UFG\\_v.43.03.pdf](https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_informativo/bibli_inf_2006/Rev-FD-UFG_v.43.03.pdf)

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil / Sueli Carneiro — São Paulo : Selo Negro, 2011. — (Consciência em debate/coordenadora Vera Lúcia Benedito). Disponível em <https://institutoressurgir.org/wp-content/uploads/2018/07/Racismo-Sexismo-e-Desigualdade-Sueli-Carneiro-1.pdf>

CASTRO, Paulo Afonso de Souza. O BRASIL E SUAS MEMÓRIAS. ANGELO KRETÃ. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/biografia-angelo-kreta/>

CIMI - Cimi lança Relatório de Violência contra povos indígenas no Brasil com dados de 2022 e retrato das violações sob governo Bolsonaro 21/07/2023. Disponível em <https://cimi.org.br/2023/07/lancamento-relatorio-2022/#:~:text=21%2F07%2F2023-,Cimi%20lan%C3%A7a%20Relat%C3%B3rio%20de%20Viol%C3%A7%C3%A3o%20contra%20povos%20ind%C3%ADgenas%20no%20Brasil,das%20viola%C3%A7%C3%B5es%20sob%20governo%20Bolsonaro&text=O%20Conselho%20Indigenista%20Mission%C3%Alrio%20>

COLLINS, P.H. Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DE PAULA, Luís Roberto. Jogando com as identidades': um perfil multidimensional das candidaturas e dos mandatos indígenas conquistados nas eleições de 2018 e 2022 e uma tipologia de modalidades de legitimidade indígena na arena político-partidária nacional.2023.

ELLWANGER, Joel Henrique. Beyond diversity loss and climate change: Impacts of Amazon deforestation on infectious diseases and public health. Além da perda de diversidade e das mudanças climáticas: Impactos do desmatamento da Amazônia nas doenças infecciosas e na saúde pública. 17 de abril 2020 <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32321030/> . Acesso em 10 de maio de 2023.

FUNAI. GOV.BR. Dia Internacional da Biodiversidade: cerca de 80% da biodiversidade mundial encontra-se em Terras Indígenas. Publicado em 22/05/2023.

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Dia Internacional da Biodiversidade: cerca de 80% da biodiversidade mundial encontra-se em Terras Indígenas. (on-line). <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/dia-internacional-da-biodiversidade-cerca-de-80-da-biodiversidade-mundial-encontra-se-em-terras-indigenas>

FUNAI - Fundação Nacional dos Povos Indígenas. Balanço: Funai retoma missão de proteger os povos indígenas e trabalha para fortalecer estruturas e ações. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2023/balanco-funai-retoma-missao-de-protoger-os-povos-indigenas-e-trabalha-para-fortalecer-estruturas-e-acoes> ACESSO EM 10.03.2023

GASCHÉ, J. Niños, maestros, comuneros y escritos antropológicos como fuentes de contenidos indígenas escolares y la actividad como punto de partida de los procesos pedagógicos interculturales: un modelo sintáctico de cultura. IN: GASCHÉ, J.; BERTELY, M.; PODESTA, R. (Coord.). Educando en la diversidad: investigaciones y experiencias educativas interculturales y bilingües. Quito: Abya-Yala, CIESAS, IIAP, 2008.

HARARI, Teresa. "Vai Ter Menire Mebêngôkre Na Política": Histórias E Reflexões Sobre A Campanha Político-Partidária De Maial Kaiapó Para A Câmara Dos Deputados No Estado Do Pará. In Participação indígena em eleições: desafios técnicos e políticos no processo eleitoral brasileiro. Mórula Editorial, 2023. E-book.

ISAGUIRRE-TORRES, MASO, 2023. As lutas por justiça socioambiental diante da emergência climática. <https://www.scielo.br/j/rdp/a/yDkqJkpnpdHnQHZcf395Zkk/#> . <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2023/73122>

KAIAPO, Maial. Pará, 2022. Instagram: @maialpaiakan. Disponível em <https://www.instagram.com/maialpaiakan/>

MALDONADO-TORRES, N. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Joaze Bernardino- Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel (Orgs.). Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. Coleção Cultura Negra e Identidades. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p.27-52.

MAPBIOMAS. PERDA DE VEGETAÇÃO NATIVA NO BRASIL ACELEROU NA ÚLTIMA DÉCADA. (ONLINE) Disponível em: < <https://brasil.mapbiomas.org/2023/08/31/perda-de-vegetacao-nativa-no-brasil-acelerou-na-ultima-decada/> >

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - VOL. 32 N° 94, 2017. p. 1-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ibcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf>

MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS. Candidaturas indígenas terão cota de recursos eleitorais e de tempo de rádio e TV, decide TSE <https://www.gov.br/povosindigenas/pt-br/assuntos/noticias/2024/02/candidaturas-indigenas-terao-cota-de-recursos-eleitorais-e-de-tempo-de-radio-e-tv-decide-tse> .2023.

MORA, C., Met al. Over half of known human pathogenic diseases can be aggravated by climate change. Nat. Clim. Chang. 12, 869–875 (2022). Revista científica Nature Climate Change. Over half of known human pathogenic diseases can be aggravated by climate change. <https://www.nature.com/articles/s41558-022-01426-1#Sec11> 2022.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA. Brasil 2 45- Construindo uma potência ambiental. Volume 1—Propostas para a Política Ambiental Brasileira em 2023–2024. <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/05/2045—VF.pdf>

OLIVEIRA, João Pacheco de. Índios, eleições e partidos. Aconteceu – Povos Indígenas no Brasil, 1982. São Paulo: CEDI, 1983, p. 96-97. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=-1AtDgAAQBAJtDgttQBt&BRpsourcegbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=-1AtDgAAQBAJtDgttQBt&BRpsourcegbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false). Acesso em:

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Urbanização e tribalismo. A integração dos índios Terena numa sociedade de classes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/000721943>

OLIVEIRA, Bruno Pacheco de; LIMA, Antonio Carlos De Souza. Pleitos eleitorais e cidadania indígena no Brasil: o presente e o futuro. In: Participação indígena em eleições: desafios técnicos e políticos no processo eleitoral brasileiro de 2022 / organização Ricardo Verdum, Luis Roberto de Paula, Antonio Carlos de Souza Lima. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Mórula, 2022.

ONU NEWS. Reportagens humanas. <https://news.un.org/pt/story/2019/08/1683741>

PATAXÓ, Samara. Portal do Tribunal Superior Eleitoral. Samara Pataxó destaca necessidade de maior representação indígena nos espaços de poder. Disponível em <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2023/Novembro/samara-pataxo-destaca-necessidade-de-maior-representacao-indigena-nos-espacos-de-poder>. Acesso em 10.02.2023.

PLANALTO FEDERAL. CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824). Coleção de Leis do Império do Brasil - 1824 Página 7 Vol. 1. Constituição Política do Império do Brasil, elaborada por um Conselho de Estado e outorgada pelo Imperador D. Pedro I, em 25.03.1824. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao24.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm) >. Acesso em 14 fev 2024.

PORTAL DA C MARA DOS DEPUTADOS. Joenia Wapichana denuncia violência política de gênero (on-line). 16/03/2022. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/secretarias/secretaria-da-mulher/noticias/joenia-wapichana-denuncia-violencia-politica-de-genero>. Acesso: 10, fev., 2024.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina”. LANDER, Edgardo (org). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. CLACSO, Buenos Aires, Argentina. 2005.

RÁDIO SENADO. Saiba como foi a primeira Assembleia Constituinte brasileira Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/05/saiba-como-foi-a-primeira-assembleia-constituente-brasileira#:~:text=Em%2003%20de%20maio%20de%201823%2C%20membros%20do%20Parlamento%20se,erta%20quantidade%20de%20mandioca%20plantada.>> .. Acesso: 10, fev., 2024.

TERENA, Eloy. (2022), Povos indígenas e o judiciário no contexto pandêmico: a ADPF 709 proposta pela Articulação dos Povos Indígenas do Brasil. Rio de Janeiro, Mórula Editorial.

TUPINAMBÁ, Nice. Nice Tupinambá - site oficial. Disponível em <https://www.nicetupinamba.com/nice-tupinamba> . Acesso em 10 de maio de 2023.

TUPINAMBÁ, Nice. Pará, 2022. Instagram: @nicetupinambaoficial. Disponível em <<https://www.instagram.com/nicetupinambaoficial/>>

TUXÁ, Felipe Tuxá e Dinamam Tuxá. Vote parente, vote! A participação indígena no sistema eleitoral brasileiro (2020). Disponível em: <https://midianinja.org/colunistaninja/vote-parente-vote-a-participacao-indigena-no-sistema-eleitoral-brasileiro/>

VERDUM, Ricardo. É possível criar um partido indígena no Brasil? Nota Técnica, n. 94, INESC, 2004. Disponível em:

[https://www.academia.edu/4682442/%C3%89\\_poss%C3%ADvel\\_criar\\_um\\_partido\\_ind%C3%ADgena\\_no\\_Brasil](https://www.academia.edu/4682442/%C3%89_poss%C3%ADvel_criar_um_partido_ind%C3%ADgena_no_Brasil). Acesso em 10 de maio de 2023.

VERDUM, Ricardo; de paula, Luís Roberto (Orgs.). Antropologia da política indígena: experiências e dinâmicas de participação e protagonismo indígena em processos eleitorais municipais (Brasil-América Latina). Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2020. Disponível em: <http://laced4.hospedagemdesites.ws/wp-content/uploads/2020/06/PoliticaIndigena.pdf>. Acesso em 10 de maio de 2023.

VERDUM, Ricardo; DE PAULA, Roberto; LIMA, Antonio Carlos de Souza (org.). Participação indígena em eleições: desafios técnicos e políticos no processo eleitoral brasileiro. Mórula Editorial, 2023. E-book.

WERÁ, K. A arte do Bem-Viver. Conversa com Daniel Munduruku. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wJS1YbT-Lhg>>. Acesso em 10 de maio de 2023.

WERÁ, Kaká. A Terra dos mil Povos. 2a edição. Peirópolis. 2020. <https://pt.scribd.com/document/449287560/A-TERRA-DOS-MIL-POVOS-pdf> . Acesso em 10 de maio de 2023.

ZAGHETTO, S. História de Oiapoque: com o arquivo e as memórias de Rocque Pennafort. Brasília: Senado Federal, 2019.



GT 01 – Democracia e conjuntura política na América Latina e Caribe

## **AUTONOMIA E INSTITUCIONALIZAÇÃO DO MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO PARÁ: UMA ANÁLISE DOS PROMOTORES E PROCURADORES NA DÉCADA DE 1980**

Hugo Sanches da Silva Picanço<sup>1</sup>(UFPA)

**RESUMO:** O ponto de partida para a institucionalização e profissionalização do Ministério Público do Estado do Pará (MPPA) inicia-se como um processo de descolamento do Poder Executivo, visando a uma autoadministração independente com recursos próprios. Esse processo tinha como missão ideológica a proteção social. A partir do acesso a determinados documentos da instituição no Pará (documentos históricos, incluindo jornais da AMPEP (Associação do Ministério Público do Estado do Pará) de 1981 a 1999 e atas de reuniões do Colégio de Procuradores de Justiça de 1983 a 1995 foi possível compreender os principais passos para esta institucionalização. O marco histórico fundamental para este processo foi a criação do primeiro Colégio de Procuradores de Justiça em janeiro de 1983, e os esforços nacionais para a criação de leis orgânicas estaduais uniformes, refletindo a nova configuração do Ministério Público. Assim variáveis históricas e conjunturais influenciaram a autonomização do MPPA, como a redemocratização e a virada discursiva em favor do interesse público primário. Referidas variáveis foram cruciais para entender o movimento de elite instituída na década de 1980, marcando os passos dados para autonomizar, profissionalizar e institucionalizar o MPPA.

**Palavras-chave:** história social da elite, institucionalização, autonomização, profissionalização e ministério público do Estado do Pará.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem como foco principal entender como ocorreu o processo de institucionalização/profissionalização do Ministério Público do Estado do Pará, partindo o seu olhar especificamente nos seus protagonistas: Promotores Públicos/de Justiça e Procuradores de Estado, dentro do recorte temporal na década de 1980. O objetivo é apresentar este processo a partir de variáveis históricas e conjunturais da época e como esse movimento ecoou aqui no Pará. Dessa forma, operou-se a construção de um banco de dados através de jornais da época, textos de leis, anteprojetos, assim como, bibliografias da época, no qual foram extraídos elementos centrais desses agentes, no qual a partir de uma perspectiva Bourdesiana como o capital econômico, capital cultural, capital social e capital simbólico e como esses capitais foram operacionalizados para a tomada de decisões que permitiram a profissionalização do Ministério Público do Estado do Pará, fenômeno este que ocorreu na década de 1980. O trabalho foi dividido em duas partes: a primeira falando deste processo de profissionalização, institucionalização e autonomização do campo de poder, demonstrando teoricamente como essa ideologia vai se sustentando. O segundo capítulo busca fazer um levantamento efetivo como foi ocorrendo essa autonomização no Ministério Público do Estado do

---

<sup>1</sup> Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil. E-mail: qpacom@gmail.com

Pará que começa de modo tardio se comparado com outras instituições e terá como o marco inicial os chamados “Pacotes de Abril” em pleno governo Geisel na ditadura militar. Portanto, esta análise centra-se na institucionalização especificadamente do Ministério Público do Estado do Pará e a formação da carreira dos promotores públicos, na qual pode ser feita a evolução precisa deste ambiente de descolamento do Executivo a partir da fala dos agentes no subcampo jurídico do Ministério Público.

### **I – O Fenômeno da Institucionalização, Autonomização e Profissionalização do Campo de Poder no qual se insere o Ministério Público Brasileiro.**

O êxito do Ministério Público na configuração estabelecida pela Constituição Federal de 1988 evidencia-se pelo seu processo de “distanciamento” em relação às esferas de poder político, um fenômeno que tem suas raízes na denominada institucionalização do poder estatal. Este processo apoia-se na autonomização e na profissionalização de seus membros, aspectos que necessitam de explicação. No âmbito do presente estudo, que se debruça sobre a construção da autonomia do Ministério Público do Estado do Pará, torna-se imperativo entender como tal processo se desdobrou no cenário nacional. Este entendimento passa pela análise de variáveis históricas e conjunturais que influenciaram diretamente o fortalecimento dessa entidade.

Codato (2008), em seu estudo, focado nas elites e instituições no Brasil, revela um aspecto interessante ao examinar as décadas de 1930 e 1937: a transição da figura do coronel, característica do meio rural, para o bacharel, figura urbana, dentro de uma estrutura oligárquica. Adorno (1988), por sua vez, investigou o papel desses bacharéis, especificamente os formados em Direito, ao analisar a construção sociológica da academia em São Paulo. Naquele período, as ideias liberais começaram a ser implementadas nas instituições de poder, prática mediada pela atuação dos bacharéis através do jornalismo.

Tanto Adorno (1988) quanto Codato (2008), em seus respectivos estudos, identificam a influência dos bacharéis na política brasileira. Adorno observa que, no século XIX, ainda não era evidente uma profissionalização da classe política por meio desses profissionais, uma transformação que Codato nota a partir dos anos 1930, com a substituição da figura do coronel da república velha pelo bacharel da nova república. Este contexto é relevante para o objeto deste artigo por dois motivos: primeiro é a necessidade de compreender os conceitos de autonomia, institucionalização e profissionalização; o segundo é entender o papel desses bacharéis que, posteriormente, ocupariam posições de destaque no Ministério Público Brasileiro, com foco no Ministério Público do Estado do Pará durante a década de 1980.

Codato (2008) identifica um processo de dissociação entre a classe dirigente e a classe dominante em seus estudos sobre os anos 1930, especialmente em 1937, durante a ditadura do Estado Novo. Segundo o autor, esse período marca o surgimento de um novo espaço político institucional, caracterizado pela figura do político profissional. Ao estudar a elite política de São Paulo a partir dos anos 30, Codato sugere que, após o regime de 1937, configurou-se um cenário específico.

(...) seus critérios de seleção ideológica, métodos de recrutamento político e modos de operação burocrática funcionaram como uma engrenagem que teve duas consequências inesperadas ou não planejadas: descasou a classe economicamente dominante da classe politicamente dirigente e constituiu no seio desta última uma classe política naquele sentido defendido acima por Panebianco, resultado, entre outras coisas, do requinte da gestão pública (o que ele chamou de “profissionalização intelectual”) (CODATO, 2008, p. 176–177).

Nessa diretriz, a partir da ditadura de 1937, está acontecendo um movimento que não é tão espontâneo, da institucionalização do poder político, cuja maior evidência, conforme apontado por Codato (2008), é a formação de um Estado Nacional, onde começam a se formar agremiações partidárias nacionais em detrimento das estaduais. Essa mudança passa a responder a lógica do campo burocrático. É exatamente neste ponto que vai surgir o ambiente de profissionalização intelectual e o mais impressionante é que essa profissionalização política intelectual começa a ocorrer a partir da própria negação da política dentro de um Estado autoritário. O ponto mais alto deste processo é a burocratização extrema das rotinas políticas (CODATO, 2008).

Dentro deste cenário, o campo de poder político, como afirma Bourdieu (1989), passa a contar com um novo aspecto após 1937, que é uma relativa autonomia desses espaços em institucionalização. Essa teoria dos campos não possui uma definição exata, muitas das vezes eles estão sobrepostos, um englobando o outro e havendo áreas de interseções, onde há uma verdadeira disputa naquele espaço de poder. Porém, a existência de profissionais neste campo de poder, ou seja, a constituição de agentes especificamente políticos, supõe a existência de um universo político relativamente autônomo e isso vai ocorrendo dentro de várias variáveis, sejam contextuais, sejam históricas Codato, (2008).

Começa a surgir a figura de uma pessoa no espaço político que praticamente vai se especializando, centrado na pessoa do expert, o bacharel, o jurista, o profissional liberal. Isso não substitui o modelo anterior, mas se reconfigura, por intermédio do transformismo. Aquilo que Codato (2008) vai chamar de dissociação da classe dirigente e da classe dominante. O profissional político só vai surgir face a relativa autonomização do espaço político. Essa autonomização, aqui defendida, é no sentido de encenação, figuração. Ora existe uma esfera de interesses sociais e ora existe uma esfera dos interesses políticos e só é possível falar em autonomia do campo político quando se fala

em autonomização do próprio campo da representação política e naquela época isso vai ocorrer através de um Órgão chamado DASP, transformando-se.

Esse profissionalismo político que, conforme apresentado por Codato, inicia-se nesse momento nas precisas palavras de Panebianco:

Nosso caso aqui – um processo de substituição dos parlamentares de origem aristocrática, burguesa ou operária (isto é, de origem classista) pelo político “de classe média”, com alto nível de instrução (profissionalização intelectual), exigência e efeito, segundo ele, da “tecnização” das decisões políticas. (CODATO, 2008, p. 438–439 Apud Panebianco).

Essa profissionalização que se inicia neste momento, vai se fortalecer no decorrer da história, ao ponto de criar outros espaços autônomos, como o do Ministério Público enquanto instituição nacional. Essa autonomização do MP Brasileiro, vai se iniciar nos chamados “Pacotes de Abril de 1977”<sup>2</sup>. O achado extremamente importante por parte de Codato (2008), é no sentido de que isso acontece num ambiente de negação da política e de pseudoneutralidade dos agentes que atuam neste campo de poder, como se esses técnicos fossem isentos de determinadas escolhas. Isso acontece tanto no Estado Novo de 1937, fortalece-se nos anos vindouros, principalmente na ditadura militar e na redemocratização, em um ambiente muito mais fortalecido, outros grupos profissionais assumem a diretriz na construção de um discurso de neutralidade, negação da política novamente e numa diretriz de proteção social, passam a assumir um papel de agentes provocadores da justiça, a fim de proteger a sociedade, que conforme a ideologia permeada por esses atores, não teriam condições de sozinha se organizar. Portanto, o ponto importante aqui é demonstrar como vai ocorrendo essa profissionalização que vai desembocar na construção de um ideário de um agente que de forma “neutra” seria o regulador da democracia: o Ministério Público Brasileiro enquanto instituição nacional.

Esse processo de institucionalização seria a consolidação no poder do Estado de uma determinada organização que foi paulatinamente conseguindo se separar do campo social, criando suas regras próprias, sua lógica própria, enfim, seu fortalecimento ao ponto de interferir em determinadas estruturas políticas. A institucionalização, propriamente dita, foi pensada por Bourdieu (2004, p. 100–101), que discorrendo sobre o assunto, asseverou o seguinte:

(...) o processo de instituição, de estabelecimento, quer dizer, a objetivação e a incorporação como acumulação nas coisas e nos corpos de um conjunto de

---

<sup>2</sup> Ao baixar esses pacotes, foi incluído na Constituição o art. 96 com a seguinte redação: o Ministério Público dos Estados será organizado em carreira, por lei estadual. **Parágrafo único. Lei complementar, de iniciativa do Presidente da República, estabelecerá normas gerais a serem adotadas na organização do Ministério Público Estadual, observado o disposto no § 1º do artigo anterior** (grifo do autor).

conquistas históricas, que trazem a marca das suas condições de produção e que tendem a gerar as condições da sua própria reprodução (quanto mais não fosse pelo efeito de demonstração e de imposição das necessidades que um bem exerce unicamente pela sua existência), aniquila continuamente possíveis laterais. À medida que a história avança, estes possíveis tornam-se cada vez mais improváveis, mais difíceis de realizar, porque a sua passagem à existência suporia a destruição, a neutralização ou a reconversão de uma parte maior ou menor da herança histórica – que é também um capital -, e mesmo mais difíceis de pensar, porque os esquemas de pensamento e de percepção são, em cada momento, produto das opções anteriores transformadas em coisas.

Neste sentido, o mundo político, incluído aqui o Estado e seus aparelhos, possui uma gama de instituições políticas e organizações formais. Esse processo de institucionalização dos espaços políticos denota a entrega da política a um grupo de profissionais que passaram a defender os seus interesses econômicos, assim como os interesses de sua corporação (BOURDIEU, 1989). Essa institucionalização reforça a lógica neoliberal de representação em detrimento da participação, conservando uma ideia autoritária e centralizadora do poder político. Foi dentro deste panorama que, conforme Rezende (2020), o Ministério Público, enquanto instituição nacional, construiu o seu discurso de defensor do interesse público que atuou neste processo durante o regime militar de 1964. Incorporando nas estruturas operativas do Estado, esse discurso que vai se redirecionar no processo de redemocratização, principalmente pelo fato de não ocorrer ruptura com esse regime.

Este espaço institucionalizado fortalecido pós-constituição de 1988 ocupado no meio jurídico por um profissional chamado promotor de justiça se torna também autônomo, ou seja, a capacidade de determinado campo social em expressar por sua própria lógica, os seus valores, as suas visões de mundo da realidade social, escolhendo o melhor sentido e dinâmica. Neste passo, o campo burocrático que se formou pela instituição Ministério Público, deve ser entendido “como um microcosmo, como um pequeno mundo social relativamente autônomo dentro do grande mundo social” (BOURDIEU, 2000, p. 52). Assim, este campo institucionalizado, relativamente autônomo, trabalha com sua própria lei, ou seja, ele possui por si mesmo o princípio de seu próprio funcionamento. Essa autonomia, desta instituição do Estado, é relativa, apesar de em 1988 não ter ocorrido nenhuma ferramenta de accountability, uma espécie de controle externo por parte desse campo social (KERCHE, 2009).

Bourdieu (1989) vai demonstrar que a concentração do poder nas sociedades modernas vai estar diretamente ligada à gênese do Estado, o qual está organizado em um campo de poder, um poder simbólico como “estruturas estruturadas (passível de uma análise estrutural)” (BOURDIEU, 1989, p. 9). Porém, ao mesmo tempo, vão ocorrer mudanças que aqui no Pará se dará na década de 1980, posto as alterações no próprio campo. Registre-se que a nível nacional houve todo um cenário de construção deste discurso ao longo do tempo. Esse discurso se operou em um determinado momento

e em certas condições. Por conta disso, Bourdieu (1989) vai mencionar que as lutas são travadas pelos detentores de determinados capitais que se dão em torno do Estado de oficializar divisões de poder e hierarquias sociais ou economicamente produzidas. Ou seja, essa aptidão não natural, mas social que vai sendo construída a partir do tempo, lugar e sobretudo das distribuições do poder, o qual ele denomina *habitus*.

Neste prisma, se o Estado é um campo de poder e se o campo de poder é um espaço onde os detentores de certos capitais de diferentes tipos lutam particularmente pelo poder sobre o Estado, o Ministério Público, enquanto instituição em disputa neste campo, amealhou capitais que preponderaram em detrimento de outras instituições, como a própria instituição política e esse processo ocorre através dos agentes que integram esse campo.

Este ambiente tecnicista que vai se operando dentro do campo de poder, a ser ocupado por um corpo especializado é feito dentro de um capital específico: o capital jurídico, que cria um verdadeiro aparelho jurídico neste sentido para o seu exercício. Bourdieu (1996) afirma que o processo de concentração do capital jurídico acompanha o processo de diferenciação, que resulta na constituição de um campo jurídico autônomo. Dentro deste contexto, portanto, o grupo dominante que permeava o Ministério Público Brasileiro veio a posicionar-se perante o cenário político para ocupar um papel técnico de proteção do cidadão, onde os políticos a época, aliado ao intenso lobby da categoria dos membros deram essa função ao Ministério Público, esvaziando de certa forma a profundidade do conteúdo democrático da própria autonomia do cidadão, ou seja, o papel que deveria ser exercido diretamente pelos grupos, pelos cidadãos, pelas associações e sindicatos foi repassado a um terceiro, consolidado naquilo que os juristas criaram artificialmente um nome para romper a naturalidade chamando de substituição processual. Assim a soberania popular vai cedendo a figura do expert, do profissional que se apresenta como neutro e detêm um conhecimento específico para lhe dar com uma situação específica de conflito social.

A consolidação dessa disputa no campo social, de onde o Ministério Público Brasileiro vai consolidar uma séria de atributos diferenciados, dos quais estarão presentes na Constituição de 1988, decorreu de um intenso lobby e atuação nesta Constituinte, do qual fatores históricos e conjunturais produziram um ambiente favorável para isso. Para se chegar em uma atuação em três grandes áreas, houve uma rigorosa e profissionalizada construção deste ideário de muita disputa. As três principais áreas em que esta burocracia vitalícia atua é a persecução penal, tendo o monopólio da ação penal, deflagrando um processo criminal através da denúncia; uma segunda área ligada mais a uma questão cível, sendo fiscal dos processos na área do incapaz, direito de família, no chamado direitos individuais indisponível e uma terceira e diferenciada área que é a tutela dos interesses difusos e

coletivos, construída na virada da redemocratização, como se fosse uma espécie de advogado da sociedade. Praticamente esta instituição migra de defensora do Estado, de um advogado do Estado para ser advogado da sociedade, atuando em áreas como o meio ambiente, defesa do consumidor, patrimônio histórico-cultural, fiscalização da probidade na administração pública, combate à corrupção e tantos outros interesses coletivos. Tais tarefas, grosso modo definidas no art. 127 da Constituição Federal que assim dispõe: o Ministério Público é instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbindo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis.

A reivindicação dessas atuações decorrem de um intenso trabalho que foi desenvolvido pelos seus principais atores que passaram a defender e consolidar essa visão de mundo conforme narrado por Bourdieu, institucionalizada e autônoma. Esse movimento pode ser esclarecido na linha do tempo abaixo, com os principais acontecimentos.

Tabela 1 – Linha do Tempo: Acontecimentos no campo do Ministério Público Brasileiro

Linha do Tempo	
Ano	Acontecimento
1942	1º Encontro Nacional do MP
1967	Grupos de Estudos para Discutir o MP
1970	Fundação da CAEMP
1971	I Congresso do MPSP - Defesa da tese - ampliação do MP na atividade custos legis
1971	Surgimento da AMPEP - MPPA
1973	CPC de 1973 e MP como defensor do interesse público
1977	"Pacote de Abril" - Lei Nacional do MP
1980	MP - SP - Fleury e Dal Pozzo percorrem o Estado Brasileiro - divulgando o sentido do MP
1981	Lei nº 6.938/81 - Lei da PN. Meio Ambiente
1981	14/12 - Ficou conhecimento com dia nacional do Ministério Público
1981	LC nº 40 - Lei Nacional do MP - 10/11/1981
1981	Organização Legal dos MP's
1982	LC nº 01 - LOMPPA MPE-Pará
1983	Janeiro - Tomou posse o 1ª Colégio de Procuradores de Justiça
1983	18 de março ocorreu a posse do 1ª Conselho Superior do Ministério Público
1985	Lei nº 7.347/1985 - LACP
1985	Sarney convoca Assembleia Nacional Constituinte
1985	VI Congresso Nacional do MP em SP
1985	A Pesquisa da CONAMP - Anteprojeto - Síntese

1986	1ª Encontro Nacional de PGJ e Presidentes de Associação - Carta de Curitiba
1986	Comissão Afonso Arinos
1987	Instalação da Constituinte
1987	Audiência Pública
1988	Constituição Federal de 1988

Fonte. Elaborada pelo autor (2024).

## II – As Variáveis Históricas e Conjunturais que Permitem a Autonomização do Ministério Público do Estado do Pará.

Nacionalmente o Ministério Público Brasileiro após o chamado Pacotes de Abril do Governo Geisel, vinha num processo de construção de sua identidade nacional que trouxe um comando normativo para criação da chamada norma geral dos Ministérios Públicos Estaduais. Essa variável histórica vai repercutir diretamente nos Ministérios Públicos Estaduais de todo o país, principalmente para que haja a corrida pela edição das leis orgânicas estaduais em cada Estado e a linha de comando traçada pela CAEMP<sup>3</sup> seria de que nos estados fosse mantida uma uniformidade, um paralelismo com relação a lei nacional.

Buscava-se então o estabelecimento e sanção da Lei Nacional do Ministério Público. Esse movimento ecoou em todo o país<sup>4</sup>, chegando na região Norte, especificamente no Estado do Pará, e o meio de comunicação na instituição ministerial no Pará se dava através do jornal da AMPEP. O Jornal da AMPEP era instrumento de veiculação das notícias do grupo dirigente para os promotores públicos no Pará, como eram chamados a época, inclusive, assim este veículo se apresentava, como a fala da Ex-Procuradora de Justiça aposentada, senhora Edith Marília Maia Crespo ao se reportar sobre o assunto:

(...) além do jornal da AMPEP, órgão de divulgação de nossa associação que já ultrapassou fronteiras, sendo admirado pelos Colegas de Outros Estados pela sua feitura, ressaltando os assuntos de interesse da classe não somente do Ministério Público, mas também da Magistratura, da Ordem dos Advogados e dos poderes constituídos (PEIXOTO;FILHO, 1981, p. 61).

O Ministério Público do Estado do Pará na década de 80 tinha como chefe o Procurador Geral do Estado que era pessoa da confiança do Governador. Registre-se que os promotores estavam diretamente subordinados ao Executivo e não havia paridade com os membros do Judiciário. Havia

<sup>3</sup> Era o órgão de classe a nível nacional, hoje chamado CONAMP.

<sup>4</sup> Havia uma mobilização por parte da CAEMP neste sentido. Arantes (2002, p. 45) traz a seguinte citação: “segundo Vasconcelos, promotor de justiça (PB, 1985), essa lei resultou, em grande medida, do lobby feito pela confederação das Associações Estaduais do Ministério Público. Entendemos que cada degrau conquistado vale a pena. E dessa vez foram vários degraus percorridos”.

uma busca muito grande pelos membros de defesa do chamado interesse público e esse interesse público vai aparecer formalmente, com a edição do Código de Processo Civil de 1973, o Ministério Público obteve êxito em incluir neste diploma legal a defesa nas demais causas em que houvesse interesse público, conforme previsão no art. 81, III do CPC de 1973. Esse inciso terceiro introduzido no Código de Processo Civil foi o momento em que o MP Brasileiro, liderado por sua organização política nacional, a CAEMP, passa a criar um ambiente de mobilização de saída do Estado para o lado da sociedade. Esse é um grande marco. O que num primeiro momento era defesa do interesse público genérico, depois passa a ser interesse difuso e coletivo até chegar a determinadas políticas públicas. Ou seja, foi sendo inovado esse tipo de tutela ao ponto do próprio MP reivindicar na Constituição de 1988 o papel de grande defensor da sociedade.

Neste contexto, o Ministério Público do Estado do Pará encontrava-se muito atrasado se comparado com outros Ministérios Públicos no Brasil. Enquanto o MPPA, em 1980, agigantava-se em melhorar sua estrutura por dentro do Executivo, visando, por exemplo, ter pelo menos uma sede própria, o MPRS, por exemplo, já possuía funções junto ao Tribunal local com atribuição para fiscalização do dinheiro público, objeto de determinadas demandas judiciais. Isso já ocorria lá em 1966. Arantes (2002) interpretando esse dispositivo, art. 81, III do CPC, trouxe a ideia de que esse interesse público estaria vinculado às questões que envolvessem a fiscalização das entidades públicas de direito interno e suas autarquias, mas como não havia uma definição expressa do que seria esse interesse público, o Ministério Público Estadual Brasileiro passou a atuar num contexto muito maior do que a mera proteção e fiscalização de pessoas jurídicas de direito público. Esse crescimento vai posicionar o MP, diante da disputa dentro do campo político, por essa assunção de ocupação do defensor dos direitos difusos e coletivos.

A legislação que vigia no MPPA (Lei Estadual nº 3346/1965) vai modificar-se apenas na década de 1980, com a edição da Lei Complementar nº 01/1982. Mudanças significativas vão se operar com essa legislação, até mesmo porque dela já vem todos os ganhos adquiridos como decorrência do “Pacote de Abril” de 1977 e principalmente com aprovação contida na Lei Complementar nº 40/1981, o que estabelecia normas gerais a serem adotadas na organização do Ministério Público Estadual. O primeiro concurso do MPPA veio a ocorrer em 1972.

No Pará, em dezembro de 1980, conforme acesso à informação concedida pelo MPE do Pará do livro caixa remuneratório da década de 1980, após garimpagem desses dados, havia a seguinte composição do Ministério Público:

Tabela 2 – Número de membros do Ministério Público em 1980

Composição do MPE Década de 1980	
Membros da PGE	3
Promotores Públicos	50
Adjunto de Promotor	85
Mulheres	22 / 16%
Homens	116 / 84%
Integrantes Total	138

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de pesquisa documental (2022).

O Ministério Público do Estado do Pará, no período da década de 70, com esses acontecimentos importantes (CPC de 1973 e “Pacotes de Abril de 1977”) chega na década de 1980, segundo entrevista realizada com a Ex-Procuradora de Justiça Edith Marília Crespo, numa situação em que não havia estrutura orçamentária, os salários não eram atraentes, não havia equiparação com a magistratura, não havia carreira profissional consolidada, apesar do ambiente externo encontrar-se propício para a sua mudança. Afirmava Marília Crespo, em sua entrevista, que os operadores do direito não queriam fazer parte do Ministério Público porque era um órgão vinculado ao Executivo, e ela até mesmo afirmou em um dos momentos de sua entrevista: *“quem iria querer estar num órgão subalternizado, sem prestígio, sem bons salários e ainda ter que ir para o interior do Estado? Ninguém”* (Edith Marília Maia Crespo, informação verbal<sup>5</sup>). Inclusive, a esse respeito, conforme argumentos colhidos no livro de Sabella et al. (2013), sobre os vinte cinco anos do perfil constitucional do MP Brasileiro, nas memórias dessa disputa, a respeito do movimento que ocorreu na Constituinte de 1988, o MP do Pará era ainda um dos últimos Ministérios Públicos em que os membros poderiam advogar e havia o sentimento interno dos promotores públicos que aqui se encontravam em permanecer essa possibilidade. Conforme Crespo, em sua entrevista:

(...)era uma dificuldade imensa conseguir gente para fazer o concurso, as lideranças a época tinham que correr atrás de pessoas para se inscrever no concurso. Não era atraente. Naquela época a advocacia era uma grande profissão, uma profissão importante. Dificilmente alguém trocava advocacia pelo Ministério Público (Edith Marília Maia Crespo, informação verbal<sup>6</sup>).

Esse dado aqui no Estado do Pará, nesse momento, vai relevar que os vínculos com o Executivo eram dentro de um contexto “normal do Estado Moderno”. Normal no sentido de que o Executivo, eleito pelo voto, tinha ingerência burocrática no órgão ministerial, tanto é que o chefe na instituição no MPPA era uma pessoa escolhida pelo Governador eleito. Ocorre que aquelas variáveis históricas e conjunturais já eram percebidas pelo grupo dirigente aqui no Norte do país e que assim

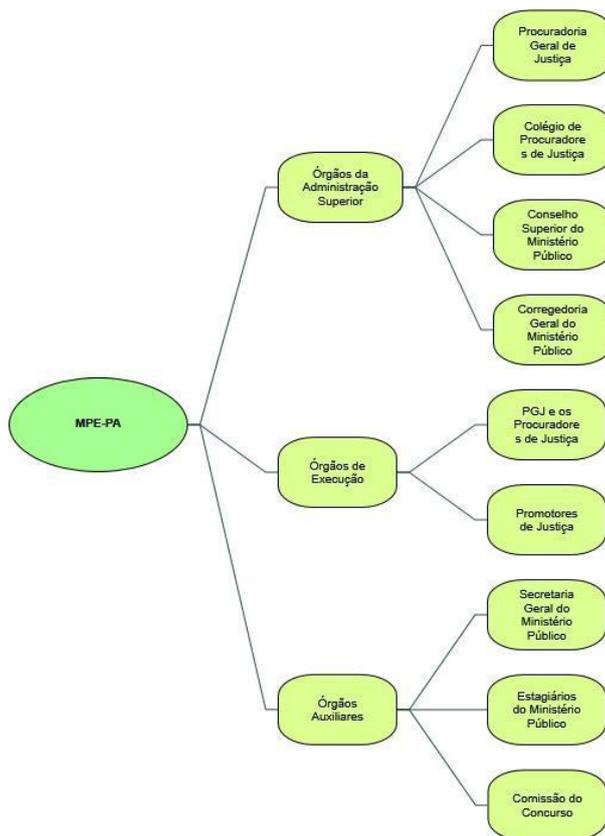
<sup>5</sup> Entrevista de Edith Marília Crespo, Belém, setembro de 2021.

<sup>6</sup> *Id.*

também começavam a perseguir de forma organizada a profissionalização da carreira, que oficialmente vai ocorrer com a edição da Lei Complementar Estadual nº 01/1982, a chamada Lei Orgânica do Ministério Público do Estado do Pará. Portanto, essa lei de 1965 que organizava o MPE do Pará perdurou até 1982, com a criação da Lei Complementar nº 01/1982, que modificou substancialmente a estrutura da instituição, acabando com o cargo de adjunto de promotor de justiça e os que haviam adquirido a estabilidade por força da Constituição Federal de 1967 ficariam em disponibilidade. A previsão do art. 209 era fulcral neste sentido: “é vedado o exercício das funções do Ministério Público a pessoas a ele estranhas”<sup>7</sup>.

Dessa forma, com a lei complementar nº 01/1982, a estrutura do MPE passa a contar com o seguinte organograma:

Gráfico 3 – Estrutura do MPE decorrente da Lei Complementar nº 01/1982



Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da ALEPA (2022).

No Estado do Pará, quem reforçava essa ideologia de mudança da saída do MP do campo de poder político do Governador propriamente dito, era a AMPEP. No jornal de 1981, o redator-chefe divulgou a seguinte nota:

<sup>7</sup> Lei Complementar nº 1, de 10 de novembro de 1982. Organiza o Ministério Público do Estado do Pará. Disponível em: [https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/14/legislacao\\_estadual\\_LeiComplementar01-1982.pdf](https://www2.mppa.mp.br/sistemas/gcsubsites/upload/14/legislacao_estadual_LeiComplementar01-1982.pdf). Acesso em: 02 set. 2021.

#### ASSEMBLEIA GERAL DA CONFEDERAÇÃO

Do colega Joaquim Cabral Netto, presidente da Confederação nacional do Ministério público (CAEMP), o presidente da AMPEP recebeu o seguinte ofício, datado de 16 do corrente: “face ao adiamento da assembleia anteriormente marcada pela CAEMP, em razão dos motivos já conhecidos pelo colega, convoco para a assembleia geral extraordinária em Brasília, dias 22 e 23 do corrente, às 13:00, no hotel das Américas. Sua presença é imprescindível. Em pauta trataremos da lei complementar do Ministério público e da designação da eleição da diretoria e conselho consultivo da CAEMP”. Atendendo a convocação do presidente da CAEMP, o colega Carlos Aílson Peixoto irá ao Distrito Federal não só como dirigente dá AMPEP, mas também como diretor de nosso jornal, com o encargo de escrever sobre os resultados da assembleia geral extraordinária, sobretudo no tocante ao encaminhamento da lei nacional do Ministério público ao Congresso (PEIXOTO; FILHO, 1981, p. 72).

Havia uma conexão entre a CAEMP, a AMPEP e o grupo dirigente no MPPA. A CAEMP extremamente interessada na aprovação da Lei Geral Nacional, que traria os ditames dessa efetiva profissionalização do MPPA, abastecia as associações estaduais no Brasil de informações de que era necessária uma visão uniforme desta profissionalização, principalmente quando se leva em consideração que o MP passava a deslocar-se do seu âmbito de defesa: saia da defesa dos interesses do Estado Executivo para a defesa dos interesses sociais. Isso gerava uma articulação e a AMPEP, em seu jornal de circulação local, informava os membros de toda essa voz que passava a efetivamente existir a nível político nacional de profissionalização da carreira.

Assim, os membros começam a entender o comando político nessa disputa do campo político do poder por um espaço institucionalizado, profissionalizado e autônomo que começa a se instalar. Notavam pelas informações divulgadas pela AMPEP, que com a publicação desta da lei nacional do MPPA, além dos instrumentos jurídicos mais aperfeiçoados (instrumentos jurídicos de proteção dos chamados direitos difusos e coletivos)<sup>8</sup>, viriam como consequências os benefícios, o que nesse tipo de carreira de Estado são chamadas de prerrogativas<sup>9</sup>. Mas além disso, viria também como consequência a valorização da carreira, melhoria da remuneração, autonomia financeira, orçamentária, autonomia patrimonial e tudo numa escala gradativa até um processo de consolidação que vai ocorrer com a Constituição de 1988. Dentro desse contexto, Carlos Ailson Peixoto era a pessoa designada para essa função pelo Ministério Público do Estado do Pará.

Na prática, a edição da lei nacional permitiria que o MPPA passasse a ter uma via de organização própria, desvinculada da ingerência do Governador do Estado diretamente. Assim, a lei trazia um avanço profissional considerável, posto que passava a ter órgãos próprios com organização dos próprios membros. Os integrantes, apenas os Promotores e Procuradores de Justiça passavam a

---

<sup>8</sup> Cite-se a criação da Lei da Ação Civil Pública, que vai ocorrer em 1985.

<sup>9</sup> Aqui de certa forma se liga a ideia de nobreza. A nobreza da atividade cria a necessidade de uma remuneração diferenciada que possa justificar o exercício dessa atividade (Bourdieu, 2015).

ter direito a voto para escolher a lista tríplice que seria enviada ao Governador para a escolha discricionária de qualquer um que estivesse. O mandato era de dois anos, podendo ser prorrogado por uma única vez. Com a lei, seria criado o Colégio de Procuradores de Justiça, que era composto de todos os Procuradores de Justiça, tendo como Presidente o Procurador Geral de Justiça, sendo que uma das principais funções desse CPJ seria de decidir tanto as matérias administrativas internas, quanto o exercício de matérias ligadas a atividade finalística do MP, seja no que se refere a estrutura, organização, execução, recursos, criação de cargos, envio de projetos de leis para a ALEPA e tantas outras atividades interna corporis dos membros. Também seria criado o chamado Conselho Superior do Ministério Público, uma espécie de órgão interno mais político, cuja função maior seria de fiscalizar e superintender a atuação do Ministério Público.

Permanecia a Corregedoria Geral do MPPA como órgão consultivo e corretivo das atividades dos Promotores de Justiça em sua atuação finalística. Surgia efetivamente com previsão na lei, a profissionalização da carreira, com ingresso mediante concurso público de provas e títulos a função de execução, a ser desenvolvida pelos Promotores e Procuradores de Justiça. Surgiam órgãos auxiliares dentro do MPPA, como a Secretaria Geral do MP, cuja função seria comandar as atividades administrativas subalternas, os estagiários e a comissão do concurso.

O processo de profissionalização do Ministério Público, com a edição da Lei Complementar nº 01/1982, trazia já na lei alguns benefícios decorrentes da nobreza da função, que passava a se operacionalizar na disputa do campo do poder político local. Um exemplo importante desta conquista, foi a previsão contida nos artigos 101 a 108 LC nº 01/1982, que assim dispunham no quesito vencimentos, ajuda de custo, diárias, despesas com transporte, gratificações, demais vantagens pecuniárias e férias. A profissionalização do campo do MPPA vai se descolando do executivo e isso vai repercutindo na carreira melhores remuneratórias. Dessa forma, numa análise documental para encontrar fontes históricas que pudessem demonstrar o cenário do campo ministerial e como os integrantes desse campo em formação vão utilizando-se do jornal da AMPEP, veículo de informação da classe dos promotores e procuradores, inclusive com a opinião pública local, para justificar a necessidade de uma melhoria da remuneração. Assim, foi colhida nas microfilmagens desse Jornal que se encontrava no arquivo do MPPA e após garimpados e analisados, foi procedido com a codificação dessas informações, no período de 1981 a 1983, ocorrências as quais foram denominadas, “melhoria da remuneração”, “luta salarial” e “notícias vencimentos magistratura”. Na tabela abaixo, no período do Jornal da AMPEP de abril de 1981 a novembro de 1983, tiveram 28 ocorrências com as seguintes notícias:

Tabela 3 – Notícias publicadas no Jornal da AMPEP referente a remuneração dos membros

Codificação	Ano	Ocorrência
melhorar remuneração	abr/81	reajuste semestral é direitos de todos - CLT é paradigma do funcionalismo público
melhorar remuneração	abr/81	vencimentos de outros MP's, informando que o do Pará é com o salário mais baixo e sem a gratificação de representação.
melhorar remuneração	mai/81	Membro do MP de Santa Catarina estavam recebendo igual aos magistrados
melhorar remuneração	out/81	Sapato de Defunto - artigo de Ernesto Pinho falando da falta de isonomia
melhorar remuneração	out/81	40 juízes do DF ganham a correção de salários na justiça
melhorar remuneração	out/81	Reajuste de 73% dos vencimentos da magistratura - 23 juizes impetraram MS que reajustou vencimentos abaixo da inflação
melhorar remuneração	dez/81	Transcrição no Jornal da AMPEP trecho do Jornal Repóter 70 no qual é citada convocação dos juizes por problemas da correção dos seus vencimentos
luta salarial	jan/82	Salário do MP Gaúcho - precedente de que equiparou com a magistratura
luta salarial	jan/82	Súmula do STF apoia a Equiparação Salarial
luta salarial	fev/82	Governo do Pará reconhece direito de representação do MP - 30% incidindo sobre o vencimento
Notícias Vencimentos Magistratura	fev/82	Salário dos juizes e conceito de padrão de moralidade
Notícias Vencimentos Magistratura	fev/82	Ganhar menos que subalternos de autarquias é um absurdo, diz nota dos magistrados
melhorar remuneração	mar/82	Arthur Cláudio Mello é homenageado por ter conseguido o benefício da representação e o reajuste salarial a partir de janeiro
Notícias Vencimentos Magistratura	mar/82	Ganhou, mas não levou. Mesmo com vitória judicial, o Governo Federal não implementou o reajuste salarial, contrariando a garantia constitucional da irredutibilidade
luta salarial	abr/82	Governo de SP não cumpre promessa de aumento salarial
melhorar remuneração	abr/82	MP Paulista Protesta por causa de salários - quer aumento de 80% + verba de representação
luta salarial	jun/82	Seguir o modelo do MP de SP - abdicar o direito de advogar e paridade com a Magistratura
Notícias Vencimentos Magistratura	jun/82	MP Paulista desde 1947 abdicou o direito de advogar
Notícias Vencimentos Magistratura	jun/82	Reajustes trimestrais para magistrados do RS
Notícias Vencimentos Magistratura	jun/82	Reajustes Trimestrais para os magistrados - Garantindo pela primeira vez a irredutibilidade pelo Poder Judiciário de São Paulo.
melhorar remuneração	jul/82	PGR - alteração dos estudos da lei do MPF para equiparar a remuneração a dos magistrados
melhorar remuneração	fev/83	Reajuste salarial se estende aos órgãos públicos - garantido por sentença
melhorar remuneração	mar/83	Autonomia orçamentária no Poder Judiciário de Santa Catarina
Notícias Vencimentos Magistratura	mar/83	ALESC fortalece autonomia orçamentária do TJSC
Notícias Vencimentos Magistratura	mar/83	Magistratura Paulista faz estudo mostrando que está ocorrendo descréscimo de seus recursos
Notícias Vencimentos Magistratura	mar/83	A magistratura de Porto Alegre saiu prejudicada com a falta de reajustes
Notícias Vencimentos Magistratura	mar/83	Estudo do Estado de São Paulo demonstram o corte de 25% de sua remuneração
Notícias Vencimentos Magistratura	nov/83	Em virtude da luta nacional dos magistrados, no Pará inicia uma campanha por melhoria nos vencimentos.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de dados coletados do Jornal da AMPEP (2022).

A partir da tabela acima, verifica-se que o grupo dirigente, que se encontrava no campo do Ministério Público do Estado do Pará em formação, vai assumir o protagonismo de implementação

política dessas melhorias remuneratórias para os seus membros. Melhorias, porque o grupo vai começar a perceber que era inaceitável um órgão profissionalizado, que passava a cuidar da defesa do interesse público primário, pudesse ganhar menos que subalternos de autarquias. Notem que o grupo já não vai se considerar um órgão vinculado ao Poder Executivo, o grupo já vai começando a perceber a profissionalização da carreira, o ingresso de forma diferenciado, a estrutura interna em órgãos superiores e auxiliares, o exercício da atividade fim, como, por exemplo, cuidar do meio ambiente como substituto processual da sociedade em um interesse difuso, portanto, não seria compatível, dentro dessa disputa no campo do poder, que um órgão que estivesse desvinculado do Executivo, Legislativo ou Judiciário, pudesse receber menos que uma autarquia, por exemplo. Outro ponto que já era notado dentro desse campo em formação, em processo de desvencilhamento do Executivo, do Governador propriamente dito, era a necessidade de autonomia orçamentária. Isso criaria a possibilidade de internamente o próprio órgão, autônomo, com recursos próprios, por intermédio do seu Colégio de Procuradores de Justiça, implementar direitos remuneratórios *interna corporis*. Essa conquista da unidade orçamentária própria, efetivamente ainda não acontecia, mas o grupo dirigente já via a importância da efetivação dessa criação da unidade orçamentária autônoma do MPPA. Posteriormente o MPPA consolida o chamado orçamento próprio, tendo uma auto-administração e autonomia patrimonial.

Por outro lado, mesmo em um momento de muita crise, decorrente principalmente pela inflação galopante do período da década de 1980, havia a narrativa de que o MPPA, sendo autônomo, postulava um discurso de correção monetária remuneratória decorrente das perdas que vinham da inflação, paridade com a magistratura, aumento salarial para manter a nobreza da função, enfim, o campo vai exigindo uma diferenciação nessa disputa dentro do campo do poder, no qual o MPPA vai pelo exercício da função dentro do Estado, vai encontrar o seu agasalho, ou seja, a sua estabilidade profissional dentro de um orçamento público.

Um outro ponto visível nesse quadro é que a AMPEP já conseguia executar o comando institucional deflagrado pela CAEMP. Havia uma conexão com outras associações brasileiras do Ministério Público, o qual era permitido por esse papel que estava sendo desenvolvido pela associação nacional, que pregava que as normas dos Ministérios Públicos Estaduais fossem uniformes em todas as unidades da federação. Assim, o MPPA começava a se comparar com outras unidades da federação. E assim, por muito mais razão, o campo profissional do MPPA ia se fortalecendo, porque o grupo que se encontrava no poder, assim como os integrantes, passava a percorrer esse ambiente nacional de irredutibilidade de salário, autonomia orçamentária, paridade, abdicação do direito de advogar, percepção de verbas de representação, correção monetária dos

vencimentos, ou seja, a variável conjuntural dessas reformas passa a ser visível na aplicação do campo do MPPA.

A disputa dentro desse campo do poder político operante na década de 1980, principalmente após a edição da lei complementar nº 01/1982, não foi automática com a publicação da lei. Apenas o primeiro passo havia sido dado, que era da sanção da lei, mas sua implementação efetiva iria decorrer da disputa de outros capitais dentro deste cenário competitivo do poder. Neste sentido, a mobilização da classe dos membros era marcada passo a passo. Na edição do Jornal da AMPEP de junho de 1981, em uma edição histórica, o Presidente da AMPEP, Carlos Ailson Peixoto, apresentou a seguinte declaração:

PTE. FIGUEIREDO ASSINOU MENSAGEM AO CONGRESSO.

Naturalmente que depois de uma espera de 3 anos me foi sumamente grato receber essa notícia, pois ela reflete a preocupação e o interesse do Palácio do Planalto em aperfeiçoar e fortificar a instituição perante os demais órgãos da justiça brasileira. A notícia me foi transmitida pelo ilustre procurador geral do estado, doutor Arthur Cláudio Melo, e confirmada pelo presidente da Confederação do Ministério Público do Brasil (CAEMP). A felicidade com recebimento da notícia é muito grande porque foram 3 anos de luta que a CAEMP devotou através de seus presidentes Ferdinando Vasconcelos Peixoto e Joaquim Cabral Neto, com apoio de todas as associações congêneres do Brasil, inclusive a do Pará, que sempre acompanhou a tramitação da lei no Ministério da Justiça em Brasília. E, com a graça de Deus, é meu sincero desejo que a lei orgânica do Ministério público seja sancionada pelo presidente da República ainda no decurso de nossa gestão à frente dos destinos de nossa pujante associação dos membros do Ministério público do Pará (PEIXOTO; FILHO, 1981, p. 38).

Em Brasília, o clima era de muito lobby e acompanhamento por parte dos juristas que se uniam aos políticos dissidentes ao regime militar, que pregava uma abertura lenta, gradual e pacífica. O MP, na época da ditadura militar, se mostrou um braço institucional do regime autoritário instaurado em 1964. O golpe de 1964 necessitava de uma certa legalidade e o MP durante o regime, participou da instalação dessa legalidade e isso ocorria pela Procuradoria Geral da República (ARANTES, 2002). Então, o preço dessa legislação, por parte do Ministério Público Brasileiro, foi numa articulação dentro desse contexto. Arantes (2002, p. 44) conclui sobre este assunto o seguinte:

O que se pode concluir até aqui é que, mesmo por vias tortas, houve uma convergência entre o regime autoritário e o desejo há muito alimentado pelo Ministério Público de se transformar em fiscal da administração e guardião do interesse público. O fato de ter havido um reforço dessas funções durante os anos de autoritarismo talvez explique os grandes avanços que a instituição iria conquistar nos anos de 1980, na medida em que ela pôde se antecipar à transição democrática, ocupando desde antes a posição de fiscal da lei e do interesse público e se habilitando para reivindicar essa mesma posição também no regime democrático. De fato, exceto as atribuições francamente relacionadas ao arbítrio, as demais acumuladas pelo Ministério Público durante o regime militar serão confirmadas e mesmo ampliadas pela Constituição de 1988.

Portanto, importante registrar que a festejada comemoração da AMPEP pela sanção do Presidente Figueiredo, referente aprovação da Lei Complementar nº 40/1981 (Lei Geral do Ministério Público Brasileiro), tinha um preço alto, que era robustecer a legalidade de um regime que foi extremamente arbitrário.

Registre-se que havia uma Comissão para elaboração do anteprojeto de Lei Complementar supracitado, composto por membros do Ministério Público Nacional. Além da divulgação deste trabalho pela Comissão, o que era feito de forma maciça entre os representantes estaduais, foram os encontros nacionais de Procuradores-Gerais de Justiça e Presidentes de Associações do Ministério Público, o que possibilitou amplo engajamento desta matéria por parte da classe dos membros, principalmente a nível interno, da própria categoria aqui no Pará. A união de esforços, neste momento, de toda a categoria do Ministério Público no âmbito nacional era para o estabelecimento de regras gerais e que sendo aprovada, reverberaria diretamente nos Estados, posto que na Emenda Constitucional nº 77 (“Pacote de Abril”), em seu artigo 96, caput, era expresso de que o Ministério Público Estadual seria organizado por Lei Estadual.

A lei nacional era um passo imenso para a profissionalização da carreira. Era o credenciamento de uma vitória na disputa desse campo político do poder, do qual o MP iniciava o grande passo para assumir uma função até então inédita: proteger o interesse público social como se fossem os vulneráveis, sem sê-lo na prática. Criava-se uma ficção jurídica que alavancaria substancialmente o posicionamento do Ministério Público dentro do Estado, criava-se a figura da substituição processual para permitir ao Ministério Público defender os interesses difusos e coletivos, ou seja, funcionar como uma espécie de advogado da sociedade e consolidar-se perante a disputa com outros atores do Estado.

### **CONCLUSÃO:**

A presente pesquisa buscou responder a seguinte pergunta: como na década de 1980 ocorreu o processo de autonomização do Ministério Público do Estado do Pará? Ou seja, como os agentes fizeram valer suas visões, seus valores, seus compromissos, as reproduzindo dentro de sua realidade social, projetando esta lógica para fora do seu próprio campo de atuação profissional. Para responder esta pergunta, buscou-se olhar o comportamento tanto dos agentes dentro do campo profissional, ou seja, os promotores e procuradores de justiça do Ministério Público do Estado do Pará, quanto para a instituição. Neste aspecto, nos valem dos conceitos de Pierre Bourdieu, quando falou da teoria dos campos, habitus, doxa e os capitais operantes dentro desse campo. O grupo dirigente na década de 1980 que encarnava o habitus neste campo em formação, permeado de

capitais, que dentro deste contexto era mais valorizado do que outros campos em disputa. Ou seja, quem decidia internamente no âmbito do Ministério Público do Estado do Pará e porquê decidia.

O declínio da ditadura militar e a conseqüente redemocratização, o Ministério Público, enquanto instituição brasileira, ia operando fortíssimo lobby junto ao Congresso Nacional para ocupar este espaço deixado pelos militares, numa espécie de democracia tutela, na chamada proteção dos direitos difusos e coletivos da sociedade. O MP do Pará, colhia todos os capitais dessa conjuntura. O MP enquanto instituição que se consolidava paulatinamente, passava a disputar de forma intensa o campo de poder no Estado, no qual diante da acumulação do capital jurídico, capital este de manutenção do *status quo*, acaba por não permitir rupturas com o modelo ditatorial anterior, mas sim o seu continuísmo. É dentro deste cenário conjuntural, que Edith Marília Crespo, encarnou o habitus dentro do campo, diante da valorização dos capitais existentes no campo do Ministério Público do Estado do Pará, que em disputa com outros agentes e instituição saem de uma instituição praticamente subordinada ao Executivo, para um quarto poder, colocando-se ao lado dos políticos dissidentes da ditadura militar e a favor da redemocratização.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, S. **Os Aprendizizes do poder**. São Paulo, 1988.
- AMPEP. **Jornal da AMPEP: “nosso esforço e seus frutos em quatro mandatos”**. Belém: Jornal da AMPEP, 1990.
- ARANTES, R. B. Direito e política: o Ministério Público e a defesa dos direitos coletivos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 83–102, 1999.
- ARANTES, R. B. **Ministério Público e Política no Brasil**. 1ª Edição. São Paulo, 2002.
- ARANTES, R. B. Ministério Público na fronteira entre a Justiça e a Política. **Revista Observatório - Justitia2**, p. 325–335. São Paulo, 2007.
- ARANTES, R. B.; MOREIRA, T. M. Q. Democracia, instituições de controle e justiça sob a ótica do pluralismo estatal. **Revista do CESOP Opinião Pública**, v. 25, n. 1, p. 97–135. São Paulo, 2019.
- AVRITZER, L.; FILGUEIRAS, F. **Corrupção e controles democráticos no Brasil**. Brasília, DF: CEPAL. Escritório no Brasil/IPEA, 2011.
- BARAUNA, A. D. C. **O MINISTÉRIO PÚBLICO E A ATUAL DEMOCRACIA BRASILEIRA**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2016.
- BARBALHO, Jader Fontenele. **Tempo do trabalho: artigos publicados em jornais do Diário do Pará e memórias dos jornais**. Belém: 2ª Edição, 2011.
- BOURDIEU, P. **O PODER SIMBÓLICO**. Rio de Janeiro, 1989.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da razão**. 1ª Edição. São Paulo, 1996.

- BOURDIEU, P. Conference: le champ politique. In : \_\_\_\_\_. **Propos sur le champ politique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2000.
- BOURDIEU, P. A gênese dos conceitos de habitus e de campo. In: **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. 1ª edição. São Paulo, 2004.
- BOURDIEU, P. **Sobre o Estado: Cursos no College de France (1989-92)**. 1ª edição. São Paulo, 2015.
- CODATO, A. **A Formação do Campo Político Profissional no Brasil: uma hipótese a partir do caso de São Paulo**, p. 89–105. São Paulo, 2008.
- CODATO, A. N. **Elites e Instituições no Brasil: uma análise contextual do Estado Novo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- CODATO, A.; PERISSINOTTO, R. **Marxismo como ciência social**. 2011.
- KERCHE, F. **Virtude e Limites: Autonomia e Atribuições do Ministério Público no Brasil**. 1ª Edição. São Paulo, 2009.
- KERCHE, F. Independência, Poder Judiciário E Ministério Público. **Revista Caderno CRH**, v. 31, n. 84, p. 567–580. Salvador, 2018.
- MATOS, B. B. **MINISTÉRIO PÚBLICO E OS SEUS DISCURSOS DE VALORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**, 2019. Universidade de Brasília. Disponível em: <[https://barnard.edu/sites/default/files/inline/student\\_user\\_guide\\_for\\_spss.pdf](https://barnard.edu/sites/default/files/inline/student_user_guide_for_spss.pdf)%0A<http://www.ibm.com/suppport>%0A[http://www.spss.com/sites/dm-book/legacy/ProgDataMgmt\\_SPSS17.pdf](http://www.spss.com/sites/dm-book/legacy/ProgDataMgmt_SPSS17.pdf)%0A[https://www.neps-data.de/Portals/0/Working Papers/WP\\_XLV.pdf](https://www.neps-data.de/Portals/0/Working%20Papers/WP_XLV.pdf)%0A<http://www2.psy>>. Acesso em: 27 ago. 2021.
- PERISSINOTTO, R.; CODATO, A. **Como estudar elites. Metodologia para identificação de elites: três exemplos clássicos**. Paraná, 2015.
- PERISSINOTTO, R. M.; MEDEIROS, P. L.; WOWK, R. T. Valores, socialização e comportamento: sugestões para uma sociologia da elite judiciária. **Revista de Sociologia e Política**, v. 16, n. 30, p. 151–165. Curitiba, 2008.
- REZENDE, A. DE A. E. **Como se constrói o defensor do interesse público: estudo sobre o Ministério Público brasileiro de 1964 a 2019**. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2020.
- SABELLA, W. P.; POZZO, A. A. F. D.; FILHO, J. E. B. **Ministério Público - Vinte e cinco anos do novo perfil constitucional - Constituinte e CF/1988 (Memórias e História) A Criação de uma identidade (Doutrina)**. 1ª Edição. São Paulo, 2013.
- SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, Socialismos e Democracia**. 1ª Edição. Rio de Janeiro, 1961.



## GT 01 – Democracia e Conjuntura Política na América Latina e Caribe

**(Re)Formulação da Política Externa Brasileira e Ministério Público Federal: de 2013 a 2021**Danilo Elias Fialho Josaphat<sup>1</sup>(UnB)

**RESUMO:** O objetivo da pesquisa é verificar se há atuação do Ministério Público Federal (MPF) e sua chefia, a Procuradoria Geral da República (PGR), em temas de Política Externa (PE) entre 2013 e 2021. Investiga-se a possibilidade de a instituição ter influenciado no posicionamento brasileiro frente a tratados internacionais, decisões sobre o serviço consular e diplomático brasileiro, política migratória e demais áreas das relações exteriores de condução do Poder Executivo Federal. Ainda como objetivos específicos, busca-se entender se a possível influência sobre a PE foi intencional e se o órgão pode ser identificado como um possível meio de vazão dos interesses da sociedade civil junto ao desenvolvimento ou correção da postura internacional brasileira. Inscrito no paradigma de Politização da PE, a pesquisa averigua se o MPF se qualifica como um dos novos atores no processo de decisão e implementação da PE.

**Palavras-chave:** Ministério Público Federal, Política Externa Brasileira, Politização, Judicialização, Internacionalização.

**INTRODUÇÃO**

A formulação de política externa (PE) tem sido cada vez mais objeto de escrutínio no Brasil, resultando em um processo que autores chamam por politização da PE (LIMA, 2013; MILANI; PINHEIRO, 2013). Novos atores, além dos tradicionais Ministério das Relações Exteriores (MRE) e Presidência da República, estariam se envolvendo nas decisões relativas à conduta brasileira em plano internacional. Essa tendência, relacionada à estrutura poliárquica estabelecida na Constituição Federal de 1988 (CF-88) e a crescente internacionalização de temáticas domésticas, levou à reorientação do paradigma teórico da análise da Política Externa Brasileira (PEB), que passa a recusar a dissociação entre política doméstica e externa (LIMA, 2013; MILANI; PINHEIRO, 2013).

Nesse processo de politização, a sociedade civil organizada, agências e autarquias do Estado sem engajamento tradicional com o âmbito ou temáticas internacionais passam a tentar influir nos posicionamentos brasileiros perante a comunidade internacional e disputam responsabilidades e entendimentos para a internalização e efetivação dos compromissos firmados (COUTO, 2004). Existe, portanto, uma crescente complexidade no processo de decisão e implementação da PEB, que agora, por estar sujeita à disputa política, passa a ser compreendida enquanto mais uma política pública do Estado brasileiro (MILANI; PINHEIRO, 2013).

---

<sup>1</sup> Departamento de Estudos Latino-americanos, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Estudos Comparados sobre as Américas, UnB, Brasil. Email: danilojosaphat@gmail.com.

Ao assumir este posicionamento programático, diversos caminhos podem ser percorridos pelas pesquisas que se subscrevem nessa agenda de investigação. Dentre esses caminhos, faz-se necessário mapear os diversos atores políticos que tem se aproximado dos processos de decisão e entender como estes tem influenciado, participado, cooperado ou mesmo resistido às possibilidades de ação no plano internacional (JATOBÁ; FLORES, 2015). No âmbito dos atores políticos estatais, produções têm focado na intensificação do engajamento dos Poderes Legislativo e Judiciário Federais, e até mesmo dos entes subnacionais, na formulação e execução da PEB. Não obstante, a possível participação de um relevante órgão da arquitetura institucional de 1988 – controversamente categorizado como 4º Poder da República (RATTON SANCHEZ et al., 2006) - tem sido ignorada, a do Ministério Público.

Incumbido da “defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis”, segundo a CF-88, este órgão independente funcionalmente e autônomo administrativamente dos demais poderes da República é promotor de legislações, de interesses coletivos e da aplicação das leis (ARANTES, 1999; CARVALHO). Reconhecido por ser uma instituição ativa, o Ministério Público não raro pronuncia-se publicamente tendo como destinatário/interlocutor/indiciado/acusado o próprio Estado. Kerche (2007) afirma que o órgão “é singular porque combina elementos – autonomia, instrumentos de ação, discricionariedade e amplo leque de atribuições – que não são comuns em instituições com poucos mecanismos de *accountability*” (p. 260).

Por mais que a instituição Ministério Público já existisse anteriormente à CF-88, a redação da última constituinte inovou no desenho da estrutura organizacional desta estabelecendo a existência do Ministério Público dos estados, com suas 26 chefias, e o Ministério Público da União (MPU), sob a chefia da Procuradoria Geral da República (PGR). Estão abrangidos no MPU o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, o Ministério Público Militar, o Ministério Público do Trabalho, além do objeto de investigação da presente pesquisa, o Ministério Público Federal (MPF).

Este é o ramo que dispõe de competências perante os atos do Executivo Federal (SOUZA, 2019), poder constituído que conduz as relações internacionais do país e que tradicionalmente manteve o monopólio da formulação da PEB através do MRE. Faz-se relevante ressaltar que a já citada chefia do órgão, a PGR, abriga em sua construção institucional a Secretaria de Cooperação Internacional (SCI) – responsável dentro do órgão por lidar com uma gama de assuntos relacionados ao plano internacional. Essa é a composição de cenário e variáveis que despertou o interesse de se elaborar o plano de trabalho que produziu o presente relatório de pesquisa: a ainda inédita averiguação da participação do MPF no processo de politização da PEB.

## **MÉTODO**

A pesquisa empreendida consistiu em um estudo averiguador da hipótese de transversalidade das ações do MPF com a formulação e execução da PEB no período entre janeiro de 2013 e setembro de 2021, limite estabelecido no plano de trabalho para análise das evidências. O motivo pelo qual se faz a escolha pelo marco inicial do período é o fato da SCI ter sido alçada ao seu atual nível de secretaria e consolidada dentro da PGR no ano de 2013. Ao mesmo tempo, o período escolhido diz respeito a três diferentes chefias do Executivo Federal e linhas de execução da PEB e quatro diferentes chefias da PGR, permitindo ousar avaliar a hipótese de que a imissão do órgão em temas de PE seria uma prática institucionalizada, não restrita às gestões ou aos seus membros.

Cabe ressaltar que a expressão “(re)formulação” reflete a possibilidade de o MPF agir no processo decisório das linhas de PEB e/ou em ação corretiva das políticas públicas de projeção brasileira no plano externo. Tal objetivo exigiu a realização não somente de uma revisão bibliográfica sobre politização, judicialização e Ministério Público, como também um aprofundamento nas legislações que regem a instituição.

Como fontes materiais primárias relevantes para investigação, coletaram-se atos do MPF como inquéritos civis, ações civis públicas, ações de inconstitucionalidade, recomendações, ofícios, notificações e requisições. Esses instrumentos outorgam ao órgão a capacidade de fiscalizar a constitucionalidade, legalidade e moralidade das decisões de tomadas pelo poder Executivo Federal, como a PEB.

O plano de pesquisa também considerava a realização de entrevistas semiestruturadas que ambicionavam avaliar a intencionalidade do MPF de influir na PEB junto a membros da SCI e membros do MRE comumente interpelados pelo MPF. As referidas entrevistas acabaram não sendo realizadas em função da ausência da manifestação de disponibilidade por parte dos contactados, situação possivelmente relacionada com a pandemia de COVID-19 ocorrida durante a execução do plano de trabalho. Frente à perda dessas fontes secundárias, lançou-se mão de revisão bibliográfica e consulta às notícias do órgão que repercutiam suas ações ou opiniões de seus membros sobre assuntos conexos à PEB.

A metodologia também compreendia a averiguação das implicações observáveis dos instrumentos publicados pelo MPU na PEB, realizada pela avaliação da eficiência e efetividade das medidas propugnadas. Ou seja, conferir se o que foi pedido/recomendado/notificado/requerido foi (1) cumprido ou (2) levado em consideração pelo Executivo Federal na formulação/execução da PEB. Para fins da pesquisa, identificou-se metodologicamente a PE como política pública de projeção no plano internacional expressa por meio do posicionamento frente a tratados internacionais, decisões

sobre o serviço consular e diplomático brasileiro, política migratória e demais áreas das relações exteriores de condução do poder Executivo Federal.

A viabilidade da execução da pesquisa se deu pela estabilidade das ferramentas e fontes de pesquisa principais. Através da Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011) é garantido que se tenha acesso do que o MPF decide e publica. A publicização dos atos emitidos pelo órgão se dá principalmente em dois bancos de dados online<sup>2</sup>: (i) o sistema de consulta processual *Aptus*, disponível dentro do Portal da Transparência do MPU e que dispõe de procedimentos instaurados pela instituição; e (ii) o Repositório Institucional do MPF, que dispõe de atos administrativos do MPF.

As seções da SCI e do PGR dentro do sítio eletrônico do MPF dispõem de seções de “Notícias”<sup>3</sup>, diretamente gerenciadas pela Secretaria de Comunicação do órgão. Através dessas seções, as ações tomadas pelo MPF e os comentários institucionais sobre tais atos são expressos em formato de nota jornalística, contendo por vezes hiperlink que direciona à íntegra do ato ao qual se refere a notícia.

Diante das restrições decorrentes da pandemia da COVID-19 e da abundância de bancos de dados em rede, a coleta de dados ocorreu de inteiramente em meio digital. A seleção das fontes materiais primárias foi realizada em parte pela pesquisa de palavras-chave afins à PEB<sup>4</sup> junto ao *Aptus* e o Repositório Institucional. Outra parte das fontes materiais foi coletada a partir da análise cuidadosa da totalidade das Notícias do SCI e da PGR publicadas entre janeiro de 2013 e setembro de 2021.

## **MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL E SUAS ATRIBUIÇÕES EXPANDIDAS**

Como comentado anteriormente, o MPF é o ramo do MPU responsável por atuar no âmbito federal na defesa dos interesses sociais, direitos difusos e coletivos, e os direitos individuais indisponíveis, como estabelecido pela Lei Complementar 75/93, o Estatuto do MPU. A instituição é composta pelos procuradores da República, uma carreira estável, submetida a uma hierarquia unicamente administrativa e com liberdade profissional para agir por convicção individual, quando respaldada na lei. Através dos seus instrumentos como a ação direta de inconstitucionalidade, mandado de segurança, inquérito civil e ação civil pública, o MPF seria capaz de transformar quase todos os assuntos em questão judicial (KERCHE, 2007). Segundo Arantes (1999):

Incumbe [...] ao Ministério Público, precipuamente por força de sua função institucional, trazer ao Poder Judiciário as grandes questões, já que os outros Poderes

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://apps.mpf.mp.br/aptusmpf/portal>; <http://apps.mpf.mp.br/aptusmpf/portal>

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/atuacao-tematica/sci/noticias>; <http://www.mpf.mp.br/pgf/noticias-pgr>

<sup>4</sup> Entre os termos consultados estavam: Internacional, Política Externa, Relações Exteriores, Diplomático/Diplomata, Embaixada, Consular, Migração, Tratado Internacional, Acordo Internacional, Itamaraty, MRE, Relações Bilaterais.

do Estado, por sua própria natureza, não poderiam dirimi-las, além do que, em muitas oportunidades, atuam contra os direitos fundamentais dos cidadãos. (p. 96)

Não obstante, o MPF também pode lançar mão de instrumentos extrajudiciais como recomendações - visando à melhoria dos serviços ou relevância pública-, notificações ou ainda requisições (de informações, de documentos, de diligências investigatórias). Seja como for, todos os instrumentos de ação do órgão podem incidir sobre o controle de atos da administração pública federal, tendo por base a legislação existente.

Ciente de que a CF-88 estabelece Princípios Fundamentais que devem reger o Estado brasileiro - inclusive especificando em seu 4º Artigo os princípios que regem as relações internacionais do Brasil -, Princípios da Administração Pública (em seu 37º Artigo), para além dos Direitos e Garantias Fundamentais vigentes no atual Estado de direito brasileiro, o MPF, como fiscal do cumprimento da carta política brasileira, tem respaldo constitucional para, em tese, agir sobre as decisões de PE.

É importante ressaltar, que já foram feitos alguns estudos que tratam do relacionamento do MPF com temas internacionais, como Souza (2020) e Oliveira (2016), mas tomando a perspectiva das redes de cooperação jurídica internacional. Essas produções tratam das ações de natureza cível e penal do órgão como ações de extradição, repatriação de menores, regime de pensões internacional, bloqueio internacional de bens, redes transnacionais de crime organizado e cooperação técnica. Em ambos os estudos citados, teve-se como constatação uma crescente internacionalização do órgão.

Esse processo de internacionalização do MPF teria suas origens a partir da década de 1990 com as recorrentes demandas de atuação em temas internacionais, sendo respondidas em lento e longo caminho de afirmação até a composição da SCI em 2013, enquanto núcleo especializado (SOUZA, 2020). Depreende-se, a partir das entrevistas empreendidas por Souza (2020) junto às ex-chefias da Secretaria, que, com a constituição da SCI, houve uma qualificação e dedicação exclusiva de servidores às temáticas internacionais nos anos seguintes à 2013. A formação profissional destes membros capacitou a instituição a ultrapassar seu campo de atuação sobre as políticas públicas domésticas, dando possibilidade aos membros de incursionarem na fiscalização da PEB, rogando-se de suas prerrogativas legais e baseados na natureza constitucional do tema.

Diferentemente dos estudos citados sobre cooperação internacional no âmbito do MPF, o foco da presente pesquisa foi verificar se há imissão do MPF e sua chefia, a PGR, em temas de PE, a partir de 2013. Essa postura hipotetizada e investigada consistiria em mais um indício do citado processo de politização da PEB.

## **INSTRUMENTOS RECOLHIDOS E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES NA POLÍTICA EXTERNA**

Identificou-se 22 atos e 71 notícias publicados pelo MPF que se relacionam com a PEB ao longo dos mais de oito anos de análise, em uma trajetória ascendente em número de publicações feitas a cada ano. A partir da análise qualitativa dos atos, pode-se propor quatro tipologias de ações empreendidas pelo MPF no campo da PEB. Estas tipologias baseiam-se no que Milani e Pinheiro (2013) abordam como “modelos de interação política (influência, participação, cooperação, resistência, conflito)” (p. 12).

As quatro tipologias propostas denotam não somente um tipo de comportamento da instituição MPF, mas também uma gradação de coerção do MPF no exercício da PEB. Apesar de cada um dos atos possuírem uma natureza jurídica própria, para efeitos de classificação nas tipologias, interpreta-se qual o impacto imediato que possuem para a PEB. Os instrumentos publicados pelo MPF que possuem intersecção com a PE serão apresentados e sucintamente discutidos a seguir dentro das subseções correspondentes à sua tipologia.

#### a. RECOMENDAÇÕES FEITAS

Por recomendações feitas, entende-se atos do MPF em que se tenta convencer o Executivo Federal a adotar determinada postura de PE baseada na argumentação do que seria mais complementar ao interesse social<sup>5</sup>. Essa tipologia considera instrumentos publicados pelo MPF como Recomendações, Notas Técnicas e Ofício. O conteúdo desses documentos usa de uma linguagem informativa e dá sugestões às partes detentoras do poder de decisão.

**Quadro 1 – Atos classificados sob a tipologia Recomendações Feitas**

Nome	Seção do MPF	Assunto	Relação com a PEB
Nota Técnica nº 04/2016/SCI/PGR	Secretaria de Cooperação Internacional	Sugestões para emendas ao Projeto de Lei nº 5.276/2016 que versava sobre tratamento de dados pessoais.	Faz considerações de que o Projeto de Lei deve conceder permissão para a transferência internacional de dados pessoais com base no princípio da reciprocidade diplomática.
Nota Técnica 4ª CCR nº 4/2017	4ª Câmara de Coordenação e Revisão/PGR	Informação genética digital na Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB)/ Protocolo de Nagoya.	Recomenda que o Brasil adote a posição de apoio à inclusão da informação genética digital no escopo do Protocolo de Nagoya.
Recomendação nº 79/2018	Procuradoria da República no Amapá	Descoberta de recife de corais na foz do rio Amazonas e possível exploração de petróleo em área contígua	Recomenda ao MRE que sejam consultados os países potencialmente atingidos pelos efeitos da atividade petrolífera.

<sup>5</sup> “o que consulta à maioria da sociedade civil: o interesse que reflete o que esta sociedade entende por ‘bem comum’; o anseio de proteção à res publica; a tutela daqueles valores e bens mais elevados, os quais essa sociedade espontaneamente escolheu como sendo mais relevantes” MANCUSO, 2000 apud NUNES, Maria Emília M. Interesse público e interesse social. **Revista da Faculdade de Direito Milton Campos**. Nova Lima, 2010, p. 25.

Ofício nº 169/2019-SDHDC/PGR	Secretaria de Direitos Humanos e Defesa Coletiva da PGR	Candidatura do Estado brasileiro ao Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas.	Expressa ao MRE seu apoio à candidatura brasileira.
Recomendação nº 09/2019/PFDC/MPF	Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão	Portaria MJ nº 666/2019, que dispõe sobre “o impedimento de ingresso, a repatriação e a deportação sumária de pessoa perigosa ou que tenha praticado ato contrário aos princípios e objetivos dispostos na Constituição Federal”.	Pede adoção de medidas necessárias para a imediata suspensão dos efeitos da Portaria nº 666, de 25 de julho de 2019 e sua consequente revogação.
Ofício nº 736/2020-SUBCAP/SEJUD/PGR	Procuradoria Geral da República	Convenção do Cibercrime (Convenção de Budapeste)	Manifesta o interesse do MPF quanto à rápida tramitação da ratificação legislativa da Convenção.
Recomendação PGR/GIAC-COVID-19 nº 2	Gabinete Integrado de Acompanhamento à COVID-19 da PGR	Ordem de retirada imediata do pessoal do corpo diplomático venezuelano expulso em 5 de março de 2020.	Sugere ao Ministro de Estado das Relações Exteriores que avalie a possibilidade de suspender o cumprimento da ordem.

Fonte: Elaboração própria com base na coleta de dados

#### **b. COBRANÇAS DIRETAS**

Por cobranças diretas, entendem-se atos do MPF em que se adverte as autoridades do Executivo Federal a adotarem determinada postura de PE, em detrimento à postura até então em prática, para evitar incorrer eventualmente em crime. Essa tipologia considera instrumentos publicados pelo MPF como Inquéritos Cíveis, Nota Técnica, Despacho, e Nota Pública. O conteúdo desses documentos usa de linguagem inquisitiva na medida em que requer expressamente a adoção de decisão de PE ou a explicação pela atual condução da PEB.

**Quadro 2 – Atos classificados sob a tipologia Cobranças Diretas**

Nome	Seção do MPF	Assunto	Relação com a PEB
Inquérito Civil - 1.31.000.001406/2009-24	Procuradoria da República em Rondônia	Disputa por território em áreas de fronteira entre seringueiros brasileiros e civis bolivianos.	Examina o cumprimento das providências exigidas em ofício ao MRE datado de 2012.
Despacho nº 4.872	Procuradoria da República no Distrito Federal	Irregularidades que teriam ocorrido no CONARE, à época em que lá exercia suas funções.	Solicita-se informações acerca de possível morosidade proposital na tramitação dos pedidos de refúgio de bolivianos e de indevidas trocas de informações entre o MRE e a Embaixada da Bolívia.
Nota Técnica nº 7/PFDC/2017	Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão	Consulta Pública do Ministério dos Direitos Humanos sobre a Revisão Periódica Universal (RPU) brasileira feita na 27ª Sessão do Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas.	Entende que as recomendações expedidas na RPU tendentes à implementação e consolidação de direitos humanos no Brasil devem ser reconhecidas, acolhidas e abordadas.
Inquérito Civil nº 1.32.000.000671/2017-68	Procuradoria da República em Roraima	Acompanhar as ações do MRE no cumprimento do acordo de transferência de material com a Universidade da Pensilvânia, objetivando a devolução de amostra de sangue yanomami.	Cobra explicações ao MRE sobre a negociação e cumprimento do Acordo de Transferência de Material (ATM) entre o Estado Brasileiro e a Universidade da Pensilvânia, nos EUA.
Inquérito Civil - 1.29.017.000028/2018-21	Procuradoria Regional da República da 4ª Região	Regularização do processamento e emissão de vistos de reunião familiar e humanitários a nacionais haitianos	Oficiou-se ao MRE informar da regularização de vistos de reunião familiar e humanitário à nacionais haitianos.
Nota Pública PFDC-GT13-002/2021	Procuradoria Federal dos Direitos dos Cidadãos	Importância da ratificação do Acordo de Escazú pelo Brasil	Cobra aos poderes Executivo e Legislativo federais a urgência na adoção e implementação do Acordo de Escazú.

Fonte: Elaboração própria com base na coleta de dados

### c. JUDICIALIZAÇÃO DE QUESTÕES

Por judicialização de questões, entende-se atos do MPF em que o órgão denuncia formalmente a União ou seus agentes, ou ainda se movimenta com a intenção expressa de confrontar judicialmente o Executivo Federal sobre a condução da PEB. Essa tipologia considera instrumentos como Portarias e Ações Cíveis Públicas. O conteúdo desses documentos contém uma linguagem acusatória na medida em que busca convencer um tribunal a condenar ou acolhe a ação impetrada com intenção expressa de a judicializar.

### Quadro 3 – Atos classificados sob a tipologia Judicialização de questões

Nome	Seção do MFP	Assunto	Relação com a PEB
Portaria n° 287/2018/PRDF	Procuradoria da República no Distrito Federal	Demora na prestação de alimentos para 90 detentos brasileiros da penitenciária de Palmasola, na Bolívia, por negligência do Consulado-Geral do Brasil em Santa Cruz de la Sierra.	Decide apurar e tomar providências em relação a suposta demora, autua-se o MRE, o Cônsul-Geral e da Cônsul-Geral Adjunta do Brasil em Santa Cruz de la Sierra.
Ação Civil Pública com Pedido de Tutela de Urgência	Procuradoria da República no Distrito Federal	Nomeação de pessoa de fora dos quadros diplomáticos para o cargo de Embaixador nos Estados Unidos da América	Pleiteia junto ao Superior Tribunal de Justiça a autuação da União, a suspensão do trâmite de nomeação, a obrigação da observação de critérios nas próximas indicações aos cargos de Embaixador.
Ação Civil Pública com Pedido de Tutela de Urgência	Procuradoria da República no Rio de Janeiro	Peticona Ação Civil tendo como referência o Inquérito Civil n° 1.30.001.001659/2017-35 sobre registro de nascidos no exterior filhos de casais homoafetivos por técnicas de reprodução assistida.	Pleiteia que a União passe imediatamente, através dos consulados brasileiros, a permitir o registro, ainda que na certidão local conste apenas o nome de um dos pais/mães.
Portaria n° 14/2021/PRDF	Procuradoria da República no Distrito Federal	Envio de agentes da Agência Brasileira de Inteligência à Conferência do Clima das Nações Unidas (COP- 25), para monitoramento de organizações não governamentais, comitiva brasileira e estrangeiras.	Converte Notícia Fato em Inquérito Civil, abrindo investigação contra o então Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno.
Portaria ASSEP/PGR N° 2/2021	Procuradoria Geral da República	Ação de repatriação de espécime fóssil originário sob guarda do Instituto de Paleobiologia da Academia de Ciências da Polônia.	Determina a transferência do Inquérito ao PGR, considerando a necessidade de se oficiar ao MRE e à Embaixada da Polônia, bem como possibilidade de autuação junto ao STF6.

Fonte: Elaboração própria com base na coleta de dados

#### d. ATUAÇÃO INDEPENDENTE

Por atuação independente, entende-se atos do MPF, ou assinados por este, em que o órgão critica ou atenta-se à determinado aspecto da PEB, ou ainda propõe-se agir no plano internacional como instituição representante do Brasil. Essa tipologia considera documentos como Nota Técnica, Portaria e Nota de Repúdio, conformando um quadro plural de instrumentos que, grosso modo, não estão correlacionados às tipologias anteriores.

<sup>6</sup> Supremo Tribunal Federal

**Quadro 4 – Atos classificados sob a tipologia Atuação independente**

Nome	Seção do MPF	Assunto	Relação com a PEB
Nota Técnica nº 08/2018/PFDC	Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão	Acreditação da PFDC como Instituição Nacional de Direitos Humanos junto à Aliança Global das Instituições Nacionais de Direitos Humanos.	Pede que o MRE ou qualquer outro órgão não intervenha no processo.
Portaria nº 38/2020/PFDC	Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão	Proteção de cidadãos brasileiros na Venezuela e possível reabertura da Embaixada ou consulados do Brasil na Venezuela.	Instaura Procedimento Administrativo para acompanhar a situação dos brasileiros em território venezuelano no período da pandemia do Covid-19.
Nota de Repúdio (31 de maio de 2017)	Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão	Atitude do governo brasileiro em relação ao Comunicado da Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) e Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH) de 26/05/2017.	Clama para que o MRE se retrate imediatamente pela forma desrespeitosa e descompromissada em que se dirigiu à CIDH e ao ACNUDH, reiterando apoio aos órgãos.

Fonte: Elaboração própria com base na coleta de dados

## CONCLUSÃO

No período analisado, o MPF constituiu-se como ator não-tradicional na arena de disputas políticas pela construção e execução da PEB. O órgão tem feito isso rogando-se de seu mandato legal sob a base de um progressivo processo de internacionalização, atestado na consolidação da SCI e nas possibilidades de formação profissional aos seus membros. O MPF tem buscado influir, com comportamento consideravelmente institucionalizado, haja vista a regularidade dos atos ao longo do período considerado, na adoção de tratados internacionais, decisões sobre o serviço consular e diplomático brasileiro, política migratória, repatriação de bens e outras temáticas de PEB.

Houve, no entanto, poucas evidências de que o órgão possa reduzir o déficit democrático da PEB enquanto canal de vazão confiável para interesses da sociedade civil na medida em que a maioria dos atos colhidos considera ações de discricionariedade do órgão. Não obstante, houve uma relevante minoria de ações promovidas por indivíduos e organizações da sociedade civil dentro do universo amostral colhido. Ademais, aferiu-se que a PGR e a Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, concentraram grande parte dos atos do MPF que atestam a participação do MFP no processo de politização da PEB.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ARANTES, R. B. Direito e política: o Ministério Público e a defesa dos direitos coletivos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 83–102, fev. 1999.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 4. **Nota Técnica 4ª CCR Nº 4/2017**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Amapá. **Recomendação nº 79/2018 - MPF/PR/AP/GABPR4**. Macapá, 2018.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Secretaria de Cooperação Internacional, Gabinete do Procurador Geral da República. **Nota Técnica nº 04/2016/SCI/PG**. Brasília, 2016.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Geral da República. **Ofício nº 736/2020-SUBCAP/SEJUD/PGR**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Geral da República. **Ofício nº 169/2019-SDHDC/PGR - PGR-00463794/2019**. Brasília, 2019.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Gabinete Integrado de Acompanhamento da Epidemia Covid-19, Procuradoria Geral da República. **Recomendação PGR/GIAC-COVID-19 Nº 2, de 1º de maio de 2020**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Recomendação Nº 09/2019/PFDC/MPF**. Brasília, 2019.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Rio de Janeiro. **Ação Civil Pública com Pedido de Tutela de Urgência, Ref: Inquérito Civil nº 1.30.001.001659/2017-35**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Distrito Federal. **Ação Civil Pública com Pedido de Tutela de Urgência sobre a possível indicação de Deputado Federal à Embaixada do Brasil nos EUA**. Brasília, 2019.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Geral da República. **Portaria ASSEP/PGR nº 2, de 17 de setembro de 2021**. Brasília, 2021.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Distrito Federal. **Portaria nº 287, de 2 de agosto de 2018**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Distrito Federal. **Portaria nº 14, de 21 de janeiro de 2021**. Brasília, 2021.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, Núcleo de Apoio Operacional da PRR/4ª região. **Voto nº 9117/2020, Ref: Inquérito Civil - PR/RS nº 1.29.017.000028/2018-21**. Brasília, 2020.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria da República no Distrito Federal. **Despacho nº 4.872, de 11 de abril de 2017**. Brasília, 2017.
- BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Nota Pública PFDC-GT13-002/2021**. Brasília, 2021.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Nota Técnica** ° 7 /PFDC/2017. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Geral da República. **Inquérito Civil Nº 1.32.000.000671/2017-68 - PGR-00355108/2019**. Brasília, 2019.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Nota Técnica nº 08/2018/PFDC/MPF - PGR-00591862/2018**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão. **Portaria nº 38, de 18 de maio de 2020**. Brasília, 2020.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria Regional da República, 1ª Região. **Voto nº: 1248/2014, Ref: ICP 1.31.000.001406/2009-24 PR/RO**. Brasília, 2014.

BRASIL. Ministério Público Federal. Câmara de Coordenação e Revisão, 2. **Procedimento MPF 1.00.000.007898/2013-14**. Brasília, 2014.

COUTO, E. F. Judicialização da política externa e direitos humanos. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 47, n. 1, p. 140–161, jun. 2004.

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E DIREITOS HUMANOS (IDDH). **Nota de Repúdio contra resposta do Brasil à CIDH e ACNUDH**. Disponível em: <https://iddh.org.br/nota-de-repudio-contra-resposta-do-brasil-a-cidh-e-acnudh/>.

JATOBÁ, D.; FLORES, F. P. **Análise de Política Externa, Politização e Democracia: Um Panorama Crítico**. In: 5o ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS. Belo Horizonte: 29 jul. 2015.

KERCHE, F. Autonomia e discricionariedade do Ministério Público no Brasil. **Dados**, v. 50, n. 2, p. 259–279, 2007.

LIMA, M. R. S. DE. Relações internacionais e políticas públicas: a contribuição da análise de política externa. In: **A política pública como campo multidisciplinar**. São Paulo: Eduardo Marques, Carlos Aurélio Pimenta de Faria, 2013. p. 127–155.

MILANI, C.; PINHEIRO, L. Política externa brasileira: os desafios de sua caracterização como política pública. **Contexto Internacional**, v. 35, n. 1, p. 11–41, jun. 2013.

NUNES, M. E. M. Interesse público e interesse social. **Revista da Faculdade de Direito Milton Campos**. Nova Lima, 2010, p. 25.

OLIVEIRA, F. C. G. C. **Faces da cooperação jurídica internacional no Ministério Público Federal**. 2016. 20 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

RATTON SANCHEZ, M. et al. Política externa como política pública: uma análise pela regulamentação constitucional brasileira (1967-1988). **Revista de Sociologia e Política**, n. 27, p. 125–143, nov. 2006.

SOUZA, G. A. **Cooperação e Direito no Mundo Globalizado: O Ministério Público Federal nas Relações Internacionais**. 2019. 104 f., il. Dissertação (Mestrado Relações Internacionais) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.



## GT 01 – Democracia e conjuntura política na América Latina

### REFLEXÕES SOBRE PODER, LEGITIMIDADE E CONTROLE SOCIAL NA GESTÃO PÚBLICA

Anderson Romério Rosas França<sup>1</sup>(UFPA)

#### RESUMO

Este artigo busca, por meio de diretrizes teóricas, analisar e discutir aspectos pertinentes à gestão participativa e os mecanismos de controle social que possibilitam uma forma de gestão democrática na administração pública do Estado. Para tanto, a partir das contribuições de TAVARES (2004), analisamos o exercício de poder existente a partir da noção de controle externo da administração pública para a correção de gestores, principalmente, de modo que as ações sejam legitimadas e evitem vícios. Propomos, ainda, uma análise do poder a partir da concepção formulada por Max Weber para, em seguida, contextualizar o momento atual de Estado democrático. De acordo com o referencial teórico que serviu de subsídio para esta pesquisa, percebemos que os esforços para garantir que o controle externo seja cumprido tem a ver, também, com o modelo gerencial de gestão, que orienta as atividades da administração pública a fim de satisfazer aos cidadãos que utilizam os serviços públicos e almeja o aperfeiçoamento da participação social no corpo estatal.

**Palavras-chave:** Democracia. Participação e controle social. Cidadania. Gestão pública.

#### INTRODUÇÃO

Os mecanismos de controle da Administração Pública Federal (APF) têm sido aperfeiçoados constantemente a fim de ampliar e qualificar os espaços típicos dos sistemas democráticos. Este controle significa um constante exame das atividades dos gestores públicos para identificar a finalidade pública é atendida satisfatoriamente, uma vez que existem atos impuros que podem comprometer a execução das políticas públicas, sobretudo a má intenção de agir orientado pelo interesse privado.

É por meio do controle, também, que se torna possível observar se os gestores cumprem à legislação e aos princípios aplicáveis ao setor público (legalidade, impessoalidade, moralidade, eficiência, publicidade, transparência, etc.). Marinela (2010 p. 210), define o controle da administração como “o conjunto de mecanismos jurídicos e administrativos para a fiscalização e revisão de toda atividade administrativa”.

A Constituição Federal de 1988, seguida dos demais instrumentos legais, trata do tema como a responsabilização dos órgãos da estrutura do Estado, permitindo que a sociedade participe ativamente do controle. A sujeição de qualquer atuação administrativa do Poder Público ao mais

---

<sup>1</sup> Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia (PPGCOM) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Gestão Pública pelo Programa de Pós-graduação em Gestão Pública (PPGP) da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. Email: anderson.franca@ilc.ufpa.br

amplo controle é uma consequência dos Estados Democráticos de Direito, em que prevalece a observância dos princípios constitucionais expressos no art. 37 da Constituição Federal.

Embora o controle seja atribuição do Estado, o indivíduo também participa desse processo, “à medida que pode e deve provocar o procedimento de controle, não apenas na defesa de seus interesses individuais, mas também na proteção de interesse coletivo”. Maria Sylvia Zanella di Pietro (2008, p. 690) afirma que “a Constituição outorga ao particular determinados instrumentos de ação a serem utilizados com essa finalidade. É esse, provavelmente, o mais eficaz meio de controle da Administração Pública: o controle popular”. Para exemplificar destacamos o §3º, do art. 37.

Na mesma linha de pensamento, Carvalho Filho (2014, p. 929) denomina como controle da Administração Pública “o conjunto de mecanismos jurídicos e administrativos por meio dos quais se exerce o poder de fiscalização e de revisão da atividade administrativa em qualquer das esferas do Poder”.

## **ESTADO, DOMINAÇÃO E PODER**

Desde a “polis” grega e a “civitas” romana, percebemos que o Estado passa por transformações. Na Idade Média, quando teve início o Estado Moderno, este ente recebeu diferentes denominações, tais como *rich*, *imperium land*, *terrae* e outras. A Itália consta como o primeiro país a utilizar o termo *Stato*; em seguida a Inglaterra, a França e a Alemanha, utilizaram o termo Estado para definir a ordem pública constituída. Contudo, foi com Maquiavel, o criador do direito público moderno, quem definitivamente introduziu a expressão Estado na literatura científica. (MALUF, 1995, p. 19).

Surge assim a imperiosa necessidade de que o agrupamento social institua mecanismos que controlem este Estado primitivo de autotutela e livre arbítrio.

Neste contexto aparece à figura do Estado, definida por Bobbio:

“O Estado, entendido como ordenamento político de uma comunidade, nasce da dissolução da comunidade primitiva fundada sobre os laços de parentesco e da formação de comunidades mais amplas derivadas da união de vários grupos familiares por razões de sobrevivência interna (o sustento) e externas (a defesa). [...] O nascimento do Estado representa o ponto de passagem da idade primitiva, gradativamente diferenciada em selvagem e bárbara, à idade civil, onde ‘civil’ está ao mesmo tempo para ‘cidadão’ e ‘civilizado’” (BOBBIO, 1987, p. 73).

Deste modo, a formação do Estado está intimamente relacionada às questões que derivam do exercício do poder, uma vez que, nas sociedades atuais, esta é a entidade que centraliza o poder. Nesta complexa trama acerca dos modos de governo, a legitimidade emerge como um tema essencial para entender como se dá a relação entre governantes e governados, pois, é possível que, dentro de

um sistema democrática, os detentores de cargos públicos atuem contrários ao interesse público, sem sequer envolver a sociedade nos processos decisórios.

Ao propor contribuição para a Revista Brasileira de Direito Constitucional, o professor André Ramos Tavares faz uma instigante análise a respeito de aspectos essenciais para o exercício do poder. O autor apresenta, de antemão, que a democracia participativa não é senão resultado de uma paulatina evolução do sistema democrático.

Dentre as mais diversas concepções, o termo “poder”, que dá origem a este artigo, é mais comumente definido como a “capacidade de um influenciar e submeter outrem a determinada vontade ou induzi-los a realizar ou não realizar uma ação” (Lyra, 2006, p.29), existe também a noção de poder como a “produção dos efeitos desejados” (Russel, 1938), ou ainda a ideia de poder como a “probabilidade de impor a própria vontade dentro de uma relação social” (Caetano, 1996, p.83). Esta relação pode ser constatada no nível simbólico, por meio dos discursos e enunciados, e, também, por meio da repressão física. É neste campo que Estado e sociedade colocam-se, constantemente, em tensão a fim de atingir o interesse público, a racionalidade.

Para Bobbio (1987), na área da filosofia política, podemos distinguir três teorias fundamentais do poder, a *substancialista*, em que o poder é concebido como uma coisa que se possui e se usa como um outro bem qualquer; a *subjetivista*, que se define pela capacidade de um sujeito alcançar certo efeitos; e, por fim, a teoria *relacional*, que, de acordo com o autor, possui grande aceitação na teoria política contemporânea e é caracterizada por qualquer relação entre dois sujeitos, dos quais o primeiro obtém do segundo um comportamento que, em caso contrário, não ocorreria. Em última análise, o autor afirma que o poder, desta forma, “está estreitamente ligado ao conceito de liberdade” (Bobbio, 1987, p.78).

É justamente por esta estreita relação entre poder e liberdade que Tavares (2004, p.353) diz que é necessário que existam análises teóricas a fim de evitar as “consequências socialmente negativas advindas de seu uso inadequado”. Por isso, em uma sociedade estatal, o poder político demanda pela participação dos diferentes atores que compõe esta relação, sendo que o controle social adquire função de tomar ou terminar uma decisão, assim como a “capacidade dos detentores do poder de obrigarem os destinatários a cumprir esta decisão, que jamais poderá ser tomada em benefício pessoal de quem representa o todo” (Tavares, 2004, p.354). Ainda de acordo com o autor, o poder, “quando não estiver controlado, tende a corromper-se, podendo transformar até mesmo governos legitimamente indicados em tirânicos e despóticos” (p.354).

Neste ponto, a legitimidade pode ser compreendida como um tema como um problema político e uma questão jurídica que demanda que sejam conhecidas as bases do princípio da legitimidade.

No âmbito da legalidade, o autor clássico Max Weber fez observações a respeito dos tipos de legitimidade, sobretudo a crença na legitimidade da legalidade, que é considerada uma das principais contribuições de Weber à racionalização da teoria política moderna. É também importante salientar que o sociólogo alemão menciona a existência de uma ordem legítima como aquela que se manifesta na representação dos atores sociais como “modelar e obrigatória”, servindo como elemento de coesão e dominação.

Desta forma, Weber classifica a existência de três tipos puros de poder, sendo que cada tipo está ligado a uma estrutura sociológica radicalmente diversa do corpo administrativo e dos meios da administração. O autor classifica os três tipos de poder como *poder legal*, baseado em normas, onde “não se obedece à pessoa, em virtude do seu direito próprio, mas da regra estatutária que determina a quem e enquanto se lhe deve obedecer” (p.2). De forma oposta, o *poder tradicional*, segundo Weber, existe “em virtude da fé na santidade dos ordenamentos e dos poderes senhoriais desde sempre presentes, tal como a dominação patriarcal” (p.4). Neste tipo, o conteúdo das ordens é “vinculado pela tradição, cuja violação inconsiderada por parte do senhor poria em perigo a legitimidade do seu próprio poder, que assenta apenas na sua santidade” (p.4). Já o *poder carismático* existe “mediante a dedicação afetiva à pessoa do senhor e aos seus dons gratuitos, sobretudo o carisma. (...) Obedece-se, com toda a exclusão, de modo puramente pessoal ao chefe por mor das suas qualidades pessoais, fora do habitual, não por causa da posição estatutária ou da dignidade tradicional” (p.9).

## **A SOBERANIA DO POVO E CONTROLE SOCIAL**

Desde o fim da década de 1980, o Brasil vivencia o período democrático. Pela primeira vez, o tema da participação social foi introduzido e, aos poucos, aperfeiçoa-se enquanto sistema, conforme dito anteriormente. Tavares (2004), por isso, menciona que o Estado somente poderá ser legítimo se considerar o que declara a Constituição Brasileira em seu artigo 1º, que “todo poder emana do povo”.

Ora, nesta acepção, firmamos que o povo é detentor soberano do poder, devendo o Estado ser a entidade que gerencia as vontades, o interesse coletivo. Porém, o autor salienta que mera declaração formal não é o suficiente para garantir que as decisões sejam tomadas considerando aquele que deveria nortear a ação dos representantes eleitos pelo voto, o povo. É com base neste pressuposto que o autor afirma que, por isso, a democracia participativa é o estágio em que os soberanos atuam no

processo decisório, garantindo legitimidade às ações estatais, que é o pilar de sustentação do poder do Estado e da democracia.

Contudo, Bobbio (1987) afirma que o problema da justificação do poder surge da pergunta: “admitindo que o poder político é o poder que dispõe do uso exclusivo da força num determinado grupo social, basta a força para fazê-lo aceito por aqueles sobre os quais se exerce, para induzir seus destinatários a obedecê-los?”. Para esta indagação, o pensador nega que o poder possa ser exercido somente pela força repressiva, pois este não poderá durar. Uma segunda justificativa é que somente a força pode ser efetiva, mas não será legítimo.

Ainda em Tavares (2004), vemos que o controle social é uma maneira de evitar a autocracia, ou seja, a concentração no exercício do poder, sendo que este servirá como uma delimitação do poder. O autor nos conta que

“A limitação do exercício do poder (quantos aos seus detentores eventuais) por meio do meio do povo é consectário do constitucionalismo e atende, nessa perspectiva, ao princípio da dignidade da pessoa humana, consagrando de maneira definitiva a cidadania. É que a dignidade impõe a possibilidade de o ser humano autodeterminar-se, ter consciência dos seus próprios rumos, influenciar naquela gestão e comportamento que direcionará inevitavelmente a evolução de sua vida. Neste particular, articula-se com a cidadania, que exige considerar o indivíduo como um importante componente do Estado, a razão de ser deste” (TAVARES, 2004, p.354)

Assim, o controle social cumpre, ainda, uma dimensão de formação da consciência cidadã, evidenciando a ação dos sujeitos como corresponsáveis na formulação, implementação e avaliação das políticas públicas que serão direcionadas a eles.

Diante deste cenário, é possível afirmar que a experiência democrática que busca aperfeiçoar a si mesma, delineando os limites para o poder estatal, principalmente ao acrescentar o controle social aos demais controles realizados, internamente, pelos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Assim, o controle social faz parte da modernização da administração pública, que, no Brasil, passa, ainda, por mudanças na forma de lidar com a lógica de funcionamento do Estado, do modelo burocrático ao modelo gerencial, implementado a partir da reforma administrativa do Estado.

Consideramos que, ainda longe de ser completamente satisfeito, o modelo gerencial, que prima pela participação popular, tem servido para movimentar a administração em busca da legitimidade fundada no poder soberano do povo, mesmo que ainda não consigamos vislumbrar um horizonte em que, de fato, as políticas públicas sejam definidas e deliberadas a partir da efetiva participação social. Este, portanto, pode ser visto como um grande desafio a ser enfrentado para permitir um sistema democrático tal como dispõe o principal instrumento jurídico, a constituição.

Por isso, neste percurso em busca da legitimidade do Estado no âmbito da democracia participativa, o professor Luís Carlos Bresser Pereira (1997) faz importantes considerações acerca da reforma da administração pública, que representa a vontade dos indivíduos de participar da formulação e implementação de políticas públicas, transformando, assim, a forma de governar.

“Dentre as reformas cujo objetivo é aumentar governança ou capacidade de governar — a capacidade efetiva de que o governo dispõe para transformar suas políticas em realidade — as que primeiro foram iniciadas, ainda nos anos 80, foram aquelas que devolvem saúde e autonomia financeira para o Estado: particularmente o ajuste fiscal e a privatização. Mas igualmente importante é a reforma administrativa que torne o serviço público coerente com o capitalismo contemporâneo, que permita aos governos corrigir as falhas do mercado sem incorrer em falhas maiores. Este tipo de reforma vem recebendo crescente atenção nos anos 90.

Há uma explicação para isto: os cidadãos estão tornando-se cada vez mais conscientes de que a administração pública burocrática não corresponde às demandas que a sociedade civil apresenta aos governos por ela eleitos, no capitalismo democrático contemporâneo. Sabemos que os cidadãos tendem a exigir do Estado muito mais do que o Estado pode fornecer. Esta lacuna entre demandas e possibilidade de oferta por parte do Estado está na origem não apenas da crise fiscal, como observou O’Connor (1973), e da crise de governabilidade, como destacou Huntington (1968), mas também da crise da administração pública burocrática. Os recursos econômicos e políticos são, por definição, escassos em relação à demanda, e se tornam ainda mais escassos quando a administração pública é ineficiente. Entretanto, quando não se pode contar com o mercado, i.e., quando a alocação de recursos pelo mercado não é solução factível, dado seu caráter distorcido ou dada sua incompletude, a existência de uma administração pública eficiente passa a ter valor estratégico ao reduzir a lacuna que separa a demanda social e a satisfação desta demanda” (PEREIRA, 1997, p.24).

A respeito do controle sobre a administração pública, o professor Bresser Pereira é enfático ao afirmar que esta é uma maneira de prevenir possíveis excessos e desvios, sendo, assim, uma tarefa complexa, mas necessária.

“Enquanto a administração pública burocrática se concentra no processo, em definir procedimentos para contratação de pessoal; para compra de bens e serviços; e em satisfazer as demandas dos cidadãos, a administração pública gerencial orienta-se para resultados. A burocracia concentra-se nos processos, sem considerar a alta ineficiência envolvida, porque acredita que este seja o modo mais seguro de evitar o nepotismo e a corrupção. Os controles são preventivos, vêm *a priori*. Entende, além disto, que punir os desvios é sempre difícil, se não impossível; prefere, pois, prevenir. A rigor, uma vez que sua ação não tem objetivos claros - definir indicadores de desempenho para as agências estatais é tarefa extremamente difícil - não tem alternativa senão controlar os procedimentos”. (PEREIRA, 1997, p.28)

Apesar de soarem como sinônimos, é necessário fazer uma breve diferenciação entre participação e controle social. Na participação social, os cidadãos são ouvidos no processo de decisão

dos governantes, colaborando para que as ações busquem satisfazer o interesse público. Já o controle social é um mecanismo de fiscalização da ação do Estado, fazendo com que gestores públicos expliquem o uso dos recursos públicos a fim de saber se houve uma correta destinação do orçamento.

Existem variados espaços de participação social e diálogo na administração pública federal, configurando-se como uma verdadeira ecologia da participação social em que variadas interfaces viabilizam o contato entre Estado e sociedade na formulação e implementação de políticas públicas para o cumprimento de distintos objetivos e papéis. “Isto é, diferentes instrumentos e mecanismos possuem diferentes vocações e potenciais para interferirem na gestão das políticas públicas” (PIRES E VAZ, 2012).

Os mecanismos institucionais e jurídicos criados estão reconfigurando as práticas da administração, que se movimenta para possibilitar a desburocratização do Estado e garantir que os cidadãos tenham participação ativa dos processos de deliberativos. Assim, participação social e controle social são duas faces da mesma moeda, uma vez que são temas pertinentes ao contexto atual de gestão gerencial democrática, por isso, a ampla participação da sociedade no controle social fortalece as políticas públicas, tornando-as mais adequadas às necessidades da coletividade e ao interesse público, e mais eficientes.

É salutar mencionarmos que o controle social é um importante passo para que os governos recuperem a legitimidade que o distanciamento e exclusão do povo nos processos decisórios e o enrijecimento das instituições causado pela democracia representativa em que o estatuto do voto soava como suficiente para expressar a coletividade. Tavares (2004), ao aprofundar a crise do sistema representativo, afirma que

“O regime democrático, ancorado no sistema representativo, não pôde, pois, escapar às críticas, e ingressou numa crise profunda, tornou-se ele meramente formal, posto que dirigido ao cumprimento de ritos eleitorais justificadores apenas do acesso aos cargos de representação política, deixando a massa de cidadãos fora do processo decisório, do acesso ao poder político ou de qualquer forma de seu exercício” (TAVARES, 2004, p. 362).

O autor defende que sejam combinadas as características tanto do sistema representativo quanto do participativo, a fim de reduzir os excessos trazidos pelo modelo representativo, uma vez que este modelo apresenta riscos de os representantes políticos agirem de modo arbitrário e ilegítimo, sem considerar o interesse coletivo.

Para efetivar o controle social, é imprescindível que sejam disponibilizadas informações de maneira ampla e irrestrita para dotar os cidadãos de conhecimento acerca dos atos da administração pública, permitindo que este possam servir como contrapeso para as decisões tomadas pelos gestores,

evitando ações autoritárias. Roberto Moreno Espinoza afirma que a publicidade e a transparência das informações são essenciais para o controle social.

“A sociedade dispõe de maiores recursos e meios para exigir contas, como o controle social, o acesso à informação pública governamental e a mobilização. Esse conjunto cria condições para a obtenção de melhores resultados, assim como para a participação de atores governamentais e não governamentais na formulação, implementação e avaliação das políticas públicas” (ESPINOZA, 2012, p.16).

Diversas instâncias e mecanismos de participação social foram instituídos com o intuito de efetivar o espaço qualificado de debate acerca da administração pública. Desde os anos 2000, principalmente, temos visto experiências exitosas que buscam fornecer tais mecanismos jurídicos e institucionais para que os cidadãos desempenhem o controle social e influenciem os processos decisórios governamentais.

De modo breve, podemos citar as ouvidorias públicas e a Lei de Acesso à Informação como exemplos de mecanismos jurídicos e institucionais que, junto com as demais ferramentas de interface Estado-sociedade, proporcionam a efetivação de uma democracia participativa da forma prevista na Constituição.

No âmbito da gestão pública, o controle social também é importante para que exista, de fato, uma governança democrática que, de acordo com Lopez (2013), é um ideal que expressa por meio do

“Deslocamento do centro decisório e alocativo de recursos da burocracia, antes autônoma ou tecnocrática, para as estruturas de decisão que envolvam a participação dos grupos sociais interessados, de modo que a eles seja dado o direito de participar permanentemente de escolhas e decisões” (LOPEZ, 2013, p. 355).

Ou seja, o controle social atua como uma forma essencial para o sistema democrático, uma vez que este necessita agir em prol do interesse coletivo, evitando excessos, para que seja a legítima expressão da coletividade. Por isso, consideramos a efetivação do controle social é necessária para que o poder seja exercido satisfatoriamente, em nome da soberania do povo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A democracia não pode ser mais pensada como um Estado em que os cidadãos atuam somente para eleger um representante político que poderá agir movido pelo interesse próprio e não pelo interesse coletivo. A crise de legitimidade das democracias modernas pode ser contornada através de uma maior abertura à participação popular, onde o controle social seja o instrumento capaz de fazer com que os sujeitos tenham maior grau de confiança da decisão dos gestores públicos e os faça sentirem-se como parte do processo de deliberação, não sendo somente o objeto.

Para concretizar, de fato, o controle social sobre as políticas públicas, é necessário superar alguns desafios que limitam a realização plena deste direito. Destacamos, em primeiro lugar, a necessidade de superação de uma cultura política autoritária, que historicamente marcou as relações de poder no Brasil. Muitos governos concordam, em princípio, com a participação, mas, na prática, agem sem levá-la em conta. O mesmo vale para a população, que muitas vezes “pede” pela participação, mas, na prática, fica esperando um líder que resolva tudo, sem que precise se envolver muito com as questões.

É o controle social que permite uma maior fiscalização sobre o exercício do poder e, também, atribui maior responsabilidade aos governos no trato da coisa pública (*res publica*). Cada vez mais participante da vida pública, o cidadão sente a necessidade de exercer o controle democrático ou social, como forma de proteção de direitos individuais e coletivos perante a Administração Pública.

Os incentivos à participação democrática na gestão das instituições públicas têm sido orientados, principalmente, com a construção da Política Nacional de Participação Social, que surgiu da necessidade de reconhecer a participação social como direito – já previsto na Constituição Federal – e organizar os mecanismos de participação, fortalecendo a atuação conjunta entre Estado e Sociedade para o aprimoramento da gestão pública.

A Política Nacional de Participação Social (PNPS), instituída pelo Decreto N° 8.243, de 23 de maio de 2014, se configura como uma referência aos órgãos e entidades da administração pública federal para melhor estruturação dos mecanismos e instâncias de participação social existentes, permitindo um maior grau de aderência social ao ciclo de gestão de políticas públicas, e contribuindo para o aumento da transparência administrativa e da eficácia da gestão pública. No entanto, a PNPS foi revogada durante a gestão de extrema-direita do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, por meio do Decreto n° 9.759, de 11 de abril de 2019, demonstrando a forte tendência ao autoritarismo que insiste em assombrar a democracia brasileira.

Por fim, consideramos que o exercício do poder por parte dos governantes precisa dos contrapesos fornecidos pelos controles internos e externos de modo a delimitar a atuação dos gestores e ampliar o senso de responsabilidade que estes devem ter em relação ao bem público, restaurando o interesse dos cidadãos com os assuntos que dizem respeito à coletividade, trazendo-os para o centro do debate acerca da oferta de serviços públicos que satisfaçam suas necessidades.

No caso brasileiro, o Estado está estruturado de forma que vige os princípios democrático e participativo, consolidados pela Constituição Federal, desde o seu preâmbulo e ainda em inúmeros dispositivos, os quais vem concretizar os anseios da população, quer seja a liberdade, a igualdade, a dignidade e a justiça social.

Finalmente, o cenário mostrado, e os resultados aqui expostos, indicam ser este momento propício para o processo de aprendizagem sobre Controle Social. Tal processo contribuirá para o engrandecimento dos indivíduos para lidar com a vida em sociedade, que hoje não pode mais se resumir aos papéis de senhor e vassallos em relação ao Estado e seus cidadãos.

Atualmente, as democracias almejam chegar a uma nova fase em que os cidadãos assumam o papel central na fiscalização, de maneira a legitimar as ações do Estado.

Por isso, concordamos com a afirmação de Tavares (2004) ao dizer que “a democracia participativa deve estar ancorada num sistema educacional, direito social sem o qual não se poderá alcançar o verdadeiro exercício da liberdade de consciência e de opinião asseguradas constitucionalmente” (p.373), buscando a emancipação do cidadão para que este atue de forma ativa e plena nas decisões acerca das políticas públicas e nas tensões que derivam do exercício do poder.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Constituição (1988). Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.
- \_\_\_\_\_. **Decreto nº 8.243**, de 23 de maio de 2014. Dispõe sobre a instituição da Política Nacional de Participação Social – PNPS e do Sistema Nacional de Participação Social – SNPS e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 26 mai. 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/decreto/d8243.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/decreto/d8243.htm)>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- CAETANO, Marcello. **Manual de ciência política e direito constitucional**. 6. ed., rev. e ampl. Por Miguel Galvão Teles. Tomo I. Coimbra: Almedina, 1996.
- CARVALHO FILHO, José dos Santos. **Manual de direito administrativo**. 27. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Atlas, 2014.
- DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. **Direito administrativo**. São Paulo: Ed. Atlas, 2008.
- ESPINOZA, Roberto Moreno. **Accountability**. In: CASTRO, Carmem Lúcia Freitas de. GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga. AMABILE, Antônio Eduardo de Noronha. (Org) Dicionário de Políticas Públicas. Barbacena: EdUEMG, 2012.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Ouvidoria pública brasileira: reflexões, avanços e desafios** / MENEZES, Ronald do Amaral; CARDOSO, Antônio Semeraro Rito (orgs). Brasília: Ipea, 2016.
- LANGOSKI, Deisemara Turatti. **Estado, democracia participativa e empoderamento**. Âmbito Jurídico. Disponível em: <[http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=10066](http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=10066)>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- LOPEZ, F. G. **Responsabilização e controle social na administração pública federal brasileira**. In: CARDOSO JÚNIOR, J. C.; BERCOVICI, G. (Orgs.). República, democracia e desenvolvimento: contribuições ao Estado brasileiro contemporâneo. Brasília: Ipea, 2013. v. 10.

- LYRA, Rubens Pinto. **Estado e cidadania: de Maquiavel à democracia participativa**. João Pessoa: Ed. UFPB, 2006.
- MALUF, Sahid. **Teoria geral do Estado**. 23. ed. rev. e atual. pelo Prof. Miguel Alfredo Maluf e Neto. São Paulo: Saraiva, 1995.
- MARINELA, Fernanda. **Direito administrativo**. 4ª Ed. Niterói: Impetus, 2010.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **Estratégia e estrutura para um novo Estado**. Revista do Serviço Público/Fundação Escola Nacional de Administração Pública – vl. n.1- ano 48 (jan-abr/1997). Brasília: ENAP, 1997.
- PIRES, Roberto; VAZ, Alexandre. **Participação social como método de governo? Um mapeamento das “interfaces socioestatais” nos programas federais**. IPEA. Texto para Discussão 1707, Rio de Janeiro, fevereiro de 2012: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA.
- TAVARES, André Ramos. **Democracia e exercício do poder: apontamentos sobre a participação política**. In: Revista Brasileira de Direito Constitucional (RBDC): Revista do Programa de Pós-Graduação “Lato Sensu” em Direito Constitucional. Escola Superior de Direito Constitucional (ESDC) – São Paulo: ESDC, 2004. v.3.
- WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2009.



sialatufpa

[www.sialat2024.com.br](http://www.sialat2024.com.br)

Realização:



Apoio:



Parcerias:

